UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

DENISE MARCONDES MASSIMINO

A Capela Nossa Senhora do Pilar, de Taubaté: uma revisão historiográfica, nas Artes, Arquitetura e Estética do monumento.

The Capela Nossa Senhora do Pilar, of Taubaté: A historiographical review, in the arts, architecture and aesthetics of the monument.

CAMPINAS

2019

DENISE MARCONDES MASSIMINO

A Capela Nossa Senhora do Pilar, de Taubaté: uma revisão historiográfica, nas artes, arquitetura e estética do monumento.

The Capela Nossa Senhora do Pilar, of Taubaté: A historiographical review, in the Arts, Architecture and Aesthetics of the monument.

Dissertação apresentada ao Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Artes Visuais.

Dissertation presented to the Institute of Arts of the State University of Campinas in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master in Visual Arts.

ORIENTADOR: HAROLDO GALLO.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA DENISE MARCONDES MASSIMINO, E ORIENTADA PELO PROF. DR. HAROLDO GALLO.

CAMPINAS

2019

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Artes
Silvia Regina Shiroma - CRB 8/8180

M386c

Massimino, Denise Marcondes, 1978-
A Capela Nossa Senhora do Pilar, de Taubaté : uma revisão historiográfica, nas Artes, Arquitetura e Estética do monumento / Denise Marcondes Massimino. – Campinas, SP : [s.n.], 2019.

Orientador: Haroldo Gallo.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.

1. Capela Nossa Senhora do Pilar (Taubaté, SP). 2. Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). 3. Patrimônio histórico - Conservação e restauração. 4. Patrimônio cultural - Conservação e restauração. 5. Estética. 6. Arquitetura jesuítica. I. Gallo, Haroldo, 1952-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: *The Capela Nossa Senhora do Pilar, of Taubaté* :
A historiographical review in the Arts, Architecture and Aesthetics of the monument
Palavras-chave em inglês:
Capela Nossa Senhora do Pilar (Taubaté, SP)
Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil)
Historical heritage - Conservation and restoration
Cultural property - Conservation and restoration
Aesthetics
Architecture, Jesuit
Área de concentração: Artes Visuais
Titulação: Mestra em Artes Visuais
Banca examinadora:
Haroldo Gallo [Orientador]
Marcos Tognon
Luciano Migliaccio
Data de defesa: 10-12-2019
Programa de Pós-Graduação: Artes Visuais

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-9916-9628
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/5294646081697702

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

DENISE MARCONDES MASSIMINO

ORIENTADOR: HAROLDO GALLO.

MEMBROS:

1. PROF. DR. HAROLDO GALLO.
2. PROF. DR. MARCOS TOGNON.
3. PROF. DR. LUCIANO MIGLIACCIO.

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

A ata de defesa com as respectivas assinaturas dos membros da comissão examinadora encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade

DATA DA DEFESA: 10.12.2019

DEDICATÓRIA

Para minha mãe querida,

Sheila Maria (in memorian),

e meus filhos que tanto amo,

Lucas, João e Antonio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus e ao mestre Jesus pela vida e bênçãos recebidas, e a todos que de alguma maneira me ajudaram neste percurso de minha vida. Muito obrigada pela colaboração de amigos e familiares, em especial o apoio de meu marido Leandro, meu pai Luiz, minha tia Maria, minha avó Neuza, minha tia Zélia, meus irmãos Gustavo e Vitor, e, minha cunhada Fabrina pela força no início do processo. Muito grata pelas contribuições de queridos professores e colegas, Alice Mosca, Amanda Celli Lhobrigat, André Bazanella, Benedito Assagra Ribas de Melo, Cláudio Lima, Christiane Wagner, Cybelle Lima, Flávio Mourão, Francisco de Carvalho Dias de Andrade, Juliana Abitante, Luciano Migliaccio, Luise Weiss, Marcos Tognon, Mateus Rosada, Paulo de Tarso Souza, e, Pe. Roger Matheus dos Santos.

Gostaria de expressar minha gratidão especial a

HAROLDO GALLO, pela confiança e orientação valiosa,

GEORGE REMBRANDT GUTLICH, pela generosidade e incentivo,

LÍVIA VIERNO RODRIGUES DE MOURA, por sua dedicação profissional e desprendimento no compartilhamento de material de pesquisa

DANIEL GUINSBURG, pela ajuda e fotos magníficas

FÁBIO SAPEDE, pelas caronas amigas

LIA MAYUMI,
MARIA REGINA MORGADO DE ABREU HOLTZ–
RENATA MARIA DE ALMEIDA MARTINS,
Pelas orientações, paciência e disponibilidade.

À minha família por tudo.

RESUMO

A pesquisa constitui-se sobre o **objeto**, Capela Nossa Senhora do Pilar, localizado na cidade de Taubaté, Vale do Paraíba paulista. Num primeiro momento, no interesse de aproximação do artefato às questões relacionadas à preservação do patrimônio, do conhecimento sobre sua História, seu acervo e obras de arte. Com base nesse breve contexto, nasce o encantamento pela "Capela do Pilar", tombada em 1944 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN. Construída em taipa de pilão e mão (1748-1760), representa raríssimo exemplar da arquitetura colonial regional, devido ao fato de possivelmente, ser o único edifício remanescente em paredes de taipa que forma uma estrutura octogonal, com obras de artes aplicadas em talha, e, partido formal aproximadas ao barroco mineiro e rococó no estado de São Paulo. Um entendimento do artefato como monumento histórico artístico e nacional; e; às questão da preservação e os métodos de conservação e do restauro do monumento histórico e artístico nacional, no propósito de reaproximação dos indivíduos e comunidade às suas memórias e ancestralidade. A partir do **estudo** sistematizado sobre o artefato, apresenta-se uma revisão historiográfica, arquitetônica e estética; análise dos arquivos documentais e fotográficos pertencentes ao monumento; tal qual; uma atualização e levantamento do estado atual do edifício. O **método** constitui-se na aproximação de pressupostos, preliminarmente apresentados através da caracterização e valoração do monumento histórico, tal como feito originalmente pela regional do IPHAN (SPHAN/SP), direcionadas pelo arquiteto Luís Saia. São **objetivos** compreender o processo de restauro após tombamento a partir de análise de documentos históricos e iconográficos, os registros dos cadernos de obras de Luís Saia, bem como, os procedimentos às obras de restauração (1945-1949); identificar os conceitos e método adotados; e; as questões do artefato como monumento, patrimônio, arquitetura, artes visuais e estética. **Os resultados da pesquisa** apresentam que a Capela se inserida no contexto histórico-regional de um "quadro conceitual-teórico-metodológico" de obras restauradas pela regional paulista do IPHAN, sobretudo da 1ª fase (até a 1ª metade do século XX), pertencentes ao "paradigma de intervenção em taipa"; que teve em seu restauro influência direta de orientações e tomadas de decisão por Lúcio Costa, como as demais obras que se incorporaram dos conceitos da arquitetura moderna; que elementos artísticos e arquitetônicos que não pertenciam ao "padrão" e critérios estabelecidos foram suprimidos, e, do pressuposto de que as origens de sua construção estariam ligadas ao programa da arquitetura jesuítica? E da aproximação entre os preceitos da pesquisa científica em Artes, Arquitetura, Estética e Patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio Histórico e Artístico; Estética; Restauração; Capela Nossa Senhora do Pilar; SPHAN; Arquitetura Jesuítica.

ABSTRACT

The research is about the object, Capela Nossa Senhora do Pilar, located in the city of Taubaté, Vale do Paraíba paulista, Brazil. At first, in the interest of bringing the artifact closer to issues related to the preservation of heritage, knowledge about its history, its collection and works of art. Based on this brief context, the enchantment of the “Capela do Pilar” was born, listed in 1944 by the National Historical and Artistic Heritage Institute, IPHAN. Built in rammed earth and hand (1748-1760), it represents a rare example of regional colonial architecture, due to the fact that it may be the only remaining building in rammed earth walls that forms an octagonal structure, with works of art applied in carving, and, formal party approaching the Baroque of Minas Gerais and Rococo in the state of São Paulo. An understanding of the artifact as an artistic and national historical monument; and; to the question of preservation and methods of conservation and restoration of the national historical and artistic monument, in order to reconnect individuals and the community to their memories and ancestry.Based on the systematic study of the artifact, a historiographic, architectural and aesthetic review is presented; analysis of documentary and photographic archives belonging to the monument; such as; an update and survey of the current state of the building. The method consists of approximating assumptions, preliminarily presented through the characterization and valuation of the historical monument, as originally done by the regional IPHAN (SPHAN / SP), directed by the architect Luís Saia. The objectives are to understand the restoration process after toppling from the analysis of historical and iconographic documents, the records of Luís Saia's workbooks, as well as the procedures for restoration works (1945-1949); identify the concepts and method adopted; and; issues of the artifact as a monument, heritage, architecture, visual arts and aesthetics. The research results show that the Chapel is inserted in the historical-regional context of a “conceptual-theoretical-methodological framework” of works restored by the São Paulo regional IPHAN, especially from the 1st phase (until the 1st half of the 20th century), belonging to the “Mud intervention paradigm”; that in its restoration was directly influenced by guidelines and decision-making by Lúcio Costa, like the other works that incorporated the concepts of modern architecture; what artistic and architectural elements that did not belong to the “standard” and established criteria were suppressed, and, on the assumption that the origins of their construction were linked to the Jesuit architecture program? And the approximation between the precepts of scientific research in Arts, Architecture, Aesthetics and Heritage.

KEYWORDS: Historical and Artistic Heritage; Aesthetics; Restoration; Capela Nossa Senhora do Pilar; SPHAN; Jesuit Architecture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: Bandeirantes combatendo os índios botocudos", 1834. Fonte: Netmundi.org:filosofia na rede. 37

Figura 2 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Família Guarani capturada por caçadores de escravos", 1830. Fonte: Netmundi.org: filosofia na rede 38

Figura 3 - Fragmento da carta corográfica da Capitania de São Paulo, 1766. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo/ SP. 41

Figura 4 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Taubaté". Vista da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, 1827. Fonte: DEBRET, 2008, p.69. 43

Figura 5 - Tomaz Ender: Vista do Convento dos Franciscanos (atual Convento de Santa Clara), 1817. Aquarela da expedição científica de Martius- Spix. Fonte: MISTAU/ Taubaté 44

Figura 6 - Arnaud Julien Pallière: pintura em levantamentos cartográficos das vilas de Pindamonhangaba e Taubaté, 1821. 17x11cm. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros, USP. 44

Figura 7 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Tropeiros pobres de São Paulo", 1823. Fonte: DEBRET, 2008, p.50. 45

Figura 8 - Desenho Tom Maia, Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: MAIA, p.36, 1977. 47

Figura 9 - Postal comemorativo do MASDE (frente), 2000. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho". 49

Figura 10 - Postal comemorativo do MASDE (verso), 2000. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho". 49

Figura 11 - Postal comemorativo do MASDE: imagem de N. S. do Pilar; Capela-mor; e; Fachada frontal. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho" 50

Figura 12 - Jean Baptiste Debret. título da obra: "loja de sapateiro, 1820/1830. Fonte: 62

Figura 13 - Croquis porta principal Capela N. S. do Pilar, SD. Fonte: Arquivo documental do IPHAN/ SP. 85

Figura 14 - Levantamento planimétrico Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005. Fonte: Mitra Diocesana de Taubaté. 108

Figura 15 - Levantamento de deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena. 109

Figura 16 - Levantamento cadastral Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena.....110

Figura 17 - Levantamento cadastral Altar-mor Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena.....111

Figura 18 - Levantamento deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena. 112

Figura 19 - Levantamento deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena. 113

Figura 20 – Vista A - Capela-mor - Planta pavimento inferior Capela do Pilar. Sem escala. 114

Figura 21 – Vista B –Arcos sob coro - Planta pavimento inferior Capela do Pilar. Sem escala. 116

Figura 22 - Vista C –Retábulo lateral esquerdo - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.....119

Figura 23 – Vista D - Retábulo lateral direito- Planta pavimento inferior Capela Sem escala. 120

Figura 24 – Vista E - Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro – Planta pavimento inferior Capela Sem escala. 121

Figura 25 Vista F - Coluna e base do lado direito do arco do cruzeiro – Planta pavimento inferior Capela Sem escala. 122

Figura 26 – Vista G - Corredor lateral esquerdo - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.....125

Figura 27 – Vista H – Entrada lateral esquerda Sacristia - Planta pavimento inferior Capela.....126

Figura 28 – Vista I -Sacristia - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.....127

Figura 29 - Vista J Sacristia corredor lateral direito - Planta pavimento inferior 130

Figura 30 - Vista K Escada junto à entrada principal acesso ao coro - Planta pavimento inferior.....132

Figura 31 - Vista L- Canto coro junto à escada de acesso ao pav. inferior - Planta pavimento superior - Capela Sem escala.....135

Figura 32 – Elementos do beiral de caibro armado. Fonte: Coisas da arquitetura..142

Figura 33 - Paul Klee. título da obra: "Angelus Novus", 1920. Fonte: Vitruvius, 2005. 150

Figura 34 - Croquis Lúcio Costa tipologia de plantas igrejas. Fonte: COSTA, 1978, p.33. 155

Figura 35 - Croquis Lúcio Costa estudo tipologia altar-mor e ornamentação. Fonte: COSTA, 1978, p.35. 157

Figura 36 - Croquis Lúcio Costa. Fonte: COSTA, 1978, p.35. (à esquerda). 158

Figura 37 - Croquis Lúcio Costa. Fonte: COSTA, 1978, p.37. (à direita). 158

Figura 38 – Croquis de Luís Saia, proposta sem a torre. Fonte: Vitruvis. 165

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Retábulo-mor Catedral São Francisco de Chagas de Taubaté/SP, (foto antiga, com antigo trono que foi removido). Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP. 34

Foto 2 - Retábulo-mor Catedral Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP. 34

Foto 3 – Retábulo-mor Capela do Bom Conselho. Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP. 34

Foto 4 – Fachada frontal Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Arquivos IPHAN/SP.....46

Foto 5 – Fachada lateral Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Arquivos IPHAN/SP.....46

Foto 6 - Interior do Museu de Arte Sacra da Capela N. S. do Pilar, 2005. Fonte: Rogério Pereira. 51

Foto 7 - fachada frontal Capela N. S. do Pilar – Estado Atual. Fonte: autora, 18.05.2019. 53

Foto 8 – Vista da Rua Visconde do Rio Branco - Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 53

Foto 9 – Vista da Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 54

Foto 10 – Fachada lateral Capela N. S. do Pilar e Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....54

Foto 11 – Fachada lateral posterior Capela N. S. do Pilar – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 55

Foto 12 – Vista da Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 55

Foto 13 - Fachada frontal Capela N. S. do Pilar – Estado Atual. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg.....60

Foto 14 – Acesso escada lateral – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 60

Foto 15 - Corredor lateral – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 60

Foto 16 – Arco do cruzeiro e arcos de entrada sob o coro, ambos em madeira entalhada. – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 65

Foto 17 – Capela N. S. do Pilar, 1856. Registro: Robin&Favrou, Pht. Pedro Giolo.Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/SP 85

Foto 18 – Capela N. S. do Pilar, registro em 1856. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP. 93

Foto 19 – Capela N. S. do Pilar, registro em 1937. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP. 93

Foto 20 – Foto aérea Capela N. S. do Pilar, sem data (provavelmente anterior ao restauro pois aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP. 94

Foto 21– Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente anterior ao restauro, pois a fachada lateral aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP. 95

Foto 22 - Capela N. S. do Pilar, sem data (provavelmente posterior ao restauro, década de 1950, pois a torre sineira foi eliminada). Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté. 95

Foto 23 - Capela N. S. do Pilar, registro em 1950. Fonte: Acervo MISTAU 96

Foto 24 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data. Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté. 97

Foto 25 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data, (provavelmente década de 1970) Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté. 97

Foto 26 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente década de 1940) Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté. 98

Foto 27- Foto Interna Capela N. S. do Pilar, Museu de Arte Sacra (MASDE), foto sem data. Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté. 99

Foto 28 - Imagens São Benedito e São Nicolau (à esquerda). 99

Foto 29 - Pintura de São José (à direita). Fonte: Arquivo fotográfico do IPHAN/SP. 99

Foto 30 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (Interior, provavelmente anterior ao restauro, pois mostra o *boiserie,* faixa de pintura na parede). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP. 100

Foto 31 - Fachada frontal Capela N. S. do Pilar, restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 101

Foto 32 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar - Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 101

Foto 33 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Detalhe corte taipa e inserção de ferragens, Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP....102

Foto 34 - Detalhe torre sineira Capela N. S.do Pilar – Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 102

Foto 35 - Interna Capela N. S. do Pilar – Detalhe forro e estrutura telhado, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 103

Foto 36 - Telhado Capela N. S. do Pilar – Detalhe cruz de ferro e trabalhador, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 103

Foto 37 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Fechamento alvenaria com tijolos de barro, Restauro SPHAN 09.07.1947. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. 104

Foto 38 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Detalhe paisagem urbana, Restauro SPHAN 10.02.1950. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.....104

Foto 39 – Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista A - Piso em tábuas de madeira e forro em “gamela”oitavada – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora 114

Foto 40 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista do Alta-mor – Detalhe umidade do piso em madeira– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora 115

Foto 41 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Detalhe contra-traves e forro em “gamela”oitavada – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora 115

Foto 42 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista B - Arcos sob o coro e escada de acesso ao coro – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....116

Foto 43 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista B - Arcos sob o coro e escada de acesso ao coro – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....117

Foto 44 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Detalhe talha arcos sob o coro e danos no piso de madeira– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora 117

Foto 45 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada principal, detalhe talha arcos sob o coro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....118

Foto 46 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral, detalhe vista da porta lateral nave– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora 118

Foto 47 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista C – Retábulo lateral esquerdo– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....119

Foto 48 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista D – Retábulo lateral direito– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....120

Foto 49 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista E – Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 121

Foto 50- Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista F – Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 122

Foto 51- Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral direita acesso Rua Bispo Rodovalho, detalhe vista do púlpito lado direito, taipa de mão à mostra–.....123

Foto 52 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral direita acesso Rua Bispo Rodovalho, detalhe falha na alvenaria do lado direito, taipa de mão à mostra– 123

Foto 53 - Interior da Capela N. S. do Pilar,– Vista do Altar-mor– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....124

Foto 54 - Interior da Capela N. S. do Pilar,– Vista da porta principal à praça e Rua Visconde do Rio Branco– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....124

Foto 55 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista G – Corredor lateral esquerdo– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....125

Foto 56 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista H – Entrada lateral esquerda Sacristia– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 126

Foto 57 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista I – Sacristia– Estado atual, 18.05.2019. 127

Foto 58 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, móvel caixotão Estado atual, 18.05.2019. 128

Foto 59 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Oratório Sacristia em estilo Rococó, Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....128

Foto 60 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, vista janela Estado atual, 18.05.2019. 129

Foto 61 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, vista janela Estado atual, 18.05.2019. 129

Foto 62 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista J – Sacristia , Estado atual, 18.05.2019. 130

Foto 63 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista púlpitos lateral direita , Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....131

Foto 64 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista púlpitos lateral direita , Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....131

Foto 65 – Interior da Capela N. S. do Pilar - Vista K - Escada junto à entrada principal acesso ao coro e ao pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....132

Foto 66 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Coro e guarda-corpo - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 133

Foto 67 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Escada junto à entrada principal acesso ao coro e ao pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....133

Foto 68 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Coro e guarda-corpo - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 134

Foto 69 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Coro e guarda-corpo - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 134

Foto 70 – Interior da Capela N. S. do Pilar–,Vista L – Canto superior do coro - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 135

Foto 72 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe da sanca em madeira- Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 136

Foto 71 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe janela do coro - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 136

Foto 74 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do coro à Capela-mor e retábulos – 137

Foto 73 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do coro à porta lateral de acesso a nave- Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. 137

Foto 75 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, lateral a calçada e Rua Bispo Rodovalho –. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....138

Foto 76 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe de soleira em pedra –. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora. 138

Foto 77 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, lateral a calçada e Rua Bispo Rodovalho –. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....139

Foto 78 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, frente à praça –. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.....139

Foto 79 - Capela de N. S. do Pilar, sem data. Fonte: Acervo MISTAU/ Taubaté. ...142

Foto 80 - Casa do Sítio do Padre Inácio em Cotia/SP. Fonte: Galeria Portal Iphan. 143

Foto 81 – Capela do Sítio Santo Antônio em São Roque/SP. Fonte: Galeria Portal Iphan. 143

Foto 82 – Casa do Caxingui (do Sertanista) em São Paulo. Fonte: Condephaat....144

Foto 83 - Capela N. S. do Pilar, registro em 1856. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP. 144

Foto 84 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente anterior ao restauro, pois a fachada lateral aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP. 145

Foto 85 - Igreja N. S. do Ó, Sabará/ MG, 1717-1719, por Manuel da Mota Torres. (torre sineira acrescida no final do século XVIII), `foto à esq. Fonte: Galeria Portal Iphan. 154

Foto 86 – Capela de Santa Quitéria de Catas Altas/ MG, de 1728. Fonte: Sérgio Mourão. 154

Foto 87 - Fotos: capela-mor Capela N. S.do Pilar. Fonte: IPHAN, SP. 157

Foto 88 - Interior da Capela em 1940 – Capela-mor, altar e retábulos laterais. Fonte: IPHAN, SP.....159

Foto 89 - Vista lateral do coro direito, detalhes da talha do altar-mor Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg. 159

Foto 90 - Fachada lateral à Rua Bispo Rodovalho. Autoria: Germano Graeser, 1939. Fonte: IPHAN/SP. 160

Foto 91 – Fachada da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Embu, 1942. Fonte: Vitruvius.....165

Foto 92 - Fachada lateral frontal à Rua Bispo Rodovalho. Autoria: Germano Graeser, 1939. Fonte: IPHAN/SP.....166

Foto 93 - Fachada lateral posterior à Rua Bispo Rodovalho. Pós-restauração. Autoria: Germano Graeser, 1957. Fonte: IPHAN/SP. 168

Foto 94 - Capela fachada lateral à Rua Bispo Rodovalho. Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg. 168

LISTA DE DOCUMENTOS ANEXOS I

CÓPIAS DE DOCUMENTOS ORIGINAIS DO ARQUIVO DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “DR. FÉLIX GUISARD FILHO”, DE TAUBATÉ.

6.1. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA TRADUÇÃO.....180

6.2. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA ORIGINAL.....184

LISTA DE DOCUMENTOS ANEXOS II

Documento1 - Carta n.º 738 de Rodrigo Franco Melo de Andrade a Luís Saia, de 16/11/1948. Fonte: IPHAN /SP.....198

Documento 2 - Carta a Rodrigo Franco Melo de Andrade do Bispo de Taubaté André Arcoverde, de 04/05/1939. Fonte: IPHAN. 199

Documento 3- Carta a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia (folha01/02) de 18/09/1939. Fonte: IPHAN /SP.....200

Documento 4 - Carta a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia (folha02/02) de 18/09/1939. Fonte: IPHAN /SP.....201

Documento 5 - Carta a Félix Guisard Filho de Luís Saia, de 08/11/1939. Fonte: IPHAN /SP.....202

Documento 6 - Carta a Félix Guisard Filho de Luís Saia, de 26/04/1940. Fonte: IPHAN /SP.....203

Documento 7 - Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade de Luís Saia? de 08/03/1946. Fonte: IPHAN /SP.....204

Documento 8 - Carta ao Bispo de Taubaté de Luís Saia, de 04/11/1939. Fonte: IPHAN /SP.....205

Documento 9 - Carta a Mons. Ramon Ortiz de Luís Saia, de 06/10/1941. Fonte: IPHAN /SP.....206

Documento 10 - Carta a Luís Saia de Mons. Ramon Ortiz, de 16/10/1941. Fonte: IPHAN /SP.....207

Documento 11 - Ofício n.º25 a Luís Saia de Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 07/01/1943. Fonte: IPHAN /SP.....208

Documento 12 - Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade de Ortiz M. Patto, de 06/12/1943. Fonte: IPHAN /SP.....209

Documento 13 - Telegrama a Luís Saia de Ortiz Monteiro Patto, de 1943. Fonte: IPHAN /SP.....210

Documento 14 - Relato do jornalista Lellis Vieira, do Correio Paulistano, de 22/02/1944. Fonte: IPHAN /SP.....211

Documento 15 - Certidão de Tombamento da Capela Nossa Senhora do Pilar. Fonte: IPHAN /SP. 212

Documento 16 - Estimativa para reforma necessária a Capela do Pilar. Fonte: IPHAN /SP. 213

Documento 17 - Informativo nº4, de 07/01/1944 - Informação da Seção Técnica. Fonte: IPHAN /SP. 214

Documento 18 - Carta ao Diretor do SPHAN de Luís Saia, de 11/01/1944. Fonte: IPHAN /SP.....215

Documento 19 - Descritivo de Serviços referentes à Capela do Pilar, de 16/03/1944. Fonte: IPHAN /SP. 216

Documento 20 - Carta a Rodrigo M. F. de Andrade de Luís Saia, de 31/07/1944. Fonte: IPHAN /SP. 217

Documento 21 - Carta a Luís Saia de Rodrigo M. F. de Andrade, de 29/08/1939. Fonte: IPHAN /SP. 218

Documento 22 - Carta a Luís Saia de Dante Cicchi, de 13/11/1945. Fonte: IPHAN /SP. 219

Documento 23 - Carta a Dante Cicchi de Luís Saia, de 26/12/1945. Fonte: IPHAN /SP. 220

Documento 24 - Telegrama a Luís Saia de J. C. Cavalcanti de Albuquerque, de 04/08/1944. Fonte: IPHAN /SP.....221

Documento 25 - Carta nº40/46 a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia? (folha 01/02), de 22/03/1946. Fonte: IPHAN /SP.....222

Documento 26 - Carta nº40/46 a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia? (folha 02/02), de 22/03/1946. Fonte: IPHAN / SP.....223

Documento 27 – Carta a Luis Saia de Dante Cicchi, de 18/02/1946. Fonte: IPHAN/SP.....224

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 23
1.2. OBJETIVOS 25
1.2.1. REVISÃO HISTORIOGRÁFICA, ARQUITETÔNICA, ARTÍSTICA E ESTÉTICA DO MONUMENTO 25
1.2.2. ESTUDO SISTEMATIZADO DOS ARQUIVOS DOCUMENTAIS E FOTOGRÁFICOS DO MONUMENTO NO INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL – IPHAN/SP. 25
1.2.3. LEVANTAMENTO DO ESTADO ATUAL DO ARTEFATO 26
1.3. METODOLOGIA 26
1.4. FONTES DE PESQUISA 26
1.5. JUSTIFICATIVA 27
2. RESULTADOS 28
PARTE I – REVISÃO HISTORIOGRÁFICA 28
2.1. BARROCO MINEIRO OU BARROCO PAULISTA? 28
2.2. O BARROCO MINEIRO NA VILA DE SÃO FRANCISCO DE CHAGAS DE TAUBATÉ – “O BARROCO CAFÉ COM LEITE” 31
2.3. O BANDEIRISMO E OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS NA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA 36
2.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ARTEFATO – A CAPELA N. S. DO PILAR 42
2.5. A INFLUÊNCIA HISPÂNICA NA VILA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE TAUBATÉ 56
2.6. OS INCONFIDENTES NA VILA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE TAUBATÉ 66
PARTE II – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA 68
2.7. A PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTES E PATRIMÔNIO 68
2.8. O PENSAMENTO PATRIMONIALISTA 71
2.9. AS CARTAS PATRIMONIAIS 74
2.10. A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA SOBRE O PATRIMÔNIO 75
PARTE III – DISSERTAÇÃO – ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO 78
2.11. O PROBLEMA 78

2.12. A CAPELA - SUA IMPORTÂNCIA 78

2.13.. A PESQUISA SOBRE RESTAURO NO AVANÇO DO CONHECIMENTO.. 81

2.14. A EXPERIÊNCIA DOS RESTAURADORES PAULISTAS: O PARADIGMA. 82

2.15. A ESCOLHA DE ESTUDO SOBRE A CAPELA 87

2.16. O DIÁLOGO ENTRE RESTAURADORES E A REFERÊNCIA CONCEITUAL 88

2.17. OS ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA PAULISTA NA FORMAÇÃO DO IPHAN 89

2.18. APROXIMAÇÕES ENTRE AS REFERÊNCIAS CONCEITUAIS E A CAPELA 90

PARTE IV - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO E ESTÉTICO DO ARTEFATO .. 93

2.19. LINHA DO TEMPO – CRONOLOGIA ICONOGRÁFICA 93

2.20. LEVANTAMENTO DE IMAGENS – CADERNO DE OBRAS 101

2.21. LEVANTAMENTO MÉTRICO / E FOTOGRÁFICO ATUAL 108

3. DISCUSSÃO GERAL 140

3.1. O ARTEFATO PERTENCE A UM QUADRO CONCEITUAL-TÉCNICO E METODOLÓGICO DO RESTAURO 140

3.2. PADRÃO CONCEITUAL ESTÉTICO-ARQUITETÔNICO DO SPHAN/SP ... 141

3.3. A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MODERNISTA NO SPHAN 145

3.4. UMA APROXIMAÇÃO ENTRE ARTE, ESTÉTICA E O PATRIMÔNIO 147

3.5. A APROXIMAÇÃO ENTRE A ARQUITETURA JESUÍTICA E O ARTEFATO? 151

3.5.1. *“THE JESUIT STYLE”* 151

3.5.2. A IDEALIZAÇÃO DO MODELO BARROCO BRASILEIRO 152

3.5.3. A CRIAÇÃO DE UM CONCEITO: ANÁLISE DO TEXTO DE LÚCIO COSTA 155

3.6. A QUESTÃO DA TORRE SINEIRA: UM RETORNO AO ASPECTO ORIGINAL? 160

4. CONCLUSÃO 169

5. REFERÊNCIAS 175

5.1. SITES E REVISTAS ELETRÔNICAS 177

5.2. ARQUIVOS CONSULTADOS.....179

5.3. ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS 179

6. ANEXOS I – CÓPIAS DE DOCUMENTOS ORIGINAIS DO ARQUIVO DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “DR. FÉLIX GUISARD FILHO”, DE TAUBATÉ. 180

6.1. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA TRADUÇÃO 180

6.2. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA ORIGINAL 184

7. ANEXOS II – CÓPIAS DE DOCUMENTOS ORIGINAIS DO ARQUIVO DO IPHAN/ SP. 198

1. INTRODUÇÃO

O tema trata de assuntos referentes à restauração e a preservação do patrimônio histórico, partindo-se do pressuposto de existência do paradigma de restauro, constituídos nas primeiras obras restauradas, de 1939-1949, particularmente na primeira década de atuação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional). É pressuposto a criação de modelos atribuídos à técnica construtiva da taipa, e de pré-conceitos estabelecidos no início de gestão da diretoria do SPHAN na regional do estado de São Paulo (atual IPHAN), a partir da coordenação e diretrizes do órgão nacional e do arquiteto Lúcio Costa, os quais são refletidos até hoje nas obras deste período. Verifica-se que os estudos em relação ao paradigma, e revisões na historiografia das artes e da arquitetura podem colaborar ao incentivo, valorização e às práticas do restauro em seus aspectos técnicos e conceituais, fomentando pertencimento, vínculos, restauração de memórias, de modo ao incentivo à preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural nas sociedades.

A pesquisa iniciou-se a partir da análise e estudos, dos projetos e obras de restauração da Capela Nossa Senhora do Pilar (1945-1949), período pós-tombamento nacional do monumento ocorrido em 1944. A Capela constituiu-se importante monumento da arquitetura colonial religiosa, patrimônio arquitetônico e artístico do século XVIII, localizado em Taubaté, Vale Médio do Paraíba Paulista. O método de investigação foi desenvolvido preliminarmente a partir da “verificação”, ou seja, pela caracterização e valoração do monumento histórico, tal como feito originalmente pela regional do IPHAN, direcionado pelos arquitetos Luís Saia (1911-1975) e Lúcio Costa (1902-1988). Em decorrência procurou-se à “caracterização”, entendida como o esquema geral e particularidades arquitetônicas; e; à “valoração”, a atribuição dos valores históricos, artísticos e estéticos do monumento, bem como, as categorias de valor atribuídas no momento de tombamento ocorrido em 1944.

Tal método pode ser validado a partir das pesquisas de Lia Mayumi, nas investigações sobre as casas bandeiristas. Luís Saia vale-se da importância da pesquisa científica na arquitetura, considerando-se que, na medida em que esta possa contribuir ao avanço da sociedade: “Na verdade, o estudo do passado e a sua justa computação, somente valem na medida que possam ser instrumentados em apoio e benefício da presente coletividade e para as perspectivas que se abrem para o futuro.” (SAIA, 1995, p.56).

São referenciais nos estudos em relação ao patrimônio paulista colonial, os trabalhos de Antonio Luiz Dias de Andrade, "*Um estado completo que pode jamais ter existido*" (1993); Tamara Roman, "*Restauro da Igreja Nossa Senhora do Rosário, Embu/SP, restauro de 1939-1940*" (2003); Cristiane Souza Gonçalves, *"Restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo 1936-1975*" (2007); Lia Mayumi, "*Taipa, canela preta e concreto*" (2008); entre outros, dedicados às análises de processos do restauro brasileiro, paulista, pois estabeleceram um elenco de obras, que compõem e identificam um quadro cronológico, metodológico, conceitual e técnico nas atividades do SPHAN da regional do estado de São Paulo.

A documentação pesquisada configurou-se no levantamento de material bibliográfico, como livros, teses, artigos, revistas, manuais referentes ao patrimônio, bem como a História de Taubaté e da Capela Nossa Senhora do Pilar. Teve por objetivo específico: a organização, classificação e análise do material iconográfico; cartográfico; documentações de trabalho, de produção oficial dos órgãos públicos e dos processos administrativos relativos ao tombamento; e o processo de restauro (1945-1949), se incluído os cadernos de obras, registros fotográficos do monumento executados pelo técnico- assistente do SPHAN, Hugo Hermann Graeser, conhecido como Germano; depoimentos de personalidades e pesquisadores envolvidos na temática de patrimônio, tal qual na restauração de monumentos.

O trabalho de investigação realizado especificamente sobre as fontes primárias foi fundamental ao desenvolvimento da pesquisa, pois delineou a dissertação os caminhos que deveriam ser necessários se percorrer. Logo, entende-se que a pesquisa historiográfica aliada à atualização do artefato, pode alcançar objetivos essenciais ao entendimento do passado, presente e de como se construir o futuro.

> [...] Cada indivíduo é parte de um todo – da sociedade e do ambiente onde vive – e constrói, com os demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras, por meio dos produtos criados e das intervenções no ambiente, registros capazes de propiciar a compreensão da história humana pelas gerações futuras. (GHIRARDELLO, 2008, p.15).

Reconhecendo-se novas maneiras nos processos de investigação sobre os bens patrimoniais, não somente a partir de aspectos presentes na materialidade do artefato arquitetônico, mas compreendendo-se a importância de examinar os atributos artísticos e estéticos, dentro de um contexto específico na história. Admite-se a superação de paradigmas pautados numa visão mecanicista de mundo e nos

princípios da física newtoniana, que tiveram forte influência sobre a sociedade ocidental no século XX, e comprovam que a pesquisa científica deve propiciar novas perspectivas à ciência moderna, particularmente pesquisas baseadas nos princípios da universalidade, de correlações e proximidades.

Partiu-se de uma metodologia científica pautada no objeto de estudo, no artefato artístico e arquitetônico, com suas especificidades, determinando-o ponto de partida, ou núcleo de indagações. Posto isto, buscou-se de modo não-linear, o agrupamento de dados e informações sobre o monumento, a partir das fontes primárias e secundárias, e posteriormente terciárias, fixando o objeto no centro das análises, à composição dos questionamentos, da série de pressupostos e conjecturas à atualização da temática, revisão estética e historiográfica do artefato.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. REVISÃO HISTORIOGRÁFICA, ARQUITETÔNICA, ARTÍSTICA E ESTÉTICA DO MONUMENTO

Os objetivos gerais da pesquisa visam: à abordagem do artefato como monumento histórico e patrimônio artístico e cultural, aproximando-se das questões da arquitetura, artes visuais e estética; à aproximação de aspectos relativos à valoração histórica e estética do monumento; sua representatividade dentro de um quadro significativo de obras já estudadas; sua singularidade dentro da arquitetura colonial paulista, de partido formal octogonal em taipa de pilão; e; no âmbito das artes aplicadas sua importância como artefato patrimonial de estilos barroco e rococó.

1.2.2. ESTUDO SISTEMATIZADO DOS ARQUIVOS DOCUMENTAIS E FOTOGRÁFICOS DO MONUMENTO NO INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO E NACIONAL – IPHAN/SP.

Os objetivos específicos se delimitaram em compreender o processo de restauro realizado pelos técnicos da regional paulista do SPHAN, de 1945-1949, coordenados pelo arquiteto-engenheiro Luís Saia; identificar os conceitos, referenciais e métodos adotados; o artefato artístico e arquitetônico como monumento histórico nacional, bem como, os reflexos de tais intervenções, que reverberam até os dias atuais, como em sua composição estética; na existência ou inexistência do monumento à comunidade, principalmente no âmbito urbano.

1.2.3. LEVANTAMENTO DO ESTADO ATUAL DO ARTEFATO

Os objetivos específicos também se compreenderam no levantamento de estudos métricos e sistematizados realizados no monumento, viabilizando-se uma linha do tempo, de seus aspectos artísticos, arquitetônicos e estéticos, e o comparativo com sua situação presente ;e; o levantamento fotográfico atualizado do artefato.

1.3. METODOLOGIA

O método constitui-se na aproximação de pressupostos, que são preliminarmente apresentados através de análise da caracterização e valoração do monumento histórico, Capela Nossa Senhora do Pilar, em Taubaté, tal como feito originalmente pela regional do IPHAN, direcionadas pelo arquiteto Luís Saia. A partir da caracterização entendida como o esquema geral do edifício e suas particularidades arquitetônicas; e; pela valoração, entendida como a atribuição dos valores históricos e artísticos/ estéticos ao monumento, conforme as categorias de valor atribuídas pelo SPHAN para o tombamento da Capela. Procurou-se utilizar-se de método de investigação pautado na linearidade de fatos, com a comprovação dos mesmos através de documentos e registros oficiais, utilizando-se o objeto de pesquisa como núcleo irradiador de pressupostos, de maneira à formular e apresentar conjecturas.

1.4. FONTES DE PESQUISA

Foram utilizadas principalmente as primárias, compostas pelos documentos originais e registros referentes à Capela pertencente aos arquivos documentais e fotográficos da Superintendência do IPHAN/SP, do Arquivo Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho” de Taubaté/SP; e; secundárias, necessárias à fundamentação teórica da pesquisa, que se configuraram no levantamento de material bibliográfico, como: livros, teses, artigos, revistas, manuais referentes ao patrimônio; a história de Taubaté e da Capela Nossa Senhora do Pilar; material iconográfico; cartográfico; documentação de trabalho de produção oficial dos órgãos públicos e processos administrativos relativos ao tombamento; dissertações e teses; depoimentos de personalidades e pesquisadores envolvidos em pesquisa sobre patrimônio e restauração de monumentos.

1.5. JUSTIFICATIVA

A necessidade da produção de novos conhecimentos na área do patrimônio histórico mostra a fundamentação da temática. Partindo-se do pressuposto da existência do paradigma constituído por modelos atribuídos à técnica construtiva da taipa, estabelecidos no início e gestão do IPHAN na regional de São Paulo. A importância de verificar tais procedimentos, pela existência de um "modelo paulista" idealizado num primeiro momento das atividades, representou a formulação de conceitos diante da necessidade de desenvolvimento da técnica, e práticas voltadas à conservação e restauração do patrimônio histórico e artístico nacional. Conforme Gallo, "quando falamos em patrimônio nos reportamos à preservação e construção da memória, para a qual se estabelecem relações e vínculos afetivos." [1] Assim, a educação através da pesquisa científica e sua divulgação são instâncias fundamentais para exposição dos saberes e dos resultados obtidos, participando a sociedade, que por sua vez apropria-se dos novos conhecimentos. Portanto, a restauração da memória dos monumentos é condição sine qua non à preservação do patrimônio histórico. Não se pode conservar a matéria sem que antes se conservar a memória, é preciso restabelecer-se os vínculos afetivos e culturais.

> "Cabe, então, às diversas civilizações e culturas encontrarem um modo comum de entender a necessidade de conservar a memória do passado e seus testemunhos, mesmo por que essa memória constitui uma referência a todos os homens da terra." (GALLO, p.94, 2006).

Pressupõem-se a pesquisa científica como um meio essencial de reaproximação ou reapropriação da comunidade em relação ao monumento, e dessa maneira possibilitar sua inserção na vida do cotidiano, nas atividades socioeconômicas e culturais, no tecido da cidade, visando-se uma efetiva preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural. Logo, com base nos referenciais e estudos realizados, verifica-se a necessidade de avanço nos debates, procedimentos e processos, uma atualização e contextualização temática sob a ótica do pensamento contemporâneo sobre a preservação, que propõem a "ressignificação" do monumento como elemento vital, e que pode vir contribuir à educação patrimonial.

> "Essa postura de olhar o passado através de referência parece-nos aqui inevitável, conquanto o que fundamentalmente se pretende é uma reincorporação do passado na vida presente, a fim de que se formem memória e identidade." (GALLO, p.93, 2006).

[1] Entrevista concedida ao JC Debate – SP Patrimônio (TV Cultura – 25/01/2016).

No inicio de criação do IPHAN/SP (SPHAN), suas atividades foram pautadas pelo tombamento como instrumento de resgate e sobrevivência dessa memória colonial “perdida”. E vários autores e especialistas na atualidade, admitem que tal ação foi fundamental à permanência de vários monumentos no Brasil, como é o caso da Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté/SP. Sabe-se que, na década de 1940 o monumento era bastante atuante dentro dos contextos e dinâmicas da cidade, como um símbolo religioso, nas manifestações culturais e religiosas da região. Reconhece-se que havia um sentimento de pertença ao artefato e um apelo da comunidade a favor de sua existência. “[...] Um local - está claro - só conserva lembranças quando pessoas se preocupam em mantê-las”. (ASSMANN, p.347, 2011). Logo, a pesquisa científica como instrumento de construção do conhecimento, visou identificar as aproximações e especificidades no emprego do método do restauro, área do patrimônio que é inerente à arquitetura e às artes visuais, permitindo-se o resgate dos significados e referenciais do monumento histórico, artístico e cultural.

2. RESULTADOS

PARTE I – REVISÃO HISTORIOGRÁFICA

2.1. BARROCO MINEIRO OU BARROCO PAULISTA?

> “O que se entende por Barroco? Existem diversas definições, todas com elementos comuns. Para alguns eruditos e historiadores da arte o termo designa um período da pintura européia, um estilo arquitetônico, um fenômeno cultural que teve sua maior forte expressão nas belas-artes e nas artes aplicadas. Em sua opinião, plenamente justificável, trata-se sobretudo de uma forma de expressão visual.”(UNESCO, p.4, 1987).

O barroco foi um estilo artístico que floresceu entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália, difundiu-se posteriormente em países católicos na Europa, nas Américas e regiões do Oriente, conforme estudiosos contemporâneos que decifram esse movimento bastante expressivo, que por vezes foi tratado de maneira pejorativa. Contudo, esse movimento desenvolveu-se e implantou-se amplamente nas colônias ibero-americanas, onde se internalizou e ganhou traços específicos em países e regiões onde passou, adaptando-se aos gostos locais, culturas e contextos específicos por onde se fixava, criando “formas mistas” do Barroco, caso de grande importância para a história da Arte e da cultura. A estética barroca avançou em ritmos e intensidade diferentes em locais extremos.

Não exerceu uma atuação uniforme sobre todas as artes (pintura, arquitetura e escultura), todavia integrou-se tanto às normas tradicionais quanto aos hábitos e costumes locais, a partir de sistemas de adaptações da técnica e dos artífices.

É fato que, por muito tempo, o barroco encontrou-se classificado pela historiografia tradicionalista, na História da Arte Ocidental Nacional e Internacional, como um movimento artístico de Contrarreforma, cujas características básicas foram o dinamismo do movimento, o triunfo da linha curva, especialmente na escultura e pintura, em busca da captação das reações emocionais humanas, como um instrumento de doutrinação que ocorreu em fases distintas. Porém, como o Rococó que foi categorizado inapropriadamente como fase final do Barroco, de ambientações mais leves e requintadas. No início do século XX, suas bases teóricas foram revistas e de fato estabelecidas, verificando-se que a partir de processos e análises equivocadas ou talvez ultrapassadas, possa-se ter desencadeado inadequadas compreensões das obras de arte e de sua percepção estética.

Em “Arquitetura brasileira”, discorre-se sobre o caso do barroco mineiro, afirmando-se que “Minas é fruta paulista, que demorou mais de cem anos para ser colhida, pois até o fim da primeira metade do século XVII pouco ou nada se sabia daquela região atrás da Serra da Mantiqueira.” (LEMOS, 1979, p.76). Todavia, aos poucos os paulistas foram adentrando na região com suas bandeiras, especialmente os vindo de Taubaté, personagens que participaram diretamente da inconfidência mineira e da descoberta de terras onde hoje existem cidades importantes do ciclo do ouro, como a antiga Vila Rica, atual Ouro Preto.

> “Em 1693, o taubateano Antônio Rodrigues de Arzão descobre as minas chamadas de Casa da Casca. Em 1698, outra bandeira de Taubaté, a de Antônio Dias, descobre as margens auríferas de Tripuí, ao pé do Itacolomi, hoje Ouro Preto.” (Ibidem, p.77).

O acesso difícil devido à topografia acidentada, rodeada de neblina e floresta densa, determinou o caminho pela garganta do Embaú, perto da atual cidade de Cruzeiro, como o mais utilizado. Fernão Dias abriu o caminho de ligação entre Minas e o Rio de Janeiro, iniciando-se um deslocamento de grande contingente das mais diversas classes sociais em busca de riquezas nos vales auríferos. Logo, “O mulato mineiro se impôs na sociedade”, a partir de modelos pré-estabelecidos pelos brancos, que executava e criava suas obras de arte, puramente brasileiras (Ibidem, p.81). E, aos

poucos se constituiu “a civilização material mineira”, marcada pela presença do negro escravo, pelo mulato brasileiro legítimo, que dominou o campo das Artes.

Contudo, a historiadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, apresenta um novo ponto de vista sobre o assunto, afirmando que “o afluxo de entalhadores portugueses para trabalhar no canteiro de obras das matrizes em construção foi fator determinante para a qualidade técnica e formal desse período”, exaltando-se as decorações e os belos retábulos das igrejas mineiras. (OLIVEIRA, 2014, p.91). Atualmente, no meio acadêmico e científico de pesquisas das Artes e Arquitetura Colonial brasileira, legitima-se que a historiografia tradicional, buscou por muito tempo uma categorização inadequada aos estilos brasileiros, como no caso do barroco mineiro, fora criado pelo pensamento modernista e nacionalista, em busca de originalidade, de uma arte própria e pura do Brasil Colonial.

> “A expressão barroco mineiro é fruto desse contexto e sua continuidade de uso nos meios acadêmicos prejudica a evolução dos estudos sobre a História da Arte em Minas Gerais, particularmente na segunda metade do século XVIII, quando o rococó sucedeu ao barroco na arquitetura religiosa da região. (OLIVEIRA, 2014, p.9).
>
> “Quanto à atuação de artistas autóctones2, sua supervalorização pela historiografia nacionalista da segunda metade do século XX encontra-se hoje em processo de revisão em virtude de novas pesquisas sobre mestres de obra e artistas portugueses, atraídos à região pelas excepcionais oportunidades de trabalho propiciadas pela riqueza econômica.” (Ibidem, p.73).

É notório que a partir da revisão de literatura e análises sobre o discurso dos autores estudados, constata-se que há uma evolução desse entendimento, e neste caso muito importante à compreensão estilística e estética da Capela do Pilar de Taubaté. O barroco mineiro e o barroco paulista são estilos diferenciados, com características bastante particulares que se apresentaram à percepção estética nacional advindos do Brasil-Colônia. A Capela Nossa Senhora do Pilar, localizada em Taubaté data de (1725-1747) é uma das obras remanescentes desta arquitetura colonial regional, “de partido formal derivado do barroco mineiro e rococó”, com fachada facetada e estética peculiar, é uma das poucas igrejas que apresentam forro em gamela oitavada. “Trata-se de raro exemplo com planta poligonal, com similares apenas em Minas e na cidade de Goiás.” (TIRAPELI, p.270, 2003). Construída em taipa de pilão (paredes com espessuras de aproximadamente 85cm), com paredes internas (paredes com espessuras de aproximadamente 20cm), em taipa de mão, sopapo ou

[2] aborígenes, indígenas, nativos, patrícios, naturais, moradores, nacionais, originários, primitivos.

pau-a-pique, constitui-se a edificação em nave única, muito diferentemente da técnica aplicada nas igrejas mineiras, onde a pedra e o cal era dominante.

Representa dos poucos exemplares em território paulista dedicado ao culto a N. S. do Pilar, com estilo arquitetônico bem diverso do colonial regional, cujas características principais são planta térrea, retangular com alpendre frontal. Um raríssimo exemplar, sobretudo, devido ao fato de possivelmente, ser o único edifício remanescente em paredes de taipa que forma uma estrutura octogonal, com obras de artes aplicadas em talha, e, partido formal aproximadas ao barroco mineiro e rococó no estado de São Paulo.Outras poucas construções religiosas, que se dedica ao culto de Nossa Senhora do Pilar são: Igreja Matriz de N. S. do Pilar do Ouro Preto/ MG (1711-1733); Igreja N. S. do Pilar em Sabará/ MG (século XVIII); Igreja Matriz de N. S. do Pilar em São João Del Rei/ MG (1724); Igreja N. S. do Pilar em Antonina/ PR (1715); Igreja N. S. do Pilar em Itamaracá/ PE (1893); e; voltando-se à região paulista, a Capela N. S. Pilar em Ribeirão Pires/ SP (1714).

De acordo Jaelson Bitran Trindade do SPHAN Pró-Memória, a Capela é “[...] um dos raros exemplares das pequenas edificações devocionais urbanas dos tempos da Colônia, na região de São Paulo – Paraná, e, desses, o exemplo mais íntegro”. (ANDRADE, 1991, p.36). A partir dos resultados que serão apresentados mais a frente, na análise cronológica e breve linha do tempo do monumento (considerando-se os poucos registros oficiais dos arquivos e Institutos ligados à preservação do patrimônio e da memória), de seus aspectos artísticos, arquitetônicos e estéticos. Pode-se inferir que tal afirmação, eventualmente, em relação aos estudos que até o momento apresentaram-se sobre o monumento, não revelem na integra verdades absolutas, mas que levantam suposições na criação de discursos alinhados ao paradigma das atividades da regional paulista SPHAN e aos modelos idealizados pelo nacionalismo modernista reinante na primeira metade do século XX.

2.2. O BARROCO MINEIRO NA VILA DE SÃO FRANCISCO DE CHAGAS DE TAUBATÉ – “O BARROCO CAFÉ COM LEITE”

No período colonial brasileiro, o posicionamento estratégico da antiga Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, destacou-a como importante núcleo de irradiação bandeirante, uma vez que era local de passagem obrigatório aos viajantes que transitavam nas capitanias de São Vicente e Itanhaém em direção às Minas Gerais e Paraty. Observando-se sua localização nas rotas das bandeiras e tropas

em direção às regiões auríferas, incursões aos Sertões de Cataguazes ou dos Cataguás, o que promoveu grande fluxo de pessoas na região nos primeiros séculos. A Vila de Taubaté foi fundada em 5 de dezembro de 1645, pelo Capitão Jacques Félix, entretanto, de acordo com os arquivos históricos pertencentes ao Museu Histórico “Dr. Félix Guisard Filho”, o lugar já existia desde 1641. Foi o primeiro povoado do Vale do Paraíba paulista, sendo que os demais núcleos urbanos foram surgindo aos poucos, que são as cidades atuais do Vale, como exemplo a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá (atual Guaratinguetá), com localização de aproximadamente, de um dia de distância de jornada uma das outras.

Foram as bandeiras taubateanas, as responsáveis pela fundação de cidades importantes de Minas Gerais, como Ouro Preto e São João Del`Rey, em decorrência dessas incursões aos Sertões de Taubaté. Nessa atividade, paulistas deliberadamente praticaram o apresamento de indígenas com vistas ao comércio escravocrata e à exportação às regiões nordestinas, bem como à manutenção do ciclo econômico de extrativismo de ouro, metais nobres e pedras preciosas que seriam descobertos no território brasileiro, “dos sertões além da Serra da Mantiqueira”. Assim, no início, evoluiu a carente economia local com bases na agricultura rudimentar e no reduzido comércio feito às tropas e aos viajantes.

> O ciclo da Mineração do Ouro nas Gerais foram uma conseqüência dessas incursões bandeiristas em que também tiveram participação importante, inúmeros bandeirantes taubateanos de nascimento ou radicados em Taubaté, dentre os quais, destacaram-se: Antônio Rodrigues Arzão, Bartholomeu Bueno da Siqueira, Thomé Portes D`El Rey e Antônio Dias, que descobrindo ouro onde mais tarde seria a Província das Minas Gerais, aí fundaram inúmeros povoados que deram origem às prósperas vilas de Mariana (1696), Ouro Preto (1699), São João D`El Rey e São José do Rio das Mortes ou São José D`El Rey – atual Tiradentes (ambas de 1702) e muitas outras de igual importância histórica, por constituírem no século XVIII os primeiros núcleos urbanos do interior, de projeção econômica, social e cultural do Brasil Colônia.(ANDRADE, 1991, p.31)

A figura do bandeirante (mestiço de índio e europeu) apresentou-se como capital importante ao emprego desse ciclo econômico, de mistura e difusão de saberes. Contudo, ele não alcançou honras de autoridade na comunidade Planaltina. E transformou-se num elemento fundamental às jornadas sertão adentro, pois “[...] falava a língua geral, se locomovia no território com familiaridade e adaptava-se com maior facilidade às vicissitudes do clima que o europeu nativo”. (GUTLICH E MELLO, 2015, p.782). Devido a sua formação geológica e geográfica, posicionada entre as Serras do Mar e da Mantiqueira, o Vale tornou-se um ambiente propício ao

sistema de adaptações das técnicas e do *modus operandi*, nas construções civis e religiosas, já que de certa maneira, a região paraibana paulista como a do Planalto da Vila de São Paulo de Piratininga, encontrou-se por muito tempo, “isolada” em relação às influências que vinham do litoral e da Metrópole.

> Ou porque o acidente geográfico, isolando serra acima, libertasse a comunidade paulista das outras coletividades da Colônia, ou porque a produção Piratininga não atingisse um volume suficiente para proporcionar um alto nível à população, o certo é que o ciclo bandeirista não pode ser caracterizado como o de economia colonial, uma vez que se fundou num tipo de sociedade capaz de criar seu próprio impulso de crescimento, sem a indução de outro sistema. (SAIA, 1978, p.121)

O trabalho de investigação da pesquisa revelou que a Capela de Taubaté, possivelmente, serviu-se desse sistema através de sua irmandade, pessoas influentes na vida social e no comércio da Vila, devotos a Nossa Senhora do Pilar, incorporou-se dos arquétipos presentes na arquitetura mineira colonial, nos padrões arquitetônicos e estéticos, na estilística e referências do estilo “barroco mineiro”, que deu-se por intercâmbios culturais e imprimiu ao monumento, valores de autenticidade e originalidade em sua concepção estética e arquitetônica. De fato, o artefato possui grande representatividade quanto às artes aplicadas, uma vez que seu interior é composto por rico material em talha, como exemplo seu Retábulo-mor, que constitui sem hesitação, um magnífico exemplar da talha de estilo Rococó da última fase, segundo a classificação de Lúcio Costa, no famoso texto de 1941, “A arquitetura jesuítica no Brasil”, referindo-se aos retábulos do “novo estilo moderno” da segunda metade do século XVIII, que não contemporâneos aos jesuítas, mais leve e gracioso, livre dos rebuscamentos e ornamentos dos modelos anteriores. (COSTA, 1941, p.55). A Capela Nossa Senhora do Pilar de Taubaté, representa o um valioso exemplar da arquitetura paulista colonial, de características mineiras, ainda existentes em São Paulo, pertencente ao que podemos classificar conforme alguns historiadores como o estilo do “Barroco Café com Leite”.

> “Artisticamente, a Capela do Pilar representa como um todo, o testemunho humilde mais significativo da arte barroca que o ouro das Gerais, em seu apogeu no decorrer do século XVIII, pode subsidiar em Taubaté; é um modesto exemplar do esplendor arquitetônico e artístico das construções religiosas e baianas da mesma época”. (ANDRADE, 1991, p.36).

Pesquisas recentes apontam o grupo do artífice João da Cruz (o entalhador e seus seguidores), como responsável pela execução do maior número de altares confeccionados no estado de São Paulo (23 retábulos em 12 igrejas). Bastante

atuante entre 1792-1879, porém existe apenas um registro no livro de receitas e despesas da Ordem terceira do Carmo, em Mogi das Cruzes, que autentica a autoria da obra a João da Cruz, em 1805. Verificou-se que as características de como a talha foi trabalhada aparecem em muitas obras, identificando “um estilo” ao grupo de João da Cruz, no Rococó. Tal modelo específico de talha do grupo encontrados na região, exemplos nos Retábulos-mor das igrejas: Catedral de São Francisco das Chagas de Taubaté – Igreja Matriz de Taubaté (1792); Capela Nossa Senhora do Pilar (os três retábulos – 1810); e; a Capela Nossa Senhora do Bom Conselho de Taubaté (1879), da Universidade de Taubaté. (ROSADA, 2016, p.310), entre outras.

Foto 1 – Retábulo-mor Catedral São Francisco de Chagas de Taubaté/SP, (foto antiga, com antigo trono que foi removido). Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP.

Foto 2 - Retábulo-mor Catedral Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP.

Foto 3 – Retábulo-mor Capela do Bom Conselho. Fonte: Acervos do MASDE, Taubaté/SP.

Na tese referenciada, indica-se o Retábulo-mor da Matriz de Taubaté, Catedral de São Francisco das Chagas, como o primeiro a ser executado na região, o que criou “um padrão”, “um modelo” que foi seguido na execução dos demais retábulos, como na Capela do Pilar e bem mais tarde na Capela do Bom Conselho. E também em outro tantos, que aparecem como os retábulos-mor do: Santuário do Bom Jesus de Tremembé (1795); Igreja Conventual de Nossa Senhora do Carmo de Mogi das Cruzes (c.1800) e o de São Alberto; Basílica de Nossa Senhora do Carmo de São Paulo (os cinco retábulos laterais, c.1800); Capela de Nossa Senhora da Ajuda de Guararema (1805); Igreja da Ordem Terceira do Carmo de Mogi das Cruzes (1805); Santuário do Senhor Bom Jesus dos Matosinhos (ou Igreja de São Benedito) em

Mogi das Cruzes (c.1810); Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte de São Paulo (os três retábulos, c.1821); Capela de Nossa Senhora da Piedade (Capela das Palmeiras) do bairro do Baruel, Suzano, 1897, que foi trazido da antiga matriz, demolida em 1950; Igreja Matriz de São Batista de Caçapava (1850), com algumas diferenciações segundo o autor, o que indicaria o padrão da região. (ROSADA, 2016, p.311). A tese refez o trajeto percorrido pela talha da capital em direção ao Vale do Paraíba, indicando as cidades por onde circulou o grupo de João da Cruz (desde São Paulo até Tremembé, cidade vizinha de Taubaté).

Contudo, no documento de escritura à construção da Capela, de 05 de junho de 1748, que se encontra nos arquivos do Museu Histórico “Félix Guisard” de Taubaté, atesta contrato firmado entre o Licenciado Thimoteo Correya de Tolledo e Francisco Velozo de Aguiar, oficial carpinteiro, cujo seria o responsável pela construção da Capela de Nossa Senhora do Pilar, bem como pela feitura de toda sua ornamentação interna e carpintaria.[3] Como vimos anteriormente, o retábulo-mor da Matriz de Taubaté, da Catedral de São Francisco das Chagas, foi o primeiro a ser executado, e posteriormente os demais foram sendo executados. Logo, a partir do primogênito, desse modelo identificado no Vale do Paraíba e região metropolitana de São Paulo, o “padrão” ou “à maneira se seguiu, pelos demais artesãos daquela região a partir do último quartel do século XVIII. Como veremos à frente, no item 7.5., análise do texto de Lúcio Costa: “A arquitetura jesuítica no Brasil”, a pesquisa retoma esse assunto, pois através de análises comparativas de imagens e da iconografia artística, é pressuposto desta pesquisa que o modelo dos Retábulos de Taubaté, foram utilizados como referenciais de ornamentação no ensaio feito pelo arquiteto, publicado no 5º volume, da Revista do SPHAN em 1941, no Rio de Janeiro, no qual ele demonstra o “espírito jesuítico”, categorizando-o através da classificação dos modelos de ornamentação da talha, as origens dos arquétipos ou dos programas da arquitetura jesuítica religiosa no Brasil.

Na década de 80, foi realizado um novo trabalho de restauração e conservação da Capela N. S. do Pilar de Taubaté, sob a tutela dos técnicos do SPHAN, destacando-se o trabalho do mestre Mario Bueno, no restauro dos altares e tribunas. Esse movimento deu-se em razão “da obra de implantação definitiva do Museu de Arte

[3] Ver item 10. ANEXOS I - Documento Museu Histórico “Félix Guisard Filho” –Contrato de construção Capela - original e tradução - p.179-195.

Sacra de Taubaté, USP previsto para o edifício há quase quarenta anos, quando se iniciou [a primeira feita pelo SPHAN] a sua restauração." [1945-1949].

2.3. O BANDEIRISMO E OS INTERCÂMBIOS CULTURAIS NA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Na atualidade, o bandeirismo é avaliado por certos historiadores, como a alternativa encontrada à época pela Vila de São Paulo de Piratininga (1554), pertencente à Capitania de São Vicente, à sua sobrevivência político-econômica. Junto à Capitania de Itanhaém era a mais pobre das Colônias e vista com menor potencial exploratório pela Metrópole. Sobrevivia basicamente da economia de subsistência, produção agrícola rudimentar e pequeno comércio, insignificante em relação ao Nordeste. As prósperas Capitanias de Pernambuco, além de próximas geograficamente à Metrópole, produziam em abundância o "ouro branco", o açúcar; e; a extração predatória da Mata Atlântica, do rico pau-brasil, na extensa faixa no litoral brasileiro, desde Natal (1599) até próximos a Vila de Nossa Senhora de Assunção do Cabo Frio (1615) com grande faturamento aos cofres de Portugal.

Em 1941, o termo "bandeira", foi atribuído por Oswaldo Silveira, como a atuação castelhana da linguagem em São Paulo do século XVII, com a publicação "A influência do Espanhol no linguajar paulista do Seiscentismo". Na língua espanhola as expressões "*abanderado*" (de bandeira), referiam-se ao oficial que conduzia a bandeira do regimento militar, ou aos senhores mantedores de tropas; "*abandeirar", e* o "*abandeiramento*", um alistamento militar para a guerra. "Bandeira eram termos retintamente espanhóis."(AMARAL,1981, p.6). Infere-se que, o vocábulo veio trazido pelos primeiros desbravadores ou "entradores castelhanos" do rio da Prata ao sul.

No período do bandeirismo, o próprio traçado geográfico da região do Vale do Paraíba paulista[4], desde o século XVI impôs vários desafios às primeiras expedições operadas à exploração aurífera e o aprisionamento de índios. Segundo Alfredo Ellis Junior, a caça ao índio ou "bandeirismo de apresamento" deu-se intensamente nos séculos XVII, de 1620 a 1640, e visavam unicamente objetivos econômicos, já que "(...) a exportação de escravos ameríndios teria sido a única fonte de renda da comunidade de Piratininga". (ELLIS JUNIOR, 1950, p.302). O relativo isolamento da

[4] A Região do Vale do Paraíba Paulista é composta por 39 munícipios sendo as principais: São José dos Campos, Taubaté, Guaratinguetá, Jacareí e Pindamonhangaba. É considerada a terceira maior região do Estado.

região de São Paulo, a pobreza de seu meio ambiente, o domínio espanhol no Atlântico que dificultava a importação e o tráfico negreiro atuaram em favor desse ciclo econômico até o restabelecimento da soberania portuguesa em 1640.

> “O bandeirismo de apresamento ou guerreiro, que não passou de um exercício, de uma indústria bélica. As empresas de apresamento, constituídas em São Paulo, buscavam, com a penetração de suas quadrilhas assalto, cativar ameríndios, de forma mais econômica possível, para, exportando para a única fonte de trabalho organizado existente no Brasil, fornecer mão-de-obra para o Nordeste açucareiro.” (Ibidem, p.301)

Após ascensão do Brasil em 1808 a Reino Unido por D. João VI, em 1817 deu-se a Missão Artística Francesa, na qual um dos principais artistas era o pintor francês Jean-Baptiste Debret. Desse modo , tal qual demais artistas que aportaram no país daquele tempo, Debret contribuiu ao desenvolvimento das Belas-Artes no Brasi, construindo uma narrativa própria através de suas pinturas e uma interpretação bastante rica da vida nos trópicos. Logo, pode-se pensar num “Brasil segundo Debret”, interpretado em suas telas. Atualmente, muitos historiadores consideram a interpretação do Brasil por Jean-Baptiste Debret como de suma importância à compreensão da história brasileira no século XIX. (FERNANDES, 2019).

Figura 1 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: Bandeirantes combatendo os índios botocudos", 1834. Fonte: Netmundi.org:filosofia na rede.

As análises das crônicas jesuíticas[5] expõem que no Brasil Colônia haviam outros modos de expedições feitos à outras finalidades, além do bandeirismo de apresamento: o bandeirismo de pesquisa mineralógica, composto por poucos homens, armados apenas à sua defesa, ou atividade sertanista de “entradismo”; o bandeirismo colonizador, expedições paulistas com fins de povoamento e pastoreio, mais ou menos populosas, realizadas na segunda metade do século XVII e na primeira do XVIII nas regiões desérticas; e; o bandeirismo minerador e sedentário, no entorno das minas auríferas, que fixou o nomadismo bandeirante. É importante também mencionar as monções, na bacia hidrográfica do rio Paraíba do sul, expedições compostas por mineradores- colonizadores que se moviam-se de região à outra, por vias fluviais, caravanas organizadas com homens, mulheres, crianças, idosos, frades e toda gente humilde no século XVIII.

Figura 2 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Família Guarani capturada por caçadores de escravos", 1830. Fonte: Netmundi.org: filosofia na rede.

Cada tipo de bandeirismo ou atividade exploratória do território, teve seu ciclo vigente de acordo com as demandas sociais e econômicas do período. O

[5] Análises feitas pelo historiador Alfredo Ellis Junior. As crônicas jesuíticas são compreendidas como narrativas que formam espaços de fundamentação às ações missionárias dos membros da Companhia de Jesus. Com vasta bibliografia, são documentos fundamentais à compreensão e entendimento da cultura da região, principalmente das habitadas por ameríndios, sua formação e os contatos que as missões estabeleceram em território brasileiro, particularmente à história de São Paulo e suas relações com a Hispano-América.

conhecimento científico produzido sobre o assunto tem obtido resultados mais precisos, devido ao rigor de pesquisadores dedicados ao estudo desses ambientes, do centro irradiador do bandeirismo à Vila de Piratininga, que são colhidos a partir “da análise das atas da Câmara da Vila, que nos dão um registro fiel do tipo de vida no planalto, bem como das possibilidades técnica construtivas, econômicas e políticas e de escassos e raros relatos de viajantes que passaram por São Paulo.” (AMARAL, 1981, p.4). Documentação primária fundamental à compreensão da historicidade, da cultura e dos modos de viver da sociedade local paulista da época.

No início o europeu-colonizador, caçador de índios, visava aqueles indivíduos como produtos de comercialização no ciclo econômico das bandeiras, com fins à exportação aos centros açucareiros do nordeste e Rio de Janeiro. Porém, é sabido que ameríndios também permaneceram nos colégios jesuítas e no planalto, como mão-de-obra, e que muitos artesãos paulistas eram indígenas no setecentos, mais ou menos qualificados. A imprecisão desses dados, pauta-se nas origens de sua formação profissional, muito à tutela dos membros da Companhia, do jesuíta-doutrinador, tal qual certos historiadores visavam sua proteção e conversão cristã.

Particularmente na região do Vale do Médio Paraíba paulista, processou-se fato que “o desenho das atividades coloniais do interior paulista se fez paralelamente à faixa litorânea pela necessidade de suprimentos e comunicação com a metrópole, sugerindo núcleos importantes ao longo do trajeto consolidado.” (GUTLICH E MELLO, 2015, p.781). O trajeto caracterizou-se pelo deslocamento de provisões, de domínio de territórios através das estratégias de demarcação planejada e assentamento de pessoas, consolidando-se vias de circulação e rotas que entrecruzavam as províncias de São Paulo, Rio de Janeiro/ Paraty e Minas Gerais, figurando um sistema caracterizado à miscigenação dos povos (espanhóis, portugueses e indígenas) e adaptação aos modos locais, quanto à cultura e técnica.

> ”Esse nomadismo os levou [os bandeirantes] a se mestiçar com diferentes raças, a conviver com culturas diversas, a dar soluções próprias para suas moradias e igrejas, e, claro a se ressentir dos golpes políticos impostos pela Coroa quanto ao desdobramento de seus territórios”. (TIRAPELI, p.14, 2003).

As ordens religiosas, compostas por Jesuítas, Carmelitas e Franciscanos, também foram peças fundamentais na administração e controle do território nos séculos XVII e XVIII. Com objetivos diversos dos bandeirantes, apropriaram-se de práticas e

costumes indígenas como instrumentos de controle religioso e moral, pela absorção de técnicas de construção em madeira, coberturas por folhagens, da atividade agrícola e de cerâmica. Logo, a experiência artística e arquitetônica regional foi marcada em razão do domínio técnico e espiritual por parte dessas corporações, na dinâmica sócio-política e econômica dos caminhos. Tais missões responsáveis pela catequização e civilização, fracionavam o território por zonas de influência com a fixação regular de núcleos povoados, por aldeias e vila em redes de comunicação.

O estudo das tipologias arquitetônicas regionais, sobretudo as religiosas constituem rico acervo da História da Arte e da Arquitetura Nacional. Estudiosos verificaram desdobramentos e adaptações de modelos lusitanos nos padrões europeus, como exemplo a Igreja de São Roque em Lisboa, em condições muito particulares aos contextos locais e socioculturais. Visto que, o isolamento da região do Vale do Paraíba em relação ao litoral, propiciou certa autonomia dos fazeres, liberto às influencias da metrópole, oportunizaram num primeiro momento, a necessidade do desenvolvimento de adaptações dos materiais e sistemas construtivos, e noutro capacidade e desenvolvimento criativo daquela gente no âmbito das artes e da arquitetura, civil e religiosa.

Segundo Luís Saia, a casa paulista é “legítima expressão artística mestiça”, todavia, não haveria de como não ser, uma vez que parte expressiva da população paulista do período constituía-se por mestiços, muitos nascidos do cruzamento do europeu com o indígena. (AMARAL, 1984, p.52). Valendo-se do fato, de que não há como separar as construções civis e religiosas à época, “pois ambas atendem às mesmas necessidades dos membros de uma mesma sociedade, cujos valores são, portanto, similares”, assim as análises devem considerar as duas condições, no caso urbano ou rural, pois a mão-de-obra que era executada na talha das igrejas e capelas quanto na arquitetura das residências oficiais e civis, muitas vezes eram as mesmas.

A Vila de São Francisco de Chagas de Taubaté[6], primeiro núcleo urbano da Capitania de Itanhaém, encontra-se na cartografia setecentista[7] entre os dois caminhos (das Minas e do Litoral), ligados pelas conexões hídricas formadas pelos

[6] O arraial de São Francisco das Chagas de Taubaté foi fundado por Jacques Félix em 1640, tornou-se Vila em 5 de dezembro de 1645. Fonte: Arquivo Histórico “Dr. Félix Guisard Filho”, de Taubaté.
[7] Ver mapa - Fragmento da carta corográfica da Capitania de São Paulo, 1766.

Rios Tietê, Paraíba do Sul e Paraíbuna. A rota de ouro[8] cruzava a vila de Taubaté, onde foi fundada em 1695 a segunda casa de fundição depois da Casa dos Quintos de São Paulo de 1580.

Figura 3 - Fragmento da carta corográfica da Capitania de São Paulo, 1766. Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo/ SP.

> "Ambas- tanto na arquitetura civil como a religiosa – são realizadas pelo mesmo homem, animadas pelo mesmo espírito, refletindo como um documento fiel a fusão de dois elementos, fosse ele português ou castelhano, em sua ibericidade, e o indígena, num mesmo ambiente. (Ibidem, p.12).

No Brasil-Colônia não havia distinção entre a vida civil e religiosa, as dinâmicas das vilas e povoados ocorriam nas ações sócio-culturais da sociedade. O poder social e econômico dava-se, sobretudo pela propriedade da terra, geralmente do espanhol ou português residente, tal qual pela propriedade de escravos. Aliado a isso, à penúria da região paulista, as atividades vigoravam em regime de trocas de

[8] O caminho que passava pela Vila de Taubaté ("posto avançado" em direção à estrada do Norte para além- Mantiqueira) faz parte da rota do Ouro, que se constitui por vias que davam acesso às Minas Gerais, na exploração do ouro e pedras preciosas à época do Brasil Colônia.

mercadorias, o escambo. As obras de arquitetura civil e construções religiosas, como: casas, edificações oficiais, igrejas e capelas, e o feitio da talha, de obras de arte, das imagens, retábulos, altares, adornos decorativos, etc, eram executados muito por ameríndios, mestiços, uma população de pouco conhecimento cultural. Daí, possível motivo da raridade na existência de contratos e maior documentação sobre construções e obras de arte da época, pois os vínculos de trabalho baseavam-se em acordos de submissão, de recompensa mínima, sem honorários pelos serviços executados, sendo pago o necessário à subsistência daquele indivíduo.

É fato que as únicas pessoas de certa cultura eram os religiosos, por isso as cartas jesuíticas são fonte importante de pesquisa, nos estudos de episódios sucedidos na região paulista colonial. O acesso a tais documentos tornou-se mais complicado após a morte do padre jesuíta Serafim Leite, em 1969, que interrompeu a publicação de “Monumentae Brasiliae” (que cobre apenas fatos do século XVI). “Carlos Lemos foi o primeiro a tentar retirar a bruma do passado o homem que viveu naquele tempo, interpretando sua obra arquitetônica através de sua vida, baseando-se na leitura de inventários e testamentos.” (AMARAL, 1981, p.7). Em “Arquitetura Brasileira”, de 1979, explanou o caso do Barroco Mineiro, interpretado quiçá à luz do texto de Lúcio Costa, “Arquitetura Jesuítica no Brasil”, de 1941, que remete a pressupostos sobre o pensamento patrimonial brasileiro, os quais serão explanados a frente no item 3. Discussão Geral.

2.4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ARTEFATO – A CAPELA N. S. DO PILAR

> “Taubaté tornou-se centro de área rural abastecedora das zonas de mineração e das tropas que pelo vale transitavam ou demandavam o litoral de Ubatuba. Tinha vida agrícola ativa, embora difícil, devido a carência de mão-de-obra masculina, atraídas pelas regiões auríferas.”(ABREU,1985, p.32).

A vigência do ciclo político e econômico bandeirista e seus desdobramentos, acarretaram um esvaziamento populacional da região da Vila de São Paulo de Piratininga, impulsionando-se grande fluxo contingencial em direção às regiões auríferas, e, por conseguinte, como visto, pela Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, último ponto de parada e abastecimento dos que buscavam “os sertões das Gerais”. A região do Vale do Paraíba e litoral, desde São Sebastião até Cabo Frio, pertenciam a Condessa de Vimieiro, Dona Maria de Souza Guerra, e foram transferidas à Capitania de Itanhaém após litígio de terras com o Conde de

Monsanto. De certo, no receio da perda de suas terras no interior da região paulista de sua Capitania, o Vale do Paraíba, a Condessa ordenou o povoamento das terras através da distribuição, registro e posse de sesmarias.[9] (PAZIN, 1977, p.24)

> Inicialmente, desenvolveu-se por ser o primeiro povoado do Vale do Paraíba paulista, e desde a época colonial, passagem obrigatória entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, nos períodos de desbravamento, e nos ciclos de caça ao índio e mineração. (ABREU, 1985, p.29).

Figura 4 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Taubaté". Vista da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, 1827. Fonte: DEBRET, 2008, p.69.

> Fica [Taubaté], situada em terreno plano e tem a forma de um paralelogramo alongado. Consta de cinco ruas longitudinais, todas largas, mas muito limpas e cortadas por várias outras. As casas próximas umas das outras são pequenas, baixas, cobertas de telhas e só tem o rés-do-chão. Apresenta-se a maioria a fachada caiada e tem um quintalzinho plantados de bananeiras e cafeeiros". (DEBRET, 2008, p. 69).

A Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, é retratada por Jean Baptiste Debret em "*Voyage Pittoresque et Historique au Brésil",*entre 1834 e 1839, na qual em seu itinerário pelo país, "ele [o artista] conheceu e fixou muito bem a vida urbana. Os tipos, as cenas de rua. Nisto, foi admirável. Já sua reprodução da arquitetura é por vezes infiel, fantasiosa."(VILLAÇA in DEBRET, 2008, p.15). Percebe-se que tal observação sobre a obra de Debret, ocorrida na Missão Artística Francesa de 1816, deve levar em consideração fato que muitas pinturas se fizeram posteriormente, a partir de esboços ou croquis rápidos de observação. Talvez por essa razão não apareça a Capela do Pilar na pintura "Taubaté, somente a igreja da Matriz .

[9] Sesmarias eram lotes de terras distribuídos a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar as terras virgens. O termo deriva de *sesmo*, que poderia significar 1/6 do valor estipulado pelo terreno; ou *sesmar*, cujo significado era avaliar, estimular, calcular; ou a divisão de um território em seis partes, trabalhados seis dias por semana, por seis sesmeiros. O objetivo de entrega de sesmarias era lavrar terrenos incultos. No caso da colonização portuguesa, além de se criar as condições para o cultivo das novas terras conquistadas, buscavam ainda povoar o novo território.

Figura 5 - Tomaz Ender: Vista do Convento dos Franciscanos (atual Convento de Santa Clara), 1817. Aquarela da expedição científica de Martius- Spix. Fonte: MISTAU/ Taubaté.

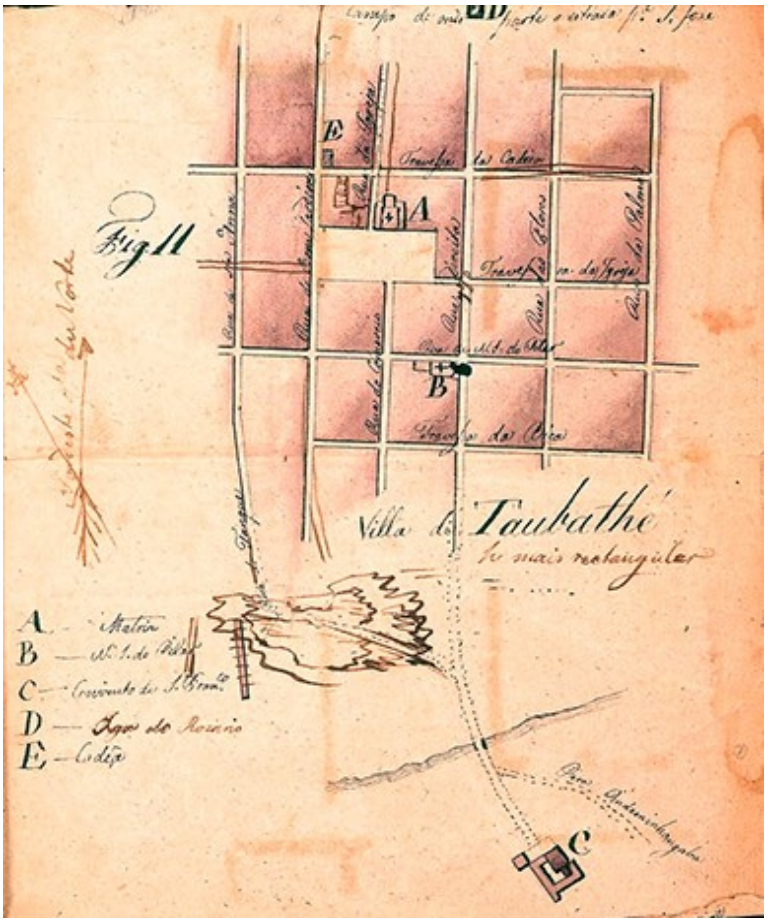


Figura 6 - Arnaud Julien Pallière: pintura em levantamentos cartográficos das vilas de Pindamonhangaba e Taubaté, 1821. 17x11cm. Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros, USP.

No levantamento do espaço geográfico e relações dos caminhos e edificações no território e limites de Taubaté do século XIX, feito pelo pintor francês Julien Pallière em 1821, cujo original encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo – USP percebe-se o traçado regular, ortogonal das ruas e os limites entre o urbano e o rural, de caminhos dos que transitavam à época na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté. Identificada pelo ponto B na legenda, a Capela do Pilar, já encontrava-se no eixo principal da rota das tropas e viajantes, muito próxima a Matriz e a praça (ponto A). As principais saídas no sentido da Vila de São Paulo de Piratininga e Vila de São José (dos Campos) eram pelo Largo do Rosário (ponto D); e no sentido das Gerais, à Vila de Pindamonhangaba e Rio de Janeiro defronte ao Convento dos Franciscanos, 1673 (ponto C).

Figura 7 - Jean-Baptiste Debret. título da obra: "Tropeiros pobres de São Paulo", 1823. Fonte: DEBRET, 2008, p.50.

Segundo Luís Saia, em “Morada paulista”, Quadro Geral dos Monumentos Paulistas, a respeito dos monumentos e “restos” de moradas seiscentistas que foram identificadas pelo DPHAN (SPHAN/ IPHAN), que estavam afastadas das vias de comunicação, “de pontos que os séculos seguintes haviam preferido como focos de sediação humana”, pondera-se que o mesmo não acontecera com demais outros “pontos escolhidos para a instalação das precárias unidades urbanas. Estes

denunciam uma estratégia peculiar em relação ao quadro geológico, como São Paulo e Taubaté, centros virtuais de compartimentos geológicos bem definidos, [...]" (SAIA, 1978, p.41). Percebe-se que isso ocorrerá, pois desde a primeira metade do século XVII, a Vila de São Francisco de Chagas já começava a compor-se como meio urbano, dentre os caminhos percorridos pelos desbravadores de terras que se aventuravam em busca de riquezas e indígenas, pelos ocultos sertões além Serra.

Na narrativa sobre o desenvolvimento das atividades regionais paulistas, de 1765-1834, afirmou que umas construções e instalações da época, não representaram um partido coletivo, ou "a repercussão de soluções abstratas impostas ao sabor das circunstâncias, como é o caso de algumas residências urbanas e das construções religiosas, [...]" referindo-se a exemplares como a Capela do Pilar de Taubaté (1748) e a Capela de São Miguel Paulista (1622), que não absorveram as marcas da submissão e "insubstância" oriundas da miséria da Vila de São Paulo de Piratininga. Inferindo o trecho do texto de Saia, pressupõem-se que o arquiteto revela a importância de tais monumentos, como integrantes da História da Arte e Arquitetura Colonial, da memória paulista, que com modéstia, sem obter "o explendor, plástico tão característico do século XVIII, e tão exuberante em Minas Gerais, na Bahia, no Rio de Janeiro e Pernambuco", tem seu valor histórico e estético. (SAIA, 1995, p.45).

Foto 4 – Fachada frontal Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Arquivos IPHAN/SP.

Foto 5 – Fachada lateral Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: Arquivos IPHAN/SP.

A Capela do Pilar de Taubaté é antes de tudo uma construção setecentista (início da construção data de 1725-1748) ainda remanescente no meio urbano do município que se insere atualmente no contexto metropolitano de São Paulo. O artefato localizado onde um dia passaram as tropas ou bandeiras, deve ser compreendido como sugerido por Mário de Andrade, no início de formação do SPHAN, no contexto

de suas pesquisas aos arredores da Vila de São Paulo de Piratininga, “na busca incessante pelos marcos e monumentos deixados nos caminhos dos bandeirantes [...] que se deslocaram por grande parte do território nacional defendendo interesses fronteiriços do Reino [...]”. (TIRAPELI, p. 14, 2003), Uma relíquia artística e arquitetônica dos caminhos das Minas e dos ameríndios, que se estavam ao longo dos Rios Tietê ao Rio Paraíba do Sul. No presente, resiste em seu aspecto arquitetônico e plástico identificado do período colonial paulista, pertencente a tipologia de influência do barroco mineiro, que motiva a indagar o por que de tais particularidades, aproximando-nos do artefato e pressupostos que devem ser refutados, já vez que trata-se a respeito de um Monumento Histórico e Artístico Tombado Nacional, importante à História Regional e de formação do Brasil.

Figura 8 - Desenho Tom Maia, Capela N. S. do Pilar de Taubaté/ SP. Fonte: MAIA, p.36, 1977.

Na década de 1940, jornais e notícias relataram grande mobilização da sociedade civil organizada junto a Diocese, proprietária atual do edifício, e ao SPHAN em apelo ao tombamento emergencial do artefato que achava-se em situação de grande fragilidade e degradação material. “Em 1941, por iniciativa do Dr. José Ortiz Monteiro Patto e do Prof. Gentil Eugênio de Camargo Leite, organizou-se em Taubaté um movimento em favor do tombamento histórico da Capela do Pilar.” (ANDRADE, 1991, p.99). Assim, o tombo ocorreu em 1944, sendo dos primeiros monumentos tombados juntamente com seu acervo no estado de São Paulo pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN). Processo de Tombamento - nº343-T-44 – livro de Belas Artes - 26/10/1944. O tombamento pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico do Estado) órgão oficial do estado, ocorreu na década de 1980. nº do processo: 00371/73; Resolução de Tombamento: Ex-Officio em 12/03/1982; Livro do Tombo Histórico: inscrição nº161, p.36, 12/03/1982. No acervo histórico e fotográfico do IPHAN/ SP, encontram-se documentos de trabalho, iconográficos, oficiais de órgãos públicos que exibem o processo administrativo do tombamento, manutenção, preservação e conservação relativas à Capela. Após seu tombamento oficial, passou por rigoroso processo de restauração coordenado por Luís Saia, de 1945 a 1949.

De 1984 até 2010, foi sede do Museu de Artes Sacra Dom Epaminondas (MASDE), expunha obras de arte sacra regionais com o objetivo sociocultural de preservar a memória, qualificando-se como patrimônio da cidade. Conforme Tirapeli, abrigava a mais importante coleção de arte sacra do Vale do Paraíba. (TIRAPELI, p.270, 2003). Hoje, a Capela se encontra fechada devido às más condições de suas instalações, a falta de recursos financeiros e planejamento aliado ao crescimento desordenado do espaço urbano. Sofre também a ação do tempo e intempéries em sua estrutura. Desconexa à paisagem a Capela torna-se invisível aos cidadãos, perdendo-se seus referenciais e significados; testemunho histórico; memória, estética e representatividade sociocultural. Logo, o MASDE e as peças de seu acervo, “que assinalam a vida religiosa do município, desde os seus primeiros tempos de existência até a atualidade”, foi transferido para outra edificação localizada à Praça Santa Terezinha, em um antigo prédio que abrigava um pensionato de freiras.

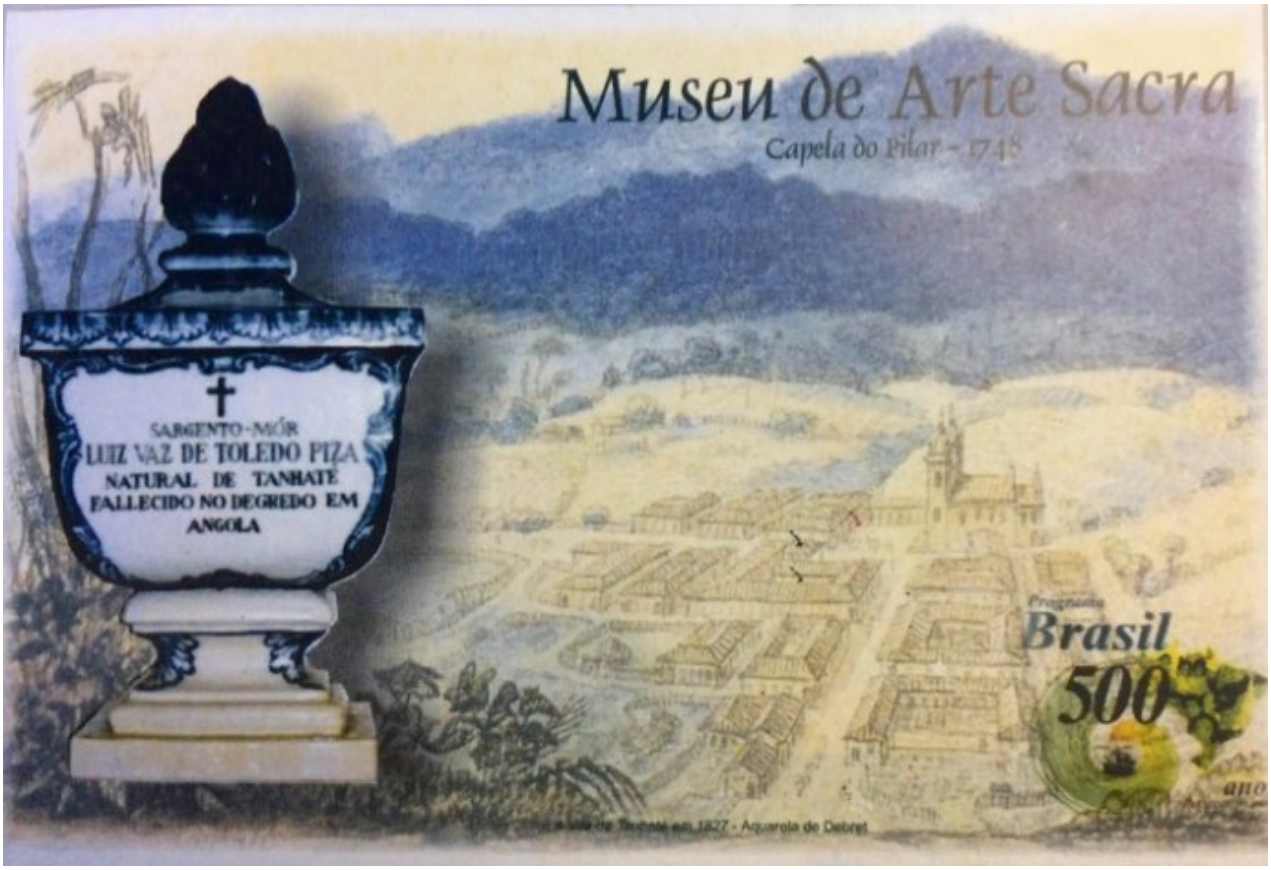


Figura 9 - Postal comemorativo do MASDE (frente), 2000. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho".

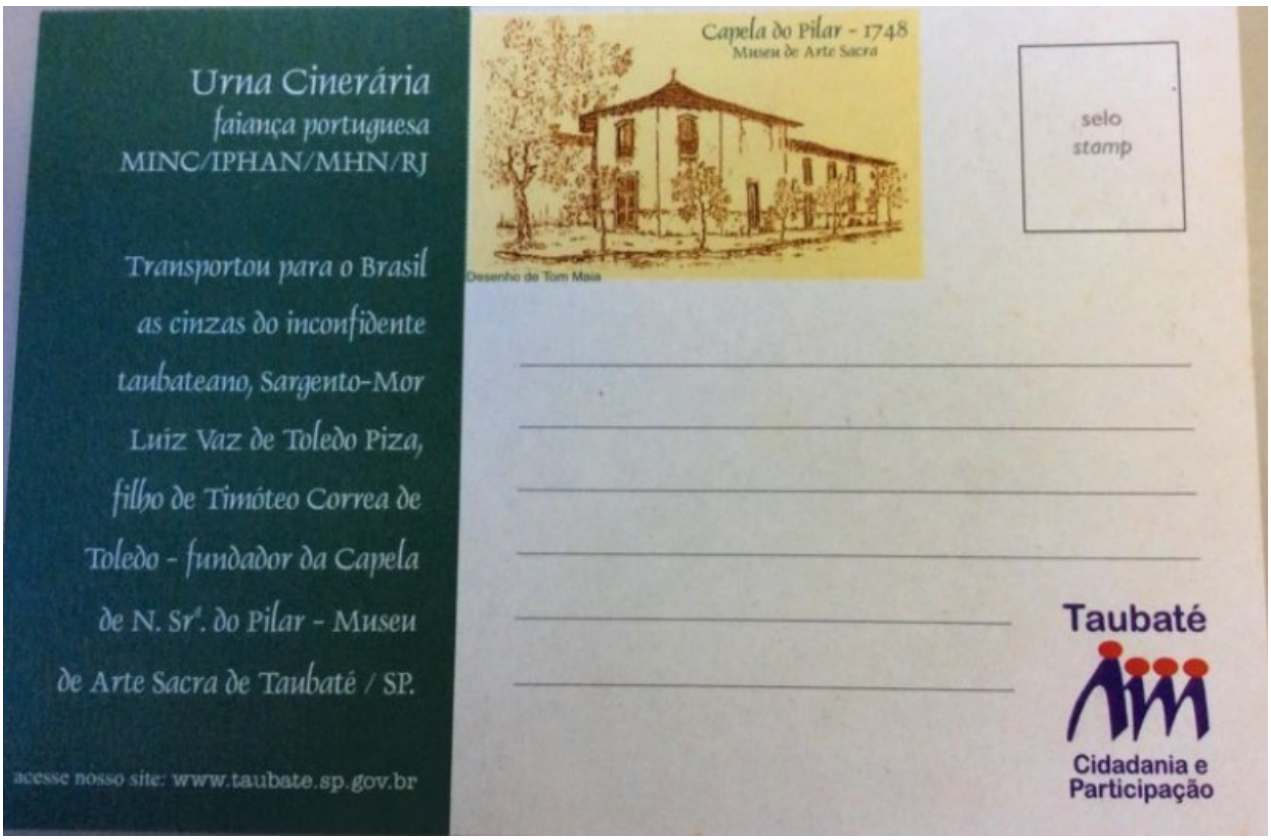


Figura 10 - Postal comemorativo do MASDE (verso), 2000. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho".

Figura 11 - Postal comemorativo do MASDE: imagem de N. S. do Pilar; Capela-mor; e; Fachada frontal. Fonte: Museu Histórico "Dr. Félix Guisard Filho".

O grande número de imagens e esculturas, muitas esculpidas em madeira policromada, algumas em tamanho natural, faziam parte do repertório da sociedade colonial e da vida religiosa da cidade até pelo menos o terceiro quarto do século XX. Muitas foram expostas no Museu de Artes Sacra da Capela do Pilar (MASDE), revelando a existência de muitos artistas e artífices naquela época, apresentando as obras características bastante requintadas, e certa erudição no traço e na técnica o que pressupõe influência de franciscanos.

> “No que se refere particularmente as imagens que pertenceram à antiga igreja matriz e a outros templos locais, é razoável o número das que chegaram até nós, geralmente esculpidas em madeira ou modeladas em argila, são todas elas altamente significativas, revelando outrossim e mui eloqüentemente, grandes predicados artísticos de habilidosos mestres santeiros que viveram por aqui, durante o transcorrer daquele longo período, quer se refere às de cunho mais artístico, que aquelas mais finamente elaboradas. Ao que indica, os seus anônimos autores teriam sido, no tempo, pessoas modestamente situadas dentro da escala social da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté. “(TIRAPELI, p.272, 2013).

O acervo do Museu era feito por imagens vindas de seis igrejas da próspera região da Vila de São Francisco da Chagas de Taubaté: Capela do Pilar (1725-1748); Igreja da Piedade; Igreja do Rosário, Igreja do Bom Jesus de Tremembé; Igreja do

Convento de Santa Clara (1673); e; a Matriz São Francisco das Chagas. “Imagens provenientes do Reino, como o conjunto dos Passos, atestam a relevância da cidade ao adquirir obras tão elaboradas [...],“ tais obras eram parte do contexto religioso da Vila, em especial nas festas e procissões, na sexta-feira Santa ou Natal. “Os cânones da imaginária barroca se aplicam naquelas esculturas retabulares do “Senhor da cana verde” ou “Senhor coroado de espinhos”, cuja veneração tem origens nas procissões espanholas do século XVIII.” (TIRAPELI, p.275, 2003).

Foto 6 - Interior do Museu de Arte Sacra da Capela N. S. do Pilar, 2005. Fonte: Rogério Pereira.

O Museu de Taubaté, MASDE, possuía uma coleção de imagens esculpidas em madeira com policromia, que compunham a série “Passos de Cristo”, datadas do século XVIII e procedentes da Catedral de São Francisco de Chagas. Imagens barrocas, como os passos de Cristo em tamanho natural eram peças importantes do acervo, bem como do contexto sócio- cultural da cidade nas festividades religiosas.

> “A escultura associa-se à arquitetura para fazer das igrejas verdadeiros teatros sacros que se abrem ao exterior nas procissões faustosas. Predomina sobretudo a escultura em madeira, com estátuas policromadas e ornadas, que visam dar aos fiéis uma ilusão da vida. (GÁLLEGO in UNESCO, p.16, 1987).”

Há muitas igrejas espanholas que possuem esculturas barrocas policromadas que ilustram a Paixão de Cristo, as quais são carregadas em procissão pelas ruas durante a Semana Santa. Muito provável isso ocorria também na Vila de São de

Taubaté, porém não pode-se afirmar, uma vez que a pesquisa não contemplou essa investigação nos objetivos. O que de fato isso demonstra, é o empenho da igreja em dogmatização de fiéis através da teatralização, bem como, pelo apelo do sofrimento de Cristo e dos mártires, na medida em que rememora os passos de Jesus ao calvário, caracterizado pelo “sóbrio, naturalista e patético”, tal qual à aproximação da influência hispânica presentes na composição cultural e artística da Capela do Pilar de Taubaté, tanto nas artes quanto na arquitetura, como veremos no item 6.5.

A idéia de criação do museu já era alimentada desde a década de 1930, quando o bispo D. André Arcoverde escreve a Rodrigo Melo Franco de Andrade, de projeto que a Prefeitura de Taubaté estudava sobre “vasto plano de remodelação da cidade”, declarando propósito de uso da Capela do Pilar, segundo ele, “onde se reuniram e de onde partiram os bandeirantes paulistas, em demanda aos sertões”. Estudiosos dizem que o fato não seria real, devido a presença da Matriz na vila que ficaria próxima a Capela e já recebia essas bandeiras. Fato é que, a Capela também encontrava-se no antigo eixo de rotas que ligava os caminhos dos sertões de Minas bem como à Vila de São Paulo e poderia igualmente “abençoar” tais missões.

Em 1983 foi assinado um “Protocolo de Intenções” entre a Mitra Diocesana, a Prefeitura Municipal de Taubaté e o SPHAN/ Pró-Memória, um Conselho que ficaria responsável pelo compromisso de implantação do Museu e “se encarregará de promover o inventário, coleta, estudo, organização e exposição de toda a produção de arte sacra existente na Diocese de Taubaté”. A Exposição “Capelas e Irmandades” foi organizada pela equipe da regional composta por: Jaelson Bitran Trindade (projeto museológico e textos; e; pesquisa, coleta, identificação, legendas e montagem final); Alexandre Luis Rocha (projeto museográfico); Carlos Gutierrez F. Cerqueira (pesquisa, coleta, identificação, legendas e montagem final); Carlos Régis Leme Gonçalves e Augusto Froehlich (prepação das peças; limpeza e fixação);e; Clóvis Loureiro Jr. (fotografia). O Museu de Arte Sacra da Diocese de Taubaté (MASDE), “foi efetivamente inaugurado em 23 dezembro de 1985, constando das festividades em comemoração ao 340º aniversário da elevação de Taubaté a condição de Vila, fato ocorrido a 5 de dezembro de 1645.” (ANDRADE, 1991, p.105).

Foto 7 - fachada frontal Capela N. S. do Pilar – Estado Atual. Fonte: autora, 18.05.2019.

Foto 8 – Vista da Rua Visconde do Rio Branco - Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 9 – Vista da Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 10 – Fachada lateral Capela N. S. do Pilar e Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 11 – Fachada lateral posterior Capela N. S. do Pilar – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 12 – Vista da Rua Bispo Rodovalho – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

2.5. A INFLUÊNCIA HISPÂNICA NA VILA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE TAUBATÉ

> “Deixando claro o menosprezo tradicional pela contribuição espanhola, Nilo Garcia afirma que “O homem das bandeiras é fruto original da união dos três elementos apontados (portugueses, índios e espanhóis), sendo a região e as condições locais o habitat em que se forjou o bandeirismo, tornando realidade a singularidade do homem e da empresa”. Mencionando ainda o quase abandono a que foi relegada a contribuição do espanhol, este historiador esclarece que, “Excetuados alguns respingos, neste ou naquele autor, parece que apenas dois fixaram com clareza o influxo da gente de Castella: Gilberto Freyre e Cassiano Ricardo.” (AMARAL, 1981, p.5).

Partindo-se da compreensão, de que existiu uma aproximação entre as coroas portuguesa e espanhola nos interesses comerciais, e conseqüentemente, sócio-culturais, observam-se pontos de contato dessas culturas pela gente da Vila de São Paulo de Piratininga. Fato que, a historiografia tradicionalista não permeou muito. “Aliás, querer mencionar ou frisar a importância dos costumes espanhóis em São Paulo e sua permanência através do tempo, objetiva apenas desenvolver uma perspectiva que o último século de colonização portuguesa buscou superar.” (AMARAL, 1981, p.15). E o que se pretende abordar são quais foram esses pontos específicos que estiveram presentes no contexto da historiografia do artefato.

Na primeira metade do século XVI, segundo os historiadores Taunay e Alcântara Machado, as casas na região paulista eram em sua maioria construções de palha, um tanto frágeis, sendo poucas construídas com a técnica da taipa, mais perene à época, pois os índios no seu modo de vida, estavam habituados as constantes mudanças de localidade. Contudo, se até o terceiro quarto deste mesmo século, as construções eram instáveis e precárias, isso foi alterando-se com o surgimento de mão-de-obra mais qualificada, e “aos poucos tornam-se um bem sólido e transmissível”. Historiadores pressupõem que isso possa ter ocorrido por dois fatores preponderantes: a chegada de espanhóis vindos do Sul, principalmente do Paraguai e regiões auríferas, como pela presença dos índios em processo de “aculturação” pela ação jesuítica. Revelando-se porque decerto os paulistas atacaram tantos núcleos povoados por ameríndios, os quais já possuíam certa organização de vida comunitária com a divisão de tarefas em prol da coletividade.

No ciclo econômico do bandeirismo de apresamento, muitos indígenas foram enviados ao Nordeste ao trabalho nos canaviais, porém alguns permaneceram sob a tutela de senhores castelhanos ou “homens de bem”. E dessa mão-de-obra muito

sob a orientação do homem branco, surgiram muitas obras de artes aplicadas, construções civis e religiosas. Considera-se que, tal mão-de-obra poderia ter sido indígena apresada ou trazida, de Guairá ou Vila Rica, na passagem do século, devido também aos muitos casamentos havidos entre gente de São Paulo e do Paraguai, o que apontaria uma intensificação do intercâmbio por terra firme, ou por meio dos que vieram com D. Francisco de Souza. (AMARAL, 1981, p.16).

A partir da investigação feita pela historiadora Aracy Abreu Amaral, com os registros, observação e análises comparativas entre casas rurais da América Espanhola (principalmente na Colômbia, Venezuela e Equador) e casas rurais paulistas dos primeiros séculos (XVI, XVII e XVIII), verificou-se correspondências arquitetônicas e conformidades estéticas entre ambas. Casas com corredores com pilares, são presentes tanto na zona rural como em povoados da região de Santa Fé e Corrientes (Argentina), zonas de influências das missões jesuíticas. O que indicaria a grande influência que a Companhia exerceu sobre o desenvolvimento da técnica e estética construtiva da época. Tal padrão construtivo se expandiu por vários pontos da América do Sul, “(...) como a igreja de Algarrobo, no Chile, a casa de Balconada em Buenos Aires (hoje destruída), as construções de Santa Cruz de La Sierra, no Chaco boliviano, e ainda certas casas rurais venezuelanas”. (AMARAL, 1981, p.25). A difusão e o desenvolvimento do uso de técnicas construtivas podem ser explicados pelo intenso fluxo e circulação de mercadorias e tropas, considerando-se importantíssimo o papel das Missões Jesuítas no eixo Sul - São Paulo do país.

Um aspecto do “estilo jesuítico” ou adaptação do modo jesuítico na organização dos espaços era “disciplina da planta”, fato atribuído ao nível intelectual superior dos membros da Companhia em relação àquela gente. A simetria rigorosa de algumas “casas paulistas” confirma a “vontade da forma” e “do partido”. Detalhes decorativos e construtivos presentes em casas espanholas símeis às paulistas são os beirais, que aparecem na casa do Padre Inácio em Cotia. Em geral, tais semelhanças entre a “casa rural paulista” e as casas na América – hispânicas seriam, sobretudo, nas fachadas (alternância dos cheios e vazios); corredores com pilares de madeiras ladeados por panos de parede; planta geométrica (quadradas ou retângulares) com janelas de cada lado; no Equador, Colômbia e Venezula. Porém, é preciso considerar-se não só os elementos em separado como toda a composição estilística.

> "Mas será apenas através de certos detalhes decorativos (pilares, beirais entalhados, umbrais de porta e janelas mais ou menos decorados) registrados amplamente por Júlio Katinsky em seu trabalho, que a casa paulista se aproxima daquela espanhola ou hispano-americana? Não cremos. E neste ponto nos socorre a afirmação de Damian Bayon, quando diz que "não é tanto o detalhe que conta mas, antes, e sobretudo, a maneira de combinar os detalhes o que dá o tom de um monumento. Em resumo: não tanto as palavras de per si separadas mas a sintaxe geral do discurso arquitetônico." (AMARAL, 1981, p.28).

Os detalhes mencionados na arquitetura hispânica, como: pilares talhados em madeira formando o arco do cruzeiro, cachorros de beirais, na simetria das fachadas, entre cheios e vazios, etc, e igualmente estão presentes nos aspectos artísticos e estéticos do monumento. Percebe-se que, como veremos a frente, seu fundador possuía descendência hispânica, tanto que sua devoção a Nossa Senhora do Pilar deu-se por conta de seus antepassados e raízes espanholas. Considerou-se que, tanto a mão-de-obra trabalhadora das residências eram por vezes as mesmas utilizadas nas construções religiosas, ainda mais nas tratativas dadas sem o apoio político e financeiro da igreja, conduzido pelas irmandades e confrarias que dependiam de seus próprios recursos e principalmente das doações benevolentes de seus crédulos fiéis.

O uso da taipa também ocorreu nas casas rurais hispano-americanas, pois a técnica era comum na Hispano – América, assim como em terras paulistas " (...) como já ocorrera com Afonso Brás na década da fundação da Vila do Colégio.[10] A telha de canal[11] já existia aqui antes de sua difusão nas colônias platinas." (AMARAL, 1981, p.53). No Equador a permanência da técnica construtiva deu-se por muito tempo, sobretudo nos muros de propriedades rurais agrícolas, até a instituição da lei na década de 80 que proibiu a taipa declarando a técnica ultrapassada, não apropriada ao modelo de desenvolvimento do país, apontando "sinal de atraso". A origem da tradição espanhola, tanto nas casas da América espanhola como nas casas paulistas pode ter se dado pela importação de um modelo europeu trazido diretamente da Espanha adaptado às técnicas, costumes e culturas locais; como também, à intensa miscigenação sócio-cultural por que passou a região na época.

---

[10] Afonso Brás foi um jesuíta português, considerado um dos fundadores de São Paulo. Chegou ao Brasil em 1550. Em 1553, foi responsável pela construção no planalto da capitania de São Vicente que viria ser o Pátio do Colégio.

[11] Os telhados são uma marca da arquitetura colonial, e as telhas de cerâmicas, de capa e canal, ou capa e bica, também chamadas "telhas canal" ou "colonial". Inicialmente moldadas artesanalmente pelos escravos, eram muito irregulares, o que casou ceticismo popular de que eram *"feitas nas coxas".* Daí a expressão pejorativa, que transcendeu o discurso técnico, e ainda hoje é utilizada.

> Conforme declara o Arq. Carlos Lemos, de São Paulo, estudioso do assunto, o partido deste tipo de casa é sem dúvida erudito e universal, exportado desde a Itália para a Península Ibérica, e realizado através de uma grande variedade de técnicas construtivas. O que desejamos reafirmar é que a casa rural com esse partido, tal como ocorre em São Paulo dos séculos XVII, XVIII e às vezes até inícios do século XIX, não nos chega via Portugal, mas via Espanha e/ou América Espanhola, pelas circunstâncias do tempo (presença castelhana na capitania de São Vicente, onde se localizava São Paulo). Isso é bem visível, embora adaptações ao meio e necessidades diferentes ocorressem. Exemplo disso é que em geral na América Espanhola essas casas rurais se construíam em adobe, ao passo que em São Paulo invariavelmente em taipa. Permanecem em todos os exemplares vistos, contudo, constantes de origem espanhola, como os detalhes decorativos comuns a esse tipo de casa: pilares lavrados em madeira, cachorros de beirais entalhados e freqüentemente balaústres de janelas em madeira. (AMARAL, 1981, p.31).

No decorrer do tempo, edificações que faziam parte de complexos rurais e urbanos foram desaparecendo, e muitos restauros ou “reformas”, e, intervenções realizadas nos primordios das atividades brasileiras em relação a preservação do patrimônio, desconsideraram o ambiente íntegro, o entorno, muito em função de paradigmas estabelecidos no início do século XX, fundamentados nas Cartas de Atenas de 1931 e 1933, cujo processos de restaurações produziram análises críticas a partir da ideologia do monumento isolado em função da harmonização plástica e esteticismo.

Voltando à análise do artefato, a Capela do Pilar de Taubaté, sendo um monumento “descoberto” pelos técnicos do SPHAN, e reconhecido como pertencente ao “quadro de monumentos artísticos e históricos”, que se valeriam como representantes da arquitetura e das artes praticadas primeiros nos séculos, representantes oficiais da “verdadeira arte e arquitetura brasileira”, autêntica e original, igualmente experimentaram os critérios adotados nos processos de restauro realizados nas décadas de 40, na primeira “fase de experimentação” na regional paulista, definida pela marca modernista e por princípios do monumento como um fato apartado. Através de observação e do contato com a sociedade do município, que a Capela de Nossa Senhora do Pilar de Taubaté, hoje é praticamente “imperceptível” aos olhos dos pedestres, transeuntes e cidadãos da cidade, perdeu-se aquele sentimento de pertença e vínculos afetivos. O artefato está excluído da paisagem da cidade, desta maneira, inferiu-se que a Capela “sofreu” com tais ideologias, que geram um estado isolamento no qual o monumento encontra-se na atualidade.

Foto 13 - Fachada frontal Capela N. S. do Pilar – Estado Atual. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg.

Foto 14 – Acesso escada lateral – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 15 - Corredor lateral – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Concluindo essa questão, a casa paulista e “sua parenta a equatoriana” apresentaram uma arquitetura popular, caracterizada de poucas inovações, geralmente semelhante umas a outras, sobretudo das que estavam ao seu redor, em especial no contexto urbano. O que pode ser visto na simplicidade e singeleza dessas edificações e a vontade de compreendê-las, encontrou as dificuldades de reconstruir-se um ambiente de outrora, em meio à rusticidade e pobreza da região paulista, onde trabalho e a moradia provavelmente conviviam nos mesmos espaços. Tal dificuldade no âmbito sócio-econômico da Vila de São Paulo de Piratininga pode explicar a possível gradual especialização dos espaços, considerando-se a hipótese de que “as casas que até agora denominamos erroneamente de “bandeiristas”, ou “paulistas seiscentistas” não fossem somente residenciais.” (AMARAL, 1981, p.47). Possivelmente isso ocorrera, dado que a região era bastante humilde comparada às Capitanias nordestinas e às áreas mineradoras.

Sabe-se que na atualidade, muitos monumentos que restaram do século XVII e do XVIII, são meros fragmentos que desafiam pesquisadores, exigindo esforços e extrema rigorosidade científica para desvendá-los, já que, há uma lacuna nos registros da época. Pressupõe-se que a escassez de documentação em especial na relação de contratos das edificações, deve-se ao fato do baixo nível intelectual da gente paulista sendo muitos analfabetos, sem o mínimo de conhecimento cultural. A produção de registros limitou-se às atas de câmara, testamentos, inventários, cartas vindas da metrópole e outros documentos oficiais. Isso se confirma e pode ser convalidado pelo esquecimento do importante papel da “gente castelhana” na formação e desenvolvimento da Vila de Piratininga, no povoamento e sobretudo nas manifestações sócio-culturais que estabeleceram-se e marcaram a região paulista.

> A fim de colher dados para a observação dos monumentos artísticos que nos foram legados pelo passado, os autores que até hoje abordaram a arquitetura e a escultura (incluídas nesta a talha e a imaginária) basearam-se sobretudo nos relatos de viagens e crônicas do tempo, raras embora, tendo sido excepcionais os historiadores de arte que foram buscar nos documentos de época (inventários e testamentos e atas de câmara) elementos que lhes possibilitassem uma análise mais precisa a partir dos homens que edificaram esses monumentos e que, portanto, nos deixaram esse patrimônio. (AMARAL, p.3, 1981).

No caso da Capela do Pilar, a Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté pertencia a Capitania de Itanhaém, com maioria da população do município composta por famílias sem posses, ligadas à agricultura rudimentar de subsistência e ao comércio local população voltada à agricultura Em 1798, com 8121 habitantes,

a “Parochia de Taubathe e seu Distrito” era composta por: (884 pessoas); pelo ofício de mecânicos (sapateiro, costureira, carpinteiro, etc. - 231 pessoas); e no comércio (69 pessoas, sendo 9 mercadores, 22 negociantes e 38 taberneiros).[12] Contudo, localizava-se na faixa do trânsito das tropas que dirigiam-se às Minas, favorecendo certo êxito à vila e aos poucos agricultores e comerciantes. Isto fora demonstrado mediante algum poder aquisitivo por parte da irmandade do Pilar, em especial por seu fundador o Licenciado Timóteo Correa de Toledo, o que possibilitou certamente a feitura e existência de um contrato de construção do monumento, que ocorreu em 1748.[13] Todavia, como dito, esta mão-de-obra não poderia ser comparada aos artífices vindos da Metrópole, muitos especializados, devido à carência da região paulista

> “[...] como narra Taunay e o confirmam as atas da Câmara, compreende-se então que os artesãos e carpinteiros, muitos deles provavelmente agregados dos “homens bons”, não fossem considerados “oficias mecânicos”, ao nível profissional usufruído, por exemplo, no século seguinte, pelos artífices em Minas Gerais, onde profissionais reinóis impuseram rapidamente, num outro tempo, o sistema de corporações de ofícios. (AMARAL, 1981, p.7).

Figura 12 - Jean Baptiste Debret. título da obra: "loja de sapateiro, 1820/1830. Fonte:

[12] Maços de população ano 1798 - Arquivo do Estado de São Paulo nº 1200, Seção de microfilmagem. Fonte: Arquivo Histórico Dr. Felix Guizard Filho, Divisão de Museus, Patrimônios e Arquivo Histórico de Taubaté.

[13] Ver cópia do documento de Construção da Capela (original e tradução). ANEXO I, pag.179-195.

Desde 1602, os caminhos de ida e volta tanto em direção às regiões auríferas como ao sul, se firmaram como eixos e rotas na busca de ameríndios que seriam comercializados como mão-de-obra escrava. A partir de 1628, intensificou-se a emigração dos castelhanos vindos do sul em direção a Vila de Piratininga, após a destruição de Guairá pelos paulistas. “Assim o narra Taunay, [...] muito sangue castelhano lhe corria nas veias de paulista”. (AMARAL, 1981, p.15). Visto que a linha imaginária delimitada pelo Tratado de Tordesilhas[14] foi ultrapassada pela expansão territorial de bandeirantes e expedições sertões adentro no Brasil Colônia.

> O que se pode, enfim, afirmar, é que é absolutamente impossível desejar manter, como até agora se fez, que na época da colonização os portugueses tivessem ficado restritos ao território situado dentro dos limites que se supunham ser os de Tordesilhas, aqui transmitindo, só eles, sua cultura trazida apenasmente de Portugal, e que os espanhóis tivessem permanecidos estáticos, por sua vez, dentro dos limites supostos. Como vemos, não apenas um ciclo econômico, como o da caça ao índio, como comércio e relações familiares – pois verdadeiros clãs de famílias se desenvolveram em São Paulo no século XVII – propiciaram um amplo intercâmbio em todo o sentido – comercial, como cultural – nesse período, favorecido, é verdade, pela união das duas Coroas. (AMARAL, 1981, p.15).

As ligações entre São Paulo e a América espanhola, já foram amplamente abordados por muitos autores, entre eles, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que participa a análise de documentação espanhola existente sobre a integração luso-espanhola no planalto de São Paulo de Piratininga. “Com a presença densa de castelhanos trazendo seus usos e costumes para a pequena vila seiscentista que era São Paulo é fácil imaginar uma espanholização que evidentemente teria ocorrido.” (AMARAL, 1981, p.16). Em 1609, com a chegada de D. Francisco de Souza, fidalgo português, considerado Marques das Minas, e os reflexos da política felipina em terras paulistanas. Porém, nem todos os espanhóis chegavam à região pelo Atlântico, pois existia intenso fluxo de tropas vindas do Paraguai. Ainda no século XVII, havia nas capitanias paulistas, significativa presença de residentes vindos da Espanha, não só nas sedes administrativas como também em lugares afastados, onde as tropas de muares transitavam e os bandeirantes adentravam. Entretanto, verificou-se que em torno de 1681-1682, grupos de castelhanos acompanhados de portugueses retornaram ao Paraguai. Muitas possibilidades

[14] O Tratado de Tordesilhas, foi assinado na povoação castelhana de Tordesilhas em 7 de junho de 1494, foi um tratado celebrado entre o Reino de Portugal e a Coroa de Castela para dividir as terras "descobertas e por descobrir" por ambas as Coroas fora da Europa. Este tratado surgiu na sequência da contestação portuguesa às pretensões da Coroa de Castela, resultantes da viagem de Cristóvão Colombo, que um ano e meio antes chegara ao chamado Novo Mundo.

podem ser apontadas para esse evento, como o preconceito contra os espanhóis, ou novas perspectivas econômicas que surgiam no Vice-Reino do Prata.

Ainda no século XVII, uma das manifestações da presença hispânica na Vila de São Francisco de Chagas de Taubaté, surgiu às origens do culto de N. S. do Pilar, antiga designação de procedência espanhola, correspondente à virgem D'el Pilar, o que seria a própria devoção a Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo. O historiador Paulo Camilher Florençano sugeriu que o culto da irmandade taubateana, poderia ter suas reminiscências em sentimentos nacionalistas à pátria saudosa dos antecedentes dos membros devotos de sua irmandade na então Vila de Taubaté, que demonstraria a grande veneração à época, à padroeira oficial da Espanha.

Segundo a tradição cristã, o culto a Nossa Senhora do Pilar deriva do episódio envolvendo o apóstolo Tiago, responsável pela pregação do Evangelho pela Península Ibérica. Conta-se que, após percorrer vários locais daquela região chegou às margens do rio Ebro, em Saragoza, e naquela noite teve uma visão, da Virgem Maria entre coros celestias, sentada sobre um pilar ou coluna de mármore, indicando-lhe o local à edificação do templo sagrado. A Catedral-Basílica de Nossa Senhora do Pilar, é o maior templo barroco da Espanha e fica no centro de Saragoza. No Brasil, no nordeste existe grande devoção a Nossa Senhora do Pilar, com a presença de capelas e igrejas dedicadas ao culto em Aracajú/ SE; Recife, Olinda e Pernambuco/ PE. Todavia, é a única na região do Vale Paraibano Paulista.

O fundador da Capela do Pilar, o Licenciado Timóteo Correa de Toledo (1699-1788), era homem religioso, devoto de Nossa Senhora do Pilar, cujo culto elegeu difundir erguendo-lhe templo próprio. Pertencente a uma família tradicional paulista, dos Toledo Piza, descendentes do Conde de Oropeja e dos Duques de Alba e Tormes da Espanha. Suas raízes espanholas também se davam por sua avó paterna, Ana Ribeiro Rodovalho, paulistana, filha do fidalgo espanhol D. Simão de Toledo Piza (seu bisavô), primeiro membro da família espanhola a chegar ao Brasil e instalar-se na Vila de São Paulo de Piratininga, tendo sido um renomado cidadão, Juiz de Orfãos e Ouvidor da capitania de São Vicente em 1666. (ANDRADE, 1991, p.73).

Foto 16 – Arco do cruzeiro e arcos de entrada sob o coro, ambos em madeira entalhada. – Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

2.6. OS INCONFIDENTES NA VILA DE SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS DE TAUBATÉ

Respeitado morador da vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, Timóteo Correa de Toledo era filho de João Vaz Cardoso, presidente da Casa da Câmara, Juiz Ordinário, Oficial de Justiça da Inquisição; e; de Francisca de Freitas Cortez, filha do capitão Amaro Gil Cortez e de Mariana de Freitas. Considerado um estudioso e intelectual, morou alguns anos na cidade mineira de São João Del Rei, mas retornando a Taubaté foi vereador. Em 1759 ficou viúvo, após 36 anos de casamento com Úrsula Isabel de Mello Rodovalho, daí em diante, ordenou-se padre no Seminário São Joaquim, no Rio de Janeiro, seguindo a carreira sacerdotal a partir da década de 1760.[15] Em 1735, casou-se com Úrsula Isabel de Mello, filha do Capitão Manuel Vieira Amôes e de Ignácia Ferreira de Loyola. Tiveram oito filhos, todos nascidos em Taubaté (ANDRADE, 1991, p.79): Carlos Correa de Toledo Piza (1736-1792?); Luiz Vaz Vieira de Toledo Piza (1739-1792?); Maria Anna de Toledo (1740/1742-?); Antônio Manuel de Freitas (1744-1817); Bento Cortez Toledo (1747-?); Anna Maria de Toledo (1749-?); Angella Mariana de Toledo (1752-?); Joaquim José Osório de Toledo (1754-1780).

O padre Carlos Correa de Toledo Piza estudou em Lisboa e foi vigário da vila de São José do Rio das Mortes (atual Tiradentes/MG). Além da função eclesiástica, era proprietário de fazenda de gado, escravos e de produtivas lavras de ouro. Com ideais liberais, influente, participou em 1789 do movimento da Inconfidência Mineira, tendo importante atuação de liderança. Condenado a pena de morte em 1792, junto ao padre Oliveira Rolim, José Lopes de Oliveira e Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Teve todos seus bens confiscados, mas por intercessão de seu irmão, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho à Rainha D. Maria I de Portugal, de quem era confessor, sua sentença foi alterada à prisão perpétua em Lisboa onde morreu.

Luiz Vaz Vieira de Toledo Piza foi casado com Gertrudes Maria de Camargo, residiu em São José do Rio das Mortes, onde era Juiz de Orfãos. Mudou-se para a vila de São João D'El Rey, que fora fundada em 1702, pelo bandeirante Thomé Portes D'El Rey e pelo também taubateano Antônio Garcia da Cunha (seu genro). Igualmente

[15] Nascido em Taubaté (1699-1788). Consta nos registros do Prof. Paulo Camilher Florençano, lenda que era conhecido como o "Homem dos Três Trinta", qu e "vivera noventa anos, dos quais, os trinta primeiros, em estado solteiro, os trinta seguintes casado, e os trinta restante enviuvado, como padre".

com idéias liberais, de influência iluminista francesa, foi outro participante ativo na Inconfidência Mineira. Também teve decretada pena de morte, posteriormente convertida ao exílio em Cambembe, na África portuguesa onde morreu. (ANDRADE, 1991, p.80).

Outro participante da Inconfidência Mineira, da família de Timóteo Correa de Toledo foi seu neto, Claro José da Motta, único filho homem de Maria Anna de Toledo. Ainda muito jovem, foi mensageiro do movimento, responsável pelo envio e entrega de importantes documentos entre as províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro. Com o fim da organização, convencido por seu tio Padre Carlos Correa de Toledo Piza e Mello, fugiu aos sertões de Mato Grosso.

Antônio Manuel de Freitas estudou no Convento de Santa Clara dos Franciscanos em Taubaté, posteriormente estudou em São Paulo. Tornou-se frade da Ordem Franciscana, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho. De carreira sacerdotal bem sucedida, devido a sua erudição e oratória, segundo o historiador Frei Basílio Röwer Teólogo, filósofo e professor, foi confessor da Rainha D. Maria I de Portugal [16], ocupação que possibilitou a intercessão dos prisioneiros inconfidentes (seus irmãos Carlos Correa de Toledo Piza e Luiz Vaz Vieira de Toledo Piza), a alteração das penas de morte ao exílio.

A conversão da sentença ocorreu em 15 de outubro de 1790, pela Carta-régia, carta de clemência da rainha D. Maria I, a todos os inconfidentes exceto a Joaquim José da Silva Xavier (1746- 1792), o Tiradentes, por ser considerado nos Autos: “indigno da real piedade”... “por ter agido com”... ”atrocidade e escandalosa publicidade de seus crimes”. (Ibidem, p. 81). Na atualidade, é considerado o protagonista, personagem símbolo desse movimento, da conspiração denominada Inconfidência Mineira. É o patrono cívico do Brasil, e desde o advento da República (1889), considerado herói nacional, ”um mártir criado pelos republicanos na intenção de ressignificar a identidade brasileira.” (FONSECA, 2002). Desse modo, buscou-se exibir as proximidades existentes entre o artefato, sobretudo de seus personagens e o episódio da inconfidência mineira no Brasil.

[16] Maria Francisca Isabel Josefa Antónia Gertrudes Rita Joana de Bragança, conhecida como Maria I, "a Piedosa" e "a Louca", foi a rainha de Portugal e Algarves de 1777 até 1815, e também do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, do final de 1815 até sua morte em no Rio de Janeiro em 1816.

PARTE II – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEMA

2.7. A PESQUISA CIENTÍFICA EM ARTES E PATRIMÔNIO

O patrimônio é uma construção sociocultural, uma ação ideológica. Deve-se preservar pra quê? Pra quem? Ou por quê? Só se preserva o que possui valor para alguém ou para algo. É fundamental verificar que a história é escrita pelos vencedores das guerras ao longo dos tempos, e assim o restauro se apresenta como uma ação ideológica intencional, de “restaurar apenas o que interessa para a História.” (GALLO, 2001). O monumento histórico refere-se a um modelo intelectual, que tem o valor abstrato do saber e do conhecimento. Por outro lado, este estabelece uma relação com a arte requisitando-se a sensibilidade estética, que é resultante de uma experiência concreta. (CHOAY, p.14, 2011).

Estudos a respeito do patrimônio apontam que para a construção sociocultural dentro de uma sociedade, não basta “restaurar” é preciso “transformar”, “resignificar”, promover novos valores e vínculos entre o monumento e os indivíduos. O restauro tem o peso da materialidade européia na preservação da pedra, da matéria, diferentemente da cultura oriental que valoriza o abstrato, o imaterial, reverenciando templos em construções e reconstruções através de rituais. O pensamento contemporâneo sobre o patrimônio admite que o processo de restauro deve ser pautado por releituras, pois não há como negar a passagem do tempo. Do latim “monumentum”, a palavra deriva de “monere” – advertir, lembrar, aquilo que traz a lembrança. Assim os monumentos de valor memorial como igrejas e locais de cultos religiosos, possuem dupla relação com o saber e a arte, e marca o “indelével pertencimento do monumento histórico a uma cultura singular”. (Idem, loc. cit.).

Pressupõe-se que a produção de novos conhecimentos a respeito do patrimônio (material e imaterial) incentiva o debate sobre a necessidade de preservação do monumento histórico, arquitetônico e artístico. Em busca do atual estado da arte, a pesquisa específica no campo das Artes Visuais, pode fomentar o pensamento crítico-reflexivo em sintonia à realidade, agregando-se fragmentos à conscientização da sociedade sobre a importância dos monumentos históricos, elementos fundamentais na manutenção da identidade, resgate da memória, na composição de valores e significados, contribuindo-se na formação do indivíduo e da cidadania.

Logo, as questões do patrimônio particularmente concebidas no contexto da pesquisa em Artes Visuais, apareceram no debate que se apresentou quando à fundação da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em dezembro de 1986. A entidade designou cinco comitês que se responsabilizariam por seguimentos específicos e suas respectivas linhas de pesquisa: História e Teoria da Arte; Arte- educação; *Restauração*; Curadoria; e; Linguagens Visuais. No caso da pesquisa que visa à dimensão do restauro, o estudo sobre o patrimônio é fundamental, e este, demanda um método. Assim, a metodologia de pesquisa em Artes Visuais instaura uma discussão sobre certas dificuldades na definição e caracterização desses processos.

Conforme Zamboni, “a arte, enquanto área do conhecimento humano abarca um amplo espectro de expressões e manifestações” (ZAMBONI, 2012, p.5). Da mesma maneira, é possível se afirmar que esta diversidade nos impõe diferentes tipos de abordagens, métodos e técnicas de investigação. A arte e a ciência sempre trilharam juntas os caminhos da História, pois “há um fio que percorre continuamente todas as culturas e que é feito de dois cordões. Esse fio é o da ciência e da arte.” (BRONOWSKI *apud* ZAMBONI, 2012 p.19). Ressaltando-se que na busca por soluções, o método oferecerá caminhos a serem seguidos,os quais poderão levar a resultados jamais antes imaginados. Por isso, é fundamental que a delimitação e os recortes da pesquisa sejam adequados à determinada finalidade a que se propõem.

O autor Jayme Paviani (1991), nos estudos sobre “a racionalidade estética”, apresenta que a arte também pode ser “fruto” de um sistema racional, e não somente de sistemas do inconsciente. Define a existência de dois ordenamentos: o lógico; e; o sensível; que se efetuam de forma complementar nos processos de produção e recepção de obras de arte. Tomando-se esse princípio no contexto da pesquisa em artes visuais, onde se deseja a solução de algo relacionado ao campo especifico da ciência, “pode-se em condições muito especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente (...)”, mas é preciso levar-se em consideração, “a existência do caráter racional em arte [que] revela-se inegável quando se promove a interposição e a comparação entre a arte e a ciência como formas de atividades do conhecimento humano”. (ZAMBONI, 2012, p.9).

A racionalização do pensamento em relação às artes processa-se desde Platão e Aristóteles até Descartes, e ainda hoje é vislumbrando em muitas preocupações e

necessidades do sistema acadêmico, nas universidades e instituições de fomento à pesquisa científica, com o intuito de alguma maneira validar os discursos artísticos e a pesquisa em Artes Visuais. De certo modo, realmente verifica-se a necessidade da exposição dessas questões, pois a pesquisa científica baseia-se em princípios que estão presentes, a priori, na maioria das demandas de produção do conhecimento científico: *na busca sistemática de soluções* com a finalidade de descobrir-se algo em diversas áreas do saber; e; o estabelecimento de *um método*, que requer a sistematização e premeditação de atividades, que requisitam o pensamento lógico.

Descrevendo-se o processo dentro do quadro da pesquisa científica, a abordagem deve estabelecer "passos" a serem seguidos como: identificação da existência do problema*;* premeditação a partir do pensamento crítico-reflexivo; uso de método organizativo; busca de soluções previamente desejadas; segurança nos resultados; uso da racionalidade e da intuição em todo o processo; e; existência de hipóteses a serem refutadas ou atestadas, nos casos de teses de doutorado. Toda pesquisa científica também se assenta em determinado método, que constitui-se em estratégias, que serão utilizadas para se alcançar os objetivos gerais e específicos. Os métodos de investigação científica e filosófica surgiram no anseio de entendimento do homem das interpretações do mundo, particularmente delineados pelos preceitos de Descartes. A História do conhecimento humano bem como a História da Arte e da Arquitetura se escreve em conformidade e consequência da própria atividade humana, de valores e juízos das sociedades das diversas épocas.

> A divisão do conhecimento humano, principalmente no que diz respeito aos aspectos explicativos, deu-se principalmente a partir de Descartes (1596-1690). Suas ideias e seu método influenciaram sobremaneira todo o modo de pensar ocidental, provocando uma ruptura com a maneira de conceber o mundo. Descartes fez da razão o ponto de apoio para desenvolver sua teoria, que é calçada na necessidade de um método. "Ele parte de quatro conceitos básicos: evidência, divisão, ordem e enumeração, justificando que é mais funcional dispor de poucos preceitos do que de um grande número deles, tal como se estrutura a lógica; e os enuncia, no seu Discurso sobre o Método." (ZAMBONI, 2012, p.11).

Os novos paradigmas do século XXI com as descobertas da física quântica e a visão de outra realidade vislumbram novos espectros quanto aos caminhos da ciência, da sociedade e da cultura. Essa nova perspectiva origina-se de uma profunda crise de percepção da sociedade, ocasionada pela inversão de valores que veem ocorrendo desde as últimas décadas do século XX. "É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a

história da humanidade.” (CAPRA, 2012, p.21). Fritjof Capra, no livro “Ponto de Mutação”, apresenta uma nova concepção de entendimento do universo apoiado principalmente no olhar sistêmico, onde as conexões se fazem sempre presentes.

A visão mecanicista da vida teve influência direta do pensamento cartesiano-newtoniano, e ainda é na atualidade, base sólida ao pensamento científico ocidental. Todavia, a física moderna apresenta novos critérios a serem considerados, como a relação sistêmica do universo, onde tudo pode estar conectado por vínculos de interdependência, a partir dos princípios de auto-organização de sistemas, mudando radicalmente nossa percepção e a maneira de como vemos e entendemos o mundo. Porém é preciso atentar-se de que uma teoria não inválida a outra, e vice-versa, pois a rigor são complementares.

> “(...) a nova concepção do universo que emergiu da física moderna não significa que a física newtoniana esteja errada ou que a teoria quântica ou a teoria da relatividade estejam certas. A ciência moderna tomou consciência de que todas as teorias científicas são aproximações da verdadeira natureza da realidade, e de que cada teoria é válida em relação a uma certa gama de fenômenos.” (CAPRA, 2012, p.97).

Destaca-se que os atributos necessários aos processos de restauração, se constituem pela investigação sistematizada e análise criteriosa de monumentos (patrimônios históricos, artísticos e culturais), requerem igualmente a determinação de *um método* de estudo,: de *verificação* quanto à valoração do monumento à sua historicidade; de *caracterização* entendido como o esquema geral e particularidades arquitetônicas, estéticas e artísticas (artes aplicadas) do monumento; e; de *valoração* conforme categorias de valor atribuídas por órgãos responsáveis de Estados e Munícipios, entre outros, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); ou CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico do Estado) órgão oficial do estado.

2.8. O PENSAMENTO PATRIMONIALISTA

Com o advento da revolução industrial, a expansão urbana e o acelerado crescimento populacional as cidades a partir do século XIX, defrontaram-se com desconformidades urbanas, resultando no surgimento de mazelas sociais que exigiram das populações medidas emergenciais. Despontaram-se assim, movimentos renovadores no intuito de buscar respostas aos questionamentos científicos e sociais da época. As muitas incertezas nos campos das Artes e da Ciência revelou a negação na continuidade de teorias tradicionais e reivindicou-se à

época, a proposição da nova arte e arquitetura pautadas no progresso técnico. Logo, os princípios do racionalismo e funcionalismo já decorrentes na Europa, especialmente na França, apresentaram-se como um conhecimento necessário a instaurar-se para o estabelecimento de novos paradigmas. (ANDRADE, p.8, 1993).

Contemporaneamente na Inglaterra, surge o pensamento patrimonial fundado numa primeira corrente tradicionalista de princípios à conservação dos monumentos, conduzida por John Ruskin (1819-1900). Considerado um dos principais teórico da preservação, enriqueceu conceitos sobre o patrimônio, uma vez que suas ideias já faziam referências às questões como patrimônio material e imaterial. Crítico, reacionário às profundas transformações que se estabeleciam em decorrência da Revolução Industrial, Ruskin influenciou-se pelo pensamento do romantismo inglês. Socialista, excêntrico e inimigo do capitalismo industrial, valorizou o trabalho manufaturado e desenvolveu a importância da preservação dos monumentos como base à sociedade. Declarava que as ruínas traziam referência e apropriação estética em apologia ao “ruínismo”.

> “Zele por um edifício antigo com ansioso desvelo; proteja-o o melhor possível, e a qualquer custo, de todas as ameaças de dilapidação. Conte suas pedras como se fossem as joias de uma coroa; amarre-o com tirantes de ferro onde ele ceder [...] e faça-o com ternura, e com reverência, e continuamente, e muitas gerações ainda nascerão e desaparecerão sob sua sombra.” (RUSKIN, p.82, 2008).

Devoto às construções do passado, à matéria original dos edifícios e conservação dos monumentos como originalmente criados, com as marcas da pátina e do tempo (RUSKIN, 1849). Suas obras mais significativas são, “The Seven Lamps of Architecture - As sete lâmpadas da Arquitetura” (1849); e; “The Stones of Venice – As pedras de Veneza” (1853), representaram uma exaltação à conservação do patrimônio como expressão da arte e dos processos de desenvolvimento cultural, estabelecendo relações de compromisso social entre as gerações presente e futura.

Eugène Emmanuel Viollet-Le-Duc (1814-1879), escreveu o verbete: Restauração-Dictionnaire Raisonné de l`Architecture (1854-1868), concebeu a metodologia ligada à série de princípios relacionados à teoria do modelo ideal, de domínio da técnica pelo arquiteto, artista, artificie ou artesão, valorizando a importância da mão-de-obra operária e uso dos edifícios restaurados. “A restauração, a palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado

momento” (VIOLLET-LE-DUC, p.29, 2000). Verificou-se nos estudos que a noção de unidade estilística de origem violletiana, também são preceitos vislumbrados nos processos de restauro e intervenções de Saia em busca de “modelos abstratos”. O estudo recomendado por Le Duc de modelos medievais para reconstituir a unidade do monumento, foi transposto e adaptado aos moldes brasileiro na necessidade de conhecimento quanto à arquitetura colonial, suas soluções e partidos, o que influenciou a produção estética da época. (GONÇALVES, 2007, p.187).

Cesare Brandi, e a contemporaneidade da Teoria da Restauração - 1963, permitem o aprofundamento da reflexão sobre as práticas do restauro, ressaltou que o valor dos elementos e a técnica não podem depender da decisão unilateral do autor do projeto de restauro, mas de um processo coletivo sustentado por profundos conhecimentos técnicos, do valor humanístico, de domínio da história, estética e filosofia. Tanto no texto de Brandi, quanto nas recomendações da Carta de Veneza (1964), propõem-se a extensão dos procedimentos do restauro para o entorno da obra, como forma de garantir sua conservação física e sua leitura como obra de arte.

Outro teórico fundamental para o entendimento dos princípios de intervenção no patrimônio artístico e arquitetônico no Ocidente é Camillo Boito (1836-1914), que de posição intermediária e moderada, avaliou as noções de documento, autenticidade e reversibilidade do restauro, influiu no discurso dos técnicos do SPHAN, e, consequentemente nos trabalhos de Luís Saia. (Ibdem, p.190). Em Veneza, Camillo Boito ingressou em 1849 na Academia de Belas- Artes, formou-se arquiteto, sendo seus estudos primeiramente ligado ao neoclassicismo e posteriormente à arte medieval na Itália, em sua opinião a “expressão autêntica do povo” em oposição ao tradicionalismo do ensino das “velhas escolas”. Na década de 1850, com a criação de legislação de protecionismo aos monumentos em Veneza e Selvatico, Boito foi encarregado do restauro da Basílica dos Santos Maria e Donato em Murano (999), obra caracterizada por várias mudanças ao longo de sua história. Tal trabalho requisitou de Boito uma análise profunda dos aspectos formais, técnico-construtivos e detalhes ornamentais, baseados em levantamentos métricos, estudos de observação, documentação, fotografia nos enfoques micro e macro que acarretaram no desenvolvimento de um método mediano entre Ruskin e Le-Duc.

2.9. AS CARTAS PATRIMONIAIS

São documentos que exprimem ideias importantes à preservação do patrimônio e estabelecem diretrizes e ações elaboradas por organizações nacionais e internacionais que visam: a documentação; a promoção da preservação de bens; planos de conservação; manutenção e restauro do patrimônio, histórico, artístico e cultural. São mais de 40 exemplares e apresentam-se ainda atuais em suas diretrizes. Porém, como o objeto de pesquisa compreende o período de 1945-1949, delimitar-se-á um recorte temporal, investigando-se apenas as proposições das primeiras Cartas, as contemporâneas ao período e de que maneira estas influenciaram nesse pensamento específico.

- a Carta de Atenas, de outubro de 1931, estabeleceu princípios gerais e doutrinas concernentes à proteção dos monumentos históricos. Exprimiu que cada caso é um caso nas práticas de preservação comportando soluções próprias; que a manutenção e conservação deveriam respeitar a historicidade artística da obra, sem prejuízo ao estilo de nenhuma época; recomendou o uso dos monumentos assegurando-lhe a continuidade de vida, com finalidades a seu caráter histórico ou artístico; a garantia à conservação dos monumentos e obras de arte estaria diretamente ligada ao respeito e interesse dos povos, e favorecidas por ações políticas públicas e pela educação patrimonial desde a infância, para a proteção dos testemunhos de toda a civilização; o respeito à fisionomia das cidades, sobretudo ao entorno dos monumentos deveria ser respaldado por cuidados especiais; aprovou o uso de materiais modernos à consolidação dos monumentos, porém estes deveriam ser dissimulados salvo impossibilidades, para salvaguarda dos aspectos e carácter original; as técnicas de conservação ou consolidação deveriam basear-se em análises meticulosas dos condicionantes; e; a colaboração internacional nos aspectos técnicos e moral seriam de grande importância.

> "[...] altamente desejável que instituições e grupos qualificados possam ser menor prejuízo ao direito Internacional Público, manifestar seu interesse pela salvaguarda das obras-primas nas quais a civilização se tenha expressado em seu nível mais alto e que se apresentem ameaçadas." (Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações 1931);

- *a Carta de Atenas, de novembro de 1933,* elaborada no Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM) também foi importante documento quanto às questões sobre o pensamento patrimonial. De modo geral, resultou em um

manifesto sobre as cidades e o meio urbano, frente às grandes mudanças que se impunham às cidades do século XX sob os vários aspectos, o social, o econômico e o político. Expressou que o patrimônio histórico das cidades deveria ser salvaguardado em seus valores constituídos por edifícios ou monumentos isolados e conjuntos urbanos para o usufruto das próximas gerações.

> "A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhes conferem personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a principio por seu valor histórico ou sentimental, depois, alguns trazem uma virtude plástica na qual incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano, e aqueles que os detêm ou são encarregados de sua proteção, têm a responsabilidade e obrigação de fazer tudo o que é lícito para transmitir intacta para os séculos futuros essa nobre herança." (CIAM, 1933).

2.10. A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA SOBRE O PATRIMÔNIO

No Brasil, a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural de monumentos, constitui-se campo recente de pesquisas. Tais trabalhos já mencionados de Antonio Luiz Dias de ANDRADE (1993), Tâmara ROMAN (2003), Cristiane GONÇALVES (2004) e Lia MAYUMI (2008), podem ser citados como os primeiros a investigarem casos concretos de restauração de monumentos no Brasil, principalmente no estado de São Paulo. Tais autores identificaram em suas abordagens procedimentos técnico-conceituais e metodológicos, característicos da atuação do IPHAN, no período conhecido como "a fase heroica" da instituição. (MAYUMI, 2008).

O IPHAN, entidade responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, desde sua criação passou por várias fases e nomenclaturas até os tempos atuais (SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico (1937-1946); DPHAN - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (1946-1970); IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (1970-1990); IBPC - Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (1990-1994); e novamente IPHAN (1994 - atual). É uma autarquia federal criada em 1937 por meio do Decreto- Lei nº25 e promulgada por Getúlio Vargas, no intuito de proteger e cuidar dos bens patrimoniais, assegurando a permanência e usufruto dos mesmos às gerações presente e futura. Estabeleceu diretrizes como trecho do art.180 da Constituição Brasileira, no qual o poder público junto à sociedade deve cuidar e proteger o patrimônio brasileiro.

> “Constitui o patrimônio histórico, artístico e nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, que por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, que por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1988)”.

O último projeto de Luís Saia foi o restauro da Fazenda Pau d’Alho, local onde se instalaria o Museu Nacional do Café. Para tal empreitada foram executados inúmeros levantamentos métricos e iconográficos de antigas fazendas da região do Vale, os quais serviriam de referencial técnico e conceitual ao trabalho. Com sua morte em 15 de maio de 1975, Antonio Luiz Dias de Andrade, oficial do SPHAN à época assume a responsabilidade e verifica a partir de estudos que “a sede não teria sido significativamente reformada, mas sim construída em etapas sucessivas, ao menos, duas as principais.” (ANDRADE, 1993, p.2). O projeto de Saia que propunha a restituição do monumento conforme os moldes da arquitetura da metade do século XIX, pensamento idealizado pelo intelecto do SPHAN e ratificado na Carta de Atenas de 1931, buscava o resgate das feições originais dos monumentos. Porém, Andrade vislumbrou a possibilidade de “recompor elementos que não haviam coexistido”, utilizando o critério de favorecimento da harmonia arquitetônica em prol da valorização do monumento. Em posterior análise reflexiva de sua tese, “Um estado completo que jamais pode ter existido”, de 1993, verificou que se apropriava de preceitos defendidos por Viollet-le-Duc.

O assunto fomentou amplo debate e discussões a cerca do que se julgava lícito ou não a ser executado nas soluções anteriores e posteriores propostas ao restauro. É pressuposto desta pesquisa, a partir do objeto de estudo e referências das demais pesquisas, que se pode atribuir as orientações na dissolução de tais dilemas a Lúcio Costa, um dos mais importantes arquitetos de nossa história e representante dos mais fiéis ao pensamento e tradições do SPHAN. Tal conjectura vislumbra-se com base na análise das cartas de trabalho entre outros documentos, também no caso da Capela do Pilar, que valida sua influência determinante nas resoluções quanto aos procedimentos a serem executados nas atividades do restauro.

> “[...] reuni os dados que dispunha e fui procurar o arquiteto Lúcio Costa, vencendo minhas intimidações iniciais. [...] recebeu-me com inúmeras gentilezas, ouvindo-me atentamente, apenas seus olhos pareciam sorrir e, após examinar meus desenhos, observar as fotografias, concordou com minhas interpretações e proposta, o que significava uma espécie de carta branca para executar as obras de forma como me parecia apropriado.” (ANDRADE, 1993, p.3).

Em relação à Fazenda Pau D`Álho, decorreu que por uma série de condicionantes como custos adicionais, eventuais constrangimentos gerados às alterações no projeto original de Saia, entre outros, o “novo” projeto revisado sob o aval do mestre Lúcio não fora executado. Porém, observam-se resultados comuns a outras obras de restauro já analisadas, também no caso do processo de restauro da Capela Nossa Senhora do Pilar: o “esprit de corps”, o espirito de equipe e solidariedade dos integrantes e membros e técnicos do SPHAN de defesa dos ideais nacionalistas; comprometidos com a proposição da arquitetura moderna; de identificação de uma arquitetura autenticamente brasileira; de resgate dos valores artísticos, históricos e arquitetônicos dos monumentos nos critérios de seleção dos bens tombados; e; principalmente do papel fundamental de Costa nas tomadas de decisão quantos aos rumos e partidos dos projetos de restauro nessa fase do órgão paulista.

Aproximando-se das experiências da regional do SPHAN com o artefato em estudo, verificou-se através da análise da documentação da obra e de cartas trocadas entre a Diretoria Geral, na qual estava à frente Rodrigo Melo Franco de Andrade, e os técnicos paulistas, em especial com o arquiteto-engenheiro Luis Saia, que obras como o restauro do Sítio e Capela de Santo Antônio em São Roque (Restauro entre 1940-1947 – Construção 1681, tombamento 1941 pelo IPHAN) e da Capela de Nossa Senhora do Pilar em Taubaté (Restauro entre 1945-1949 – Construção 1747, tombamento 1944 pelo IPHAN), aconteceram concomitantemente, e dessa forma, listas de compras de materiais de construção foram elaboradas conjuntamente a partir das necessidades e do desenvolvimento de execução de ambas as obras.

Constatado tal procedimento nas atividades de administração das obras, inferiu-se a possibilidade da execução de “padrões” nos projetos e soluções que seriam dadas às obras de restauração. Foram comprados os mesmos materiais para ambas na evidente padronização de técnicas que seriam desenvolvidas, de acordo com os critérios já aqui apresentados, como o uso de novos materiais nas intervenções, caracterizando-se por influência do pensamento modernista e da criação do modelo ou do paradigma de arquitetura colonial paulista, originalmente brasileira.

PARTE III – DISSERTAÇÃO – ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO

2.11. O PROBLEMA

Constitui-se no estudo sistematizado das questões que envolvem a Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté/ SP, identificada como monumento histórico, artístico e nacional pelo IPHAN, à partir da análise do processo de restauro da Capela, que ocorreu entre 1945-1949, fase posterior ao seu tombamento no âmbito nacional, orientado pelo arquiteto-engenheiro Luís Saia e os técnicos do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico) e ocorrido no inicio de sua criação. Atualmente, conhecido como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional), salvaguarda toda a documentação referente a esse processo e ao monumento. Logo, o problema caracteriza-se a partir da digitalização, organização, classificação do acervo de registros e iconografia sobre a obra tombada existente nos arquivos documentais e fotográficos da 9ª SR/IPHAN, para entendimento e análise dos mesmos. Vale registrar a importância do trabalho de digitalização da pesquisa, uma vez que não existem arquivos digitais ou backup dos documentos, e muitos se encontram em processo de deterioração e perda de leitura, pois estão condicionados de maneira inadequada em incompatível a seu valor histórico.

2.12. A CAPELA - SUA IMPORTÂNCIA

Em São Paulo, dia 16 de outubro de 1937, Mário de Andrade, na época assistente técnico do SPHAN/SP, esclarece em relatório a Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor órgão nacional, a respeito dos monumentos arquitetônicos de São Paulo, que aos seus critérios de valor artístico ou histórico, deveriam ou não ser “dignos de tombamento federal”. De acordo com Mário de Andrade, esclarecendo os estudos iniciados: “O relatório que agora apresento a V. Ex.ª não se refere especialmente aos lugares já visitados. É antes um trabalho de visão geral do Estado, proveniente de pesquisas históricas. “ E para isso, foram realizadas diversas viagens pela região paulista, inclusive litoral norte, Ubatuba, porém nem todos os monumentos e localidades teriam sidos vistos ou fotografados por Mário, o que implicaria “revisão futura de alguns dados, e certamente acrescentamento de documentação e descrição.” (ANDRADE, p.80, 1981). Havia um trabalho intenso e criterioso pela equipe do SPHAN na busca e identificação de monumentos coloniais paulistas, remanescentes de um período importante à “História do Brasil”, tal como os demais litorâneos, tão prestigiados, ligados aos modelos do Reino.

O artefato exibe sua importância a partir da revisão historiográfica de seus aspectos artísticos, arquitetônicos e estéticos, inferindo-se que seu estudo pode contribuir a aclarar os procedimentos, o entendimento da técnica, métodos e práticas utilizados no restauro paulista, executados pela regional do SPHAN no inicio de sua gestão, tal qual, já fora realizado por outros pesquisadores. Corroborando-se ao avanço da área; compreensão patrimonial; bem como; da parte integrante de um conjunto de obras do contexto regional paulista, visto que o monumento participa de um quadro metodológico-conceitual específico. A partir da documentação analisada, verificou-se que o processo de restauro da Capela do Pilar realizou-se concomitantemente a outros monumentos já estudados por relevantes pesquisas sobre o restauro paulista, o que reforça a relevância da análise de sua documentação à compreensão das relações e especificidades entre estes, e as influências quanto às práticas adotadas.

(1ª FASE DE RESTAURO DO SPHAN – DÉCADAS DE 1930/1940):

- ***IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO*** em Embu (RESTAURO 1939-1940 – Construção 1700, tombamento 1938 pelo IPHAN);
- ***IGREJA DE SÃO MIGUEL PAULISTA*** em São Paulo (RESTAURO 1939-1944 – Construção de 1622, tombamento 1938 pelo IPHAN);
- ***SÍTIO E CAPELA DE SANTO ANTÔNIO*** em São Roque (RESTAURO 1940-1947 – Construção 1681, tombamento 1941 pelo IPHAN);
- ***CAPELA NOSSA SENHORA DO PILAR*** em Taubaté (RESTAURO 1945-1949 – Construção 1747, tombamento 1944 pelo IPHAN).

O bispo de Taubaté André Arcoverde escreveu a Rodrigo Melo Franco de Andrade, sobre a importância e do valor histórico da Capela, em 04/05/1939 discursando sobre a questão da reforma da velha catedral da Diocese, confessa que *"Taubaté possui mais duas capelas antiquíssimas".* Referindo-se às Capelas de Santa Cruz da Monção e Nossa Senhora do Pilar. [17]

> "ambas são do tempo das bandeiras partidas de Taubaté. São muito pequenas mas estão servindo para o culto religioso. O enviado de V. Exia. a Taubaté, para o exame da catedral, poderá inteirar-se do histórico das duas capelas, com o Dr. Félix Guisard Filho especialista estudioso de assuntos históricos relativos ao vale do Paraiba."

[17] Documento 2- IPHAN/SP – Carta a Rodrigo M. F. Andrade do Bispo de Taubaté André Arcoverde, de 04/05/1939. Ver item 11. ANEXOS II, p.197.

Em 18 de setembro de 1939, Luís Saia escreve a Rodrigo M. F. Andrade, após retorno de viagem das obras do Embú, do aguardo da cópia do anteprojeto urbanístico, que seria enviado pelo Dr. Félix Guisard [18] (indicado à época delegado do Iphan na cidade de Taubaté, mas que posteriormente em depoimento mostrou-se um "fracasso", segundo supostamente Saia) [19], para emissão de relatório com fotos referente ao caso da Capela. Nesse tempo os apelos quanto ao tombamento daquela antiga "igrejinha" já se faziam ecoar naquela sociedade.

Em carta enviada ao Sr. Rvdmo. Bispo de Taubaté, do dia 04 de novembro daquele ano, Luís Saia solicitava os elementos necessários ao preenchimento da ficha de tombamento da Capela do Pilar, e declara "Como se trata de um monumento de importância não só regional, mas de interesse nacional", reafirma a necessidade de tais informações e "elementos bibliográficos necessários", ao processo de tombo e "altos objetivos do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional" 20. Reafirmando sua relevância no âmbito nacional, Saia e a regional paulista do SPHAN, já entendem aquela "capelinha" como um monumento precedente a arquitetura colonial paulista e seus valorosos atributos históricos.

Em carta ao Rev. Mons. Ramon Ortiz, dia 6 de outubro de 1941, Luís Saia solicita informe sobre posse da capela, a quem ela pertenceria.[21] Em resposta no dia 16 daquele corrente, "informa-lhe que a capela do Pilar situada nesta cidade pertence ao Curato da Sé, sendo representante jurídico da mesma a Mitra Diocesana de Taubaté"[22]. Porém, diversamente do que ocorre nos dias atuais, existia um sentimento de pertença da sociedade em relação aquele monumento, vínculos sócio afetivos, e foi a partir de uma representação da "Sociedade dos Amigos de Taubaté" em 1943 junto ao SPHAN, que Rodrigo M. F. Andrade, diretor geral, solicita à Saia

[18] Documento 3 e 4 - IPHAN/SP – Carta a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia, de 18/09/1939. Ver item 11. ANEXOS II, p.198-199.
[19] Documento 5, 6 e 7 - IPHAN/SP – Cartas a Félix Guisard Filho de Luís Saia de 08/11/1939 e 26/04/1940./ Carta a Rodrigo M.F. Andrade de Luís Saia de 08/03/1946. Ver item 11. ANEXOS II, p.200-202.
[20] Documento 8 - IPHAN/SP – Carta ao Bispo de Taubaté de Luís Saia, de 04/11/1939. Ver item 11. ANEXOS II, p.203.
[21] Documento 9 - IPHAN/SP – Carta ao Ver. Mons. Ramon Ortiz de Luís Saia, de 06/10/1941. Ver item 11. ANEXOS II, p.204.
[22] Documento 10 - IPHAN/SP – Carta a Luís Saia de Mons. Ramon Ortiz, de 16/10/1941. Ver item 11. ANEXOS II, p.205.

"*empenho realizeis uma vistoria no aludido templo com possível brevidade, afim de informardes a êste Serviço o vos ocorrer a respeito."* [23]

Em Carta a Rodrigo M. F. Andrade, de 6 /12/1943, a Sociedade Amigos da Cidade de Taubaté, representados por seu presidente Ortiz Monteiro Patto, confirma envio por intermédio do Dr. João Ortiz Monteiro, da documentação com orçamento e fotos destinadas aos trabalhos do restauro e agradece "*o interesse que demonstrou pela restauração daquele nosso tradicional templo*."[24] Tal qual no telegrama enviado a Luís Saia à época*, "satisfação capela pilar esta desembaraçada. Taubaté ansiosa aguarda obras restauração devido maior insegurança edifício",*[25] demonstrando os vínculos existentes. O artigo do jornal "Correio Paulistano" intitulado "*Vence a Tradição!"* [26] publicado em 22 /02/1944, comemora "*o culto ao passado e o amor às eras priscas, tão cheias de ensinamentos, postulados, exemplos, lições, modelos e paradigmas*", e discorre sobre a notícia do restauro e o destaque do monumento.

> "[...] o Serviço do Patrimônio Histórico Nacional, sob direção em São Paulo do ilustre dr. Luiz Saia, vai restaurar a capela do Pilar, da cidade de Jaques Félix.[27] Há tempos nessas mesmas colunas, houve um esboço de polêmica sobre o valor histórico daquela igrejinha. Insistíamos em afirmar, que o velho templo dos Toledo em Taubaté era uma joia arquitetônica do século XVII e dali, muitos bandeirantes partiram na missão povoadora do Brasil."(CORREIO PAULISTANO, 1944).

Conforme Marcello Balzani, "não se pode conservar a matéria sem conservar a memória, sendo que esta é um processo construído passado de geração e geração", por isso a necessidade demonstrada nos apelos da sociedade, do sentimento nacionalista em "cuidar" da pequena Capela, testemunha às futuras gerações e que participara de momentos importantes da História do município e brasileira.

2.13.. A PESQUISA SOBRE RESTAURO NO AVANÇO DO CONHECIMENTO

É pressuposto a pesquisa sobre processos de restauração podem contribuir à sistematização de procedimentos e metodologia; às práticas do restauro e das artes visuais (artes aplicadas) bem como à arquitetura. Visto que, no restauro da Capela

---

[23] Documento 11 - IPHAN/SP – Ofício n.º25- Carta a Luís Saia de Rodrigo M. F. Andrade, de 07/01/1943. Ver item 11. ANEXOS II, p.206.

[24]Documento 12 - IPHAN/SP– Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade de Ortiz M. Patto, de 06/12/1943. Ver item 11. ANEXOS II, p.207.

[25] Documento 13 - IPHAN/SP – Telegrama a Luís Saia de Ortiz M. Patto, 1943. Ver item 11. ANEXOS II, p.208.

[26] Documento 14 - O relato do jornalista Lellis Vieira, diretor do arquivo do Departamento do Estado, encontra-se em recorte de jornal nos arquivos documentais da 9ª SR/Iphan. 1943. Ver item 11. ANEXOS II, p.209.

[27] Jacques Félix, bandeirante paulistano que fundou Taubaté entre 1639 , que depois seria elevada a categoria de vila em 1645.

Nossa Senhora do Pilar de Taubaté foram realizados trabalhos de carpintaria, na decoração da talha e pintura especial, por artífices e artistas especialistas, conforme explicados no item 6.2. O barroco mineiro na Vila de São Francisco de Chagas de Taubaté – “O barroco café com leite”, que participaram de um grupo específico de entalhadores do estilo Rococó, de João da Cruz.

2.14. A EXPERIÊNCIA DOS RESTAURADORES PAULISTAS: O PARADIGMA

Contextos socioculturais, geográficos e locais propiciaram um ambiente à utilização da técnica da taipa (do barro socado ou apiloado) o que diretamente imprimiu aos monumentos e restauro paulista uma identidade própria, diferentemente do restante do país. As especificidades pela qual se pautaram a experiência dos restauradores paulistas passam por critérios peculiares à regional até o método da experimentação, uma vez que a prática e os assuntos relativos à preservação do patrimônio eram atividades recentes. Apontou-se como a primeira particularidade constituindo-se pela própria técnica, no trato da taipa (de pilão ou mão) e no manuseio da madeira, obras de arte aplicadas dos retábulos, altares e elementos artísticos e decorativos internos do monumento; na questão da busca pela identidade nacional a qual se assumiu à época, a arquitetura colonial como precedente e detentora da ascendência e originalidade da arte puramente brasileira; a influência do pensamento modernista nos trabalhos desenvolvidos sob o “olhar atento” de Lúcio Costa; e; a necessidade segundo Mário de Andrade do tombamento e resgate dos monumentos paulistas considerando-se unicamente o viés histórico.

> São Paulo não pode apresentar documentação alguma que, como arte, se aproxime sequer da arquitetura ou da estatuária mineira, da pintura, dos entalhes e dos interiores completos do Rio de Pernambuco ou da Bahia.
> O critério tem de ser outro. Tem de ser histórico, em vez de se preocupar muito com a beleza, há de se reverenciar e defender especialmente as capelinhas toscas, as velhices de um tempo de luta e os restos de luxo esburacado que o acaso se esqueceu de destruir. (ANDRADE, 1997, p.24 apud GONÇALVES 2007, p.108).

Todavia, conjectura-se que o caso da Capela Nossa Senhora do Pilar possa ser uma exceção em relação a esse critério, pois como afirmado por Carlos Lemos em “Arquitetura brasileira”, o barroco mineiro ou “Minas é fruta paulista, que demorou mais de cem anos para ser colhida, pois até o fim da primeira metade do século XVII pouco ou nada se sabia daquela região atrás da Serra da Mantiqueira.” (LEMOS, 1979, p.76). Acredita-se que a inversa pode igualmente ser verdadeira, pois pressupõe-se por meio do estudo do artefato, que sua “modenatura” e estética são

resultantes das trocas culturais e artísticas que se deram tanto de São Paulo à Minas quanto de Minas à São Paulo, no caso específico da Capela de Taubaté.

No movimento dos bandeirantes taubateanos em busca das minas, inferiu-se que a rota pode ter ocorrido em sentido inverso, de volta ao Vale, trazendo consigo a miscigenação da cultura, do estilo do barroco mineiro e rococó na ornamentação dos retábulos e altares. Como visto, o artefato possui semelhança quanto à forma externa em relação à Capela N. S. do Ó em Sabará/MG e à Capela de Santa Quitéria em Catas Altas/ MG, ambas do século XVIII. De modo mais singelo, mas não menos graciosa, sua construção foi adaptada às técnicas locais da taipa. O monumento teve seu reconhecimento nacional em 26/10/1944[28], através do instrumento do tombamento pelo IPHAN, de acordo com padrões da estética do "barroco mineiro" tão apreciado no ideário modernista do SPHAN à época.

O documento do Ministério da Educação e Saúde, de 03/12/1943, especificou a estimativa, com o orçamento e descrição de serviços que deveriam ser realizados na restauração da Capela do Pilar, no item "E" se relata a necessidade da pintura geral incluindo a "*Douração dos Ornamentos", e também uma "Barra de azulejos pintadas – Coloniais"* (que supostamente foi apagada no restauro feito pelo Iphan Pró-Memória na década de 1980).[29] Entretanto, na Informação da Seção Técnica, n.º4, de 07/01/1944, em resposta a tal estimativa, A. R. Miranda reporta que o serviço de douramento seria inadequado, devido as questões técnicas e estilísticas, pois não estavam de acordo com os conceitos modernistas do SPHAN. "*Quanto à douração dos ornatos achamos inoportuno, pois é quase impossível atualmente, obter-se ouro de bôa qualidade, além do que uma douração nova é sempre chocante em construções antigas*".[30] Tal critério já havia sido verificado em outros restauros.

No Ofício nº1, de 11 de janeiro de 1944, Luís Saia informa ao Sr. Diretor do SPHAN, que procederia o mais brevemente com a vistoria na "Igreja" Nossa Senhora do Pilar

[28] Documento 15 - Certidão de Tombamento, Ofício 329/84 Livro do Tombo Histórico, insc. nº:238, e Livro do Tombo de Belas-Artes, f.64, insc.nº.305, instituídos pelo Decreto-lei nº25 de 30 nov de 1937; Obra: Capela N.S. Pilar; Natureza da Obra: Arquitetura Religiosa; Situação: Taubaté, Estado de São Paulo; Proprietária: Diocese de Taubaté; nº do processo 343/44; Caráter do tombamento: Anuência. Data da inscrição: 26/10/1944. Doc. IPHAN/SP, de 13 ago de 1984. Ver item 11. ANEXOS II, p.210.

[29] Documento 16 - IPHAN/SP, Estimativa para reforma necessária a Capela do Pilar. Ver item 11. ANEXOS II, p.211.

[30] Documento 17 - IPHAN/SP – Informativo nº4, Informação da Seção Técnica, de A. R. Miranda, Rio de Janeiro, de 07/01/1944. Ver item 11. ANEXOS II, p.212.

em Taubaté, para o exame do monumento e posterior feitio dos estudos.[31] Em outro documento, supostamente de 16/03/1944 em papel timbrado da Companhia Predial de Taubaté, novo descritivo de serviços a serem executados na capela, e na relação: o revestimento em taipa (técnica original da construção); uso do concreto armado com ferros; concreto "magro" para piso; a necessidade de mão de obra de pedreiro, servente; e; específica ao manuseio da madeira, o carpinteiro.[32] Evidenciando novamente os preceitos da Carta de Atenas quanto ao uso de materiais modernos, e o aspecto particular de serviços especializados.

Somente em 31 de julho de 1944, Saia enviou o relatório tão aguardado por Rodrigo M. F. Andrade sobre a vistoria na Capela de Taubaté. Com outros trabalhos também em andamento, como no caso do Sítio e Capela Santo Antônio em São Roque, alguns recálculos causaram alguns atrasos dos prognósticos. Conforme o documento alguns custos da obra poderiam ser minimizados, como exemplo a estrutura do telhado, pois existiam madeiras em condições de reaproveitamento e também a possibilidade do reuso de madeira de demolição cedida pela prefeitura, advinda de um antigo prédio do século XIX.

Alguns critérios projetuais e estéticos a serem considerados são descritos por Saia, *"Ainda existe na fachada o problema dos janelões e dos guarda-corpos desses janelões. Parece que esses guarda-corpos, de ferro são mais recentes e com a retirada deles a gente poderá verificar, no batente a marca dos antigos."* [33] Nos croquis, não datados selecionados no acervo da Capela dos arquivos documentais do IPHAN/SP, o desenho da porta principal apresenta verga reta, o que não segue foto antiga datada 1856. Como não há evidências iconográficas do monumento à época do século XVIII, pressupõe-se que a partir de conceitos pré-estabelecidos em função do modelo ideal, da arquitetura colonial paulista tomou-se tais decisões projetuais, modificando-se o desenho anterior em curvatura. Verificou-se desse modo, a preocupação no retorno às feições originais, preceitos defendidos na Carta de Atenas de 1931.

---

[31] Documento 18 - IPHAN/SP – Ofício nº 1 , Carta ao Diretor do SPHAN de Luís Saia, de 11/01/1944. Ver item 11. ANEXOS II, p.213.

[32] Documento 19 - IPHAN/SP – Descritivo de Serviços referentes à Capela do Pilar, de 16/03/1944. Ver item 11. ANEXOS II, p.214.

[33] Documento 20 - IPHAN/SP – Carta a Rodrigo M. F. de Andrade de Luís Saia sobre Vistoria na Capela do Pilar, de 31/07/1944. . Ver item 11. ANEXOS, p.215.

Logo, os estudos apontaram que os princípios gerais e doutrinas concernentes à proteção dos monumentos históricos defendidos na Conferência foram aplicados, como: o entendimento de que cada caso pode comportar solução própria; o respeito na construção do edifício ao caráter e fisionomia da cidade; o emprego dos materiais modernos à consolidação de edifícios antigos; e; a utilização dos monumentos para seguridade e continuidade de sua vida, destinando-o sempre às finalidades em seu caráter artístico ou histórico, colaborando-se à intenção de criação do Museu de Artes Sacras regionais no caso da Capela de Taubaté.

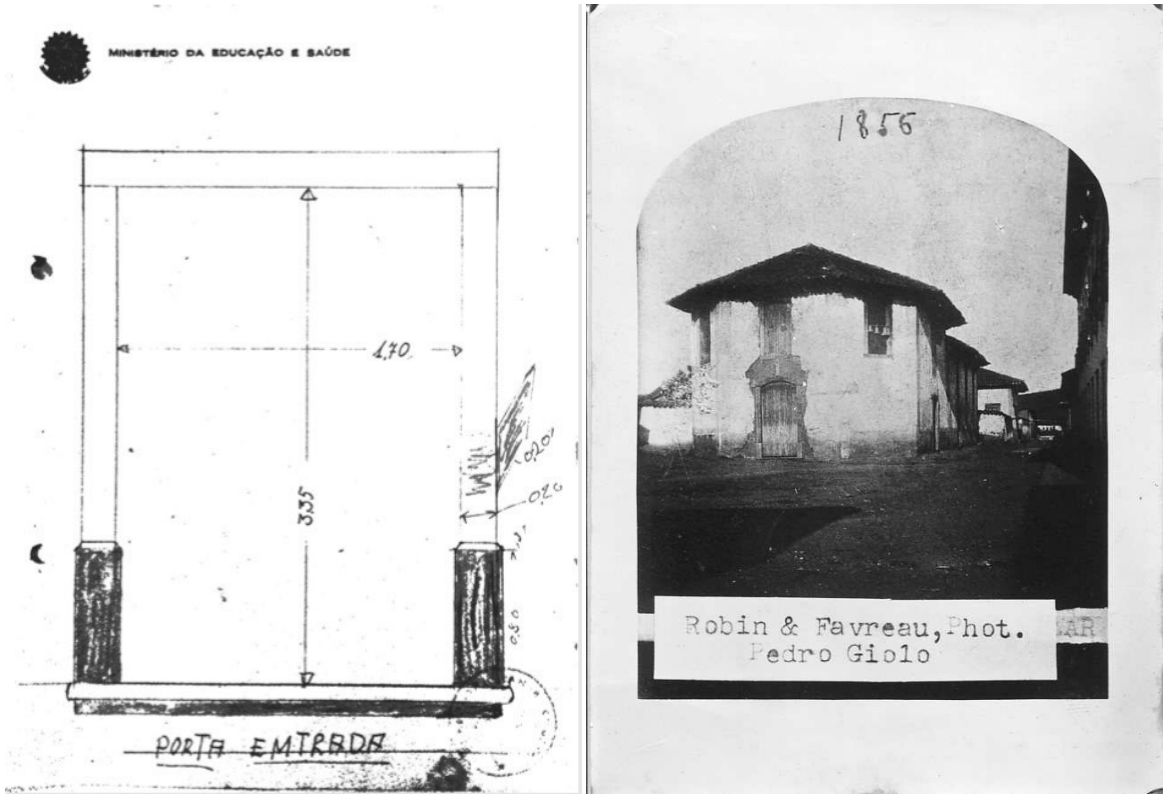


Figura 13 - Croquis porta principal Capela N. S. do Pilar, SD. Fonte: Arquivo documental do IPHAN/ SP.

Foto 17 – Capela N. S. do Pilar, 1856. Registro: Robin&Favrou, Pht. Pedro Giolo.Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/SP

Em Carta enviada a Luís Saia em 29 de agosto de 1939, o Diretor Geral do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Rodrigo M. F. de Andrade, transcreve trecho de uma carta dirigida pelo Bispo D. André Arcoverde, bispo de Taubaté, referente à Capela Nossa Senhora do Pilar,

> "Comunico a V. Excia. que a Prefeitura de Taubaté estuda presentemente vasto plano de remodelação desta cidade, interessando também no mesmo plano, a histórica capela de N. S. do Pilar, onde se reuniram e de onde partiram os bandeirantes paulistas, em demanda aos sertões."

E continuou explicando o plano de 2 projetos a serem analisados: um pretendia a demolição do templo e construção de um monumento no local; e ; o outro que fora escolhido "*transforma a capela em Museu, feitos os reparos e construídos os compartimentos adjacentes para uma melhor instalação."* Assim, o segundo plano seria o que mais se aproximaria dos intuitos do Departamento e da população, [...] *e é vontade dos taubateanos que a preciosa relíquia, única dos tempos da fundação desta cidade, é a mais pura e original que a história de Taubaté registra, não desapareça*." [34] Em outra carta a Luís Saia por Dante Cicchi, de 13/11/1945, o construtor relata "*que os serviços referentes ao Museu Histórico estão em franco andamento [...]", r*eafirmando desde o inicio dos trabalhos o caráter do monumento à Museu da Arte Sacra Regional, vislumbrando-se mais uma diretriz da Carta de 1931. Comunica também que para não paralisação dos trabalhos solicita o envio "*com máxima urgência 100 sacos de cimento para enchimento das vigas e colunas"* e arame farpado para "*fazer as sapatas que estão todas abertas e não convém ficar muito tempo expostas devido a termos uma das taipas fora do plumo."*[35]

Pressupõe-se que outro critério que foi bastante utilizado pela regional paulista foi o "da experimentação", já que a técnica da taipa era diferenciada em relação à pedra do litoral e do restante do país, e os procedimentos e metodologias em relação ao restauro estavam em fase de modelação no Brasil. Conforme a Carta nº95/45, de 26/12/1945, Saia informa ao Sr. Dante Cicchi[36], encarregado das obras de restauro, que o experiente técnico da regional Lincoln Faria, iria à Taubaté acompanhar os trabalhos, "*a execução do concreto da estrutura assim como para industriar o mestre de obra sobre a maneira de executar o revestimento."* E ressalva a importância dos detalhes e execução cuidadosa visando-se a "*boa aparência das obras*." [37] Porém, apesar de Telegrama enviado com urgência a Saia, em 04/08/1944, por J. A. Cavalcanti de Albuquerque "*agradecendo remessa orçamento plantas igreja Pilar Taubaté",* afim de deliberação da seção técnica do Rio de Janeiro,[38] a pesquisa

[34] Documento 21 - IPHAN/SP, Carta a Luís Saia de Rodrigo M. F. de Andrade, de 29/08/1939. Ver item11. ANEXOS II, p.216.
[35] Documento 22 - IPHAN/SP, Carta a Luís Saia de Dante Cicchi, de 13/11/1945. . Ver item11. ANEXOS II, p.217.
[36] Dante Cicchi, licenciado construtor local indicado supostamente pela Companhia Predial de Taubaté para execução dos serviços e obra.
[37] Documento 23 - IPHAN/SP, Carta nº95/45 a Dante Cicchi de Luís Saia, de 26/12/1945. Ver item 11. ANEXOS II, p.218.
[38] Documento 24 - IPHAN/SP, Telegrama urgente a Luís Saia de J. C. Cavalcanti de Albuquerque, de 04/08/1944. Ver item 11. ANEXOS, p.219.

ainda em andamento não encontrou nenhum projeto ou croquis referencial a tais diretrizes para a exímia execução dos trabalhos como sugerido.

Na carta nº40/46, de 22/03/1946, Luís Saia relata a Rodrigo M. F. Andrade, seu encontro com o Bispo da Diocese, o qual havia solicitado orientações quanto à manutenção sobre o altar-mor da Catedral de Taubaté. Também menciona no documento a presença de uma pessoa interessada na fabricação de um móvel,

> "uma mesa de altar de pedra ou mármore, mesa essa que deveria possivelmente ser combinada com o retábulo. Informei verbalmente a essa pessoa que, uma vez que o referido altar não estivesse ainda tombado, não poderia senão a titulo informativo, dizer qual era a opinião da Diretoria sobre tal combinação de partes novas e partes antigas. Pessoalmente desde de logo poderia dizer que achava a iniciativa inteiramente desacertada". [39]

Como dito, esta análise deve deter-se ao período da pesquisa nos princípios empregados até a 1ª metade do século XX, utilizando-se principalmente os conceitos das Cartas de Atenas de 1931 (Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações) e da Assembleia do CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), a Carta de Atenas de novembro de 1933. Como vimos, o critério *do emprego de materiais modernos para consolidação dos edifícios antigos* (Item IV – Os materiais de restauração), foram seguidos no restauro da capela com o uso descomedido do concreto armado na estabilização do monumento de taipa e arame farpado na consolidação da fundação. Entretanto, no caso da recuperação do altar-mor da Catedral de Taubaté (monumento indeferido na lista de tombamentos do IPHAN/2017).[40] Saia declara que partes novas e antigas não deveriam ser combinadas, pois "*achava a iniciativa inteiramente desacertada*". A Conferência de Atenas, estabeleceu que "*conservar [a escultura monumental] quando existem os modelos originais e, na falta deles, a execução de moldes",* ou seja, modelos reproduções fidedignas. (item V – A deterioração dos monumentos).

2.15. A ESCOLHA DE ESTUDO SOBRE A CAPELA

O objeto de estudo foi selecionado uma vez que não existiam estudos realizados no artefato a partir do recorte e abordagem específicos, sob o foco das questões do Patrimônio, da Filosofia da Arte, da Arquitetura e Artes Visuais. Constituiu-se como demonstrado, um importante monumento histórico e artístico no âmbito nacional,

[39] Documento 25 - IPHAN/SP, Carta nº40/46 a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia (folha 01/02), de 22/03/1946. Ver item 11. ANEXOS II, p.220-221.
[40] Documento IPHAN/SP – Lista dos bens tombados e processos de tombamento em andamento – São Paulo (Atualização: 17/11/2017). Ver item 12, p.223.

que foi dos primeiros monumentos tombados juntamente com seu acervo de obras artísticas, que participaram como cenário de fatos notáveis da História do Brasil, através de personagens que marcaram sua memória e dela se ocuparam.

2.16. O DIÁLOGO ENTRE RESTAURADORES E A REFERÊNCIA CONCEITUAL

Os referenciais selecionados pela pesquisa ligados ao pensamento ocidental sobre o patrimônio dialogam diretamente com os trabalhos e os conceitos desenvolvidos no inicio das atividades pela regional paulista, uma vez que a área de restauração encontrava-se ainda pouca explorada no universo das experimentações.

John Ruskin, conservador em relação aos bens patrimoniais, num primeiro momento influenciou de maneira significativa os conceitos de "exaltação à conservação do patrimônio como *expressão da arte"* e dos processos de desenvolvimento cultural, estabelecendo relações de compromisso social entre as gerações presente e futura. Considerando-se que à época objetivou-se uma afirmação da arquitetura nacional em contraposição à arte portuguesa, influenciado pelo pensamento modernista "na busca pela produção artística genuinamente brasileira" (GONÇALVES, 2005, p.114).

Viollet-le-Duc, concebeu a metodologia ligada à série de princípios relacionados à teoria do modelo ideal, de domínio da técnica pelo arquiteto, artista, artificie ou artesão, valorizando a importância da mão-de-obra operária e uso dos edifícios restaurados. A matéria é perene e ao contrário dos preceitos defendidos por Ruskin, o monumento não morrerá com dignidade uma vez que sua memória do lugar sucumbirá e se apagará com o mesmo.

"*A restauração, a palavra e o assunto são modernos. Restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo em um estado completo que pode não ter existido nunca em um dado momento*". (VIOLLET-LE-DUC, p.29, 2000). Verificou-se nos estudos que a noção de unidade estilística, de origem *violletiana,* foram princípios vislumbrados nos processos de restauro e intervenções de Saia em busca de "modelos abstratos". O estudo recomendado por Le Duc de modelos medievais para reconstituir a unidade do monumento, foi transposto e adaptado aos moldes brasileiro na necessidade de conhecimento quanto à arquitetura colonial, suas soluções e partidos, o que influenciou a produção estética da época. (GONÇALVES, 2007, p.187).

Camillo Boito, de posição intermediária, realizou através de seu trabalho de restauro e pesquisa científica, análise profunda dos aspectos formais, técnico-construtivos e detalhes ornamentais, baseados em levantamentos métricos, estudos de observação, documentação, fotografia nos enfoques micro e macro que acarretaram no desenvolvimento de um método mediano entre Ruskin e Le-Duc. Essa metodologia também se estabeleceu como uma preocupação dos técnicos e coordenadores do SPHAN, nas questões levantadas pela regional de aproximação e realização das atividades de restauração.

Há ainda o dever de se destacar obras referenciais como a Teoria do Restauro (1963) de Cesare Brandi, que influenciou expressivamente o pensamento sobre o patrimônio brasileiro. Seu aspecto primordial é a atualidade de suas concepções e ideais, que a partir da difusão da obra em países de língua portuguesa, acarretou uma profunda representatividade na promoção da cultura, educação para o restauro e tutela de memórias, ultrapassando os limites sócios geopolíticos. Podendo-se afirmar que a teoria brandiana e o pensamento "de restauro crítico", reflexivo, delinearam novas perspectivas no desenvolvimento da defesa do patrimônio cultural fora da Itália e da Europa, ampliando conceitos no Brasil.

> "[...] a necessidade de uma tutela difusa e de um empenho específico na defesa de uma documentação histórico-testemunhal como tal, "testemunhos que possuem valor de civilização", "expressões de cultura material", "objetos de pesquisa científica" (Giovanni, CARBONNARA. Apresentação. In: BRANDI, Cesare. Teoria da Restauração, São Paulo, 2004).

2.17. OS ATRIBUTOS DA EXPERIÊNCIA PAULISTA NA FORMAÇÃO DO IPHAN

A Capela participou da primeira fase de formação e atividades do SPHAN, foi dos primeiros casos de restauração pós-tombamento no Brasil, juntamente com a Igreja Nossa Senhora do Rosário em Embu (restauro 1939-1940); a Igreja de São Miguel Paulista em São Paulo (restauro 1939-1944); e; quase concomitantemente, com o Sítio e Capela de Santo Antônio em São Roque (restauro 1940-1947). Na época do recorte temporal do objeto, era "recente constituição da restauração enquanto disciplina- e, portanto, ainda em processo de formulação de métodos específicos de trabalho" (GONÇALVES, 2005, p.98). As particularidades se constituíram nas atividades de experimentação da regional paulista, nos exercícios do projeto de arquitetura, de análise de matérias e técnicas, e, de recomposição das obras artísticas desses primeiros trabalhos realizados.

A presença de Mário de Andrade no inicio das atividades do SPHAN/ SP retratou um entusiasmo e a amplitude conceitual quanto aos valores artísticos e históricos, na seleção dos monumentos e obras de arte particulares à regional. O patrimônio imaterial inserido como importante preocupação refletindo-se diretrizes e preceitos contemporâneos quanto ao pensamento patrimonial e a preservação da memória.

2.18. APROXIMAÇÕES ENTRE AS REFERÊNCIAS CONCEITUAIS E A CAPELA

As aproximações que se pretendeu realizar versaram aos assuntos referentes à restauração e preservação do patrimônio histórico e à metodologia da pesquisa científica, especificamente no campo das Artes Visuais e da Arquitetura. Utilizando-se do artefato como objeto de estudo, a Capela Nossa Senhora do Pilar, referências pretenderam estabelecer uma visão das disposições quanto ao patrimônio, autores basilares, seus princípios e especificidades. As relações quanto aos critérios empregados, promovendo-se uma aproximação metodológica dos processos, respeitando-se a diferenças ideológicas vigentes em cada corrente do pensamento, e, identificando-se os pontos de contato, áreas de fronteira, as proximidades e especificidades do emprego do método na pesquisa científica em restauro, uma área do patrimônio que está inerente à arquitetura e às artes visuais.

As questões do patrimônio particularmente concebidas no contexto da pesquisa em Artes Visuais apareceram no debate que se apresentou quando à fundação da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), em 1986. A entidade designou cinco comitês que se responsabilizaram por seguimentos específicos e respectivas linhas de pesquisa: História e Teoria da Arte; Arte-educação; *Restauração*; Curadoria; e; Linguagens Visuais. No caso da pesquisa que visa à dimensão do restauro, o estudo sobre o patrimônio é fundamental, o que demanda um método. A metodologia de pesquisa em Artes Visuais instaurou uma discussão sobre certas dificuldades na definição e caracterização desses processos. “Há um fio que percorre continuamente todas as culturas e que é feito de dois cordões. Esse fio é o da ciência e da arte” (BRONOWSKI *apud* ZAMBONI, 2012, p.19). Assim, verificou-se que a arte e a ciência complementam-se nesse sistema.

Conforme Zamboni, “a arte, enquanto área do conhecimento humano abarca um amplo espectro de expressões e manifestações” (Ibidem, p.5). Essa diversidade impõe diferentes tipos de abordagens, métodos e técnicas de investigação, sendo imprescindível ressaltar-se na busca por soluções, o método oferecerá caminhos a

serem trilhados, que poderão levar a resultados jamais antes imaginados. Logo, é fundamental que a delimitação e os recortes da pesquisa sejam adequados à determinada finalidade a que se propõem.

A racionalização do pensamento em relação às Artes processa-se desde Platão e Aristóteles até Descartes, e ainda hoje é vislumbrando nas preocupações e necessidades do sistema acadêmico, nas universidades e instituições de fomento à pesquisa científica, com o intuito de algum modo validar discursos artísticos e a pesquisa em Artes Visuais. A necessidade da exposição dessas questões baseia-se em princípios presentes, nas demandas de produção do conhecimento científico: na "busca sistemática de soluções" com a finalidade de descobrir-se algo nas diversas áreas do saber; e; o estabelecimento "do método", que requer a sistematização, premeditação de atividades e pensamento lógico. Toda pesquisa científica assenta-se por determinado método que se constitui por estratégias ou "caminhos", a ser alcançados, objetivos gerais e específicos. Os métodos de investigação científica e filosófica surgiram no anseio de entendimento do homem das interpretações do mundo, particularmente delineados por Descartes. A História do conhecimento humano tal como a História da Arte e da Arquitetura se escrevem em conformidade e consequência da própria atividade humana, e dos valores e juízos das sociedades das diversas épocas.

> A divisão do conhecimento humano, principalmente no que diz respeito aos aspectos *explicativos,* deu-se principalmente a partir de Descartes (1596-1690). Suas ideias e seu método influenciaram sobremaneira todo o modo de pensar ocidental, provocando uma ruptura com a maneira de conceber o mundo. Descartes fez da razão o ponto de apoio para desenvolver sua teoria, que é calçada na necessidade de um *método.* "Ele parte de quatro conceitos básicos: evidência, divisão, ordem e enumeração, justificando que é mais funcional dispor de poucos preceitos do que de um grande número deles, tal como se estrutura a lógica; e os enuncia, no seu Discurso sobre o Método." (ZAMBONI, 2012, p.11).

A visão mecanicista da vida teve influência direta do pensamento cartesiano-newtoniano, e ainda é na atualidade, base sólida ao pensamento científico ocidental. Todavia, a física moderna nos apresenta novos critérios a serem considerados, como a relação sistêmica do universo, onde tudo deve estar conectado por vínculos e relações de interdependência, a partir de novos princípios de auto-organização de sistemas, mudando radicalmente nossa percepção e a maneira de como enxergamos e entendemos o mundo. Porém, é preciso atentar-se de que uma teoria não inválida a outra, e vice-versa, pois a rigor são complementares.

Os paradigmas do século XXI, as descobertas da física quântica e a visão de outra realidade vislumbram novos espectros quanto aos caminhos da ciência, sociedade e cultura. Essa nova perspectiva origina-se de profunda crise de percepção da sociedade, ocasionada pela inversão de valores advinda desde as últimas décadas do século XX. “É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade.” (CAPRA, 2012, p.21). Fritjof Capra, em “Ponto de Mutação”, apresenta uma nova concepção de entendimento do universo apoiado principalmente no olhar sistêmico.

No processo de restauração é necessário também que se constitua investigação sistematizada e análise criteriosa de monumentos (de patrimônios histórico, artísticos e culturais), e requerem igualmente a determinação de um método de estudo, que podem ser: de verificação quanto à valoração do monumento à sua historicidade; de caracterização entendido como o esquema geral e particularidades arquitetônicas, estéticas e artísticas (artes aplicadas) do monumento; e; de valoração conforme categorias de valor atribuídas por órgãos responsáveis de Estados e Municípios, entre outros, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional); ou CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arquitetônico, Artístico e Turístico do Estado) órgão oficial do estado.

Estabelecidas as aproximações entre as questões do restauro, como segmento da área de patrimônio, à arquitetura tal qual às artes visuais e a indispensabilidade de metodologia apropriada à prática da pesquisa científica em Restauração e nas Artes. Enfatizando-se alguns preceitos da Carta de Veneza, internacional de 1964, um dos documentos mais importantes do século XX sobre a conservação e restauração dos monumentos e sítios históricos; tratou a restauração como “uma operação que deve ter caráter excepcional e teve por objetivo conservar e revelar os valores estéticos e históricos do monumento; fundamentou-se no respeito ao material original e aos documentos autênticos.” (ICOMOS, 1964, p.2). Constatou-se assim, que existem muitos outros questionamentos a serem examinados e aprofundados, principalmente aqueles relacionados à pesquisa específica do restauro, onde cada caso é um caso.

PARTE IV - LEVANTAMENTO ARQUITETÔNICO E ESTÉTICO DO ARTEFATO

2.19. LINHA DO TEMPO – CRONOLOGIA ICONOGRÁFICA

Foto 18 – Capela N. S. do Pilar, registro em 1856. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP.

Foto 19 – Capela N. S. do Pilar, registro em 1937. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP.

Foto 20 – Foto aérea Capela N. S. do Pilar, sem data (provavelmente anterior ao restauro pois aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP.

É pressuposto que, a partir do registro feito na segunda metade do século XIX, apesar da pouca nitidez da imagem, foram estabelecidos parâmetros por análise imaginética de onde se extraíram os critérios adotados pelos técnicos do SPHAN e da regional paulista ao projeto e execução das obras de restauro executadas na década de 1945-1949. Por análise comparativa dos aspectos externos, arquitetônicos e urbanísticos entre os registros de 1937, feitos pelo técnico do SPHAN/SP, Germano Graeser, no fim da década de 1940 e do período do processo da primeira restauração, verificou-se a ocorrência de padrões ou arquétipos que foram seguidos, tal quais as obras já relacionadas da primeira fase de restauro da regional paulista, intitulada de “fase de experimentação”.

Nas atividades de restauração percebe-se que foi estabelecido um paradigma, que pode ser revelado através de particularidades presentes nas primeiras obras, como veremos a frente no item 3. Discussão geral, subtítulo 3.1. O Artefato pertence a um quadro conceitual – técnico e metodológico. Adiantando-se o assunto, o que se pode apresentar, é que com base em singela análise comparativa de imagens, o percurso por que percorreu a obra e o monumento, as alterações arquitetônicas e morfológicas a que foi submetido em seus aspectos artísticos e estéticos.

Foto 21– Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente anterior ao restauro, pois a fachada lateral aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP.

Foto 22 - Capela N. S. do Pilar, sem data (provavelmente posterior ao restauro, década de 1950, pois a torre sineira foi eliminada). Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté.

Foto 23 - Capela N. S. do Pilar, registro em 1950. Fonte: Acervo MISTAU

No relatório enviado a Luis Saia em 18 de fevereiro de 1946, por Luís Cicchi, responsável pelo material e execução da mão-de-obra das obras de restauração que eram executadas na Capela N. S. do Pilar em Taubaté/ SP, enviou a fatura correspondente a serviços executados no assoalho da edificação e a finalização dos serviços referentes ao revestimento externo e forros dos beirais: "O serviço de revestimento está em vias de conclusão na parte *esterna*, os forros dos beirais estão sendo feitos *asim* os internos, todos os serviços em franco andamento".[41]

[41] Documento 26 - IPHAN/SP, Carta a Luís Saia de Dante Cicchi, de 18/02/1946. Ver item 11. ANEXOS II, p.222.

Foto 24 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data. Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté.

Foto 25 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data, (provavelmente década de 1970) Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté.

Os aspectos mais evidentes das propostas realizadas no projeto foram a eliminação de elementos que pudessem remeter à intervenções do século XIX, como os gradis de ferro retirados das janelas superiores da fachada frontal da Capela por guarda-corpo de madeira de estilo mais rústico e singelo, a troca de telhas bem como a alteração da estrutura do telhado, sua inclinação que deu uma “achinesada” com o acréscimo dos cachorros de beirais, similarmente à estética do telhado do sítio do padre Inácio em Cotia/SP e Capela do Sítio Santo Antônio em São Roque/SP. Todavia, percebe-se na eliminação da torre sineira da lateral da Capela, o seria o caso mais emblemático e que veremos a frente com maior profundidade no item 7.6: “a questão da torre sineira: um retorno ao aspecto original?”, que decorreu em conseqüência dos critérios e “padrões” estabelecidos e vigentes à época.

Foto 26 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente década de 1940) Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté.

Desde o início de vistoria do artefato pelo SPHAN, em fins da década de 1930, já se configurava intenção da Diocese de Taubaté em investir no caráter museológico e contemplativo da Capela de N. S. do Pilar. O significativo acervo de obras de arte regionais pertencente à igreja e município se funda premissa à instituição do Museu.

Foto 27- Foto Interna Capela N. S. do Pilar, Museu de Arte Sacra (MASDE), foto sem data. Fonte: Acervo MISTAU. Taubaté.

Foto 28 - Imagens São Benedito e São Nicolau (à esquerda).

Foto 29 - Pintura de São José (à direita). Fonte: Arquivo fotográfico do IPHAN/SP.

Foto 30 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (Interior, provavelmente anterior ao restauro, pois mostra o *boiserie,* faixa de pintura na parede). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP.

O Museu de Artes é um setor da Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Taubaté. Conforme já exposto no capítulo 6.4. Contextualização do artefato – A Capela N. S. do Pilar, "foi inaugurado na noite de 23 de dezembro de 1985, constando das festividades em comemoração ao 340º aniversário da elevação de Taubaté a condição de Vila, fato este ocorrido a 5 de dezembro de 1645."(ANDRADE, 1991, p.105). Logo, consagravam-se não somente os anos vividos do município, mas as glórias do SPHAN Pró-Memória, no segundo projeto de restauração do artefato. O convite redigido por Prof.º Paulo Camilher Florençano, historiador e dedicado defensor do monumento, promulgava os êxitos da equipe da regional paulista,

> Ao grato ensejo da conclusão dos trabalhos de restauração realizados pelo SPHAN pró-memória na Capela de Nossa Senhora do Pilar desta cidade- um dos raros exemplares chegados até o presente momento no que se refere as ermidas pertencentes as confrarias do Brasil Colônia – temos o prazer de convidar Vossa Excelência para cerimônia inaugural da Exposição "IRMANDADES E CAPELAS"que precederá ali, à instalação do MUSEU DE ARTE SACRA instituição permanente, programada pela Prefeitura Municipal de Taubaté , Mitra Diocesana e SPHAN pró-Memória."

As pinturas na parede que aparecem na foto 30, compõem um "barrado"ou *boiserie* foi suprimido, visto que, segundo as análises do IPHAN, tais elementos não faziam parte da composição original do monumento do século XVIII. Logo, a pintura branca, incorporou-se no "padrão" e estética da arquitetura colonial, "legítima" brasileira.

2.20. LEVANTAMENTO DE IMAGENS – CADERNO DE OBRAS

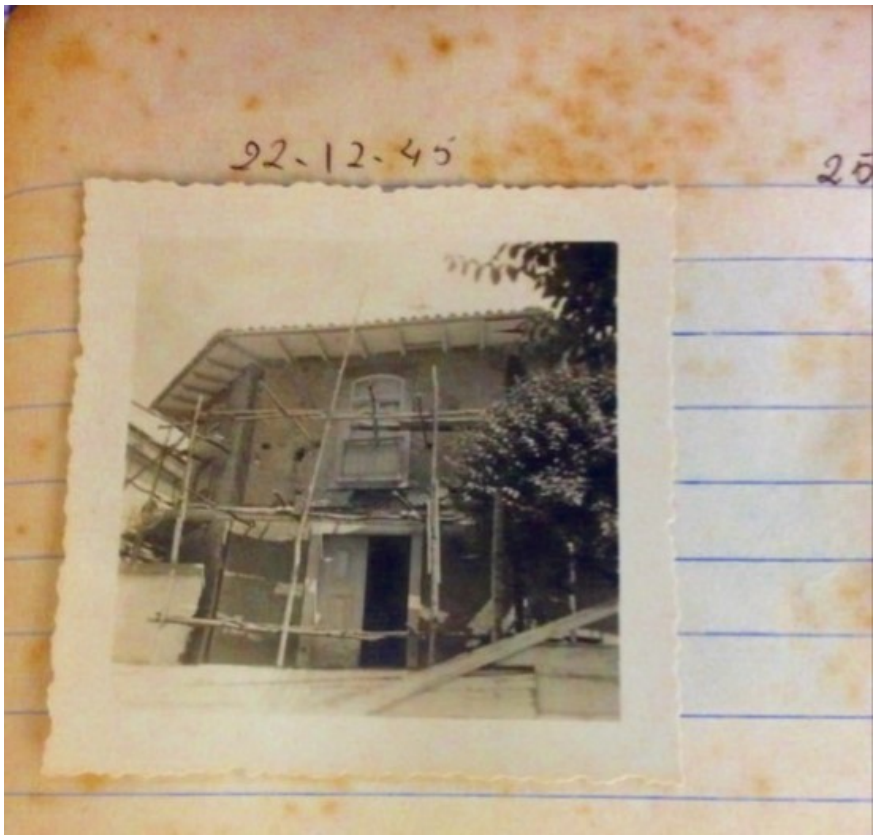


Foto 31 - Fachada frontal Capela N. S. do Pilar, restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

Foto 32 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar - Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

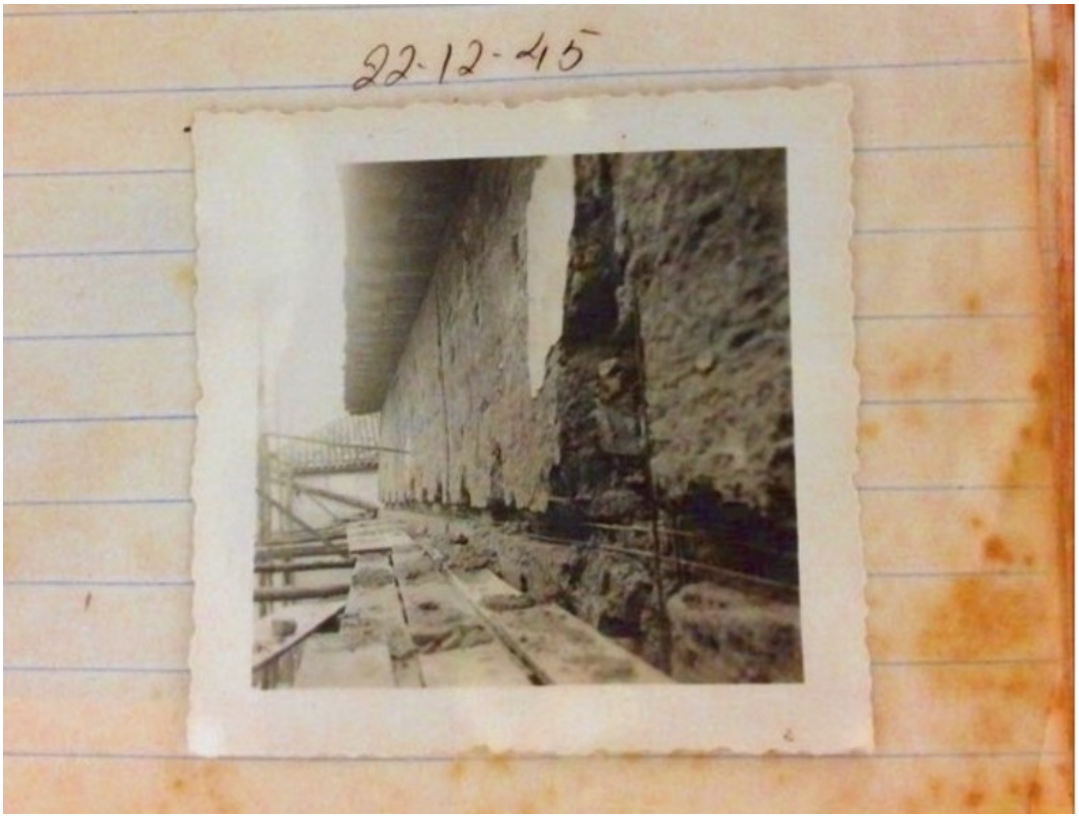


Foto 33 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Detalhe corte taipa e inserção de ferragens, Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

Foto 34 - Detalhe torre sineira Capela N. S.do Pilar – Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

Foto 35 - Interna Capela N. S. do Pilar – Detalhe forro e estrutura telhado, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

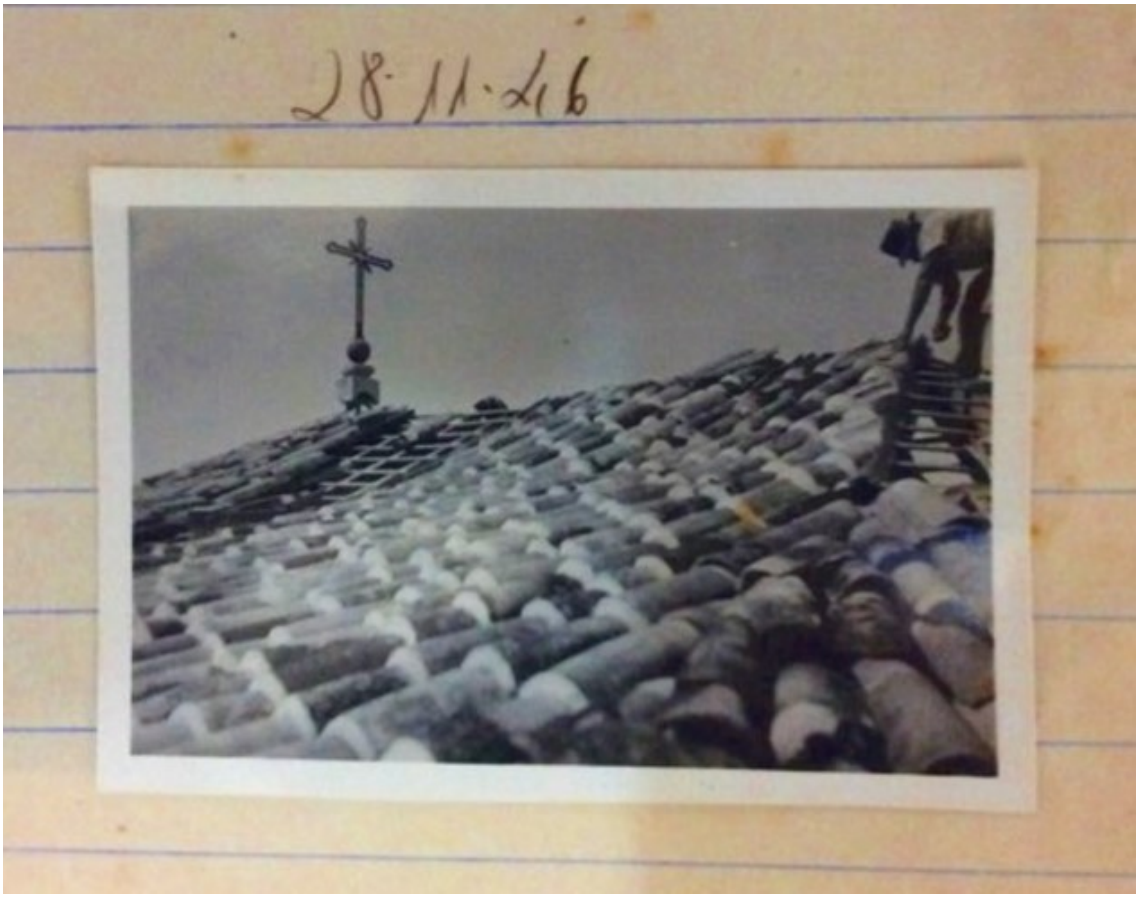


Foto 36 - Telhado Capela N. S. do Pilar – Detalhe cruz de ferro e trabalhador, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

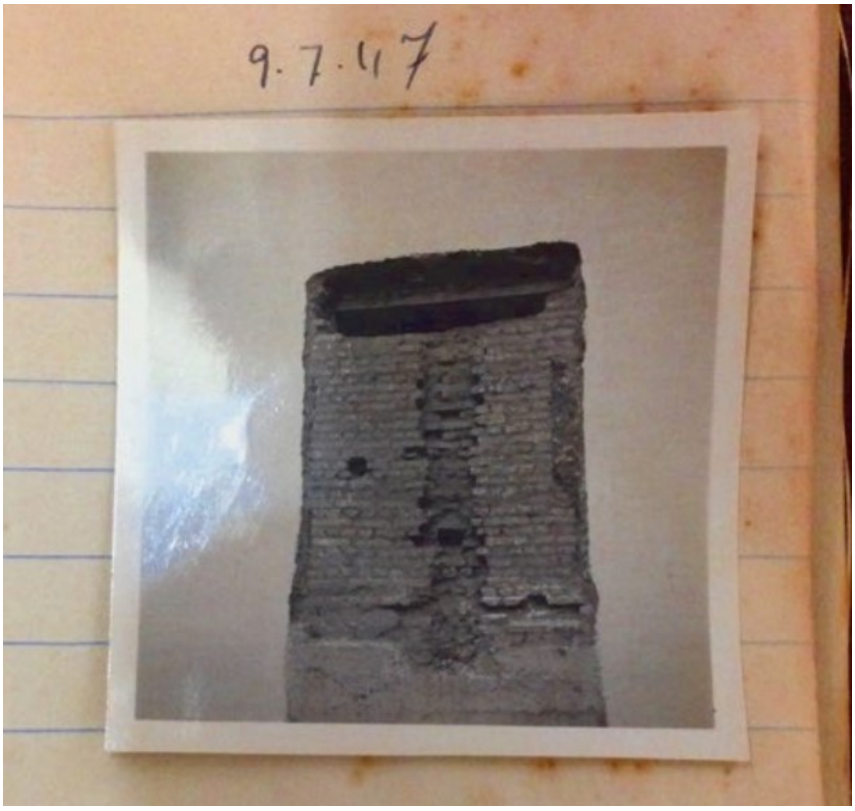


Foto 37 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Fechamento alvenaria com tijolos de barro, Restauro SPHAN 09.07.1947. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

Foto 38 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Detalhe paisagem urbana, Restauro SPHAN 10.02.1950. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP.

Os objetivos específicos do trabalho delimitaram-se em compreender o processo de restauração realizado pelos técnicos da regional paulista do SPHAN, de 1945-1949, coordenados pelo arquiteto-engenheiro Luís Saia. Na identificação dos conceitos, referenciais e métodos adotados; bem como, o artefato artístico e arquitetônico como monumento histórico nacional; e; os reflexos de tais intervenções, que reverberam até a atualidade em sua composição estética; na existência ou inexistência do monumento à comunidade, sobretudo no âmbito urbano.

As considerações a serem feitas dos registros encontrados no Arquivo fotográfico da Superintendência da regional do IPHAN em São Paulo, devem ser entendidas como um modesto recorte dos trabalhos executados na década de 1940, no primeiro processo de restauração por qual passou a Capela Nossa Senhora do Pilar, já que o meio de investigação foi sujeito a restrições no acesso às fotos, limitando-se somente a oito fotografias do Caderno de Obras, do técnico do SPHAN Luis Saia. Todavia, não se pode deixar de reconhecer que a obtenção de tais fotos representou grande avanço às investigações do restauro, onde se percebe a constatação de alguns pressupostos que haviam sido apresentados no decorrer do trabalho.

- Foto 32- Fachada lateral Capela N. S. do Pilar - Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Igualmente do primeiro ano do processo de restauração visualiza-se a fachada lateral adjacente a Rua Bispo Rodovalho, aparecem novamente às estruturas de andaimes com a taipa exposta. Apesar da pouca precisão visualizam-se patologias no revestimento como: pequenos furos ou buracos na taipa, que ocasiona deterioros como: fragilização da parede estrutural. Também aparece a torre sineira lateral que foi demolida, por ser considerada não-pertencente ao modelo idealizado ao projeto de restauro.
- Foto 33 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Detalhe corte taipa e inserção de ferragens, Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Este registro da mesma época das anteriores mostra lateral do corpo da capela, e revela um pouco da espessura e técnica construtiva da taipa, bem como, com a intervenção na estrutura da edificação com a inserção de ferragens, parecendo “amarrações” na alvenaria junto aos andaimes de madeira.

- Foto 34 - Detalhe torre sineira Capela N. S .do Pilar – Restauro SPHAN 22.12.1945. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Da mesma época das anteriores, ainda no primeiro ano de restauração da Capela, o registro mostra a lateral da antiga torre sineira que foi demolida, e também parte do telhado onde ocorreram patologias como: deslocamento de telhas cerâmicas, que ocasiona deterioros como: danos nos forros; nos pisos de madeira; infiltração de água e umidade na parte interna da edificação; principalmente danos na ornamentação em talha.
- Foto 35 - Interna Capela N. S. do Pilar – Detalhe forro e estrutura telhado, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Registro interno feito no segundo ano do processo de restauração mostra parte dos arcos da entrada sob o coro do pavimento superior da Capela, detalhes dos entalhes do guarda-corpo do coro; as três janelas superiores com esquadrias com estrutura em madeira e vidro, que foram substituídas por janelas de abrir toda em madeira, um modelo mais condizente ao “padrão da arquitetura colonial paulista”, segundo os critérios do SPHAN à época; e; sobretudo a estrutura de madeira do forro em “gamela”oitavada sendo reconstruído (sabe-se do fato, através da documentação do arquivo documental do IPHAN/SP); e; o telhado “descoberto”em partes. As patologias como: deslocamento de telhas, que causam inúmeros deterioros como: infiltração de água e umidade no interior da edificação, sempre foi uma constante no percurso de vida da Capela de Nossa Senhora do Pilar em Taubaté/SP.
- Foto 36 - Telhado Capela N. S. do Pilar – Detalhe cruz de ferro e trabalhador, Restauro SPHAN 28.11.1946. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Registro idem do segundo ano do processo de restauração exibe um trabalhador em cima do telhado, supostamente fazendo os serviços de reparos e troca de telhas. À mostra parte da estrutura dos caibros e madeiramento do telhado; a cruz de ferro na cumieira.
- Foto 37 - Fachada lateral Capela N. S. do Pilar – Fechamento alvenaria com tijolos de barro, Restauro SPHAN 09.07.1947. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. Foto de fase final do processo de restauração, pois a obra ficou “parada”durante certo tempo (sabe-se do fato, através da documentação do arquivo documental do IPHAN/SP) mostra fechamento em alvenaria de tijolos

de barro de vão de porta lateral. Apesar da pouca nitidez do registro, e do procedimento da obra em andamento, aparecem deterioros como: trincas na argamassa externa.

- Foto 38 - Fachada lateral Capela N. S.do Pilar – Detalhe paisagem urbana, Restauro SPHAN 10.02.1950. Fonte: Arquivo fotográfico IPHAN/ SP. O registro feito um ano após o termino do processo de restauração (1945-1949), exibe um cenário da paisagem urbana do município na década de 1950. Percebe-se que a Capela de Nossa Senhora do Pilar com as fachadas claras (brancas, apesar de a foto ser monocromática), no padrão das demais restaurações do “modelo colonial paulista”. O contexto já expõe a edificação limitada em sua lateral direita por outros prédios não pertencentes ao seu conjunto, e do lado esquerdo um campo aberto.

Os levantamentos que se apresentarão a seguir fazem parte de um projeto proposto de restauração no ano de 2005, pela arquiteta Lívia Vierno, junto à Mitra Diocesana de Taubaté e, atual proprietária e responsável pela edificação. A proposta foi apresentada a Prefeitura Municipal e ao IPHAN/ SP, com o intuito de se estabelecer um compromisso ou como no passado, na década de 1980 com o SPHAN Pró-Memória, um “Protocolo de intenções” no interesse de preservação e conservação do bem tombado. Contudo, a falta de recursos políticos e econômicos adiou mais uma vez esses projetos. A função do uso dos projetos, é essencial ao entendimento dos aspectos arquitetônicos e estéticos atuais do monumento, uma vez que desde essa época, o monumento não passou mais por modificações em sua estrutura arquitetônica e estética, tal como, por manutenções preventivas o que de certa maneira nos preocupa. Por conseguinte, o trabalho buscou como objetivo à atualização desses dados, através de visitas técnicas junto ao responsável técnico do SPHAN no Vale do Paraíba, produzindo-se um novo levantamento fotográfico, iconográfico e patológico do artefato. Com vistas às análise e comparação dos mesmos, das patologias e deterioros vislumbrados no projeto, que ainda estão presentes nos quadros de adversidades e problemas presentes no monumento histórico. O que veremos no item a frente com mais pormenores e detalhismo.

2.21. LEVANTAMENTO MÉTRICO / E FOTOGRÁFICO ATUAL

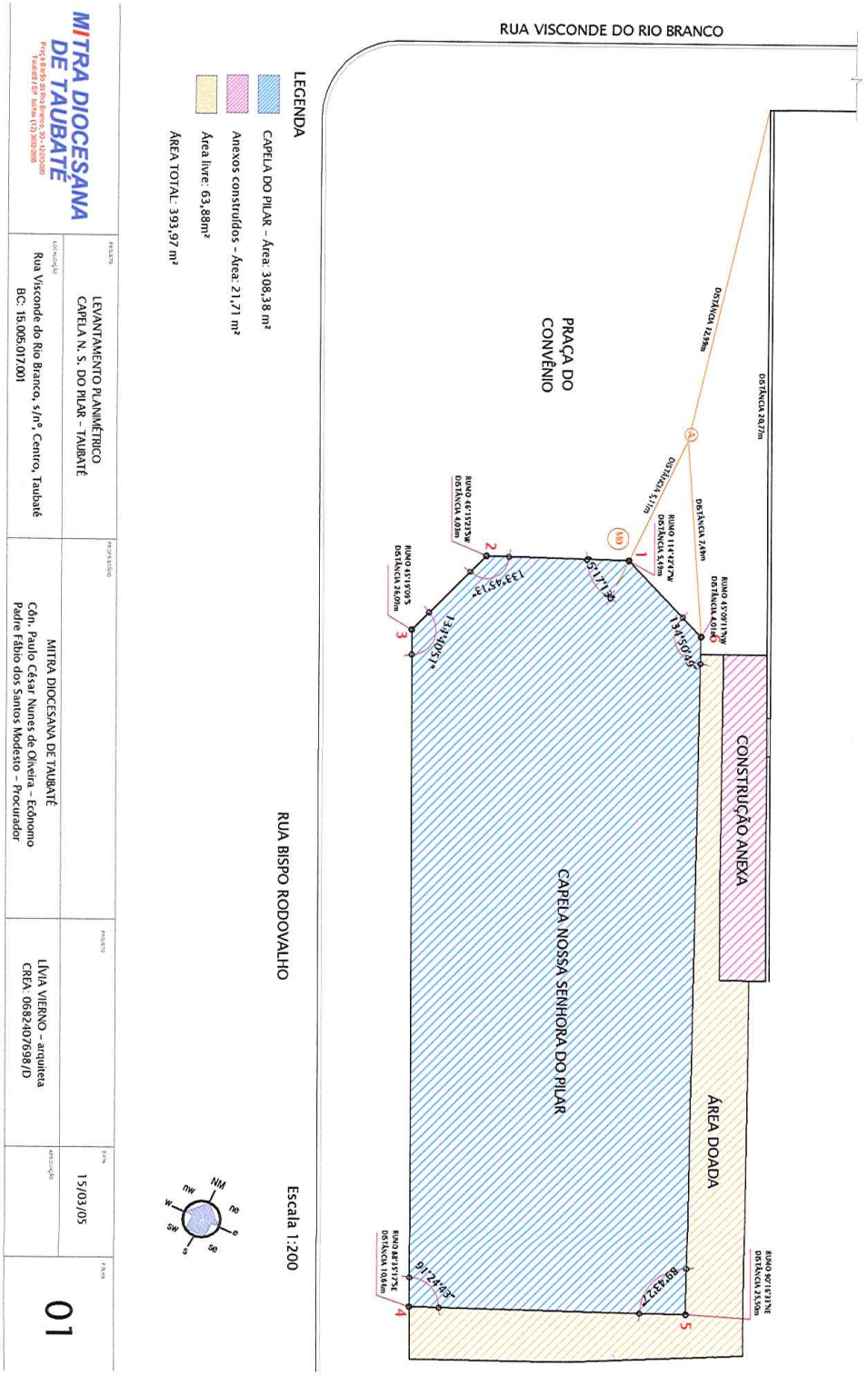


Figura 14 - Levantamento planimétrico Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005.
Fonte: Mitra Diocesana de Taubaté.

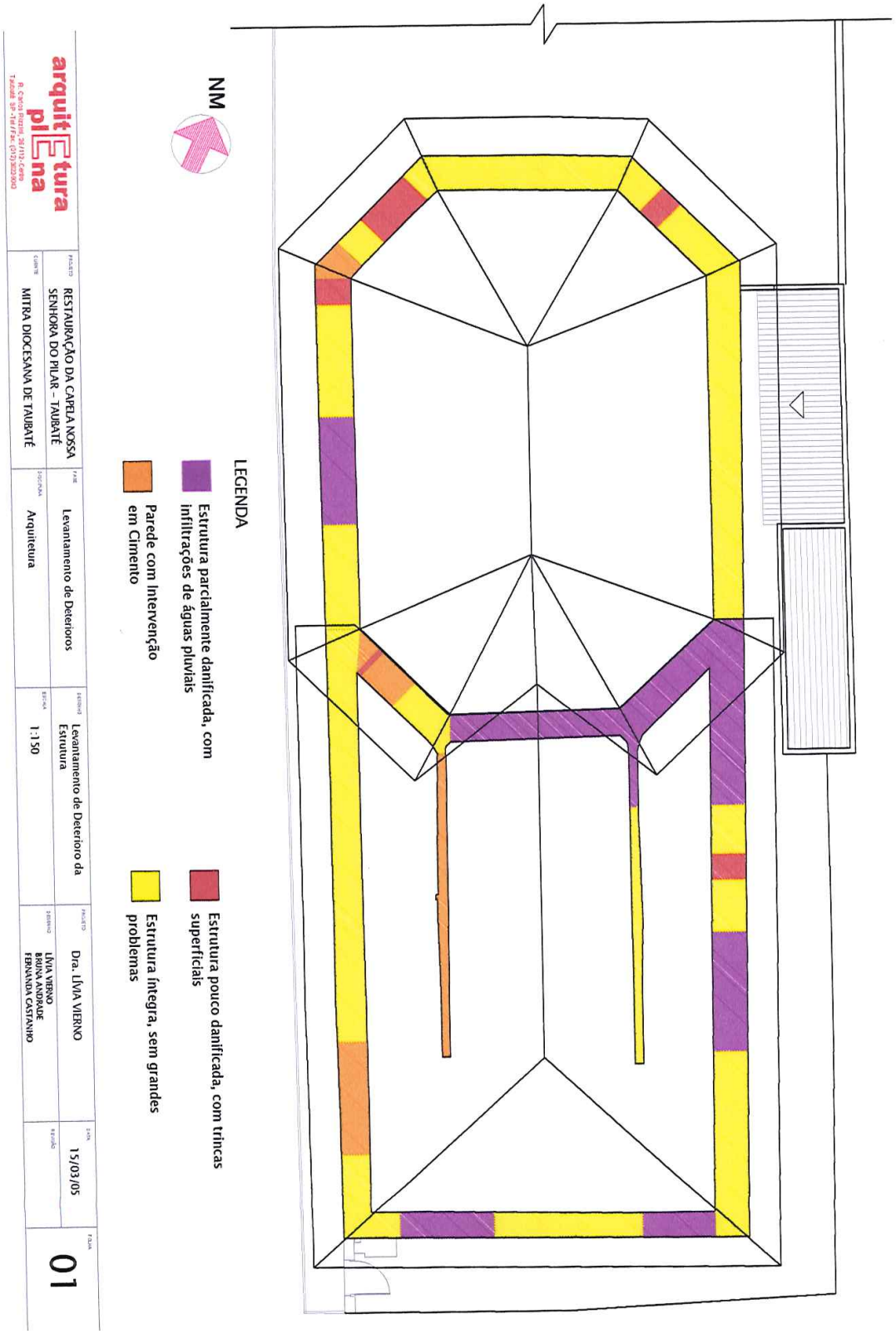


Figura 15 - Levantamento de deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005.
Fonte: Arquitetura Plena.

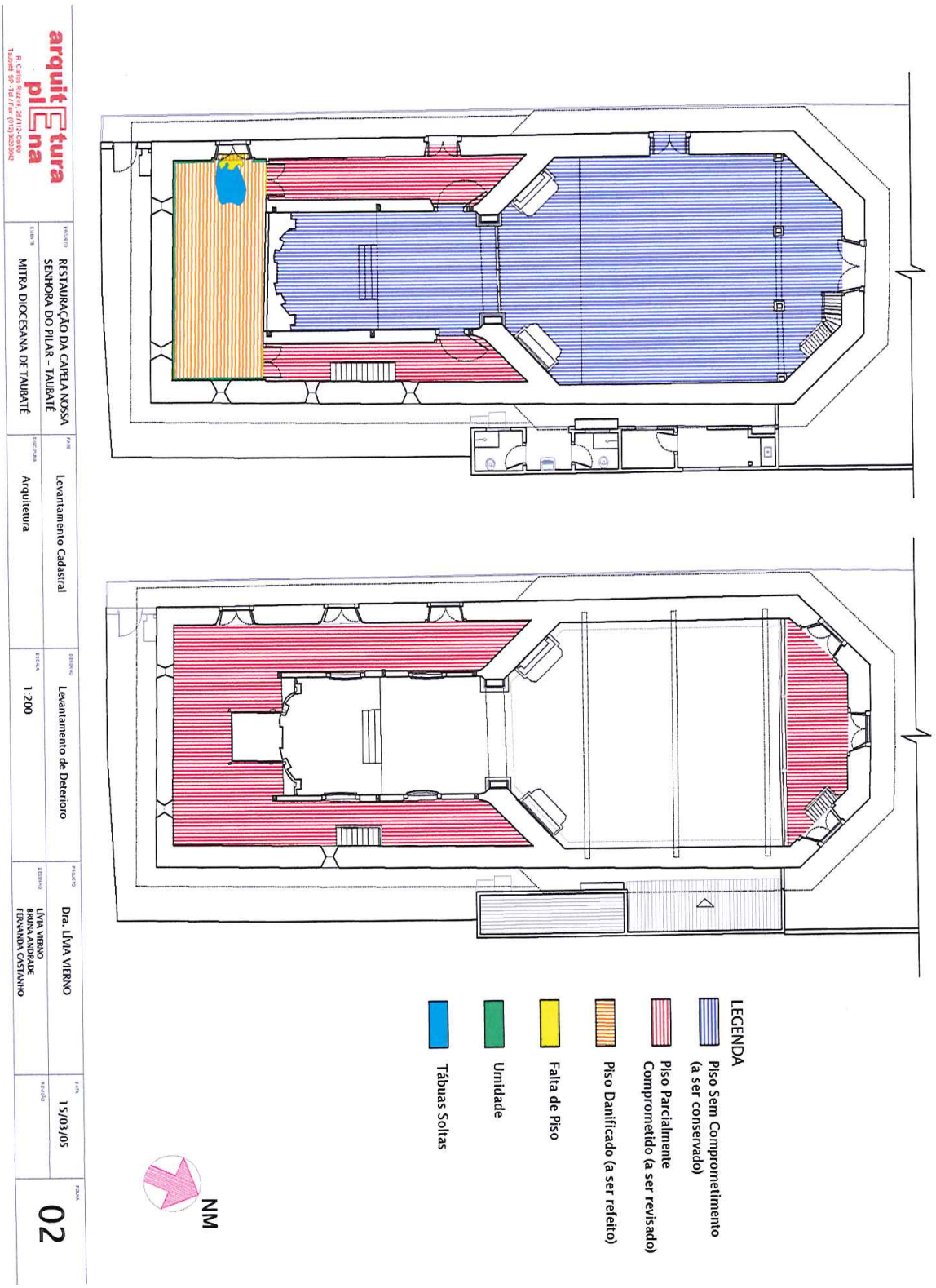


Figura 16 - Levantamento cadastral Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005.
Fonte: Arquitetura Plena.

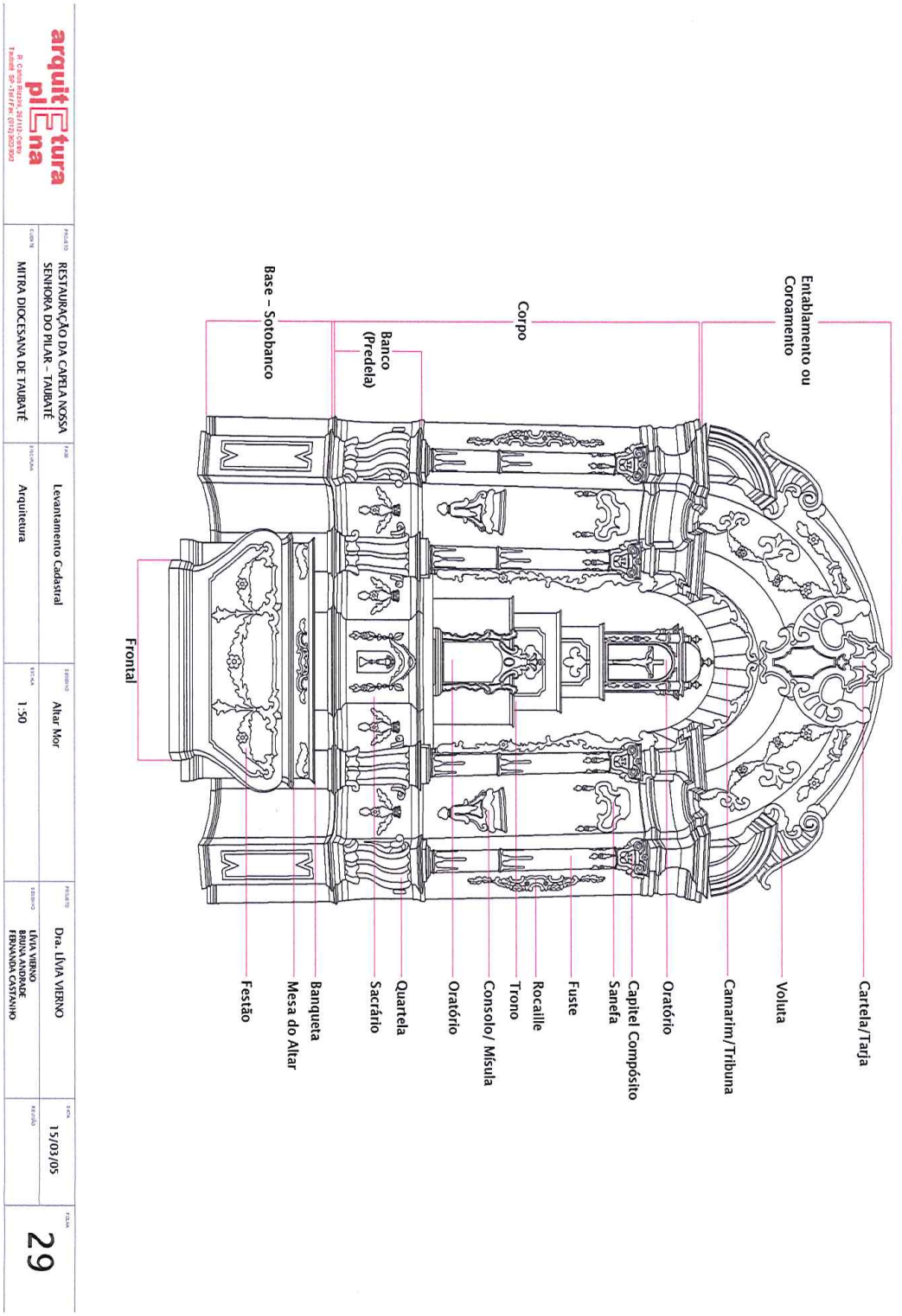


Figura 17 - Levantamento cadastral Altar-mor Capela N. S. do Pilar, Taubaté/ SP, 2005. Fonte: Arquitetura Plena.

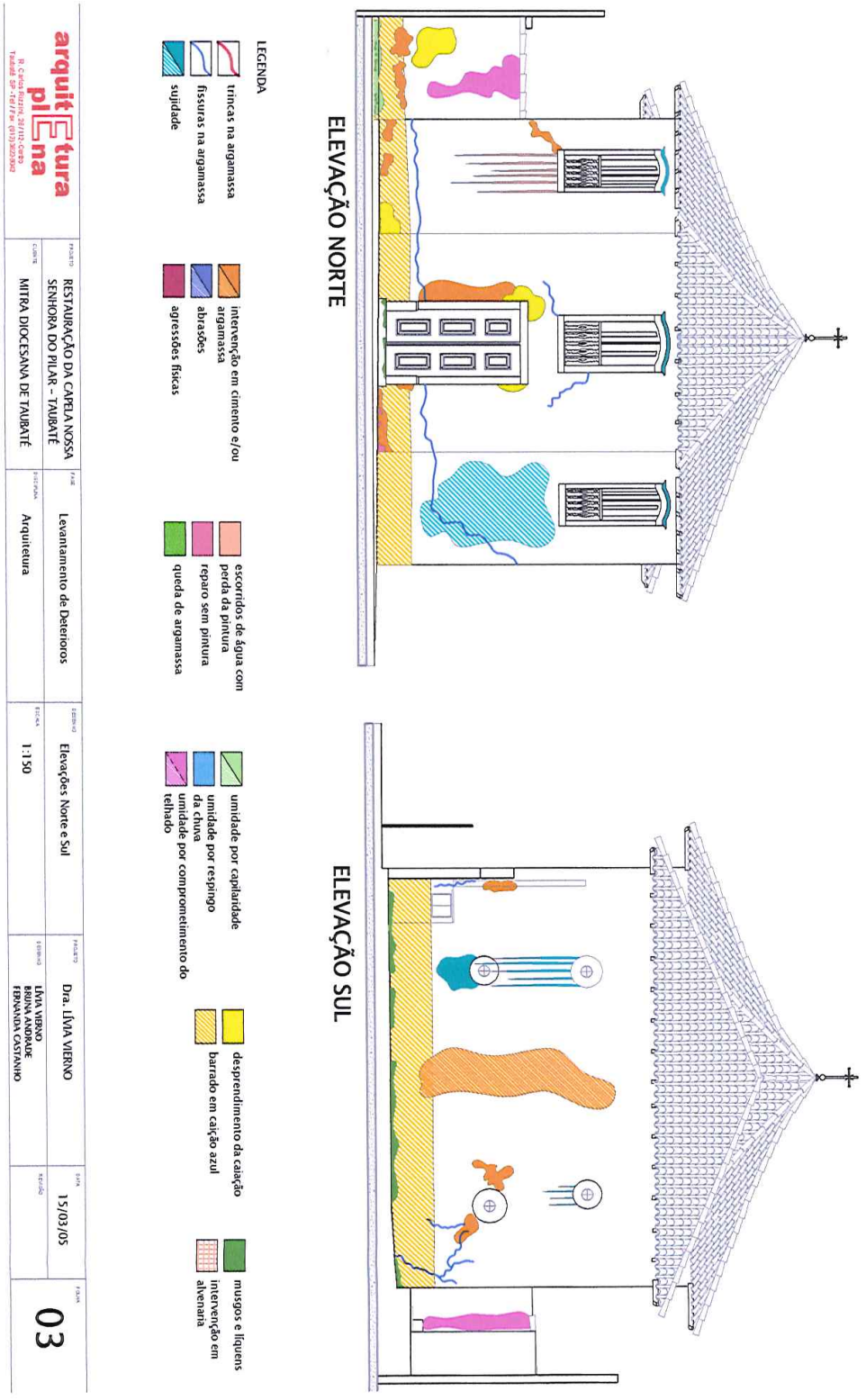


Figura 18 - Levantamento deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005.
Fonte: Arquitetura Plena.

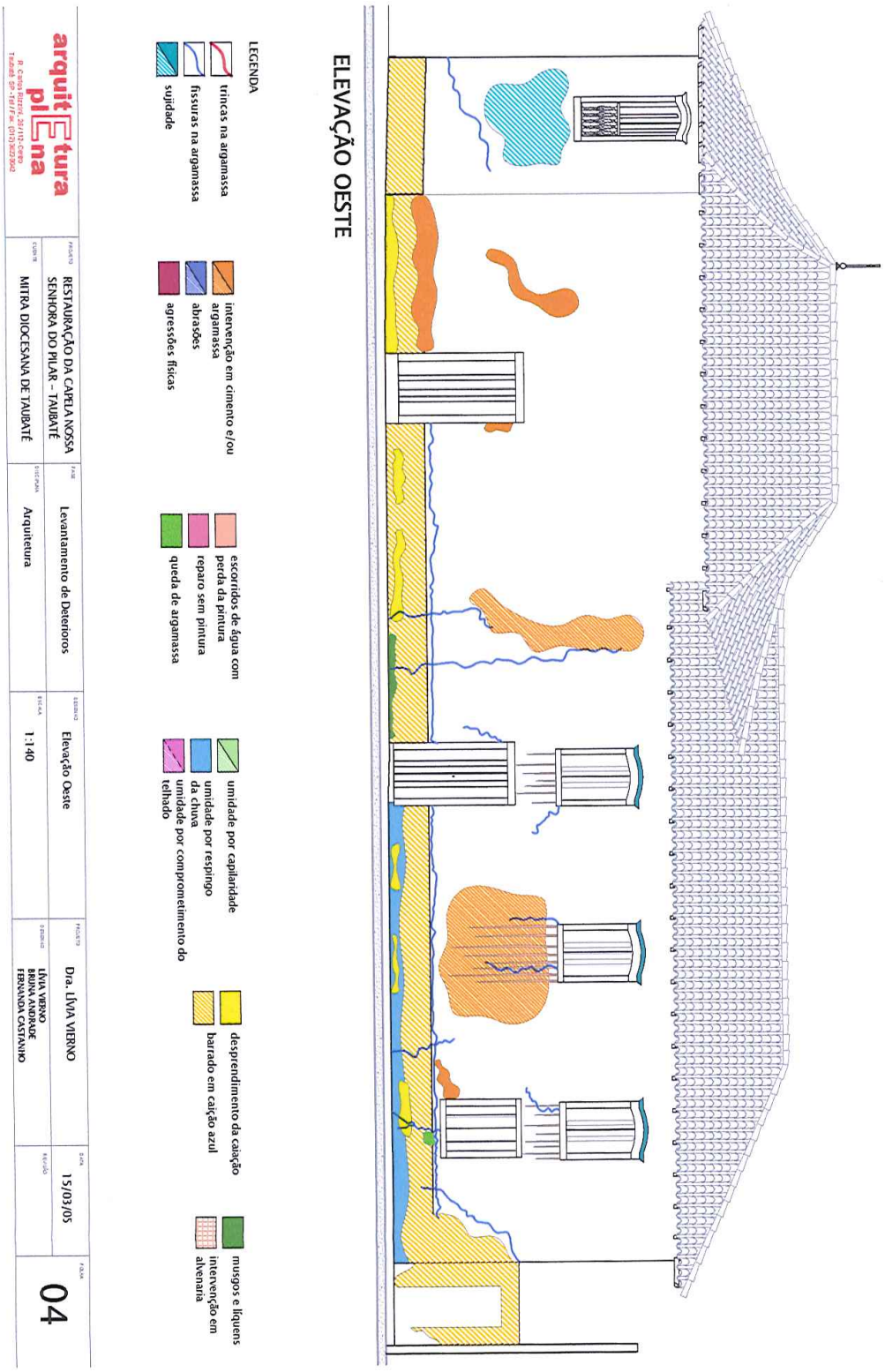


Figura 19 - Levantamento deterioros Capela N. S. do Pilar, Taubaté/SP, 2005.
Fonte: Arquitetura Plena.

Foto 39 – Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista A - Piso em tábuas de madeira e forro em "gamela"oitavada – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

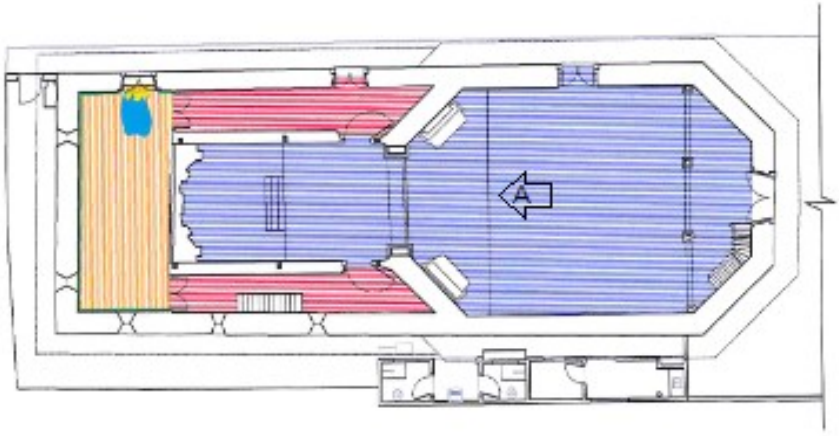


Figura 20 – Vista A - Capela-mor - Planta pavimento inferior Capela do Pilar. Sem escala.

Foto 40 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista do Alta-mor – Detalhe umidade do piso em madeira– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 41 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Detalhe contra-traves e forro em "gamela"oitavada – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 42 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista B - Arcos sob o coro e escada de acesso ao coro – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

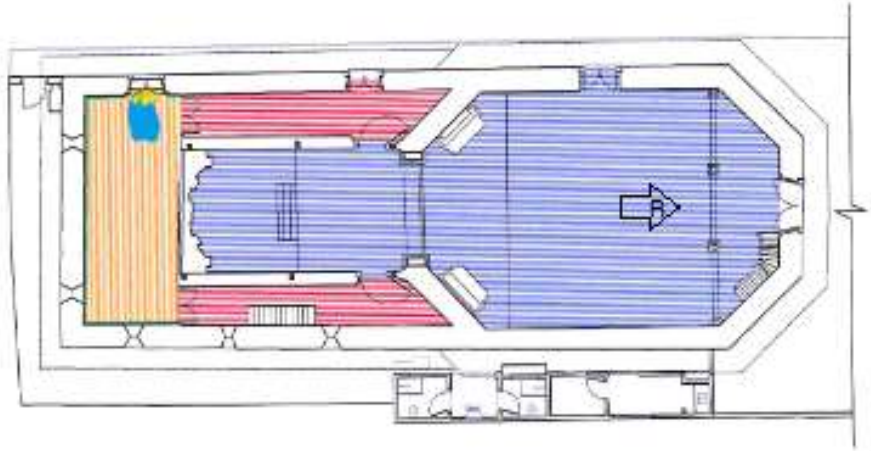


Figura 21 – Vista B –Arcos sob coro - Planta pavimento inferior Capela do Pilar. Sem escala.

Foto 43 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista B - Arcos sob o coro e escada de acesso ao coro – Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 44 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Detalhe talha arcos sob o coro e danos no piso de madeira– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 45 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada principal, detalhe talha arcos sob o coro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 46 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral, detalhe vista da porta lateral nave– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 47 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista C – Retábulo lateral esquerdo– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

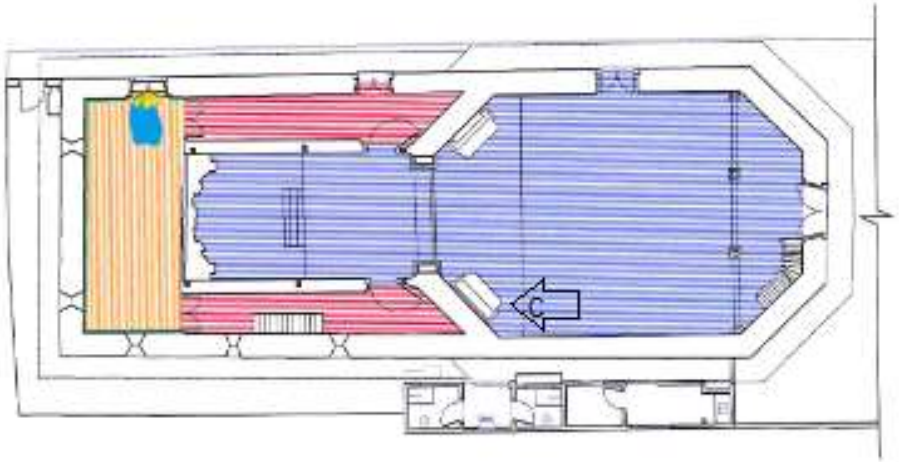


Figura 22 - Vista C –Retábulo lateral esquerdo - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

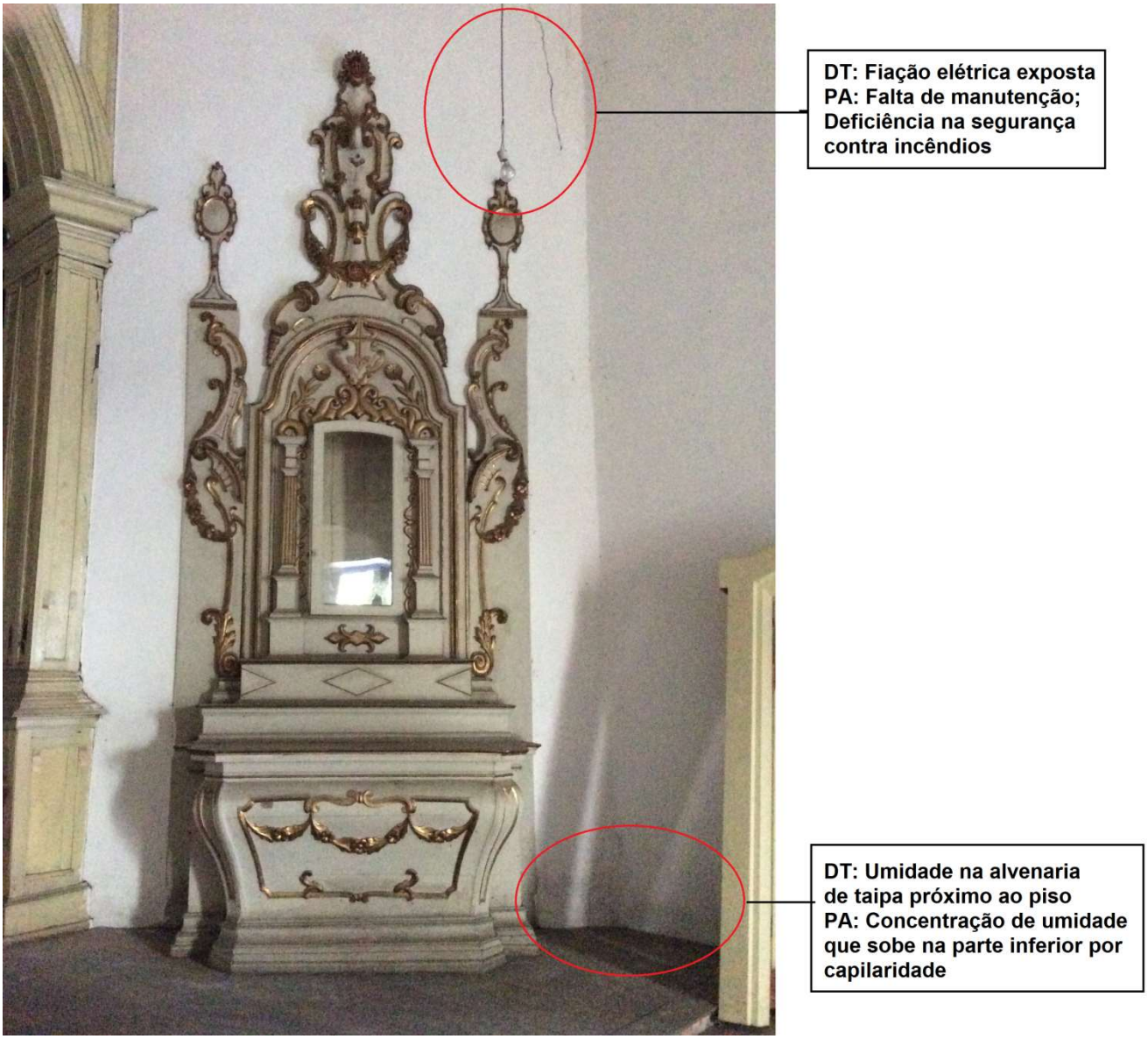


Foto 48 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista D – Retábulo lateral direito– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

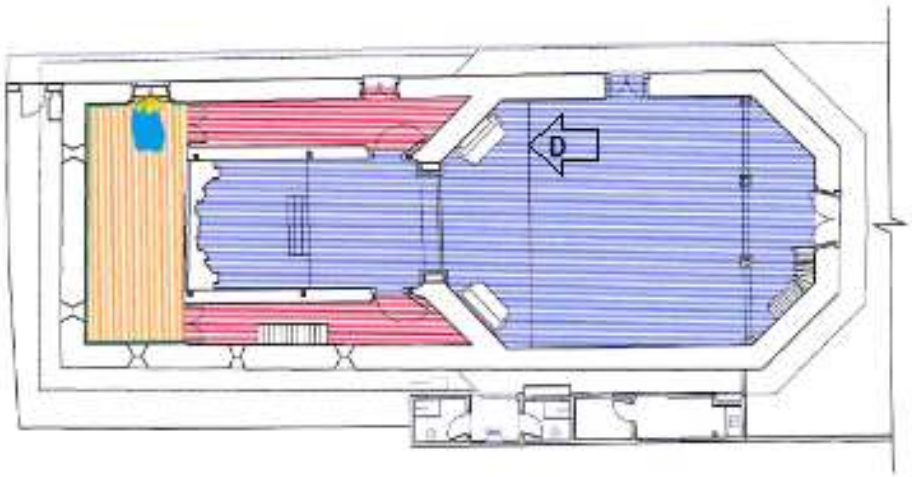


Figura 23 – Vista D - Retábulo lateral direito- Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

Foto 49 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista E – Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

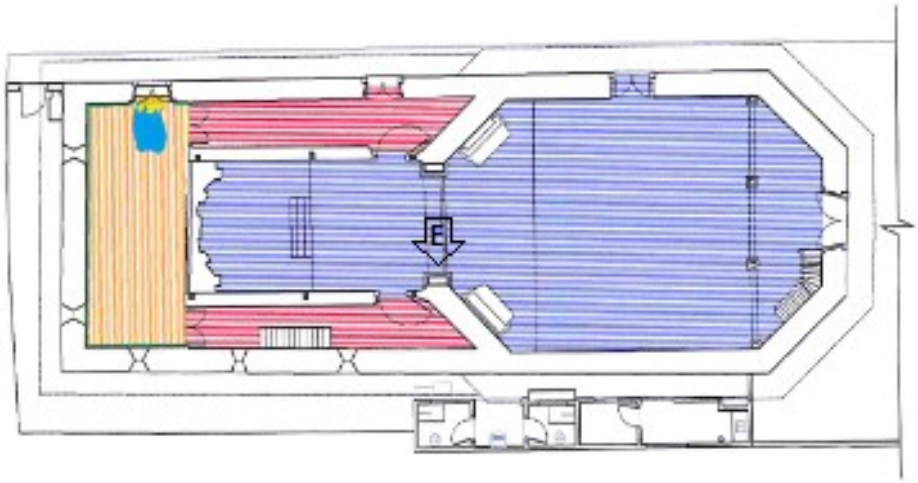


Figura 24 – Vista E - Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro – Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

Foto 50- Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista F – Coluna e capitel do lado esquerdo do arco do cruzeiro– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

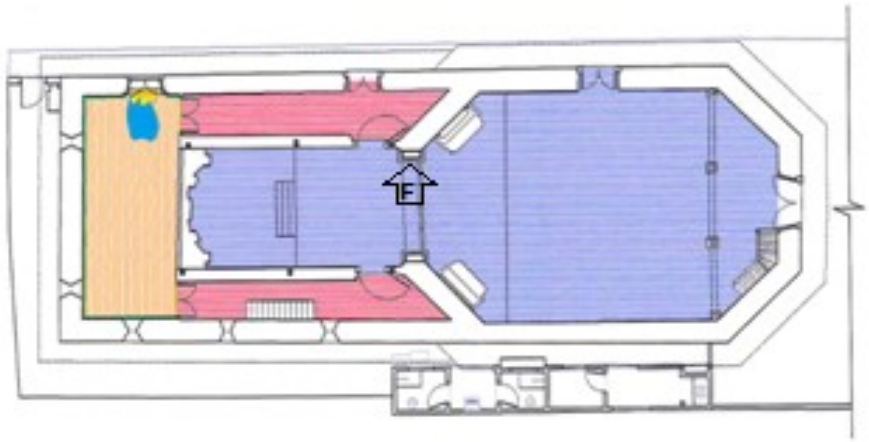


Figura 25 Vista F - Coluna e base do lado direito do arco do cruzeiro – Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

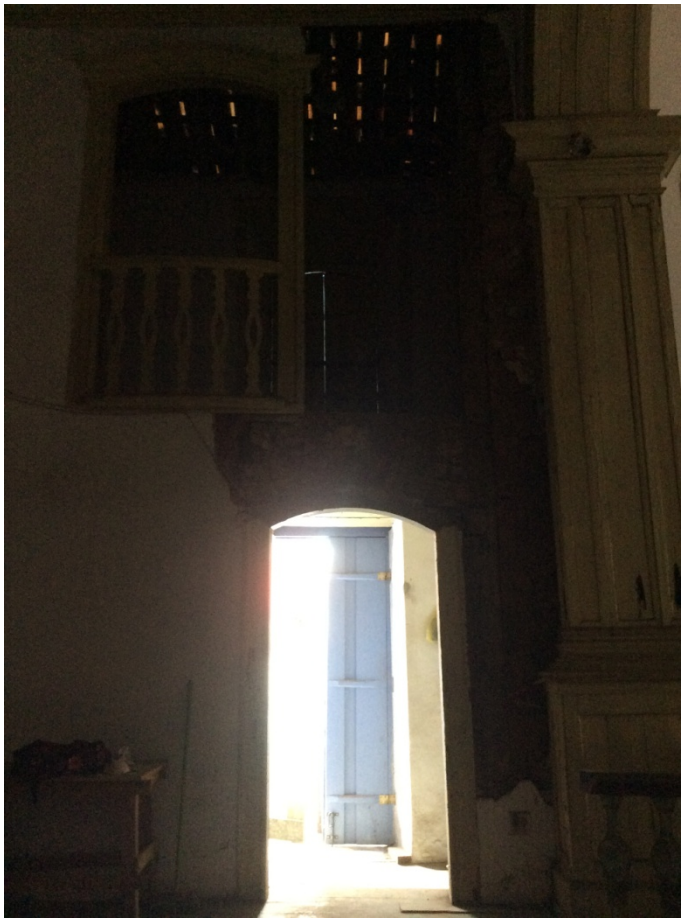


Foto 51- Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral direita acesso Rua Bispo Rodovalho, detalhe vista do púlpito lado direito, taipa de mão à mostra–
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 52 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Entrada lateral direita acesso Rua Bispo Rodovalho, detalhe falha na alvenaria do lado direito, taipa de mão à mostra–
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora

Foto 53 - Interior da Capela N. S. do Pilar,– Vista do Altar-mor– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 54 - Interior da Capela N. S. do Pilar,– Vista da porta principal à praça e Rua Visconde do Rio Branco– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 55 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista G – Corredor lateral esquerdo. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

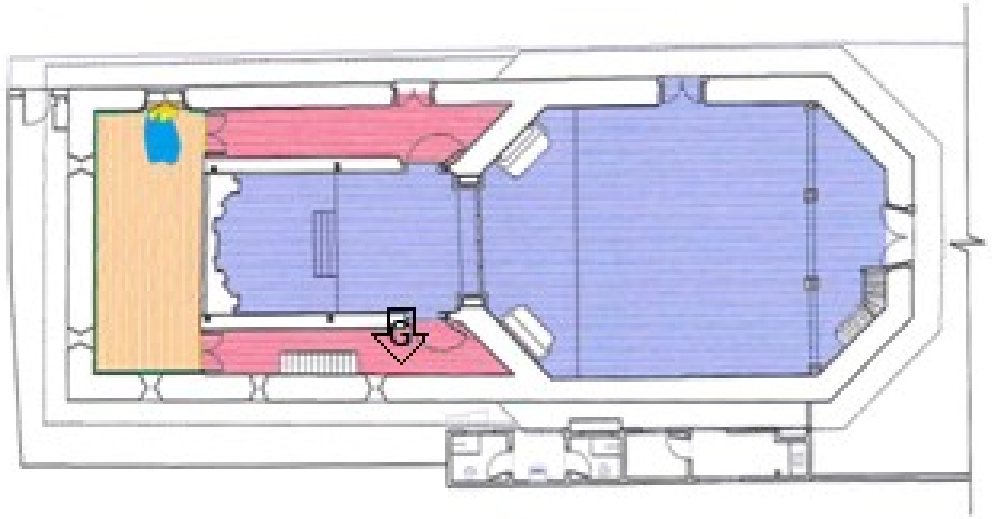


Figura 26 – Vista G - Corredor lateral esquerdo - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

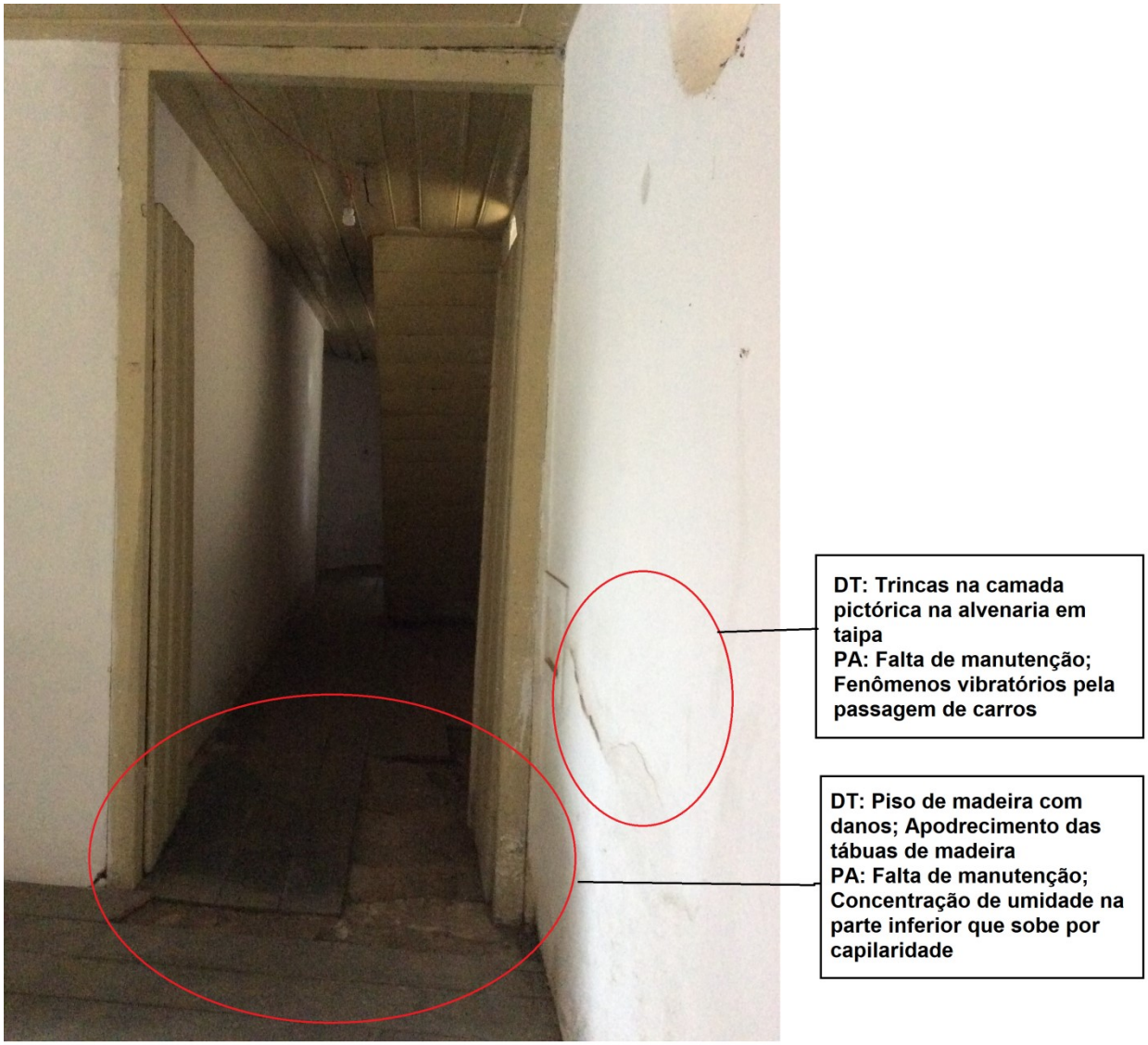


Foto 56 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista H – Entrada lateral esquerda Sacristia– Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

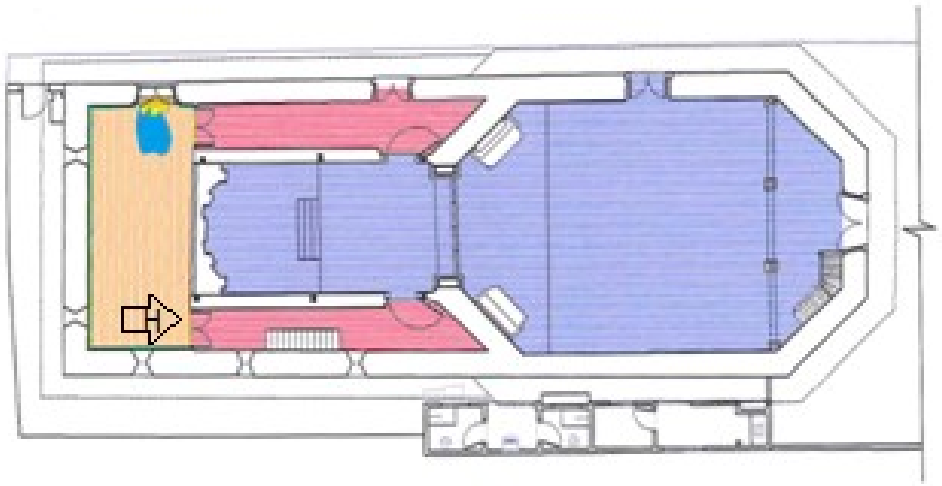


Figura 27 – Vista H – Entrada lateral esquerda Sacristia - Planta pavimento inferior Capela Sem escala

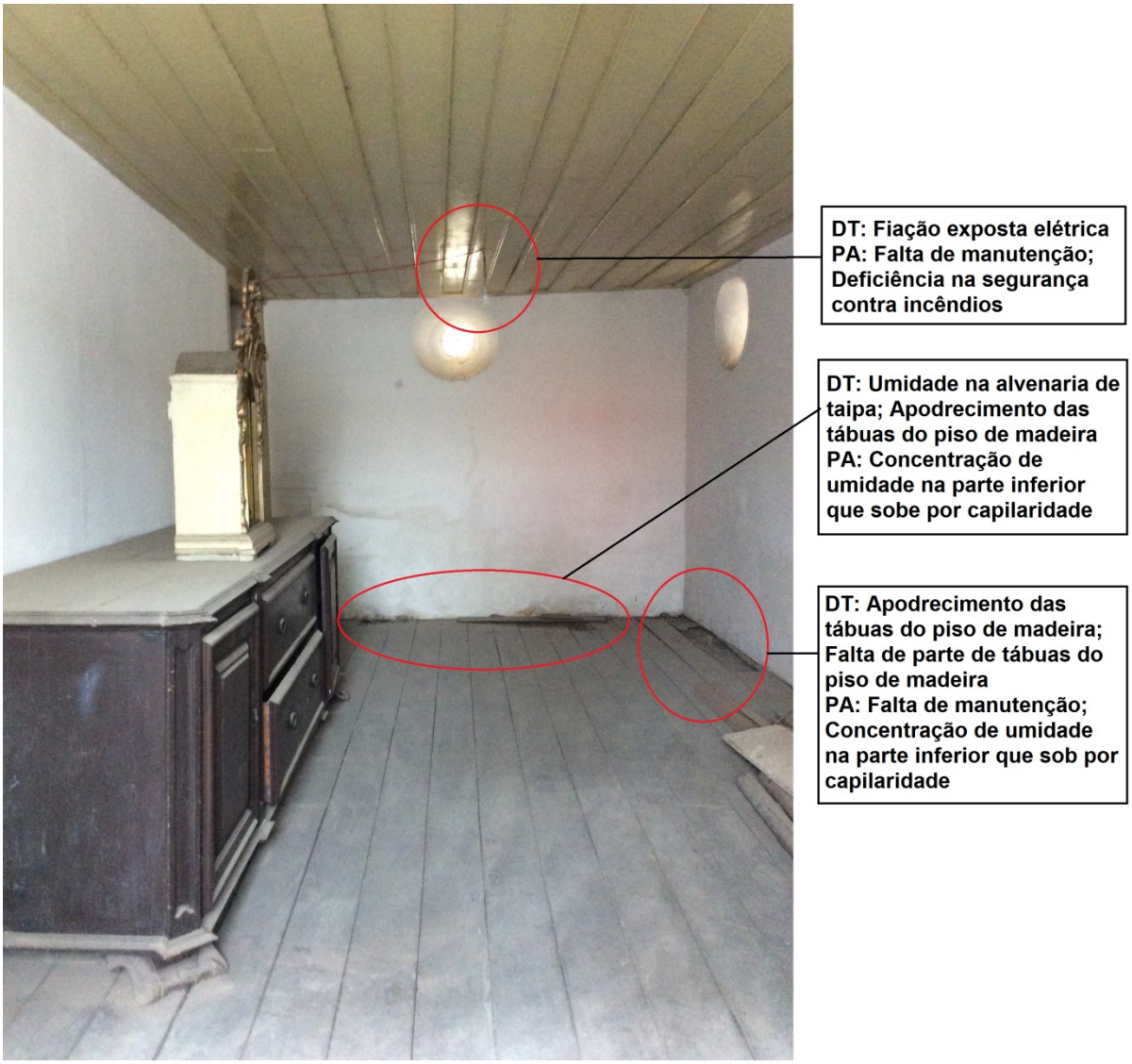


Foto 57 - Interior da Capela N. S. do Pilar, Vista I – Sacristia– Estado atual, 18.05.2019.
Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

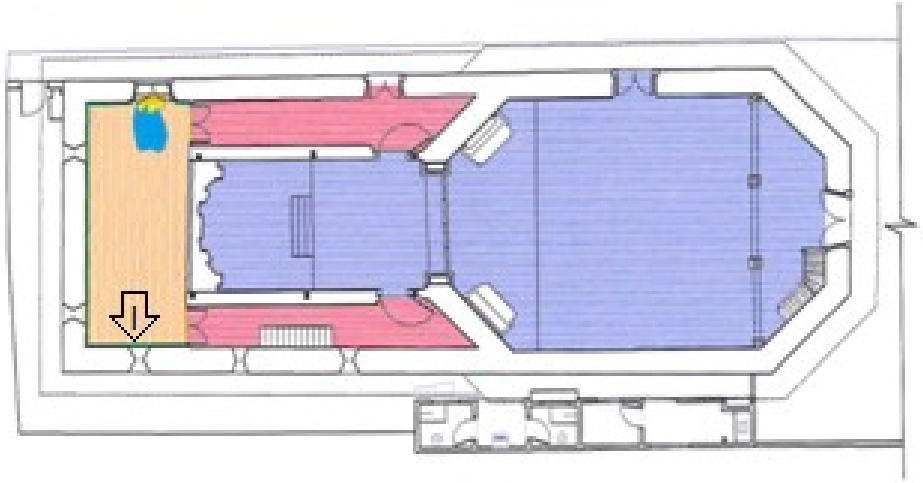


Figura 28 – Vista I -Sacristia - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

Foto 58 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, móvel caixotão Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 59 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Oratório Sacristia em estilo Rococó, Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 60 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, vista janela Estado atual, 18.05.2019.Fonte: Autora.

Foto 61 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Sacristia, vista janela Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 62 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista J – Sacristia , Estado atual, 18.05.2019.Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

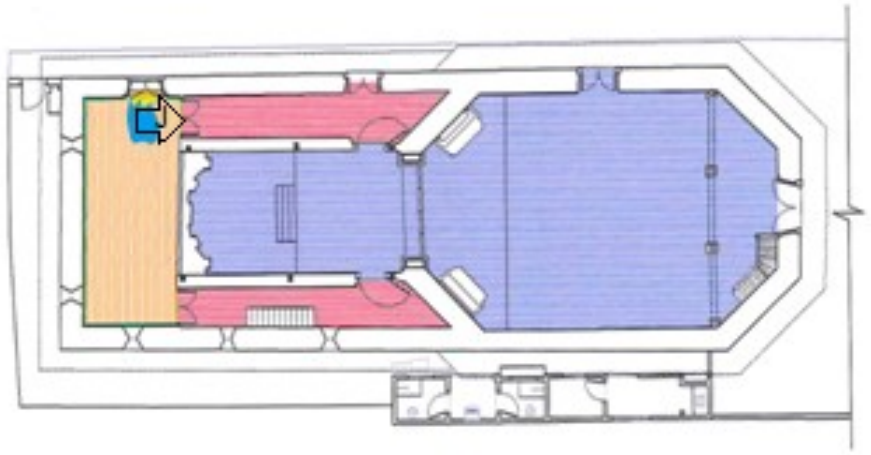


Figura 29 - Vista J Sacristia corredor lateral direito - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

Foto 63 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista púlpitos lateral direita , Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 64 - Interior da Capela N. S. do Pilar– Vista púlpitos lateral direita , Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 65 – Interior da Capela N. S. do Pilar - Vista K - Escada junto à entrada principal acesso ao coro e ao pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

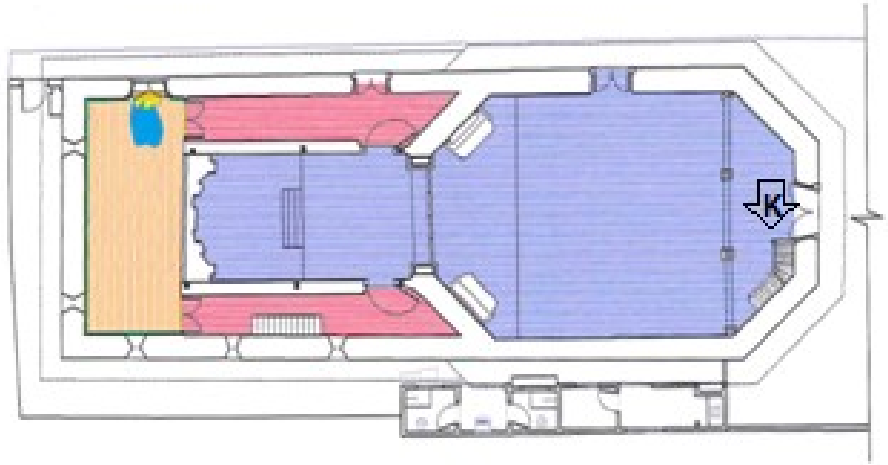


Figura 30 - Vista K Escada junto à entrada principal acesso ao coro - Planta pavimento inferior Capela Sem escala.

Foto 67 - Interior da Capela N. S. do Pilar–,
Escada junto à entrada principal acesso ao coro e ao pavimento superior.
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 66 - Interior da Capela N. S. do Pilar–,
Coro e guarda-corpo - Pavimento superior
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 68 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Coro e guarda-corpo - Pavimento superior. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 69 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Coro e guarda-corpo - Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 70 – Interior da Capela N. S. do Pilar–,Vista L – Canto superior do coro – Pavimento superior Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

LEGENDA: DT= Deterioros / PA= Patologias.

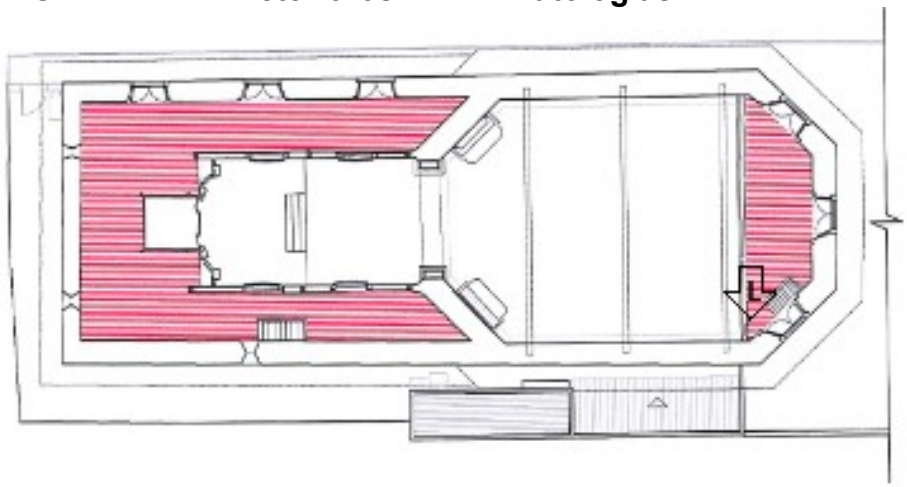


Figura 31 - Vista L- Canto coro junto à escada de acesso ao pav. inferior – Planta pavimento superior - Capela Sem escala.

Foto 71 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe janela do coro - Pavimento superior
Estado atual, 18.05.2019.
Fonte: Autora.

Foto 72 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe da sanca em madeira- Pavimento superior
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 73 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do coro à porta lateral de acesso a nave- Pavimento superior.
Estado atual, 18.05.2019.
Fonte: Autora.

Foto 74 - Interior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do coro à Capela-mor e retábulos – Pavimento superior. Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 75 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, lateral a calçada e Rua Bispo Rodovalho –.
Estado atual, 18.05.2019.
Fonte: Autora.

Foto 76 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Detalhe de soleira em pedra –.
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 77 - Exterior da Capela N. S. do Pilar–, Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, lateral a calçada e Rua Bispo Rodovalho –.
Estado atual, 18.05.2019. Fonte: Autora.

Foto 78 - Exterior da Capela N. S. do Pilar,
Vista do passeio em pedra do entorno da Capela, frente à praça.
Estado atual, 18.05.2019.
Fonte: Autora.

3. DISCUSSÃO GERAL

3.1. O ARTEFATO PERTENCE A UM QUADRO CONCEITUAL-TÉCNICO E METODOLÓGICO DO RESTAURO

A historiografia tradicional e a sociedade ocidental entendem a pedra e a matéria como suportes de memória dos espaços, significados particulares a determinados povos e culturas, vide que “[...] a memória de uma nação se materializa na paisagem memorativa de seus locais de recordação”. (ASSMAN, p.359, 2011). A Capela Nossa Senhora do Pilar, qualifica-se como testemunho histórico no âmbito nacional, construída em taipa de pilão e mão, remete-nos à sua estética peculiar e memórias do passado, constituí-se importante monumento pertencente à História, à Arquitetura e às Artes, tanto na sua matéria quanto em sua forma, um documento cultural. Visando-se a recomposição de além do que foi, mas do patrimônio do amanhã, os resultados da pesquisa revelam a inserção do monumento no contexto de construções históricas regionais, dentro de um quadro específico de outras obras restauradas pela regional do SPHAN. Obras que compõem objetos de estudo de vários outros pesquisadores, que identificaram a existência do paradigma do restauro e a identidade particular paulista, de como intervir na taipa e demais objetos de artes (ligado às artes aplicadas da talha, como altares, retábulos, etc.). Os monumentos restaurados estão listados abaixo:

- ***IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO*** em Embu (RESTAURO 1939-1940 – Construção 1700, tombamento 1938 pelo IPHAN);
- ***IGREJA DE SÃO MIGUEL PAULISTA*** em São Paulo (RESTAURO 1939-1944 – Construção de 1622, tombamento 1938 pelo IPHAN);
- ***SÍTIO E CAPELA DE SANTO ANTÔNIO*** em São Roque (RESTAURO 1940-1947 – Construção 1681, tombamento 1941 pelo IPHAN);
- ***CAPELA NOSSA SENHORA DO PILAR*** em Taubaté (RESTAURO 1945-1949 – Construção 1747, tombamento 1944 pelo IPHAN);
- ***CASA DO BUTANTÃ (do Bandeirante)*** em São Paulo (RESTAURO 1954 – Construção do séc.XVIII, tombamento Condephaat 1983);
- ***CASA DE CÂMARA E CADEIA*** em Atibaia (RESTAURO 1958-1961 – Construção de 1854, tombamento 1955 pelo IPHAN);

- ***CASA DO CAXINGUI (DO SERTANISTA)*** em São Paulo (RESTAURO 1967 – Construção do séc.XVII, tombamento Condephaat 1983);
- ***FAZENDA PAU D´ALHO*** em São José do Barreiro (RESTAURO 1969-1975 – Construção 1818, tombamento 1968 pelo IPHAN).

Nos acervo documental e fotográfico da sede da Superintendência do IPHAN em São Paulo, particularmente no modo de digitalização, análise de documentos e classificação quanto à cronologia dos fatos e critérios utilizados, constituintes dos arquivos referentes ao monumento, Capela Nossa Senhora do Pilar de Taubaté/SP, constatou-se certos pressupostos que fundamentam o trabalho, e que são apresentados e respondidos através desta documentação. Em carta escrita por Rodrigo Melo Franco de Andrade a Luís Saia, em 16 de novembro de 1948, relata-se a extrema preocupação em relação aos andamentos das obras de restauração da Capela do Pilar devido à espera de retorno de questionamentos feitos a Lúcio Costa, revelando o papel importante do arquiteto nas diretrizes que nortearam as decisões quanto aos projetos, bem como à relação e dependência da regional paulista em relação aos parâmetros e caminhos a serem trilhados nas obras de restauração.[42].

3.2. PADRÃO CONCEITUAL ESTÉTICO-ARQUITETÔNICO DO SPHAN/SP

Os elementos estéticos e arquitetônicos que apareceram, sobretudo nas obras restauradas mencionadas anteriormente, são integrantes de um quadro conceitual, técnico e metodológico, validado por meio de análise dos procedimentos executados pela regional paulista do SPHAN, as quais já foram mencionadas. Dessa maneira, formam um conjunto de obras relevantes à História da Arte e da Arquitetura paulista e brasileira. Tais aspectos apresentam-se em generalidades como: o telhado “de corda bamba”, de desenho oriental típico de chinesices, presentes na casa “sertanista” do Caxingui (século XVII), em São Paulo; casa do Padre Inácio (século XVIII), em Cotia, tal como na Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté/SP. Uma solução estética e arquitetônica dada ao telhado, com a utilização dos beirais de “cachorros”[43], elementar à proteção da taipa e caracterização dos edifícios coloniais.

---

[42] Documento 1 - Carta nº738 IPHAN/SP – Carta de Rodrigo M. F. de Andrade a Luís Saia, de 16/11/1948. Ver item 11. ANEXOS, p.196.

[43] Na arquitetura designa-se os cachorros são elementos expostos que suportam os beirais do telhado ou outro corpo saliente do edifício (arcos, arquitraves e cornijas), podendo ter caráter decorativo.

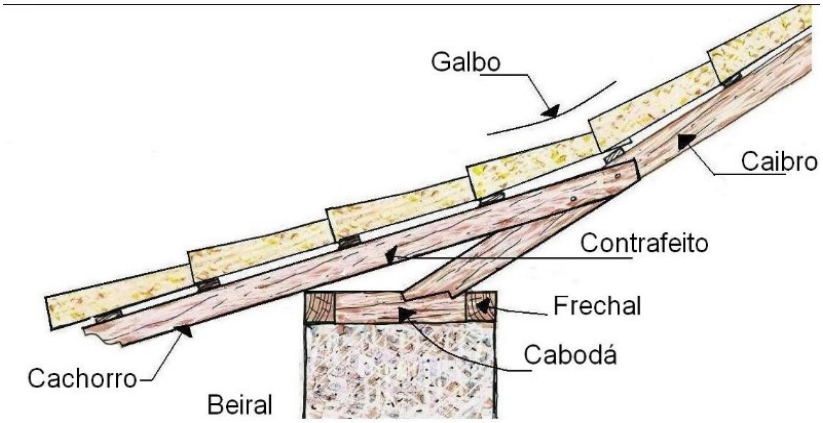


Figura 32 – Elementos do beiral de caibro armado. Fonte: Coisas da arquitetura

Foto 79 - Capela de N. S. do Pilar, sem data. Fonte: Acervo MISTAU/ Taubaté.

O telhado em “corda-bamba” que aparece na foto sem data, foto 44, apesar da pouca nitidez da imagem seria um elemento de comprovação dessa teoria? Todavia, surgem questões muito importantes a serem aplicadas, o fato das janelas superiores apresentarem as bandeiras fixas, o que remete a avaliar que a foto seria anterior ao restauro da década de 1940. Já que, as folhas das janelas foram modificadas, retirando-se as estruturas de madeira e vidro, utilizando-se folhas maciças de madeira, o que corresponderia um retorno ao aspecto original do edifício, sobretudo, adequados aos critérios do SPHAN e “padrão da arquitetura colonial paulista”

Foto 80 - Casa do Sítio do Padre Inácio em Cotia/SP. Fonte: Galeria Portal Iphan.

Foto 81 – Capela do Sítio Santo Antônio em São Roque/SP. Fonte: Galeria Portal Iphan.

Foto 82 – Casa do Caxingui (do Sertanista) em São Paulo. Fonte: Condephaat.

A simetria das fachadas entre cheios e vazios, apresentados no item 6.5. A influência hispânica na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, validada pela historiadora Aracy Amaral, como elemento componente a arquitetura Américo – espanhola; o uso de novos materiais como tijolos e ferragem na estruturação da taipa, como visto no item 6.19. Levantamento imagens – caderno de obras; igualmente se fazem presentes nessas obras que foram recortadas para demonstração de tais pressupostos. A aparência monocromática, conhecido como "branco do SPHAN", é uma característica relevante que conecta essas obras.

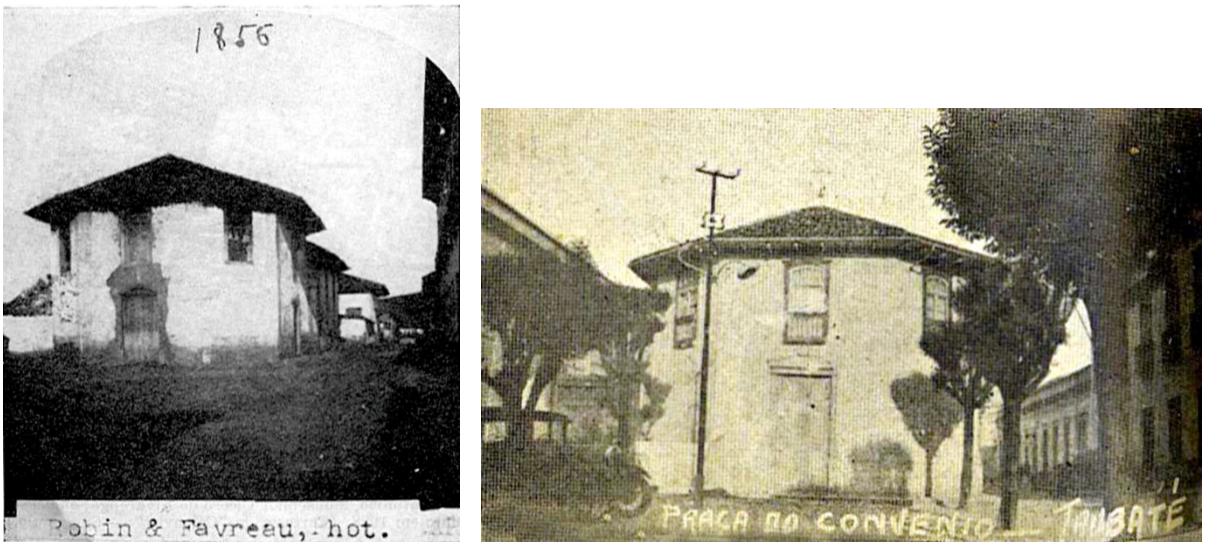


Foto 83 - Capela N. S. do Pilar, registro em 1856. Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/SP.

Foto 84 - Capela N. S. do Pilar, registro sem data (provavelmente anterior ao restauro, pois a fachada lateral aparece com a torre sineira lateral). Fonte: Acervo MISTAU, Taubaté/ SP.

As fotos 45 e 46, as imagens da Capela do Pilar de Taubaté, que a priori, exibem o telhado com a inclinação reta, são registros, respectivamente, de 1856 e 1937. Logo, uma questão fundamental que apresenta-se, que veremos à frente no item 7.6., "a questão da torre sineira: um retorno ao aspecto original?" Seria a concepção de critérios ao restauro, baseados em imagens que ora parecem de certa maneira, ora de outra? A pesquisa científica deve basear-se no levantamento de dados criteriosos, documentação histórica e iconográfica do artefato, porém até que limites tais parâmetros devem ser considerados? Imagens um tanto fragmentadas, de pouca precisão, permitiriam essas definições? São questionamentos apontados, conjecturas a serem ou não refutadas.

3.3. A INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO MODERNISTA NO SPHAN

No início do SPHAN (IPHAN) as atividades foram conduzidas por Mario de Andrade, diretor da delegacia na época, seu assistente técnico o engenheiro-arquiteto Luís Saia e o fotógrafo, mestre e pedreiro, Hermann Hugo Graeser (Germano). Relatos e documentos analisados evidenciaram a existência de equipe reduzida, provavelmente devido à falta de recursos financeiros destinados à instituição. Entretanto, apesar dos contratempos e pouco tempo de Mario de Andrade na direção da entidade, estabeleceu-se linha precisa no campo de ação da regional em relação à seleção e valorização através do tombamento dos edifícios coloniais. (MAYUMI, 2007, p.18). A atuação de reconhecimento dos monumentos paulistas pela equipe do SPHAN compreendeu a Capela de Taubaté, no mesmo intuito nacionalista de valorizar os aspectos históricos da arquitetura colonial paulista.

Conforme proposição da Carta do CIAM, entidades organizadas e intelectuais preocupados com a preservação do patrimônio histórico nacional, deveriam salvaguardar os monumentos por políticas de conservação, primeiramente, por seus valores históricos, e, posteriormente, por seus valores estéticos e plásticos. Recuperar a identidade brasileira, às suas origens, do estado primitivo, em busca do passado perdido, desse modo ações sobre o patrimônio foi concretizando-se nas "[...] práticas de restauração: as obras de restauro empreendidas buscavam um tempo apropriado ao qual o imóvel deveria retornar - o tempo colonial - sendo

justamente nesse ponto que, mais uma vez, o “barroco” serviria de parâmetro.” (CHUVA, 2003).

> “Serão salvaguardados se constituem a expressão de uma cultura anterior e se correspondem a um interesse geral [...]”. “A morte, que não poupa nenhum ser vivo, atinge também as obras dos homens. É necessário saber reconhecer e discriminar nos testemunhos do passado aquelas que ainda estão bem vivas.” (CIAM, 1933).

As atividades de preservação dos monumentos históricos através do tombamento e restauro, se proclamaram como preocupação nas políticas culturais do país, no intuito patriota, modernista e idealista visando-se obras que representariam e se constituíriam parte da História do Brasil, originais da “terra”. Visto que, muitos exemplares estavam a perecer ao descaso, expostos à perenidade da matéria. Tais iniciativas que alvejaram à recuperação da identidade da nação, a partir de vestígios da arquitetura colonial, buscaram o “elo” entre o passado distante e o presente moderno, cujo barroco, era um dos seus principais protagonistas.

As pesquisas realizadas sobre o restauro brasileiro que objetivaram as questões referentes aos contextos históricos, artísticos e de identidade, evidenciaram em suas análises (autores já mencionados), a forte influência dos ideais nacionalistas na criação, desenvolvimento e concepção dos trabalhos direcionados pelo SPHAN. Tais diretrizes que nortearam a seleção dos monumentos que seriam preservados demonstraram na atuação da regional paulista, o esforço modernista marcado pelas Cartas de Atenas, na construção da memória nacional, visando-se profundos ideais de renovação sobre o pensamento patrimonial, de rompimento e libertação, às origens de uma produção artística autenticamente brasileira.

Logo, a partir de fragmentos coloniais, luso-brasileiros, procurou-se a construção de um modelo ideal, desconsiderando-se o movimento neoclássico e os mais diversos estilos que constituíram a História da Arte e da Arquitetura do ecletismo brasileiro. Em carta enviada dia 23 de maio de 1937, ao escritório central do IPHAN no Rio de Janeiro, Mário de Andrade relata a Rodrigo Melo Franco de Andrade a “pobreza estética” dos monumentos paulistas do período colonial, comparando-os à riqueza dos monumentos de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Paraíba, propondo-se a estratégia do tombamento dos primeiros considerando-se seus “valores históricos”. A partir desse recorte, considerando-se o quadro de obras restauradas, sobretudo das primeiras décadas de existência da entidade, é possível inferir que, apesar da

série de tombamentos da primeira fase ter se utilizado desse critério, na atualidade isso não mais se aplica, já que esses monumentos compõem um conjunto relevante à História da Arte e da Arquitetura paulista, que é particular e única no Brasil.

3.4. UMA APROXIMAÇÃO ENTRE ARTE, ESTÉTICA E O PATRIMÔNIO

Uma aproximação dos conceitos do Patrimônio às teorias da Arte e Estética, nos remete ao pensamento do filósofo vienense, Alois Riegl (1858-1905), designado em 1902, presidente da comissão de monumentos históricos da Áustria, que se dizia, que deveriam se preservar os monumentos que tivessem valores históricos e estéticos. Em 1903, escreveu "*Der moderne Denkmalkultus: sein wesen und seine entstehung*", reeditado em 1984 na França, "*Le culte moderne des monuments: Son essence et sa genèse* - O culto moderno dos monumentos"; considerada obra fundamental às práticas e políticas nas tomadas de decisões do restauro. Trata de questões relativas à tutela, conservação e preservação, base teórica que reorganizou a legislação pertinente ao assunto e caracterizou-se por reflexões que instituíram a importância do valor original do monumento como documento histórico. Verificou-se a influência Kantiana nesse pensamento; Immanuel Kant 1724-1804.

Segundo Riegl, as marcas do tempo implicariam conhecimento de História da Arte e Arquitetura, bem como, o pensamento cientifico,crítico e reflexivo. O prazer estético proveniente da contemplação do monumento não se esgotaria em sua vetustez, em seu aspecto antigo, mas na elaboração do conhecimento que extrapolaria o valor da antiguidade. O valor atribuído ao monumento condicionou forma específica que este culto assumiu, relacionando-se a outro conceito-chave, a *Kunstwollen*– a vontade artística – de cada época ou sociedade. Tal pensamento influenciou-se pelo idealismo alemão, do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), "O mundo como vontade e representação– *Die Welt als Wille und Vorstellung*", de 1819, que descreveu a vontade de viver do ser humano como um motivo essencial às suas realizações, através da representação. Alois Riegl também influenciou o conceito de Aura de Walter Benjamin (1892-1940) e suas teorias sobre a autenticidade.

A estética como filosofia da arte ou estudo do que é o belo nas manifestações artísticas e culturais, traz em sua subjetividade, uma ciência que remete à beleza, abordando-se o sentimento do belo que desperta em cada indivíduo. Immanuel Kant (1724-1804) revela o termo *perzeption* no latim, que deriva da palavra grega

ästhetisch, revolucionando-se a forma do pensamento no equilíbrio entre o racionalismo e empirismo. Seu conceito sobre a estética transcendental estabeleceu a beleza relacionada aos sentidos e o transcendente, que está acima de nossas experiências no mundo abstrato. O termo deriva da palavra latim *transcendere* que significa ultrapassar as fronteiras, assim o julgamento sobre a arte e o belo requer um entendimento por meio dos sentidos.

Para o outro filósofo, Walter Benjamin (1892-1940), toda obra de arte possui uma "aura", espécie de halo que nimba certos objetos e seres, como uma atmosfera etérea, imaterial, que confere ao original um caráter único de autenticidade. Declarava que, a "autenticidade de algo é a essência de tudo o que ela comporta de transmissível desde sua origem, da duração material à qualidade de testemunho histórico" (BENJAMIN, p.15, 2017). Uma obra de arte, tal como um monumento é único, pois se insere num tempo e espaço específico do momento de sua criação. Esta unicidade, explica porque obras de artes antigas, que estão em igrejas ou santuários possuem caráter místico. Conservariam estas, memórias passadas e os sentidos que produziram sobre os que as contemplavam? Benjamin explica as origens históricas da arte, quando estava ligada aos mistérios, rituais religiosos e culturais que nossa civilização esqueceu. "Toda tradição é constituída sobre a base do caráter de transmissão da herança antiga" (JIMENEZ, 1999, p.329). À vista disso, a condição que os monumentos históricos carregam de detentores de memórias e significados sócio-culturais através de sua materialidade

A estética direciona diferentes concepções e formas, procurando inovação conforme seu contexto no processo de criação. A partir das diferentes tendências, movimentos artísticos e concepções estéticas no percurso da História da Arte, da Arquitetura e das Artes Aplicadas, "novas formas e conteúdos surgem como processo de transformações que implicam valores de ordem, regras de cada cultura na construção do imaginário coletivo" (WAGNER, 2013). Como, "ao longo de grandes períodos históricos transforma-se todo o modo de existência das sociedades humanas, e com ele seu modo de percepção" (BENJAMIN, p.16, 2017). E a maneira como estas percepções se realizam nas sociedades, não estão condicionadas somente às transformações da natureza, mas também pela própria História da Humanidade.

> “[...] Os eruditos da escola de Viena, Riegl e Wickhoff, que se ergueram contra o peso da tradição clássica, sob o qual aquela arte havia ficado enterrada, foram os primeiros a lembrar-se de tirar delas conclusões quanto à organização da percepção no tempo em aquela arte dominava.” (Idem, loc. cit.)

O conceito de aura de Walter Benjamin, tal qual a influência da tradição da consciência da História, encontram afinidades com a fenomenologia de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e o sentido do espírito do tempo. A filosofia propõe que a percepção do tempo construa-se através do coletivo, o que permite a evolução do aprendizado, do pensamento no sentido de uma consciência coletiva. Todavia, Arthur Schopenhauer (1788-1860), também influenciado pelo pensamento de Immanuel Kant, expõe que a vontade prevalece sobre o espírito. Logo, as vontades humanas começaram a prevalecer sobre o espírito, e Benjamin alerta sobre o “Declínio da Aura”, do encantamento em relação às obras de arte, reflexões que constituem preocupações contemporâneas quanto às artes e à cultura. A questão da unicidade da obra e sua atmosfera se perdem através da banalidade que observação sistemática de reproduções provoca no espectador.

> “[...] diante do original, duas reações são possíveis: a admiração ou a decepção. Num caso como no outro, fazemos a experiência da aura. Maravilhados, percebemos o original este algo indefinível que a reprodução era incapaz de transmitir: o caráter único e autêntico de uma obra que sabemos ter sido feita em um tempo e espaço determinados. Desiludidos, devemos nos dizer que a contemplação repetida de uma reprodução num certo sentido embotou nossa sensibilidade: insensibilizados, permanecemos quase indiferentes à novidade da experiência. ”(JIMENEZ, 1999, p.331).

Com sua imagem enigmática, o quadro de Paul Klee: *Angelus Novus,* o anjo novo, fascinou filósofos e historiadores, tornando-se uma das obras de arte mais significativas do século XX. Tal obra de arte, também inspirou Walter Benjamin a manifestar suas diversas inquietações diante dos múltiplos significados contidos em sua imagem. Uma das interpretações utilizadas por historiadores e críticos de arte, seria a do anjo denunciando todas as séries de atrocidades e catástrofes provocadas pela humanidade ao longo da História. A imagem da história contada através do olhar e das expressões do anjo, que pela descrição de Marc Jimenez,

> [...] Tem os olhos arregalados, a boca aberta e suas asas estão estendidas. Estará aguardando um sinal de esperança, o anúncio de uma redenção? Não se sabe, pois seu rosto está voltado para o passado. Contempla a história passada. Nós simples espectadores, vemos uma série de acontecimentos, uma evolução para algo melhor. O anjo vê apenas catástrofes, ruínas que acumulam a seus pés. Gostaria de levar socorro, mas uma tempestade vinda do paraíso incha-lhe as asas; ele não consegue mais dobrá-las. (JIMENEZ, 1999, p. 334).

A obra de arte, pós primeira guerra mundial estaria contando sobre os sentimentos menos nobres de que os homens são capazes de ter ou sentir? Das crueldades e barbáries produzidas nesse período e que marcaram as sociedades que vivenciaram esse período triste da História humana? O que se pode inferir é que essas questões trazidas pela obra aproximam o pensamento filosófico em relação às artes e a estética e as demandas do patrimônio. O patrimônio histórico, em sua materialidade, foi tão atingido quanto o espírito da sociedade, com o arrasamento de cidades pela guerra juntamente com as memórias e vínculos afetivos de nações.

Figura 33 - Paul Klee. título da obra: "Angelus Novus", 1920. Fonte: Vitruvius, 2005.

Jimenez considerou que a filosofia da arte de Benjamin não contribuiu à elaboração de um curso de estética, mas expressaram profunda sensibilidade em relação às contradições impostas pela modernidade ainda tão contemporâneas. Seria suas considerações uma politização da estética? Uma crítica à hipocrisia da sociedade, em nome da tradição e a busca de tornar o homem à imagem e semelhança de Deus, a humanidade legitimou inúmeros crimes e massacres. E assim, o anjo mensageiro é levado em direção do futuro de incertezas. Tais reflexões permitiram a pesquisa uma aproximação entre os conceitos que permeiam a estética como filosofia da arte e demonstraram as inter-relações existentes entre às artes visuais e a arquitetura, como forma de expressão através de obras, técnicas, do pensamento e do espírito pertencentes à determinada sociedade e época. Finalizando-se essas considerações, existe na contemporaneidade um culto e certo louvor nos discursos ligados ao patrimônio histórico e artístico, e estes devem requerer questionamentos

reflexivos e não simples aprovações, pois um monumento “[...] se constitui num elemento revelador, negligenciado, [neste caso] mas brilhante de uma condição da sociedade e das questões que ela encerra”. (CHOAY, p.12, 2001).

3.5. A APROXIMAÇÃO ENTRE A ARQUITETURA JESUÍTICA E O ARTEFATO?

3.5.1. *“THE JESUIT STYLE”*

A História da Arte tradicional determinou a Europa como o núcleo central e irradiador de modelos e padrões, que a partir de processos de colonização foram difusos e emanados às periferias e colônias por cópias ou reproduções locais. Entretanto, utilizando-se como ponto de interesse o trabalho da Companhia de Jesus, que devido à sua grande penetração internacional gerou áreas de contato, ocasionou rupturas a esses modelos, o qual cada área específica a seus modos e cultura criou identidades próprias. Durante muito tempo, o termo estilo jesuíta foi associado à arte decadente, a antítese do Humanismo e do Renascimento. Divulgada por críticos à Companhia, protestantes e católicos, como um meio de apelo aos sentidos, um instrumento de controle e dominação. (BAILEY, 2000, p. 39). A depreciação generalizada do barroco, do estilo jesuítico, de contra-reforma, tornou-se um ideal de hegemonia artística militante, manipuladora, exagerada e insincera.

Estudiosos em meados do século XX abandonaram o termo propriamente, permaneceram sugerindo afinidades entre os jesuítas e as qualidades negativas associadas ao *jesuit style*: Geoffrey Scott, em *The Architecture of Humanism*, afirmou que as realizações jesuíticas basearam-se em converter preferências da humanidade ainda pagã aos usos católicos, respondendo ao ascetismo da reforma com maior concessão aos sentidos mundanos; Anthony Blunt, em *The Art and Architecture of France,* 1500-1700, 1953, historiador da arte inglês, definiu a arte jesuítica como anti-Humanista, que através da contra-reforma sufocou o direito individual do pensamento em nome da Inquisição e da Companhia, uma arte anti-intelectual. Revelando-se um mito que vingou por tempos, a expressão “estilo jesuíta”, às qualificações depreciativas, de “igreja militante”, e, o deslumbramento das massas com objetivos à manipulação espiritual. (BAILEY, 2000, p. 42-43).

Na atualidade há uma mudança nessa perspectiva, segundo Gauvin Alexander Bailey , cujo afirma que “não existe o estilo jesuítico” e sim um programa funcional, pois os jesuítas vindos em grupos (de origens espanhola, portuguesa, italiana, etc.),

estabeleceram diálogos com diversas culturas locais, apropriando-se de recursos e técnicas, adaptaram-se à modelos e gostos da época. Assim, a originalidade não existe no sentido de um purismo. A ruptura significativa iniciou-se com a publicação de Wittkower e Jaffe *Baroque Art: the jesuit contribution* (1972), onde o conceito "*Jesuit Style*" perdeu força entre os intelectuais.

Argumentos de Wittkower mostram que longe de uma unidade, a Companhia de Jesus teve diferenças e diversidades desde o começo, e discorreu sobre a impossibilidade da existência do modo jesuíta quando diversos artistas e arquitetos não jesuítas envolveram-se em projetos da Ordem, como Giacomo de Vignola, Giamo della Porta, Girolamo Reinaldi e Carlo Fontana, os quais puderam preservar sua liberdade criativa. Simplificando-se o assunto, surgiu uma nova e estimulante perspectiva sobre o tema que propõem novos caminhos, resignificando o conceito como uma arte contextualmente globalizada, rica e diversa, dentro de um complexo cenário cultural. Enriqueceu o campo da pesquisa científica, com a proposição de novas metodologias em história, antropologia, teoria pós-colonial e geografia urbana

Logo, percebe-se que o "*jesuit style"*, teve grande poder de alcance e atividades, sobretudo nas colônias da América- espanhola, e no Brasil seu papel foi igualmente bastante significativo no campo das Artes e Arquitetura. No estudo de uma obra de arquitetura, além das imposições do meio físico (topografia) e social, observou-se o programa (as finalidades), à técnica (materiais e sistemas adotados), o partido (o modo como a técnica propõe a arquitetura); a "modenatura (qualidades plásticas); e; a comodulação (o confronto harmônico das partes entre si em relação ao todo)". Os jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, ergueram edifícios com partido arquitetônico bem definido, com nave ampla, o que perdurou por muito tempo. O programa constituía-se em atender aos preceitos do culto, do trabalho e moradia, "os cubículos". Além destes, a enfermaria, dependências de serviços, horta e pomar. Na construção, a técnica utilizada dependia do local e recursos disponíveis, se próximo ao litoral seria em pedra e cal, se próximo a serra ou ao vale caberia "o bom barro".

3.5.2. A IDEALIZAÇÃO DO MODELO BARROCO BRASILEIRO

A igreja e a vida religiosa era uma preocupação da sociedade, coexistindo além das ordens as irmandades ou confrarias, que eram dominadas pelo Estado. Em Minas as ordens foram proibidas, transferindo-se aos devotos a responsabilidade de

construir seus templos para execução de seus cerimoniais. Primeiramente, as capelas e irmandades surgiram dentro da Matriz, e com a ascensão social e econômica de seus membros, foram sendo construídos templos próprios de devoção, como no caso da Capela N. S. do Pilar, cujos “[...] altares das igrejas e capelas, como locais de devoção, acabavam reunindo um numeroso conjunto de trabalhos em imaginária, pintura e talha, cuja produção procurava se orientar pelos padrões estéticos da época, o estilo Barroco.”(ANDRADE, 1991, p.38).

> “Sem dúvida, foram as irmandades as grandes impulsionadoras da arquitetura em Minas. Em geral, bastante ricas, inclusive as dos negros, procurando sempre levantar suas igrejas e salas de reuniões visando, antes de tudo, ostentar importância ou prestígio maior. A grande beneficiária dessa emulação foi aquela arquitetura barroca, cuja importância chama a atenção de todos, situando-nos como donos de um passado artístico de suma importância no panorama da arte universal." (LEMOS, 1979, p.83)

Para alguns historiadores, a Capela do Pilar de Taubaté seria “filhota” da Igreja de Nossa Senhora do Ó em Sabará/ MG (século XVIII – 1720), por suas semelhanças quanto ao partido arquitetônico e estético, sobretudo pela fachada facetada, visto que a torre sineira foi construída posteriormente. A decoração barroca também se faz presente na Igreja de Sabará, no interior ornamentado por apurada talha dos altares e retábulos, pintura cenográfica e douramentos, com mais refinamento. Criando-se desalinho entre exterior e interior, pois “quanta riqueza, quanto fausto e quanto bom gosto escondem aquelas singelas paredes brancas emolduradas pela estrutura tosca”. (LEMOS, 1979, p.88). A Capela de Santa Quitéria de Catas Altas/MG, de 1728, também possui aspectos formais semelhantes às anteriores

No artigo “Documentação Necessária”, de 1937, à primeira edição da revista do SPHAN, recomendou-se o estudo sobre “nossa antiga arquitetura”, como “oportunidade de servir-se dela como material de novas pesquisas”, lições da experiência de mais de trezentos anos e referência aos arquitetos modernistas. (COSTA, 1975, p.92). Viollet-le-Duc, personalidade do patrimônio no século XIX, estabeleceu princípios e métodos por meio de estudos, sobretudo da arquitetura medieval, de domínio da técnica pelo arquiteto, concepção da teoria do modelo ideal, valorização da mão-de-obra operária, do artífice, e, o uso dos edifícios restaurados. Com base nos estudos de restaurações como da Casa de Câmara e Cadeia de Atibaia, revelaram-se não apenas a fundamentação das proposições de Luís Saia, pautadas nas especificidades da pesquisa de técnicas construtivas e tipologias do período colonial, mas forte influência das formulações de Le-Duc nesse

processo. Logo, percebe-se que “nos trabalhos da regional, Saia não só volta-se ao estudo da arquitetura tradicional paulista, como utiliza este conhecimento para fundamentar as soluções propostas.” (GONÇALVES,2007,p.188), e do mesmo modo apoiados no paradigma de restauro da arquitetura colonial paulista, isso ocorreu similarmente, no processo de restauração da Capela N. S. do Pilar de Taubaté/SP.

Foto 85 - Igreja N. S. do Ó, Sabará/ MG, 1717-1719, por Manuel da Mota Torres. (torre sineira acrescida no final do século XVIII), `foto à esq. Fonte: Galeria Portal Iphan.

Foto 86 – Capela de Santa Quitéria de Catas Altas/ MG, de 1728. Fonte: Sérgio Mourão.

3.5.3. A CRIAÇÃO DE UM CONCEITO: ANÁLISE DO TEXTO DE LÚCIO COSTA

O texto de Lúcio Costa “A arquitetura jesuítica no Brasil”, publicado em 1941, no 5º volume da Revista do SPHAN, no Rio de Janeiro, demonstrou uma análise do “espírito jesuítico”, que conforme o autor não deveria ser examinado num bloco único de manifestações artísticas. A ação da Companhia iniciou-se em fins do Renascimento início do Barroco, desde a chegada até sua expulsão em 1759, atuou intensamente e representou um marco cultural no Brasil. A amplitude de obras de arte “apresentam formas diversas, de acordo com as conveniências e recursos locais e com as características de estilo próprias de cada período.” (COSTA, 1978, p.11). Nota-se que o arquiteto nesse ensaio já compreendia e esclarecia o sistema de adaptações cujo programa dos jesuítas inseriu na arquitetura colonial brasileira.

> “O partido geral de uma só nave inclui, no caso das igrejas jesuíticas brasileiras, plantas de quatro tipos diferentes. Primeiro o tipo mais singelo, que teria sido o das capelas rudimentares dos primeiros tempos e no qual a capela-mor e a nave constituem um mesmo corpo de construção divido convencionalmente em duas partes por um arco cruzeiro. Essa forma primária, hoje muito rara, é a que vamos encontrar na já referida capela de Santo Antônio, do segundo século, que apesar da invocação e do fato de ser uma capela particular, não deixa contudo de ser , também, uma capela de inspiração e de gosto jesuíticos, (...).” (Ibidem, p.31)

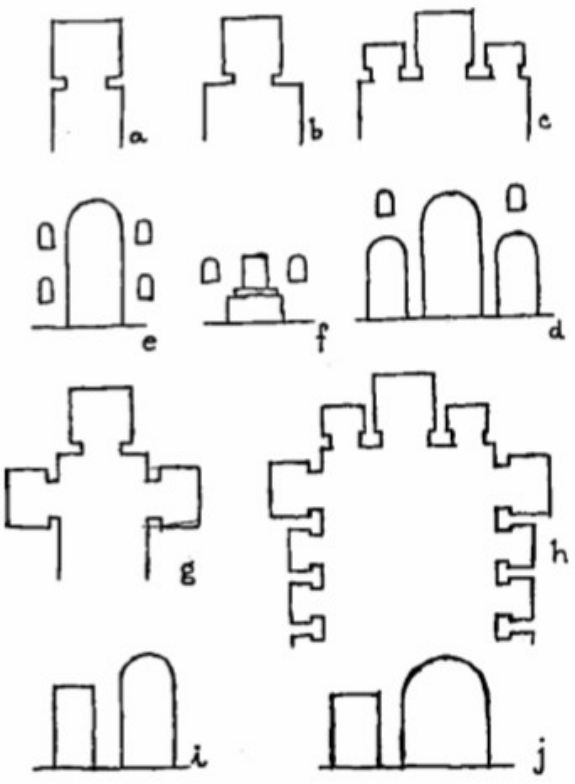


Figura 34 - Croquis Lúcio Costa tipologia de plantas igrejas. Fonte: COSTA, 1978, p.33.

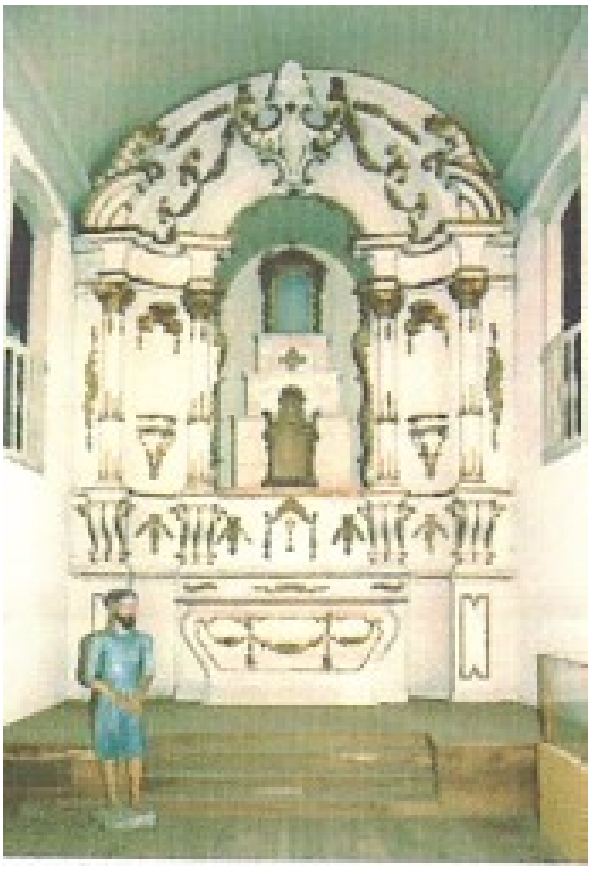
No croquis de Lúcio Costa, ele apresentou uma análise que demonstrava os tipos de nave e arcadas, referentes aos modelos encontrados na arquitetura religiosa de origem jesuítica no Brasil. No item “a”, apontou a existência dos tipos mais singelos e rudimentares, de pequenas Capelas que poderiam estar ligadas não somente ao modelo jesuítico, mas também à procedência de confrarias ou irmandades, o que perdurou por algum tempo devido às limitações impostas pelo domínio da Igreja. A Capela de Santo Antônio em São Roque (restauro entre 1940-1947 – Construção 1681, tombamento 1941 pelo IPHAN), visto que, é uma obra contemporânea em seu processo de restauração à Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté (restauro entre1945-1949 – Construção 1747, tombamento 1944 pelo IPHAN), apresentam documentações historiográficas compartilhadas nos arquivos oficiais do IPHAN/SP.

Conforme explanado no item 6.13. “A experiência dos restauradores paulistas: o paradigma” existiu uma relação nos processos e atividades ligados a essas obras, tal qual, especificados nas ordens de serviços, no gerenciamento das obras e compras de materiais. A partir do estudo, é possível que a Capela do Pilar de Taubaté, apesar de não ter sido explicitamente mencionada no texto de Lúcio Costa, como no caso da Capela de Santo Antônio de São Roque, participou ativamente desse quadro iconográfico exibido pelo arquiteto. Dado que, considerando-se tais aspectos percebe-se por análise comparativa entre os croquis e o artefato, as relações entre o programa jesuíta, proposto por Lúcio Costa das capelas da 1ª fase, o desenho da capela-mor nos detalhes ligados ao Rococó e a Capela do Pilar.

É fato que, a Capela de Taubaté teria suas origens ligadas à irmandade do Pilar, primitivamente dentro da Igreja Matriz de São Francisco das Chagas (matriz principal da Vila), e posteriori erguida próxima a Catedral, fundada pelo então Licenciado Timóteo Correa de Toledo (1699-1788). Como visto no item 6.2. “O barroco mineiro na Vila de São Francisco de Chagas de Taubaté – O barroco café com leite” existiu uma linha escultórica da talha aplicada pelo grupo de João da Cruz, e o Altar da Capela-mor da Igreja matriz da Vila de Taubaté, seria o primogênito do modelo que subseqüentemente foi disseminado pela região do Vale, e adjacências a Vila de São Paulo de Piratininga, cidades como: São Paulo capital, Suzano, Mogi das Cruzes, Guararema, Jacareí, Caçapava, Tremembé, entre outros. Em concordância com as pesquisas de Mateus Rosada, existiu um “caminho”, um percurso por onde passou

esse grupo e o modelo ou padrão da talha a eles atribuídos, observados por correspondências nos aspectos estéticos e arquitetônicos das obras.

Retornando-se ao que foi proposto por Lúcio Costa, no texto que atualmente orienta-se como referencial de bibliografia dos estudos relacionados ao patrimônio brasileiro e à História da arte e da Arquitetura. É pressuposto que as particularidades como: a técnica da taipa de pilão e de mão; os grandes beirais; partido de nave única; o coro sobre a entrada e os arcos do cruzeiro, o arco e o cancelo dividindo o espaço entre a capela-mor e o restante da nave; enfim, muitos aspectos plásticos e das artes aplicadas, determinaram a participação da Capela do Pilar de Taubaté do arquétipo ligado ao padrão considerado pelo autor de “arquitetura religiosa jesuítica no Brasil”.



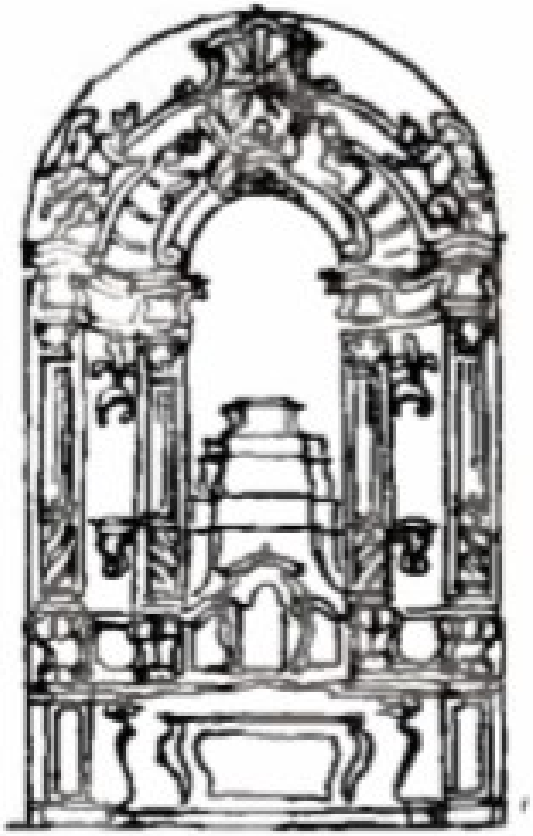


Foto 87 - Fotos: capela-mor Capela N. S.do Pilar. Fonte: IPHAN, SP.

Figura 35 - Croquis Lúcio Costa estudo tipologia altar-mor e ornamentação. Fonte: COSTA, 1978, p.35.

Logo, inferiu-se que a Capela N. S. do Pilar correspondeu, aos preceitos do arquiteto quanto à arquitetura originalmente brasileira, revelados em relação ao programa funcional da arquitetura jesuítica, que podem ser verificados a partir de análises comparativas entre os desenhos de Lúcio Costa e o artefato. É essencial deixar claro que este ensaio não pretende afirmar que o artefato seja de origem jesuíta,

mas que por similaridades e aproximações estilísticas apresentadas, é possível uma comprovação da influência do "*jesuit style*" e as demais ordens religiosas na região de Taubaté e do Vale do Paraíba Paulista, que se valeram do ambiente miscigenado, de um sistema de adaptações propiciado por corredores de comunicação socioculturais, de adaptação às técnicas, gostos e contextos locais.

Outro importante fator de contribuição à miscigenação sociocultural é resultante da presença indígena; do mestiço da terra; do bandeirante; do religioso catequizador, impositor de civilidade; que promoveram e estabeleceram essas redes de comunicação nas atividades e práticas no eixo das rotas do ouro e tropeirismo.[44] A arte barroca no Brasil não se constituiu por apenas um estilo, mas por um verdadeiro sistema, "uma confederação de estilos". E "no caso particular brasileiro, é na composição da talha dos retábulos de altar que se pode observar com nitidez essa extraordinária variedade peculiar ao Barroco." (COSTA, 1978, p.15).

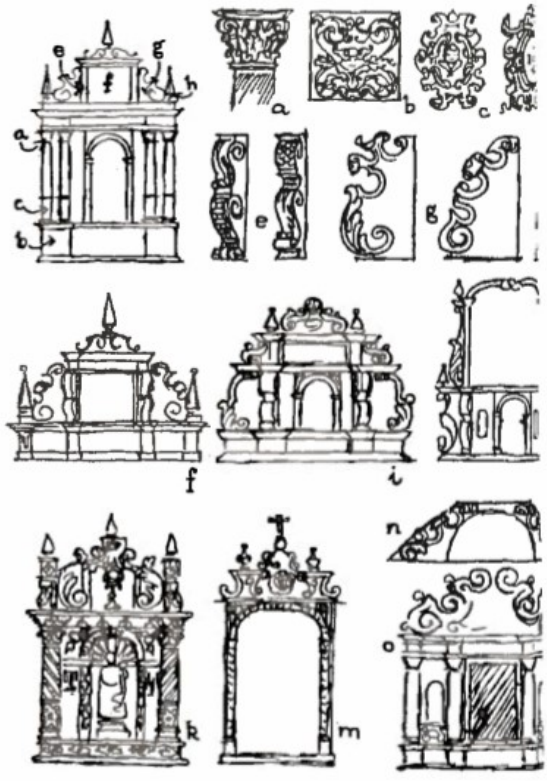


Figura 36 - Croquis Lúcio Costa. Fonte: COSTA, 1978, p.35. (à esquerda).

Figura 37 - Croquis Lúcio Costa. Fonte: COSTA, 1978, p.37. (à direita).

[44] As rotas do ouro foram abertas pela Coroa Portuguesa e ligavam as regiões das Minas Gerais ao litoral do Rio de Janeiro (onde se localizava o porto de Paraty), estas passavam por terras paulistas para o escoamento do ouro e das pedras preciosas em direção à Metrópole. Concomitantemente, desenvolveu-se o tropeirismo, que foi uma atividade itinerante desempenhada pelo tropeiro (condutor de tropa, arrieiro ou bruaqueiro), ou seja, pelos condutores de tropas ou comitivas de muares e cavalos entre as regiões de produção e os centros consumidores a época colonial do Brasil.

Foto 88 - Interior da Capela em 1940 – Capela-mor, altar e retábulos laterais. Fonte: IPHAN, SP.

> "O lindo desenho e a primorosa talha, aliviados de tanto ornato e de tanto ouro, desenvolvem-se desafogadamente, elegantes, cheios de invenção e de graça, levando o capricho e a sutileza dos "achados" muitas vezes até o requinte, senão mesmo ao enfado." (COSTA, 1978, p.55).

Foto 89 - Vista lateral do coro direito, detalhes da talha do altar-mor Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg.

3.6. A QUESTÃO DA TORRE SINEIRA: UM RETORNO AO ASPECTO ORIGINAL?

Foto 90 - Fachada lateral à Rua Bispo Rodovalho. Autoria: Germano Graeser, 1939. Fonte: IPHAN/SP.

Um dos aspectos mais relevantes relativo aos resultados obtidos pela pesquisa apresentou-se na análise do caderno de obras do arquiteto Luís Saia, referente às obras de restauração da Capela do Pilar, realizadas entre 1945-1949. Os objetivos específicos da investigação delimitaram-se em compreender o processo de restauro, bem como os procedimentos e técnicas utilizadas pelos técnicos da regional paulista do SPHAN à época, e as relações estabelecidas entre o artefato e as demais obras contemporâneas da primeira fase de atividades da entidade. Além de identificar os conceitos, referenciais e os métodos adotados; o artefato artístico e arquitetônico como monumento histórico nacional, e exibir os reflexos de tais intervenções que reverberam até os dias atuais, em sua composição estética; e; na existência ou inexistência do monumento à comunidade, sobretudo no âmbito urbano.

Em conformidade com os registros fotográficos e históricos, dentre as intervenções identificadas que foram realizadas no artefato, os pontos que podem ser citados são: a alteração do projeto do telhado do corpo secundário da nave; troca das telhas e reforços na estrutura do telhado; inserção de ferragens na estrutura das paredes de taipa de pilão; fechamentos de tijolos de barro; modificação do guarda-corpo das janelas frontais superiores, retirada dos vidros e troca das folhas das janelas para folhas de madeira maciça de aspecto mais rústico, eliminação de pintura interna como do *boiserie*, ou barrado adjacentes aos altares laterais e que supostamente contornavam toda a extensão da nave , etc. Todavia, dentre essas modificações e características que foram implementadas, observou-se que das mais significativas nos aspectos estéticos e arquitetônicos do artefato, inédita a pesquisadores do patrimônio do município, foi à eliminação da torre sineira do corpo da nave. No item 7.2. “Padrão conceitual estético-arquitetônico do SPHAN/SP”, apresentou-se a concepção do modelo, adotado no paradigma da arquitetura colonial brasileira, de apelo modernista e nacionalista do Estado Novo, que corroborou de modo expressivo às tomadas de decisão e definições dos critérios do projeto de restauro.

No início das atividades do SPHAN/SP uma das preocupações de Mário de Andrade foi recuperar os monumentos paulistas que estavam sob forte ameaça da extinção. Seu “propósito precípuo de salvar imediatamente da ruína o que possuímos de mais vetusto ou mais belo, dentre os monumentos do patrimônio religioso e militar, remanescentes do período colonial.” Dentre os primeiros monumentos citados estavam o forte de São João em Bertioga (1560); a Capela de São Miguel Paulista

(1622) e a Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Embu (1700), sendo que o último a seu gosto, o mais valoroso por seu interior que, “pelo acabamento e pela raridade de estilo está entre as coisas mais preciosas do Brasil”. (CERQUEIRA, 2015).

Os planos do restauro da Igreja Jesuíta do Embu foram de responsabilidade do arquiteto-engenheiro Luis Saia, que decidiu por iniciar as atividades da obra pelas “partes mais ruinosas da construção”, o que não comprometeria nenhuma estrutura da edificação e proporcionaria “a experiência técnica das condições atuais” à época da edificação. Mario de Andrade, na gestão da diretoria da regional paulista, entendia a recente experiência da entidade cujo estaria submetido o patrimônio brasileiro, e, que as ações emergenciais propostas eram de grande importância à sobrevivência dos monumentos e de suas respectivas memórias culturais. A questão do resgate da memória nacional brasileira à partir da valorização dos artefatos ainda remanescentes na região paulista, estariam condicionados aos princípios e critérios que estavam sendo estabelecidos no paradigma do retorno ao original das obras.

> “Demonstrando estar sintonizado com a organização e as metas propostas pelo arquiteto-restaurador, explica que somente após esta parte do edifício estar afastada da destruição, e adquirida maior experiência com o trato dos materiais e melhor conhecimento das técnicas de construção antigas, teriam início “os trabalhos mais importantes no corpo da igreja” e especialmente os de sua fachada, “que deverá voltar à feição primitiva” (CERQUEIRA, 2015).

A tarefa mais complexa estaria na instituição de metodologia à execução das tarefas, pois como anteriormente não existia um “*know-how*” dessas atividades sendo necessário adquirir o conhecimento sobre a técnica e os materiais através de uma concepção de teoria ligada às questões do patrimônio, que foram fundamentadas por ideologias ocidentais de valorização e conservação da matéria. As práticas que seriam efetuadas se pautaram sob o estabelecimento dos critérios de restauração. E desse modo, os questionamentos relativos a área da preservação do patrimônio se fizeram presentes: Como seria possível determinar-se o que pertencia ao aspecto primitivo do momento de concepção da obra, que conforme Walter Benjamin teria uma aura etérea, única e original? Como diferir os aspectos plásticos e construtivos das diversas épocas e até mesmo intervenções que os monumentos sofreram ao longo de sua história?

> Distinguir os acréscimos em meio às soluções originais, e dentre as novidades, as mais antigas das mais recentes, eram tarefas que exigiam paciência, investigação, reflexão e estudo; mesmo assim incorria-se em riscos de interpretação. Era o preço a pagar pelo pioneirismo. (CERQUEIRA, 2015).

Pode-se conjecturar neste caso, que a vanguarda das ações em relação às intervenções nas obras e a necessidade gerou capacidade, realizando-se uma das especificidades demonstradas pela equipe técnica do SPHAN paulista, a “natureza diferenciada das atividades”, exibida por Luiz Antônio Dias de Andrade em sua tese “Um estado completo que pode jamais ter existido”. Encontrar a solução às verdadeiras configurações dos monumentos foi o desafio a que se propuseram os arquitetos-restauradores, que através de metodologia científica guiada por criteriosa investigação às obras, “tarefa naquilo que os arquitetos do IPHAN denominariam depois trabalho de prospecção”, ao aprimoramento da técnica, o conhecimento da natureza dos materiais, “um primeiro conhecimento sobre as formas primitivas das edificações”. Do trabalho meticuloso de Luis Saia, Mario de Andrade declara o primor e o processo cuidadoso no qual se articulavam às fundamentações do partido e critérios que seriam seguidos nas obras de restauração.

> “E retorna aos trabalhos em realização, especialmente as tarefas do restaurador, daquele “engenheirando” que trouxera em 1937 para trabalhar consigo e que agora era o responsável pela condução das obras de restauração desses e de outros monumentos paulistas, do cuidado deste profissional no preparo dos operários, nos estudos encetados, na tarefa meticulosa de registrar tudo quanto ocorria nas obras, desenhando, fichando e “fotando” cada pormenor interessante revelado nas prospecções das paredes de taipa do edifício, dos revestimentos posteriores com tijolos, bem como na análise desses materiais que lhe permitia perscrutar as técnicas e as formas anteriores dos edifícios reformados ao longo do tempo – tudo reunido no caderno de obra, acrescido ainda da coleta de informações junto a membros da comunidade local sobre o monumento na tentativa de reconstituir sua trajetória recente e pretérita, esforços que resultariam na descoberta de uma importante foto que registrara a configuração mais antiga de sua torre. (CERQUEIRA, 2015).

No caso do restauro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Embu, tal como no da Capela Nossa Senhora do Pilar de Taubaté: os levantamentos de dados, o estudo estilístico e metodológico; os registros nos cadernos de obras; a investigação iconográfica e histórica junto às comunidades (feitas também pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda); a escolha dos materiais mais adequados às intervenções; e; o criterioso trabalho de prospecção de Luis Saia foi fundamental à documentação dos processos e dos andamentos dos trabalhos executados nas restaurações. Criou-se um modo de recomposição das feições, de resgate dos aspectos mais tradicionais, da “forma primitiva” dos monumentos tal como o de novas proposições estilísticas, como os ensinamentos do arquiteto francês Eugène Emannuel Viollet-le-Duc, como visto, nos autores referenciais, dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico no século XIX, considerado um precursor teórico da arquitetura moderna.

Os princípios do método proposto por Viollet-le-Duc decretava que “o arquiteto encarregado de uma restauração, deve, pois, conhecer exatamente não somente os tipos referentes a cada período da arte, mas também os estilos pertencentes a cada escola. Assim como declarava sobre as dificuldades do processo de restauração, que “em se tratando de restaurar as partes primitivas e as partes modificadas, deve-se não levar em conta as últimas e restabelecer a unidade de estilo alterada, ou reproduzir exatamente o todo com as modificações posteriores?”(VIOLLET-LE-DUC, 2000, p.48). Em sua teoria do modelo ideal era fato o surgimento de muitas indagações que deveriam ser respondidas ou refutadas “em razão de circunstâncias particulares” nas quais os monumentos estariam inseridos. Outro tópico importante seria que o arquiteto deveria ter o domínio sobre a técnica e conhecimento profundo sobre os estilos de cada época ou escola de arte e arquitetura, para que dessa maneira, ele possa através do pensamento crítico “restituir ao edifício sua unidade”.

> Não se trata aqui, como no caso precedente, de conservar uma melhoria acrescentada a um sistema defeituoso, mas de considerar que a restauração posterior foi feita sem crítica, seguindo o método aplicado até o nosso século, e que consistia , em toda reconstrução ou restauração de um edifício, em adotar as formas admitidas no tempo presente; nós procedemos segundo um princípio oposto, que consiste em restaurar cada edifício no estilo que lhe é próprio.”(VIOLLET-LE-DUC, 2000,p.50).

Aproximando-se os conceitos de critérios adotados pelos técnicos do SPHAN da regional paulista, como já foram propostos em outros ensaios e pesquisas, os questionamentos à obtenção da unidade do edifício eram primordiais em relação a manutenção de estilos diferentes. E orientava que para tal análise “o arquiteto encarregado de uma restauração deve imbuir-se bem do estilo que lhe é próprio ao monumento cuja restauração lhe é confiada”. (VIOLLET-LE-DUC, 2000, p.53). Afinal, “a primitiva capela jesuítica do Embu tinha ou não tinha torre?” Segundo pesquisa e texto de Carlos Gutierrez Cerqueira, existiu uma torre antiga de acordo com a documentação histórica e iconográfica do monumento, como apareceu em foto de 1908 feita por Washington Luís, porém em configurações um tanto diferentes da opção adotada à época pelos arquitetos-restauradores. Apresentando-se tais hipóteses e conjecturas, o que nos importa exibir preponderantemente, foram as dificuldades encontradas, sobretudo pelos técnicos do SPHAN da regional paulista, “na definição de projeto sempre dependente da obtenção de informações, sejam quais forem, mesmo quando existentes no fundo de uma gaveta caipira, ou abandonadas em depósitos de alguma secretaria de governo ou do Poder Judiciário”

muitos documentos inacessíveis à pesquisa e a investigação, o que enreda ainda mais o levantamento adequado de dados, da leitura de um edifício histórico, no todo e nas partes, principalmente por meio da iconografia, constituem-se indagações e questões que estão sempre presentes na montagem desses fragmentos.

Igreja do Embu, 1942
Foto H. Graeser [Arquivo do Iphan SP]

Foto 91 – Fachada da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Embu, 1942. Fonte: Vitruvius.

Figura 38 – Croquis de Luís Saia, proposta sem a torre. Fonte: Vitruvis.

Voltando ao caso da Capela Nossa Senhora do Pilar de Taubaté, a pesquisa também revelou a existência de uma torre que foi eliminada à época da primeira restauração de 1945-1949, alegando-se que esta seria datada de fins do século XIX, e, portanto não participaria da composição original do monumento. Todavia, localizou-se no acervo do Museu Histórico de Taubaté, no Arquivo Histórico Municipal "Dr. Félix Guisard Filho", pertencente à Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Taubaté, o documento original de construção da Capela Nossa Senhora do Pilar, de 1748, bem como sua tradução feita pela historiadora Lia Carolina Prado Alves Mariotto, que descreve a solicitação do feitio da Igreja com sua torre, como transcrito a seguir obtido a partir do trecho original: "*eoutro sim mays de fazer na ditta Igreja sua torre de pedras sobre as paredes della que sobre a porta hão de Levantar a cuja quantia de resto seobrigar apagar lhe por sua pesoa e bens prezentes e futuros que seja aditta obra*", e publicado posteriormente: "[...] e outrossim mais de fazer na dita igreja sua torre de pedras sobre as paredes dela que sobre a porta se hão de levantar, a cuja pessoa e bens presentes e futuros, feita que seja a dita obra."[45](ANDRADE, 1991, p.92).

Foto 92 - Fachada lateral frontal à Rua Bispo Rodovalho. Autoria: Germano Graeser, 1939. Fonte: IPHAN/SP.

[45] Ver Documento construção Capela - tradução e original em item 10. Anexo I – p.179-195.

Os acertos para a construção foram acordados entre Timóteo Correa de Toledo e o mestre de obras Francisco Veloso de Aguiar e lavrados pelo Tabelião Policarpo de Abreu Nogueira, em 5 de junho de 1748, objetivando o início das obras da Capela. Sendo seu fundador, “homem de bem” devoto a Nossa Senhora do Pilar, resolveu em meados do século XVIII, construir templo próprio ao culto dos membros da irmandade, solicitando permissão em 1747 à Cúria de São Paulo. Possuía terreno à esquina da Rua Quarta designada naquela época Rua Direita (atual Rua Visconde do rio Branco), e, à Travessa Nossa Senhora do Pilar (atual Rua Bispo Rodovalho).

O fato é que a questão da existência de uma torre jamais fora tratada, e constituía-se em caso de desconhecimento por historiadores próximos ao monumento, uma vez que esses registros fazem parte dos cadernos de obras, raros documentos e sigiloso material recolhido no acervo do arquivo fotográfico do IPHAN/SP. Posto isso, conforme fotografia registrada pelo técnico do SPHAN/ SP, Hermann Hugo Graeser (Germano), em 1939, seis anos antes do início das atividades de restauração na Capela do Pilar de Taubaté, exibe-se a torre sineira à lateral da Rua Bispo Rodovalho, que se erguia sobre nave e integrava ao corpo principal da igreja. Ademais, podemos conjecturar que a torre sineira foi eliminada, suprimida junto à vários outros elementos porque à juízo de valores não participavam do quadro de referências creditados ao estilo do “barroco colonial paulista”, de origem mineira como inferiu-se em todo tempo nas narrativas historicistas em relação ao artefato.

O que se pode concluir com base nessas proposições é que existiu uma vontade e o empenho em salvaguardar esses monumentos, os vestígios das quais um dia foram ou representaram à sociedade. Muitas estavam em eminente destruição, o que dificultou alguns trabalhos de retrospecto na exatidão de suas formas originárias ou fisionomias, proporcionando-se um ambiente de certa liberdade criativa na obra de valor artístico, condizente com o que defendia Lúcio Costa sobre considerar-se “o espírito da época do monumento”, e os resultados na atualidade, às vezes são considerados por certos pesquisadores um pouco adverso. Porém, não há como se negar a importância dessa fase de atividades sobre o patrimônio histórico brasileiro, do afinco dos profissionais da regional paulista do SPHAN, da dedicação e diligência em prol de nossa História da Arte e da Arquitetura. Na acepção da ação inventiva e criadora das atividades artísticas, foram resgatadas e revalorizadas essas obras paulistas do mesmo modo que de outras regiões do país.

Foto 93 - Fachada lateral posterior à Rua Bispo Rodovalho. Pós-restauração. Autoria: Germano Graeser, 1957. Fonte: IPHAN/SP.

Foto 94 - Capela fachada lateral à Rua Bispo Rodovalho. Estado Atual, 18.05.2019. Fonte: Autora e Daniel Guinsburg.

4. CONCLUSÃO

Delimitados a um contexto específico na História, admitiu-se a superação dos paradigmas pautados numa visão mecanicista de mundo e dos princípios da física newtoniana, os quais tiveram forte influência sobre a sociedade ocidental no século XX. Comprovando-se que a pesquisa científica pode propiciar novas perspectivas à ciência moderna, sobretudo pesquisas baseadas nos princípios da universalidade, de correlações e proximidades, de mesmo modo, reconheceu-se a existência de interdisciplinaridade relacionando-se aos assuntos pertinentes à História da Arte, Estética (admitida como filosofia da Arte) e Arquitetura. Logo, a partir do processo e desenvolvimento do trabalho buscou-se instaurar redes de diálogos entre essas áreas do conhecimento, percebendo-se outros modos de análise sobre os bens patrimoniais, não só pelo aspecto da materialidade presente no artefato arquitetônico, mas como por seus atributos artísticos e estéticos.

Partiu-se da metodologia científica pautada no objeto de estudo, no artefato e suas especificidades, determinando-o como ponto de partida, ou núcleo das indagações e conjecturas. Por conseguinte, procurou-se de modo não-linear, o agrupamento de dados e informações sobre o monumento, utilizando-se principalmente de fontes primárias e secundárias, e posteriormente terciárias, fixando o objeto no centro das análises, à composição dos questionamentos, série de pressupostos à atualização da temática em patrimônio histórico, revisão estética e historiográfica do artefato.

No inicio de criação do IPHAN/SP (SPHAN), suas atividades foram pautadas pelo tombamento como instrumento de resgate e sobrevivência da memória colonial brasileira. Na atualidade, autores e especialistas admitem que essas ações foram fundamentais à permanência de vários monumentos no Brasil, como é o caso da Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté/SP, o artefato objeto desta pesquisa. Logo, a pesquisa científica como instrumento de construção do conhecimento, visou identificar às aproximações, as especificidades no emprego do método e técnica do restauro, área do patrimônio que é inerente à arquitetura e artes visuais, dando-se o resgate de significados e referenciais do monumento histórico, artístico e cultural.

Para melhor entendimento do método e apresentação do trabalho de investigação que se buscou delinear, os resultados obtidos foram organizados em 4 partes, sendo elas: 1. Revisão historiográfica do artefato; 2. Contextualização do tema; 3.

Dissertação; e; 4. Levantamento arquitetônico do artefato. Na primeira parte de revisão historiográfica do monumento, procurou-se investigar e exibir as questões que remetem aos tópicos do barroco mineiro e barroco paulista; do barroco mineiro na vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, o “barroco café com leite”; o bandeirismo os intercâmbios culturais na região do Vale Paraíba paulista; a contextualização do artefato – a Capela N. S. do Pilar; a influência hispânica na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté; e; os inconfidentes na Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté.

Na parte II, discorre-se sobre a contextualização do tema que procurou os conteúdos que fundamentaram e teorizam a pesquisa aos assuntos da preservação do patrimônio histórico e à pesquisa em artes visuais, como: a pesquisa científica em artes e patrimônio; o pensamento patrimonialista; as cartas patrimoniais; e; a experiência brasileira sobre o patrimônio histórico, artístico e cultural.

Na parte III, os tópicos exibidos são em referência à análise da documentação oficial relativos à Capela N. S. do Pilar, a dissertação propriamente dita, analisada de forma à contextualizar as ações decorridas na obra de restauração e personagens, expondo-se: o problema; a Capela e sua importância; a pesquisa sobre restauro no avanço do conhecimento; a experiência dos restauradores paulistas - o paradigma; a escolha de estudo sobre a Capela; o diálogo entre os restauradores e a referência conceitual; os atributos da experiência paulista na formação do IPHAN; e; as aproximações entre as referências conceituais e a Capela.

Na parte IV, foi apresentado o levantamento arquitetônico e estético do artefato sobre os aspectos: da linha do tempo – a cronologia iconográfica; o levantamento de imagens – o caderno de obras; e; o levantamento métrico/ e fotográfico atual. E finalizando-se a discussão geral com os tópicos: o artefato pertence a um quadro conceitual-técnico e metodológico do restauro; padrão conceitual estético-arquitetônico do SPHAN/SP; a influência do pensamento modernista no SPHAN; uma aproximação entre a arquitetura jesuítica e o artefato? ; *the jesuit style;* a idealização do modelo barroco brasileiro; a criação de um conceito: a análise do texto de Lúcio Costa; e; a questão da torre sineira: um retorno ao aspecto original?

Quanto às questões e resultados alcançados pelo trabalho apresentou à pesquisa, a Capela Nossa Senhora do Pilar de Taubaté/SP, pertence a um quadro conceitual-técnico e metodológico do restauro, a qualificando como testemunho histórico no

âmbito nacional, construída em taipa de pilão e mão, remete-nos a uma estética peculiar e memórias do passado, constituí-se importante monumento pertencente à História, à Arquitetura e às Artes, tanto em sua matéria quanto em sua forma, um documento cultural. Visando-se a recomposição de além do que foi, mas do patrimônio do amanhã, os resultados assim revelaram a inserção do artefato no contexto de construções históricas regionais, dentro de um quadro específico de outras obras restauradas pela regional que formaram um padrão conceitual estético-arquitetônico do SPHAN/SP sob a influência do pensamento modernista e nacionalista brasileiro.

A verificação da existência de inter-relações entre a arquitetura religiosa jesuítica e a arquitetura colonial praticada à época do barroco mineiro-paulista do século XVIII, particularmente na estética e correspondência do partido arquitetônico tal como nas artes aplicadas em talha, ligadas ao movimento do Rococó, no interior da Capela Nossa Senhora do Pilar, em Taubaté/SP, caminho e rotas SP-MG à época do Brasil - Colônia. Esta análise a princípio foi respaldada por conjecturas e considerações do arquiteto Lúcio Costa, no texto “A arquitetura jesuítica no Brasil”, e que pode ser revisitada por uma análise comparativa entre seus desenhos e croquis, e, o artefato arquitetônico, em suas similaridades e aproximações estilísticas.

Nos questionamentos sobre historiografia e estética exibiu-se a imposição do “estilo barroco jesuítico”, um dos mitos mais persistentes da História da Arte. Existiria um estilo específico dos jesuítas na pintura, escultura ou demais artes aplicadas? Não, compreendeu-se que a arquitetura colonial foi uma arte pública, de mistura entre vida pública e religiosa, nos quais os poderes políticos, civil, religioso e popular eram entrecruzados e não havia distinções nesse âmbito, dissociação que só ocorreu a partir do século XIX. Alguns críticos designaram o “estilo jesuítico”, as manifestações de arte religiosa ocorridas nos séculos XVII e XVIII, porém, o que existiu foi a pluralidade no campo das artes e arquitetura e a atuação global da Companhia de Jesus, como um fio condutor, que propiciou conexões entre várias culturas, criando-se áreas de fronteiras e diálogos em obras na América Latina, Espanha e Portugal.

Retornando-se ao que foi proposto por Lúcio Costa, no texto que atualmente orienta-se como referencial de bibliografia dos estudos relacionados ao patrimônio brasileiro e à História da arte e da Arquitetura. É pressuposto que as particularidades como: a técnica da taipa de pilão e de mão; os grandes beirais; partido de nave única; o coro

sobre a entrada e os arcos do cruzeiro, o arco e o cancelo dividindo o espaço entre a capela-mor e o restante da nave; muitos aspectos plásticos e das artes aplicadas como a talha primorosa, determinaram a participação Capela do Pilar de Taubaté do arquétipo ligado ao padrão considerado pelo autor de “arquitetura religiosa jesuítica no Brasil”. Logo, inferiu-se que a Capela N. S. do Pilar correspondeu, aos preceitos do arquiteto quanto à arquitetura originalmente brasileira, revelados em relação ao programa funcional da arquitetura jesuítica, que podem ser verificados a partir de análises comparativas entre os desenhos de Lúcio Costa e o artefato. É essencial deixar claro, que o ensaio não pretendeu afirmar que o artefato seja propriamente de origem jesuíta, mas que por similaridades e aproximações estilísticas apresentadas, é possível uma comprovação de influência do “*jesuit style*” e as demais ordens religiosas na região de Taubaté e do Vale do Paraíba Paulista, que se valeram do ambiente miscigenado, de um sistema de adaptações propiciado por corredores de comunicação socioculturais, de adaptação às técnicas e gostos dos contextos locais.

Outro objetivo específico que a pesquisa buscou responder foi quanto às questões e indagações relacionadas à documentação histórica, textual e iconográfica referente ao monumento, documentação pertencente aos acervos do Arquivo Histórico e Fotográfico da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN/ SP; do Museu Histórico de Taubaté, do Arquivo Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho”. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Taubaté; da Cúria Diocesana de Taubaté; do MISTAU - Museu da Imagem e do Som de Taubaté. A partir da organização e classificação dos documentos destes acervos referentes à Capela N. S. do Pilar, verificou-se mais uma vez a participação de Lúcio Costa nas tomadas de decisão quanto aos rumos do projeto de restauro do monumento, característico do grande esforço modernista de construir a memória nacional, já que os intelectuais do IPHAN visavam profundos ideais de renovação no pensamento patrimonial, de rompimento e libertação, às origens de uma produção artística autenticamente brasileira.

Finalizando-se tais considerações, o plano de pesquisa firmou-se quanto às origens e relações do objeto de estudo e as demais obras de restauração mencionadas de início das atividades do SPHAN/SP; o contexto do artefato no cenário das artes e da arquitetura colonial paulista de obras realizadas por Luís Saia e a equipe da regional. Confirmando-se a influência das doutrinas expostas na Conferência de

Atenas de 1931, na questão que apresenta as instruções quanto “A conservação dos monumentos e a colaboração internacional” (item VII), sobre o papel da educação e o respeito dos monumentos no qual expõe como sendo a “melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte veem do respeito e do interesse próprios povos, considerando que esses sentimentos podem ser grandemente favorecidos por uma ação apropriada dos poderes públicos [...]”. (Escritório Internacional dos Museus Sociedade das Nações, 1931).

Pressupõe-se que o estudo dos monumentos históricos e seus processos devem ocorrer mediante análises crítico-reflexivas e referenciais, visto que estas devem estar amparadas em critérios e contextos específicos. Gallo, explica que “[...] é preciso que o ato de preservação decorra de um juízo de valor sobre o significado cultural de determinada obra como patrimônio da coletividade, que deve materialmente, permitir-lhe a referência e a identidade.” (GALLO, 2001). Portanto, a valoração do patrimônio e do monumento histórico só pode concretizar-se pelo estabelecimento de vínculos sociais e afetivos entre estes e a sociedade, pois não há como se preservar o patrimônio, a matéria, antes de preservar-se sua memória.

Estudos a respeito do patrimônio apontam que para a construção sociocultural dentro de uma sociedade, não basta “restaurar” é preciso “transformar”, “resignificar”, promover novos valores e vínculos entre o monumento e os indivíduos. O restauro tem o peso da materialidade européia na preservação da pedra, da matéria, diferentemente da cultura oriental que valoriza o abstrato, o imaterial, reverenciando templos em construções e reconstruções através de rituais. O pensamento contemporâneo sobre o patrimônio admite que o processo de restauro pode ser pautado por releituras, pois não há como se negar a passagem do tempo.

Do latim “monumentum”, a palavra deriva de “monere” – advertir, lembrar, aquilo que traz a lembrança. Assim os monumentos de valor memorial como igrejas e locais de cultos religiosos, possuem dupla relação com o saber e a arte, e marca o “indelével pertencimento do monumento histórico a uma cultura singular”. (CHOAY, p.14, 2011). O patrimônio é uma construção sociocultural, uma ação ideológica. Deve-se preservar pra quê? Pra quem? Ou por quê? Só se preserva o que possui valor para alguém ou para algo, dado isso, é fundamental verificar-se que a história é escrita pelos vencedores das guerras ao longo dos tempos, e o restauro apresenta-se como

uma ação ideológica intencional, de “restaurar apenas o que interessa para a História.” (GALLO, 2001). O monumento histórico refere-se a um modelo intelectual, que tem o valor abstrato do saber e do conhecimento. Por outro lado, estabelece-se uma relação com a arte requisitando-se a sensibilidade estética, que é resultante de uma experiência concreta. (CHOAY, p.14, 2011). A memória é um processo construído, passado de geração em geração, dado isso à necessidade da sociedade ocidental utilizar-se da matéria como suporte de suas conquistas, de suas memórias, para que o tempo não se desfaça de tudo como um sopro renovador.

Encerrando-se todas as considerações, verificou-se a amplitude no debate e questionamentos a cerca do tema, sobretudo ao patrimônio histórico, artístico cultural brasileiro e suas relações intrínsecas com as Artes e à Estética. Concluiu-se que, a instância da produção de novos conhecimentos nas áreas de patrimônio e preservação por meio da pesquisa científica*,* no campo das Artes Visuais e Arquitetura: pode preencher lacunas através de juízos de valores coletivos, e não se dependendo do julgamento único do autor de um projeto; estimulando-se os valores patrimoniais à sociedade como instrumento de fortalecimento de vínculos e significados; junto a “elaboração de documentação precisa sobre forma de relatórios analíticos e críticos, ilustrados e fotografias” (ICOMOS, 1964, p.4), que são fatores essenciais ao acompanhamento, registro, divulgação e exposição à sociedade.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Morgado de. **Taubaté de Núcleo irradiador de Bandeirismo a Centro Industrial e Universitário do Vale do Paraíba**. Editora Santuário, 1985.

ABREU, Maria Morgado de; ANDRADE, Antonio Carlos A. de. **História de Taubaté através de textos.** Coleção taubateana, n. 17, ed.2, 2004.

AMARAL, Araci Abreu. **A hispanidade em São Paulo: da casa rural à Capela de Santo Antônio.** Nobel: Universidade de São Paulo, 1981.

ANDRADE, Antonio C. de A. **Cadernos Culturais do Vale do Paraíba**. Coleção tropeirista. v.2. Capela Nossa Senhora do Pilar: Um raro exemplar do "Barroco Mineiro" no Vale do Paraíba Paulista. Taubaté: CERED, 1991.

ANDRADE, Antonio Luiz Dias. **Um estado completo que pode jamais ter existido.** São Paulo, 1993. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

_____.**Vale do Paraíba, sistemas construtivos**. São Paulo, 1984. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

ANDRADE, Mário de. **Cartas de Trabalho.** Brasília: Ed. MEC, SPHAN Pró-Memória, 1981. [p.80; 105].

ASSMANN, Aleida. V Locais. In: _____. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: ed. Unicamp, 2011. p 317-361.

BAILEY, Gauvin A. Le style jésuite n`existe pas`: Jesuit Corporate Culture and the Visual arts. In: **The Jesuits**: Cultures, Sciences, and the Arts. 1540-1773. Canadá: University of Toronto, 2000.

BAZIN, Germain. **A arquitetura religiosa barroca no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1956.

BENJAMIN, Walter. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2017.

BOITO, Camillo. **Os Restauradores**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. Constituição (1988).**Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** São Paulo: Cultrix, 2012.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio.** São Paulo: Unesp, 2001.

COSTA, Lúcio. Documentação Necessária. **Arquitetura Civil II.** São Paulo: FAUUSP, MEC-IPHAN, 1975, [p.91-98].

COSTA, Lúcio. A arquitetura jesuítica no Brasil. **Arquitetura Religiosa**. São Paulo: FAUUSP, MEC-IPHAN, 1978, [p.10-98].

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2008.

EASTON, David et al. **Como construir paredes de taipa.** São Paulo: Instituto Latino Americano, 1994.

FLORENÇANO, Paulo Camilher. **A Capela de Nossa Senhora do Pilar.** Taubaté, 1984. Monografia.

GALLO, Haroldo et al. **Patrimônio: atualizando o debate.** São Paulo: IPHAN, CONAP, 2006, [p.92-116].

GONÇALVES, Cristiane Souza. **Restauração arquitetônica: a experiência do SPHAN em São Paulo 1937-1975**. São Paulo: Ed. Annablume, 2007.

GUIRARDELLO, N. e SPISSO, Beatriz. **Patrimônio histórico: Como e por que preservar.** Bauru: Canal 6, 2008.

GUTLICH, G.; MELLO, B. Arquitectura sacra colonial em el Vale do Paraíba: estúdio morfológico de las adaptaciones. In: **Historia de la Construcción.** Segovia: ETSAM, 2015.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética**. Editora Unisinos, 1999.

LEMOS, Carlos A. C. **Arquitetura brasileira**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1979.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

MACHADO, Lourival Gomes. **Barroco Mineiro.** Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.

MAIA, Tom; Thereza Regina de Camargo. **Vale do Paraíba: velhas cidades.** São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

MAIA, Tom; HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Vale do Paraíba: velhas fazendas.** São Paulo, Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MAYUMI, Lia. **Taipa, canela preta e concreto**: **um estudo sobre o restauro de casas bandeiristas.** São Paulo: Ed. Romano Guerra, 2008.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **Barroco e Rococó no Brasil.** Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2014.

ORTIZ, José Bernardo. **São Francisco das Chagas de Taubaté.** Livro 1° - Origens. Coleção taubateana. Prefeitura Municipal de Taubaté, 1996.

PAZIN, José Luiz. **Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba: desbravamento e povoamento.** São Paulo: Conselho Estadual de Cultura,1977.

REIS FILHO, Nestor Goulart et al. **Guia dos bens tombados: São Paulo.** Rio de Janeiro: Exped, 1982. [p. 53-54;188].

RIEGL, Alois. **O Culto Moderno dos Monumentos.** São Paulo: Edições 70, 2013.

ROSADA, Mateus. **Igrejas paulistas da Colônia e do Império: Arquitetura e Ornamentação.** São Carlos, 2016. Tese de Doutorado. Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos da Universidade de São Paulo.

RUSKIN, John. **A lâmpada da Memória.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SAIA, Luís. **Morada Paulista.** Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995. [p.23-145].

SAINT HILLAIRE, Auguste de. **Segunda viagem a São Paulo, 1822.** Editora: Senado Federal, 2002.

SMITH, Robert C. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo.** Vol.1 – Brasília, DF: Iphan, 2012.

SOMBRA JUNIOR, Fausto Barreira. **Luís Saia e o restauro do Sítio Santo Antônio: diálogos modernos na conformação arquitetônica paulista.** São Paulo, 2015. Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

TIRAPELLI, Percival. **A construção religiosa no contexto urbano do Vale do Paraíba – Estado de São Paulo.** São Paulo, 1983. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

TIRAPELI, Percival. **Igrejas Paulistas: Barroco e Rococó.** São Paulo: Editora Unesp, 2003. [p.14-41; p.48-49; p.54-61; p.270-273].

TOLEDO, Benedito; AGOSTINO, Mário; AZEVEDO, Ricardo. **Depoimentos 2: Mário de Andrade.** São Paulo: FAUUSP, 2017.

TOLEDO, Francisco de Paula. **História do Município de Taubaté.** Coleção taubateana, nº6. Taubaté: Prefeirura Municipal de Taubaté, 1976.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **O Correio.** Rio de Janeiro, ano 15, nº11, p.4-9;14-17;20-29,. nov 1987.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel. **Restauração**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

ZAMBONI, Silvio. **Pesquisa em Arte: Um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: ed. Autores Associados, 2012.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1978.

5.1. SITES E REVISTAS ELETRÔNICAS

CARNEIRO, Alfredo. Jean-Baptiste Debret: 40 imagens para ver e baixar. **NetMundi.org.** Filosofia na Rede. 2019. Disponível:< http://www.netmundi.org/home/2019/jean-baptiste-debret-40-imagens-para-ver-e-baixar/>. Acesso em 30 jul 2019.

CASCO, Ana Carmen A. J. Sociedade e educação patrimonial. **Patrimônio: Revista eletrônica do IPHAN**. v.4, 2006. Disponível em:< http://www. revista. iphan. gov. br>. Acesso em 18 nov 2015.

CERQUEIRA, Carlos Gutierrez. Afinal, a primitiva capela jesuítica do Embu tinha ou não tinha torre? **Vitruvius.** Arquitextos, ano 16, out 2015. Disponível em:< https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.185/5777>. Acesso em 30 set 2019.

CHUVA, M. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. **Topoi**. vol.4, no.7, Rio de Janeiro Jul/Dez. 2003. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/topoi/v4n7/2237-101X-topoi-4-07-00313.pdf>. Acesso 01 jun 2017.

COLIN, Silvio. Técnicas construtivas do período colonial – II. **Coisas da Arquitetura.** 2010. Disponível em:<

https://coisasdaarquitetura.wordpress.com/2010/09/06/tecnicas-construtivas-do-periodo-colonial-ii/>. Acesso 30 abr 2019.

ELLIS JÚNIOR, Alfredo. A queda do bandeirismo de apresamento**. Revista de História.** USP**.** v.1, n.3. São Paulo, 1950. Disponível em:< http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/34852/37590>. Acesso em 19 maio 2019.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. A Inconfidência Mineira e Tiradentes vistos pela Imprensa: a vitalização dos mitos (1930-1960). **Revista Brasileira de História.** v. 22., nº44, São Paulo, 2002. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200009>. Acesso em 01 jun 2019.

GALLO, Haroldo. Júlio Prestes e Pinacoteca: Um paradoxo nas intervenções de dois edifícios preservados. **Projeto Design.** São Paulo, ed.252, 2001. Disponível em:< https://arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-julio-prestes-e-pinacoteca-01-02-2001>. Acesso em 30 de mar 2017.

GUERRA, Abilio. O padeiro e o sopro divino. **Vitruvius**. Resenhas online. ano 14, jan 2015. Disponível em:< https://ww.arquiteturismo.com.br/revistas/read/resenhasonline/14.157/5415>. Acesso em 15 jun 2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Cartas patrimoniais.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acesso em 30 março 2016.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Decreto - lei nº25, de 30 de novembro de 1937.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_25_de_30_11_1937.pdf>. Acesso em 05 agosto 2015.

SARAIVA, Renata. Memória do novo: Tese analisa conceitos de patrimônio de Lúcio Costa. **Revista Pesquisa FAPESP.** Set. 2003. Disponível em:< https://revistapesquisa.fapesp.br/2003/09/01/memoria-do-novo/>. Acesso em 01 jun 2019.

SODRÉ, João Clark. Luís Saia e a formação de uma geração. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo.** n.18-19, 2014. Disponível em:< http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/117002/114569>.Acesso 30 abr 2019.

SOMBRA, Fausto. Arquitextos. Luís saia e Lúcio Costa: À parceria no Sítio Santo Antônio. **Vitruvius.** 161.03. patrimônio, ano 14, out. 2013. Disponível em:< http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.161/4915>. Acesso em 01 jun 2019.

WAGNER, Christiane. **Estética: imagem contemporânea. Análise do conceito inovação.** 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/.../ tese_christianewagner_orginal.pdf>.

_____**Zeitgeist, o Espírito do Tempo – Experiências Estéticas.** Revista de Cultura e Extensão USP, Brasil, v. 12, p. 21-29, out. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/86802>. Acesso 05 em nov. 2014. doi:http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v12i0p21-29.

5.2. ARQUIVOS CONSULTADOS

Arquivo Fotográfico da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN/ SP. Avenida Angélica 626 - Santa Cecília - São Paulo.

Arquivo Textual da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, IPHAN/ São Paulo. Avenida Angélica 626 - Santa Cecília - São Paulo.

Cúria Diocesana de Taubaté

Museu Histórico– Arquivo Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho”. Divisão de Museus, Patrimônio e Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal de Taubaté.

MISTAU -Museu da Imagem e do Som de Taubaté.

5.3. ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

André Bazanella -

Prof. Dr. Em Artes Visuais (UFRJ). Chefe da Casa do Patrimônio do Vale do Paraíba do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em São Paulo.

Benedito Assagra Ribas de Melo –

Professor da Universidade Braz Cubas e da Universidade de Taubaté, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, em História da Arquitetura e Urbanismo.

George Rembrandt Gutlich –

Prof. Dr. de Gravuras em no Departamento de artes Plásticas da Escola de Belas Artes, UFMG-BH. Artista Gravador atuante. Curador de projetos e exposições.

Francisco de Carvalho Dias de Andrade

Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (2007); Mestre em História pela Unicamp, na área de política, memória e cidade (2011); e; Doutor em Historia pela Unicamp, na área de História da Arte.

Lívia Vierno Rodrigues de Moura –

Prof. Dra. em Arquitetura e Urbanismo, FAUUSP (2003), Especialista em Gestão do Patrimônio Cultural Integrado, UFPe. CECI, Cátedra Unesco (2002). Curso de Restauração Arquitetônica, ICCROM, GCI, CraTerre-EAG (1996).

Lia Mayumi –

Arquiteta da Prefeitura Municipal de São Paulo, na área de Arquitetura e Urbanismo, em Historia e Teoria da Arquitetura. Atua nos temas: casas bandeiristas, arquitetura rural paulista, restauração arquitetônica e autenticidade, técnicas de restauração.

Maria Regina Morgado de Abreu Holtz–

Membro do Movimento Preserva Taubaté e guardiã do Acervo Maria Morgado de Abreu. Atua na defesa da preservação do patrimônio histórico e arquitetônico do Município.

Renata Maria de Almeida Martins -

Prof. Dra. do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, em História da Arte, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP.

6. ANEXOS I – CÓPIAS DE DOCUMENTOS ORIGINAIS DO ARQUIVO DO MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL “DR. FÉLIX GUISARD FILHO”, DE TAUBATÉ.

6.1. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA TRADUÇÃO

A seguir apresentam-se os documentos referentes aos termos de construção da Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté, do ano de 1748, que foram firmados entre Francisco Velozo de Aguiar e Timótheo Correa de Toledo, sendo como as presentes testemunhas à época, Miguel Pinheiro de Rezende e Guilherme Moreira. Trata-se de uma cópia de documento original, tradução realizada pela pesquisadora Lia Carolina Prado Alves Marioto, do manuscrito do século XVIII, pertencente aos arquivos do Museu Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho”, que se encontra na cidade de Taubaté/ SP.

Escrittura de concerto promessa;/
eobrigação quefaz Fran^co^ Velozo/
deAguiar aThimoteo Correya de/
Tolledo feita aquella pela fec/
tura da obra daCapella de N./
S. doPilar por preço de_____250$000/

1748

Saybão quantos este publico instromento de//

De concerto promessa eobrigação virem que no/
anno donascimento denoso Senhor JESUS Christo/
demil esette centos equarenta oyto aos sinco dias/
do mes de junho doditto anno nesta villa de Sam fran/
cisco das chagas de Taubate em cazas demorada de/
min Tabalião aodiante nomeado apparecerão/
Francisco velozo de Aguiar oficial decarpintey/
ro eben asim oLicenciado Themoteo Correya de/
Tolledo ambos moradores nesta ditta villa Reconhe/
cidos demin pelos proprios deque trato doquedou/
fé entre sy concertados compromettidos, eobriga/
dos; dos quaes pelo ditto Lecenciado Themoteo Cor/
reya de Toledo me foy ditto emprezença das testi/
munhas aodiante nomeadas easignadas que elle/
como protetor que era nomeado da Capella denosa/
Senhora do Pilar desta villa, que queria eregir, se/
haver ajustado com o ditto official Fran^co^ Velozo de/
Aguiar a mesteriar as paredes da Igreja que se/
hão de fazer de parede depillão de quarta feyra de/
cinza do anno de mil esette centos equarenta e/
nove que ambos hora vier até serem acabadas/
e defazer para a mesma Igreja todas as portas/
necesarias dealmofadas janellas com zelozias de/
estera eas frestas, coro, e arco da Capella Mor com/
curiozidade tres altares com nichos Lizos com/
frizos, forro nas paredes dos altares epigneis por/
cima curiozos, arco da Capella môr para otro/
no forro em pagneis da ditta Capella môr trono/
deseis degraos esacristia asoalhada com cay/
xão de gavetas eoscaninhos para guardar or//

ornamentos, fabrica, dous pulpitos dous con/
fisionarios, ebancos necesarios, duas pias otama/
nho daigreja quanto parecer conviniente etudo/
asim dar acabado dentro em anno emeyo depois/

do dia ja sinalado dandolhe as madeyras corren/
tes isto lhe promptas para dellas se fazerem as tais/
obras. en Lugar dellas enmadeyrando toda a Igre/
ja com caybros Limpos aenchó que hão de ser tres/
sobre frexais damesma forma en madeyra da Ca/
pella mor e fazer isto tudo por preço deduzentos/
e sincoenta mil Reis metade que ja lhe havia/
dado e outra ametade no fim: eoutro sim mays/
de fazer na ditta Igreja sua torre de pedras sobre/
as paredes della que Sobre a porta se hão de Levantar/
a cuja quantia do Resto Seobrigar apagar lhe/
por sua pesoa e bens prezentes e futuros feyta que/
seja aditta obra edar lhe para esta as madeyras/
correntes, oqual elle official com selos de Mestre car/
pinteyro disse tomaos epromettia fazela como/
fica ditto por elle protettor quanto aoque pertente/
no seu officio e asistir eordenar omais das paredes/
tudo dentro doditto tempo epelo Referido preço de/
duzentos esincoenta mil Reis dos quais por havir/
Recebido os centos evintesinco declarados eos outros/
acharia feyta aobra que, não fazendo elle asim/
como fica nesta declaração, asim como por feyta/
como napresteza apoderia elle protetor mandar/
fazer Reparar acusta dele mestre carpinteiro//

Despondio obrigar Sua pesoa ebens prezentes/
efuturos sen que en todas nen emparte deixar fiado/
nesta nen noque toca aseu officio como a outro preço/
nadita experiencia que tenha quediso pedir ma/
ior preço nen chamrse enganado con o justo nen/
damesma forma elle pretetor pela obra asim/
feyta poder alegar menos valia della que opreço/
justo entre elles nesta declarado que todos oprome/
teran cumprir na parte que lhes toca como nella se/
declara e ainda com todas as mais formas aseguir as/
circunstancias em dir^{to}= Requeridas para mayor firme/
za della que todas quogião nulla semcondisão co/
mo sodellas expresa menção fizesen con ascircuns/
tancias mais Requeridas em direito. Em fe do que/
lhes fis este instromento que ambos assinarão eeu/
como pesoa publica estipulante eacceytante a esta/
pasey e accey tey en nome de quem por dir^{to}= me (aqui) tocar/
pesoas prezentes e auzentes que tendo lhe em prezen/
ça dastetemunhas Miguel Pinheyro deRezende/

e Guilherme Moreyra moradores nesta villa Reconhe/
(sidos) de min easignarão com elles dequedoufe eu/
Policarpo deAbreu Nogueira Tabellião queoes/
crevy/

Franco velozo de Aguiar/
Timotheo Correa de Toledo/
Miguel Pinhro de Rezende/
Guilherme Mora//

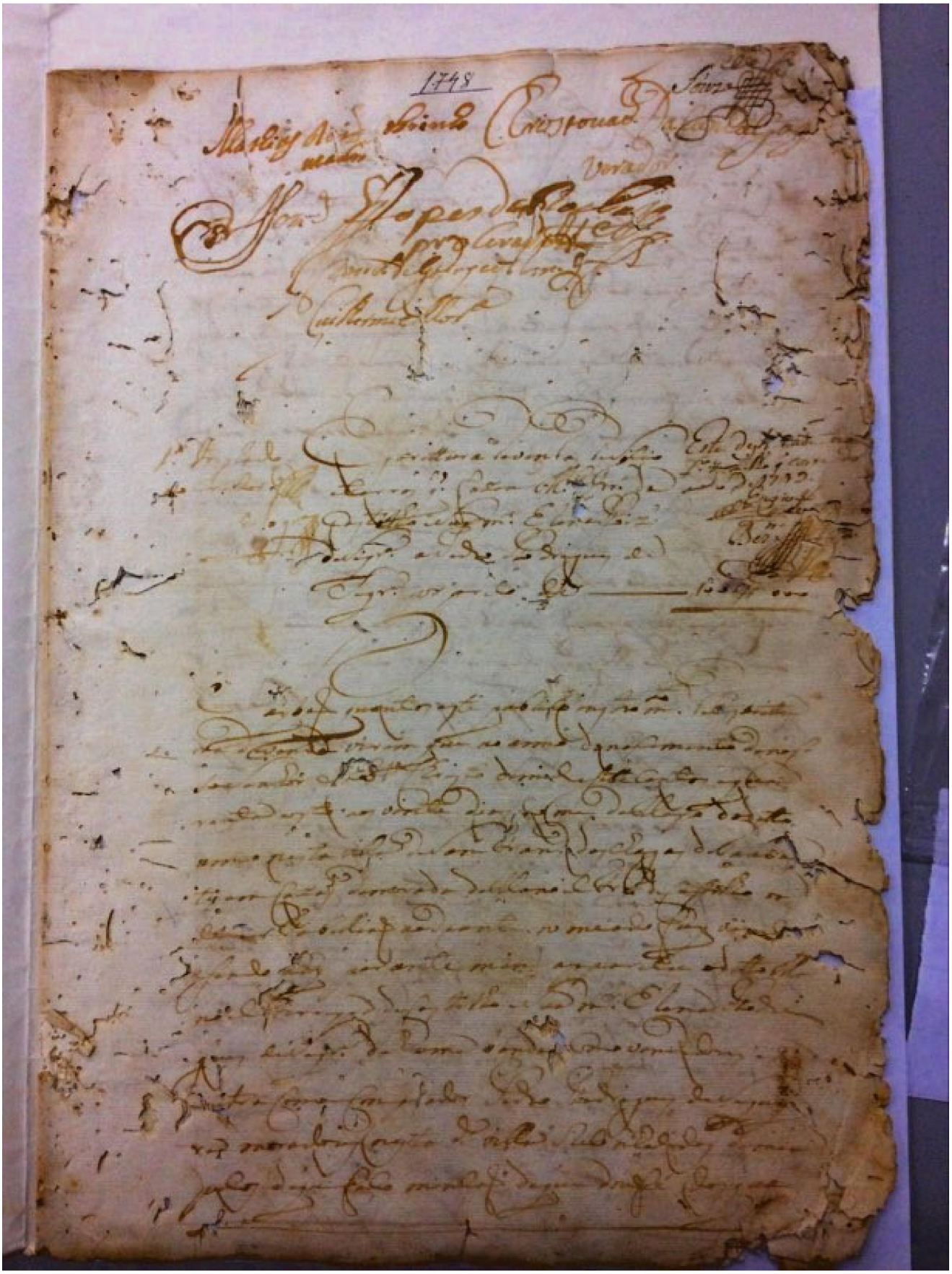
Término do documento original

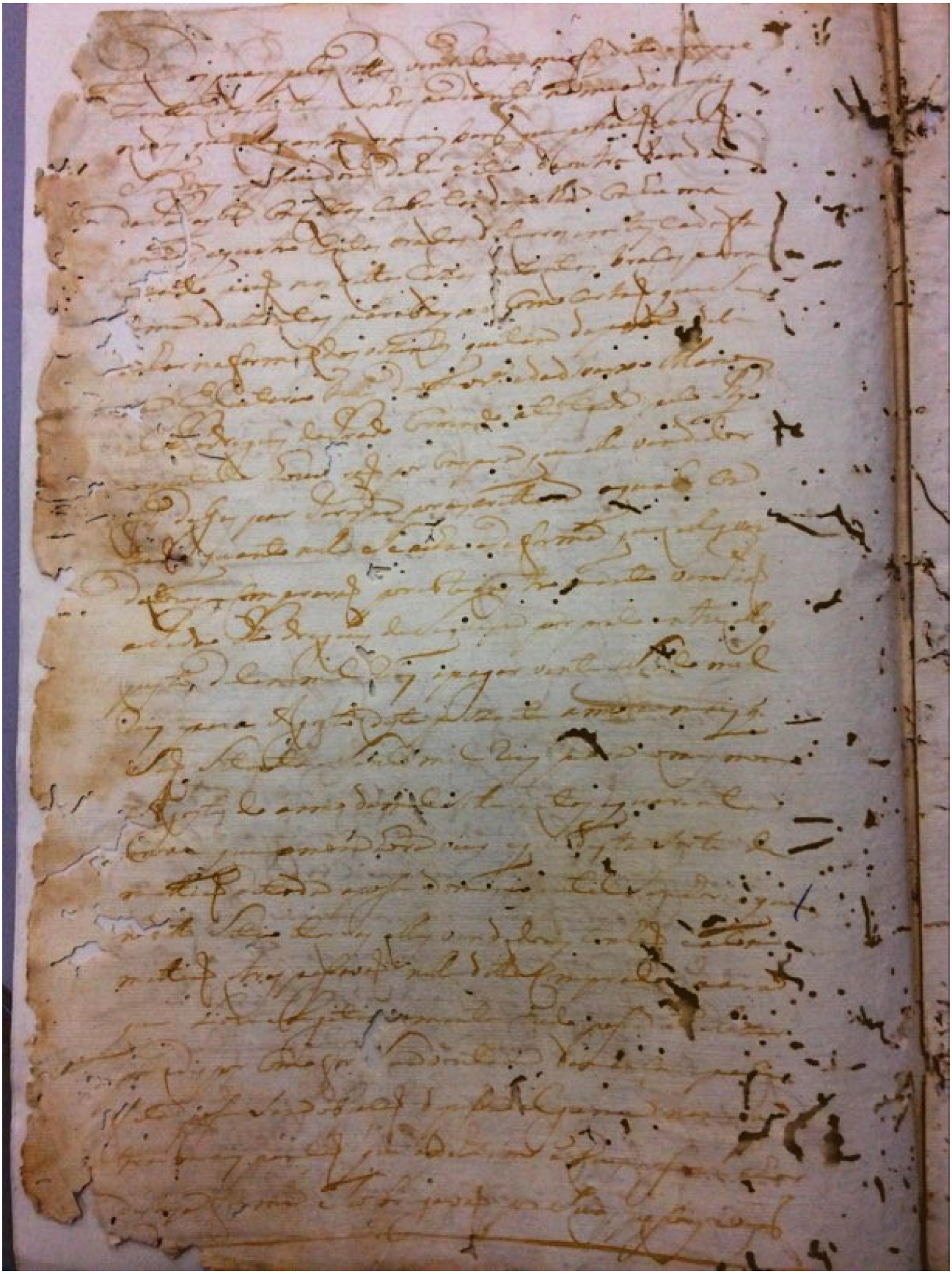
Lia Carolina P. A. Mariotto

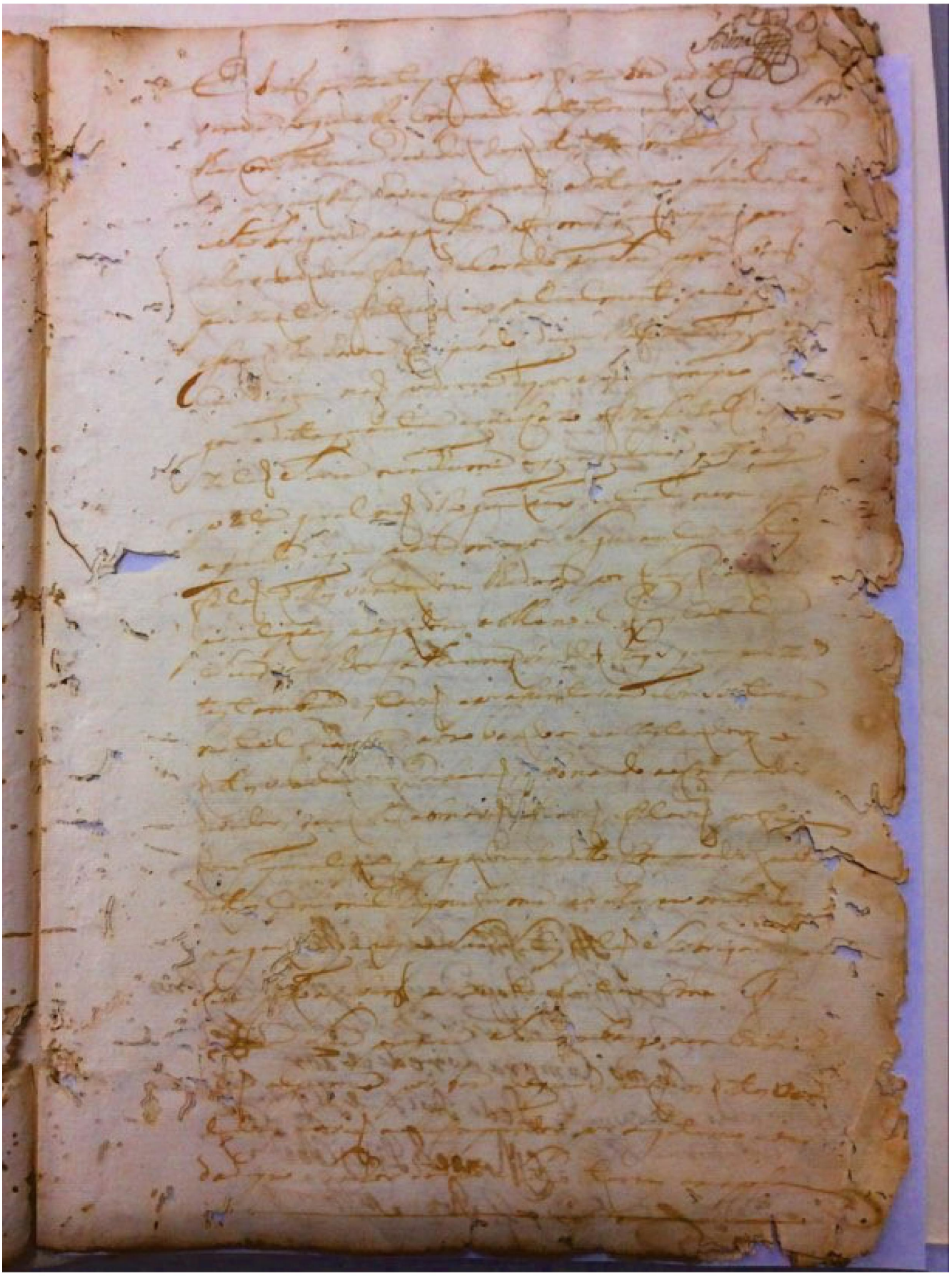
Lia Carolina Prado Alves Mariotto

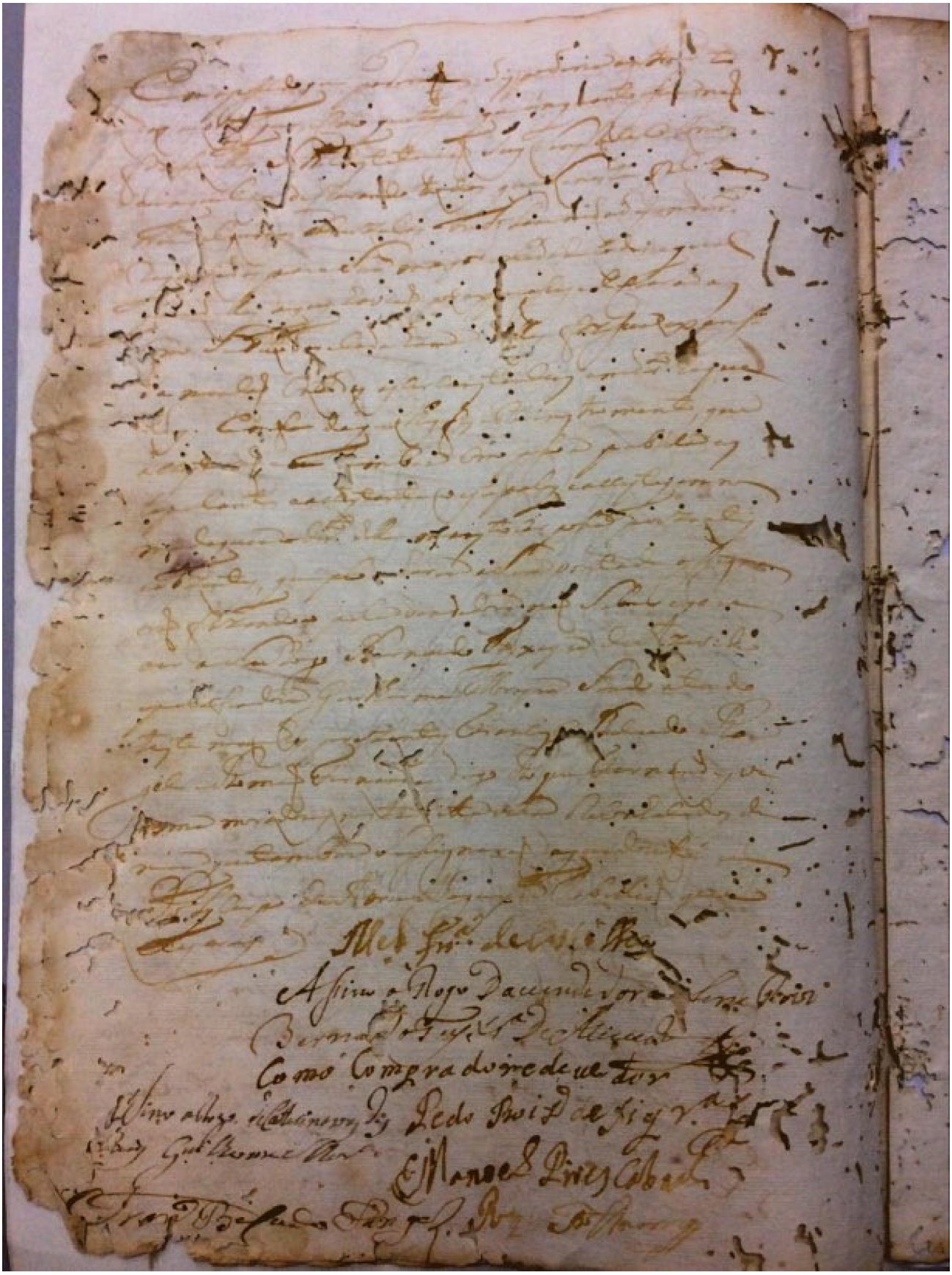
6.2. CONTRATO DE CONSTRUÇÃO DA CAPELA – CÓPIA ORIGINAL

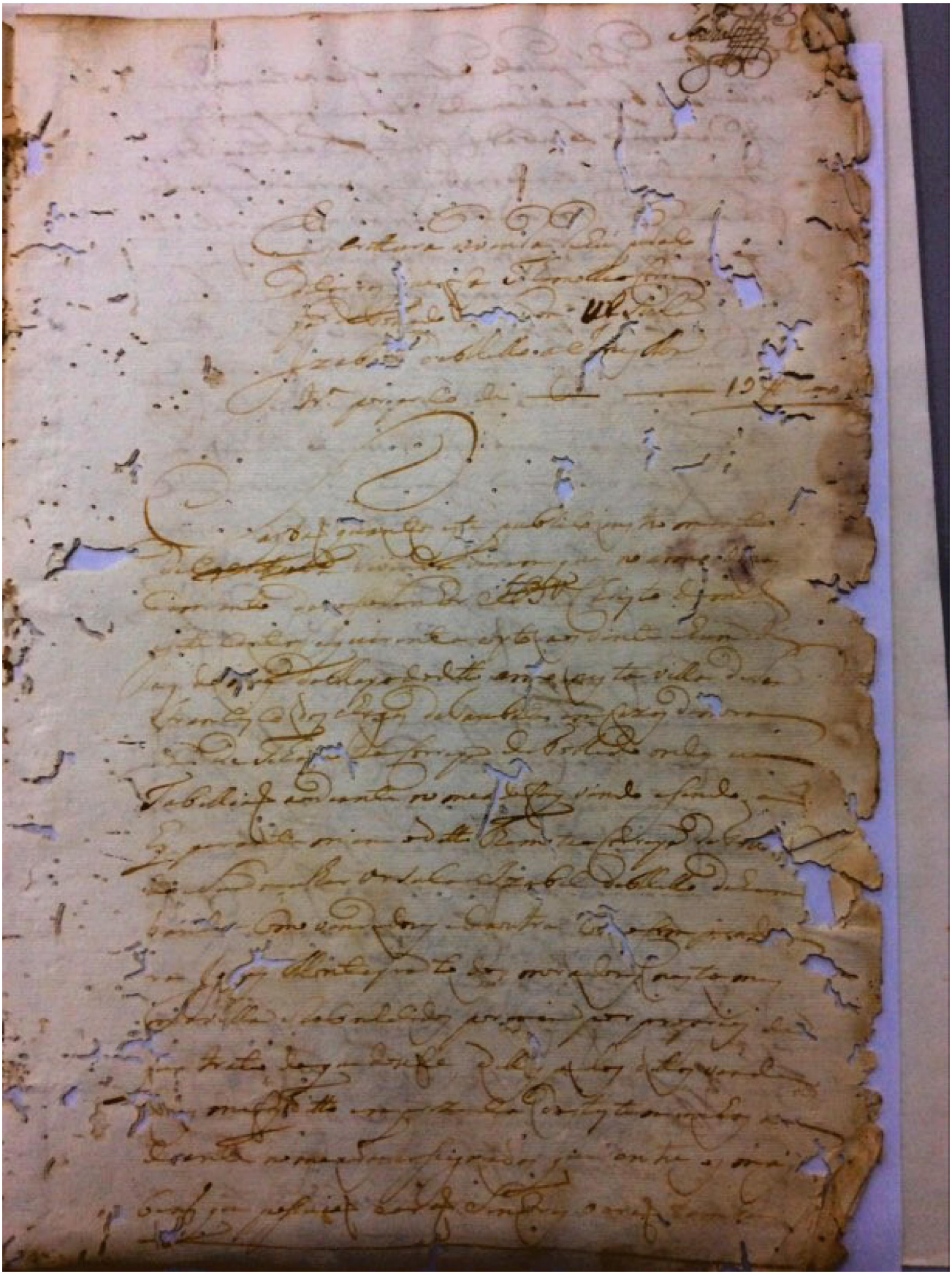
A seguir apresentam-se os documentos referentes aos termos de construção da Capela Nossa Senhora do Pilar em Taubaté, do ano de 1748, que foram firmados entre Francisco Velozo de Aguiar e Timótheo Correa de Toledo, sendo como as presentes testemunhas à época, Miguel Pinheiro de Rezende e Guilherme Moreira. Trata-se de uma cópia de documento original, do manuscrito do século XVIII, que se encontra em estado de fragilidade material, por isso apresenta dificuldades à sua leitura, aqui apresentado meramente como registro de sua existência. Tal documento histórico pertencente aos arquivos do Museu Histórico Municipal “Dr. Félix Guisard Filho”, que se encontra na cidade de Taubaté/ SP.

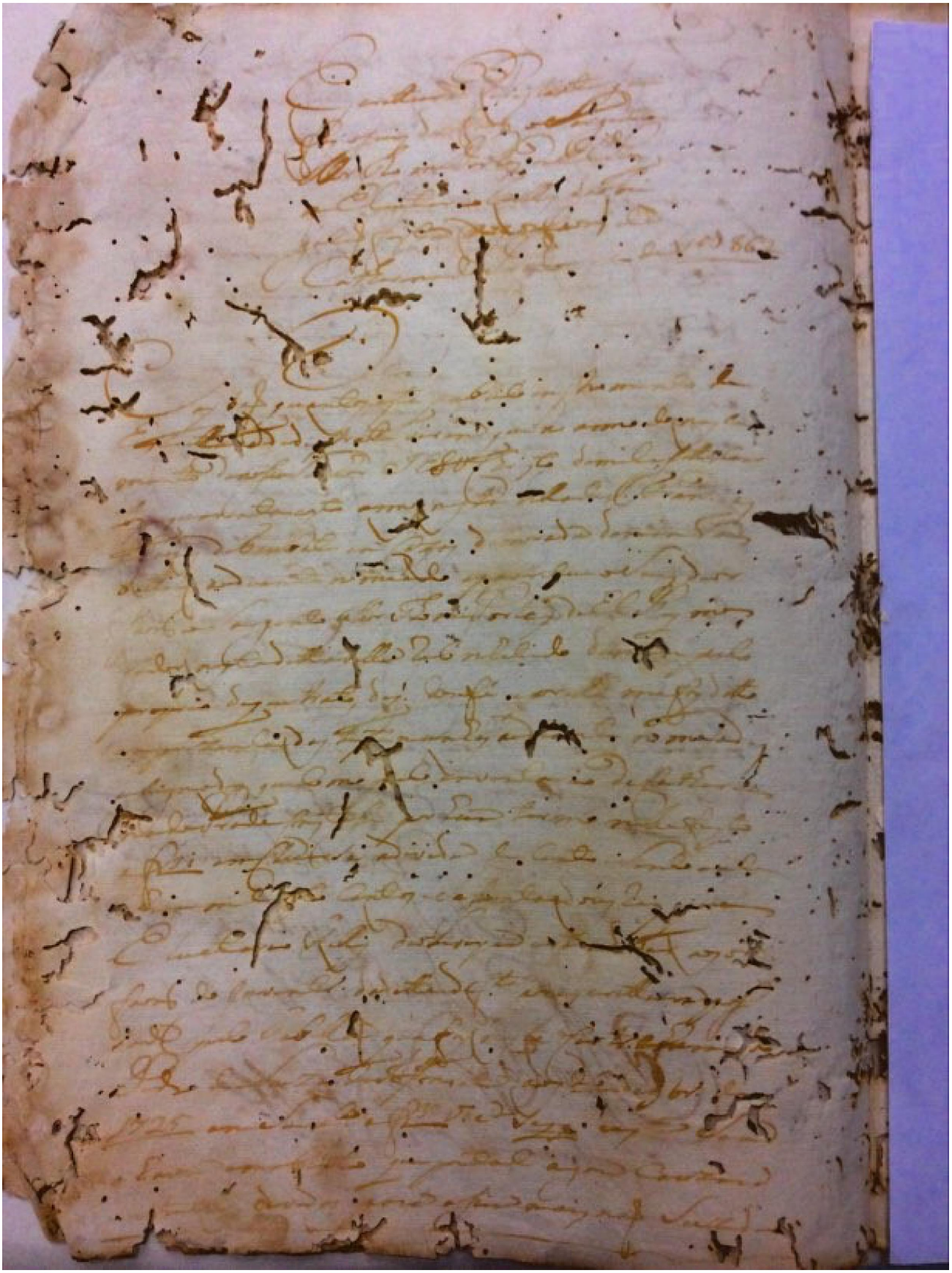


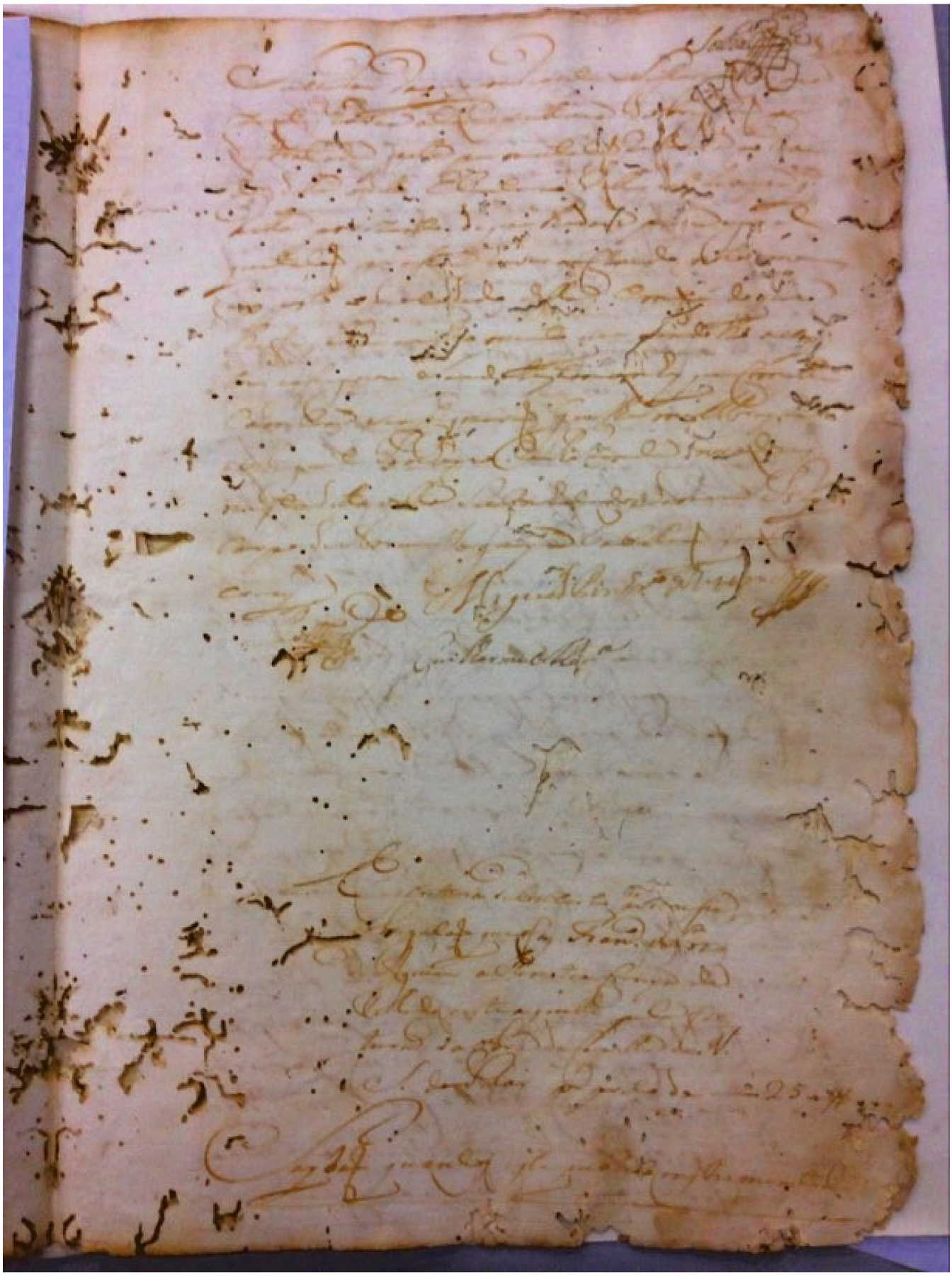


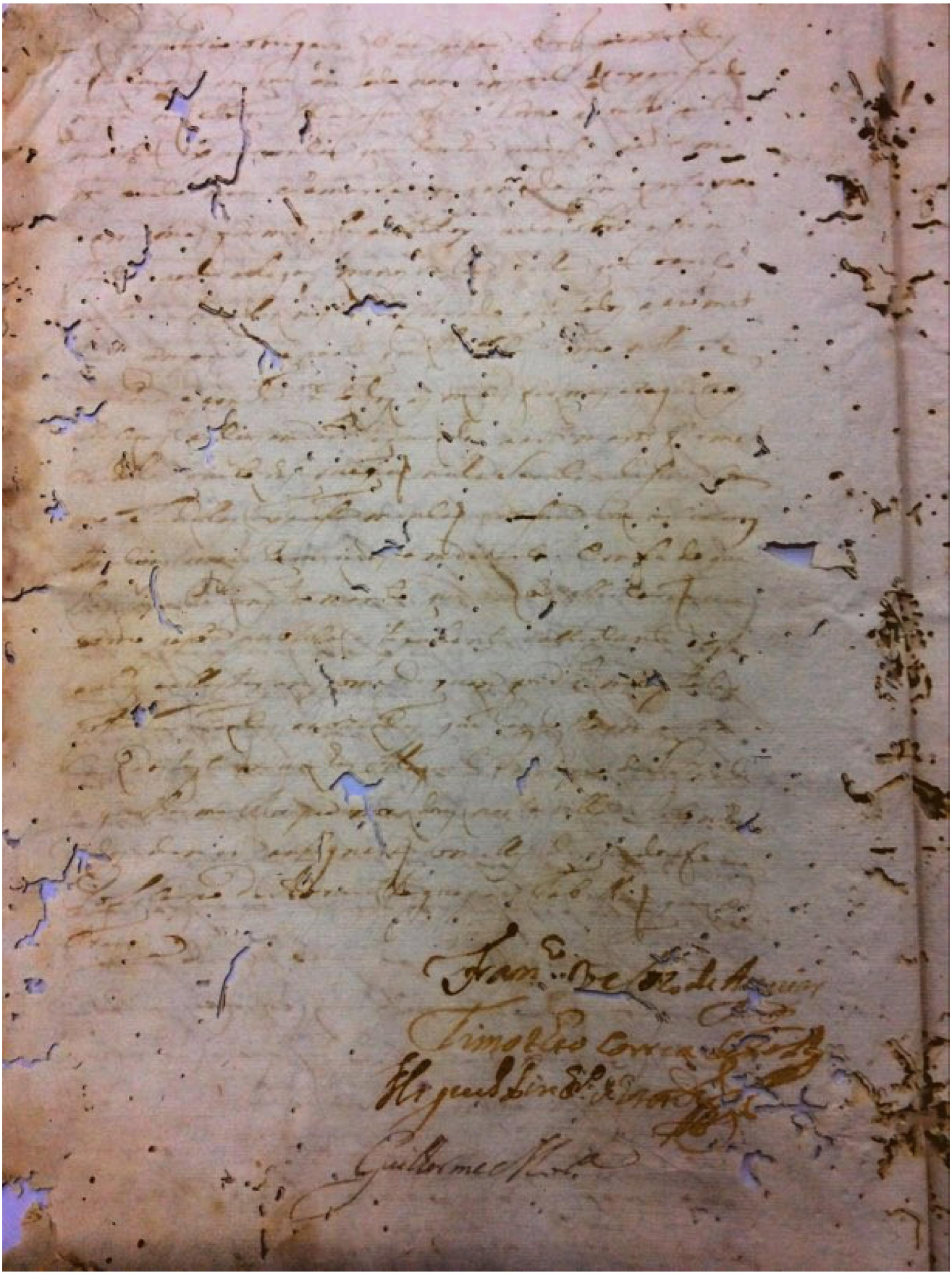


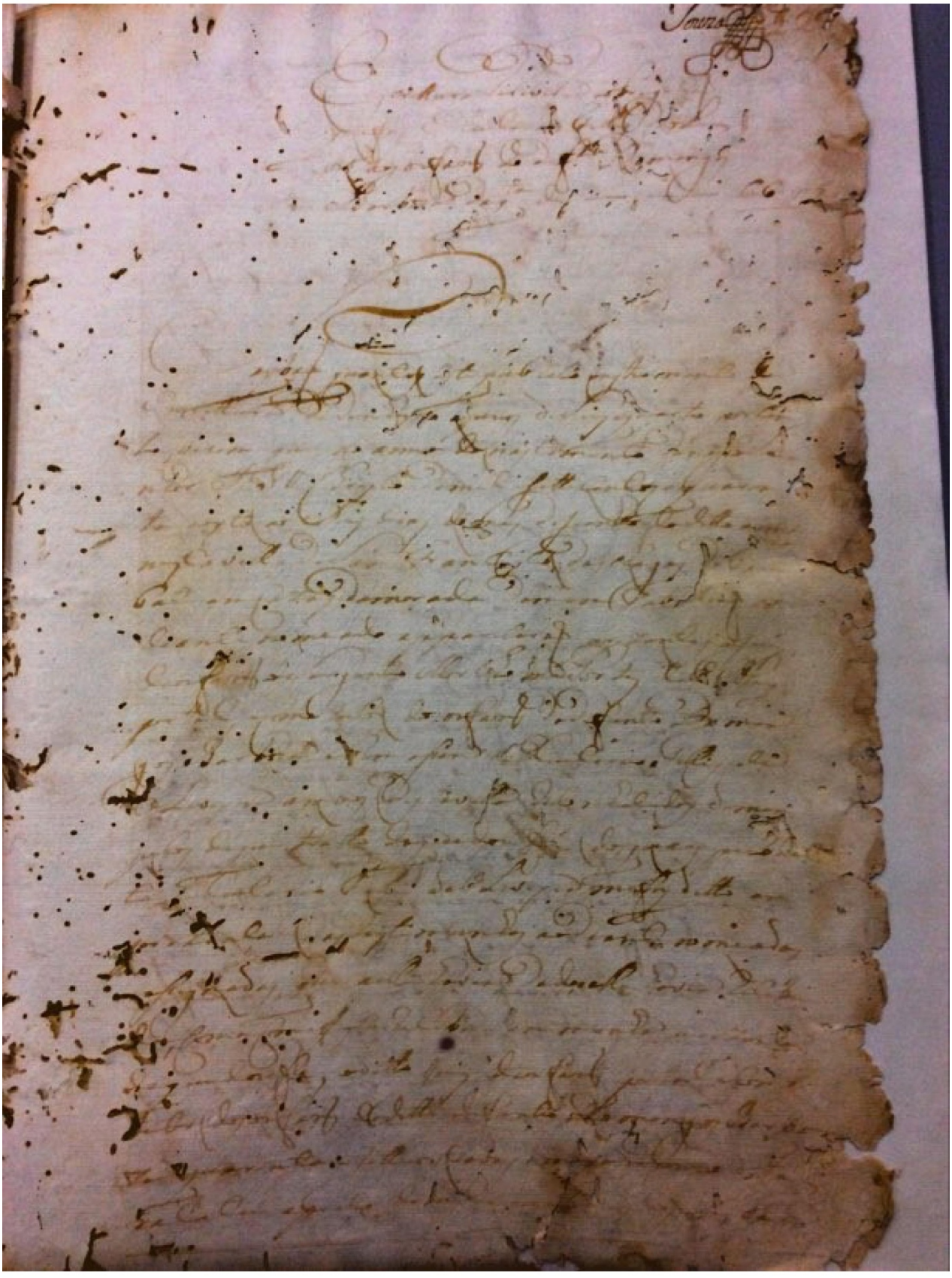


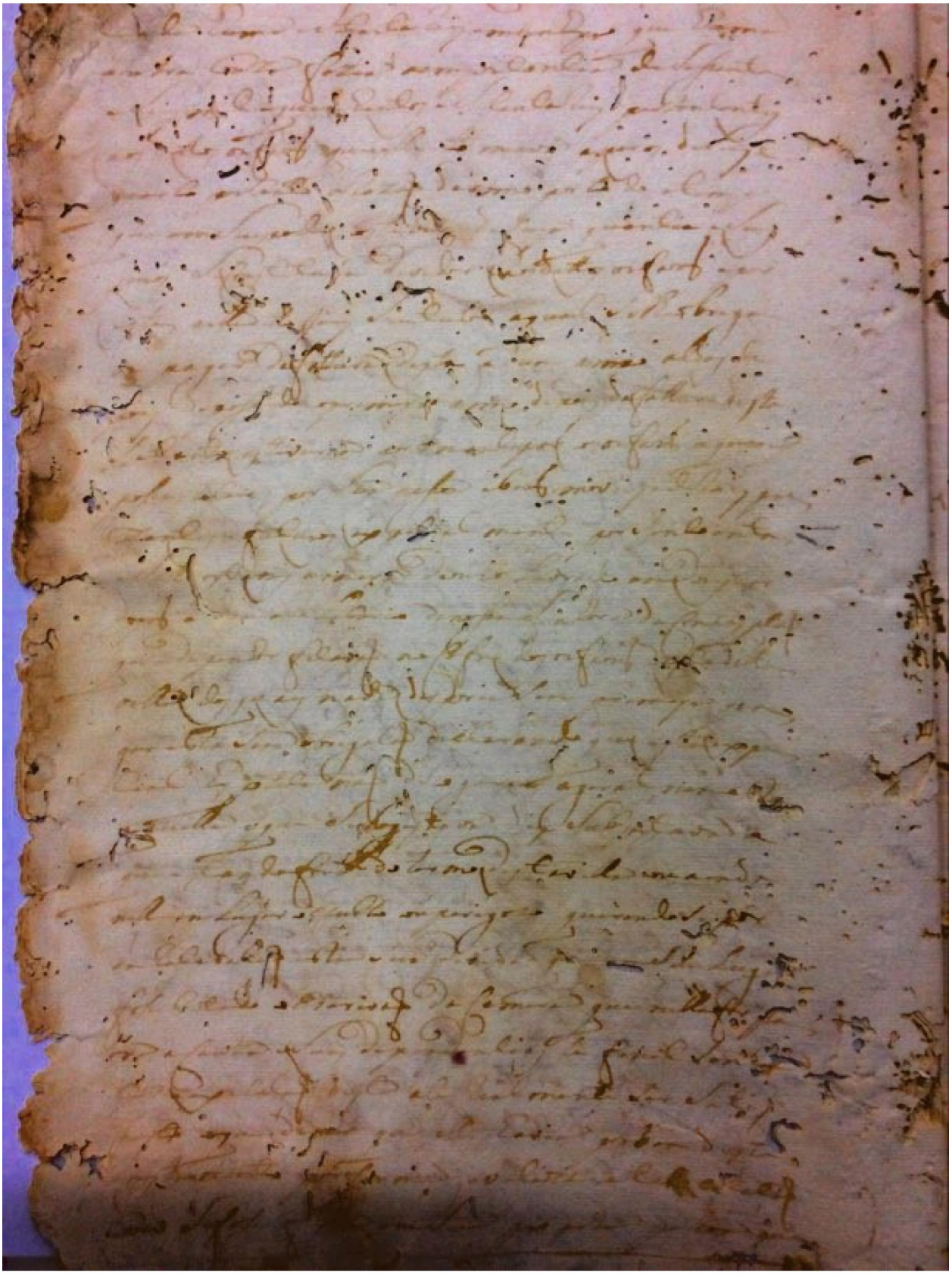


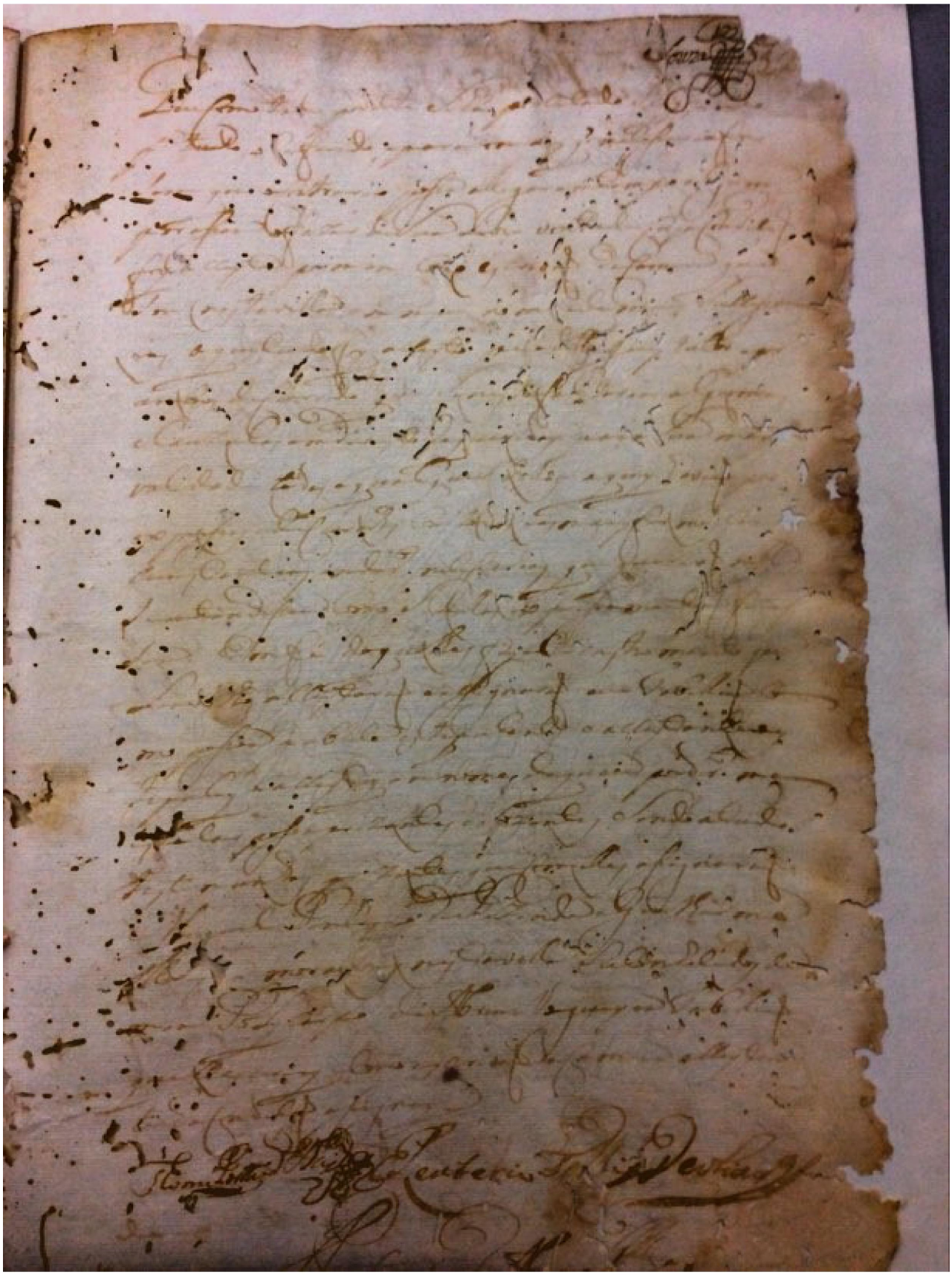


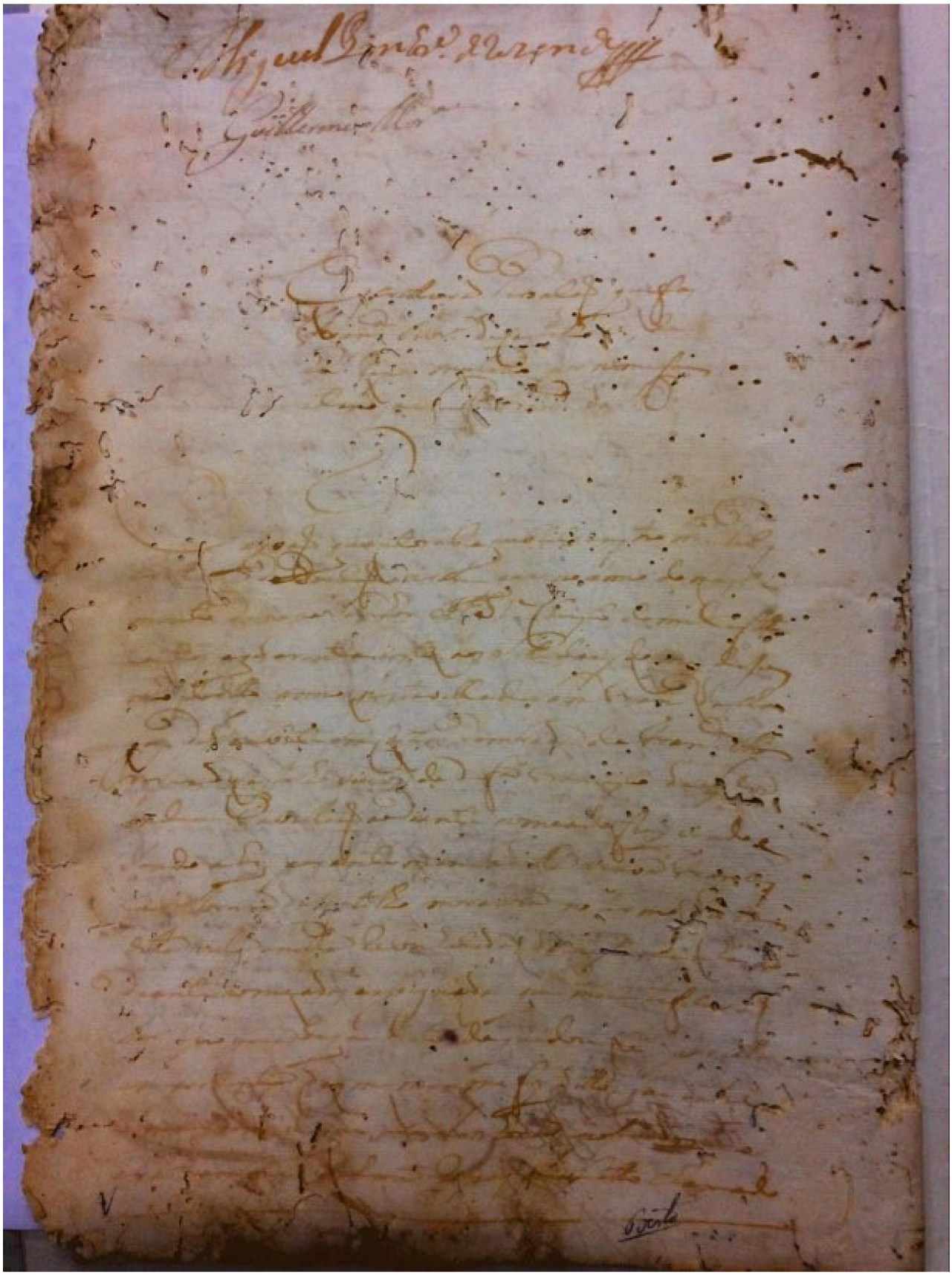












1748

Contrato para construção da Capela de Nossa Senhora do Pilar.

ORIGINAL: Divisão de Museus e Arquivo Histórico.

Pg. 125 , fls 5ª e seguintes.

7. ANEXOS II – CÓPIAS DE DOCUMENTOS ORIGINAIS DO ARQUIVO DO IPHAN/ SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

C. 738 Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1948.

Meu caro Saia:

Tenho tido grande preoçupação com o caso da igreja do Pilar de Taubaté, cuja restauração até agora não se ultimou. Lembro-me bem de que a obra foi longamente retardada, por não ter o Lúcio transmitido a você o ponto de vista definitivo a que tinha chegado em relação a certos aspectos da restauração. Creio, entretanto, que tudo ficou afinal bem esclarecido aquele respeito.

Até hoje, porém, não temos notícia da obra ter tido prosseguimento, nem sabemos, tão pouco, em que pé estará o nosso ajuste com o empreiteiro.

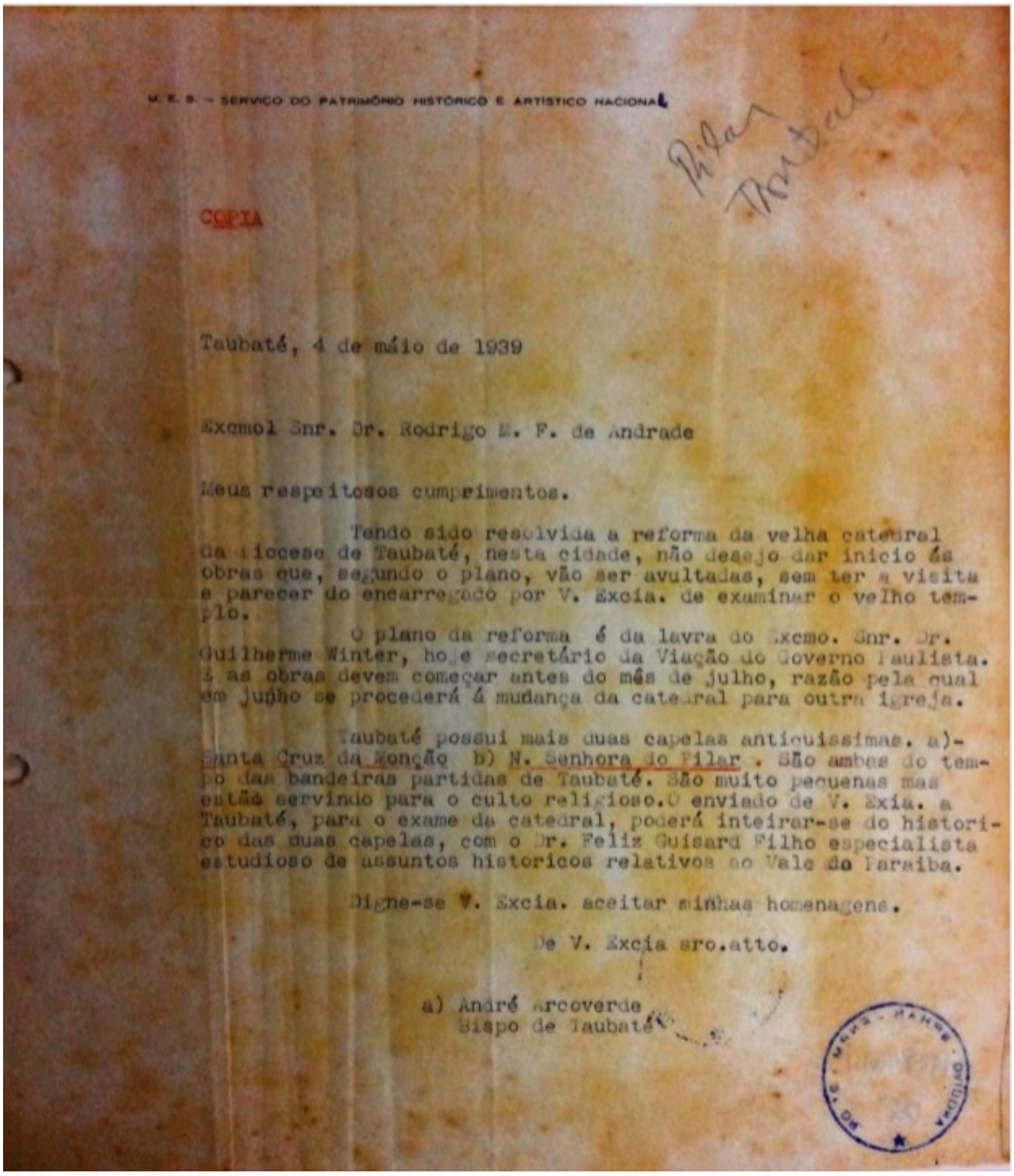
Peço, portanto, a você informar, com presteza, sôbre a situação atual do serviço empreendido em Taubaté. Faço-lhe o pedido com tanto maior empenho quanto receio muito que a demora excessiva da restauração da igreja do Pilar seja extremamente prejudicial a reputação desta Diretoria.

Na espectativa de sua pronta resposta, abraça-o o

amigo mto.

Rodrigo M. F. de Andrade

Documento1 - Carta n.º 738 de Rodrigo Franco Melo de Andrade a Luís Saia, de 16/11/1948. Fonte: IPHAN /SP.



M. E. S. – SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Pilar Taubaté

COPIA

Taubaté, 4 de máio de 1939

Excmo1 Snr. Dr. Rodrigo M. F. de Andrade

Meus respeitosos cumprimentos.

Tendo sido resolvida a reforma da velha catedral da diocese de Taubaté, nesta cidade, não desejo dar inicio ás obras que, segundo o plano, vão ser avultadas, sem ter a visita e parecer do encarregado por V. Excia. de examinar o velho templo.

O plano da reforma é da lavra do Excmo. Snr. Dr. Guilherme Winter, hoje secretário da Viação do Governo Paulista. As obras devem começar antes do mês de julho, razão pela qual em junho se procederá á mudança da catedral para outra igreja.

Taubaté possui mais duas capelas antiquissimas. a)- Santa Cruz da Monção b) N. Senhora do Pilar . São ambas do tempo das bandeiras partidas de Taubaté. São muito pequenas mas estão servindo para o culto religioso. O enviado de V. Excia. a Taubaté, para o exame da catedral, poderá inteirar-se do historico das duas capelas, com o Dr. Feliz Guisard Filho especialista estudioso de assuntos historicos relativos ao Vale do Paraiba.

Digne-se V. Excia. aceitar minhas homenagens.

De V. Excia mo.atto.

a) André Arcoverde
Bispo de Taubaté

Documento 2 - Carta a Rodrigo Franco Melo de Andrade do Bispo de Taubaté André Arcoverde, de 04/05/1939. Fonte: IPHAN.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

6.ª Região

S. Paulo e Mato Grosso

S.Paulo,18 de Setembro de 1939

Meu caro Dr.Rodrigo.

Só hoje mando o recibo que combinamos porque depois da minha volta precisei passar uns dias no Embú e procurar resolver o caso da Capéla do Pilar de Taubaté.Relativamente a êste ultimo,tenho promessa de uma cópia do ante-projéto urbanistico,na parte que pode interessar.Déste modo estarei apto para lhe remeter um relatorio contendo os dados indispensaveis a respeito deste caso,por outro lado ja providenciei junto ao Dr.Guitaru no sentido de obter todos os elementos da ficha de tombamento.Espero poder remeter isto dentro de poucos dias.Tambem ja avisei o Dr.Guitard que a minha sugestão pra nomeação dele tinha sido aceita por V.e que esperava a carta de nomeação para notificá-lo definitivamente.

Quanto ao recibo,acredito que até o fim de Outubro terei necessidade de mais 70:000$000,os quais ajuntados aos 20:000$000 ja recebidos por mim completam a importancia do recibo que envio em tres vias assinadas e assinadas 90:000$000(noventa contos de reis).

Documento 3- Carta a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia (folha01/02) de 18/09/1939. Fonte: IPHAN /SP.

Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

6.ª Região

8. Paulo e Mato Grosso

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA

...ora, os ... ção, viagens, etc. não mando o orçamento junto porque es-
...fotografo uma resposta á proposta que lhe fiz, no
sentido dele trabalhar uma determinada zona, ficando a gente
gente com liberdade de escolher as fotos de interesse
pro serviço. Penso que não deve haver grande atrapalhação com isto
com isto porque seriam recibos em separado.

Ja recebi do fotografo as primeiras cópias (sobre as
quais faço o julgamento das fotos, aceitando ou rejeitan-
do) do material antigo aproveitado na nova igreja do Car
mo de S. Paulo. Tambem ja dei ordem prele fazer as amplia-
ções do que me pareceu de algum interesse, as outras fi-
cando apenas como documentação regional. Naturalmente to
das as fotos tiradas acompanharão o meu relatorio a res-
peito, voltando p/a S. Paulo as de tamanho 15 X18 e fican-
do aí as de tamanho 18X24 (as que são de mais interesse).

Um abraço do amigo

Luís Saia.

Foram enviados tres vales de um Recibo de
90:000$ (noventa contos de reis) em data de 18-IX-39.
animais e saudades.

[illegible]

Documento 4 - Carta a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia (folha02/02) de 18/09/1939. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E
SAÚDE PÚBLICA

Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
6.ª Região
S. Paulo e Mato Grosso

S.Paulo,8 de novembro de 1939

Pr zado amigo Dr. Felix Guisard Filho

Em resposta á sua carta de 4 deste mês,confirmo meu telefonema no qual disse não haver recebido sua segunda carta.

Continue,pois,a aguardar os informes e demais dados relativos á capela do Pilar e á sua casa de Ubatuba,para poder encaminhar os papeis referentes a esses dois monumentos.

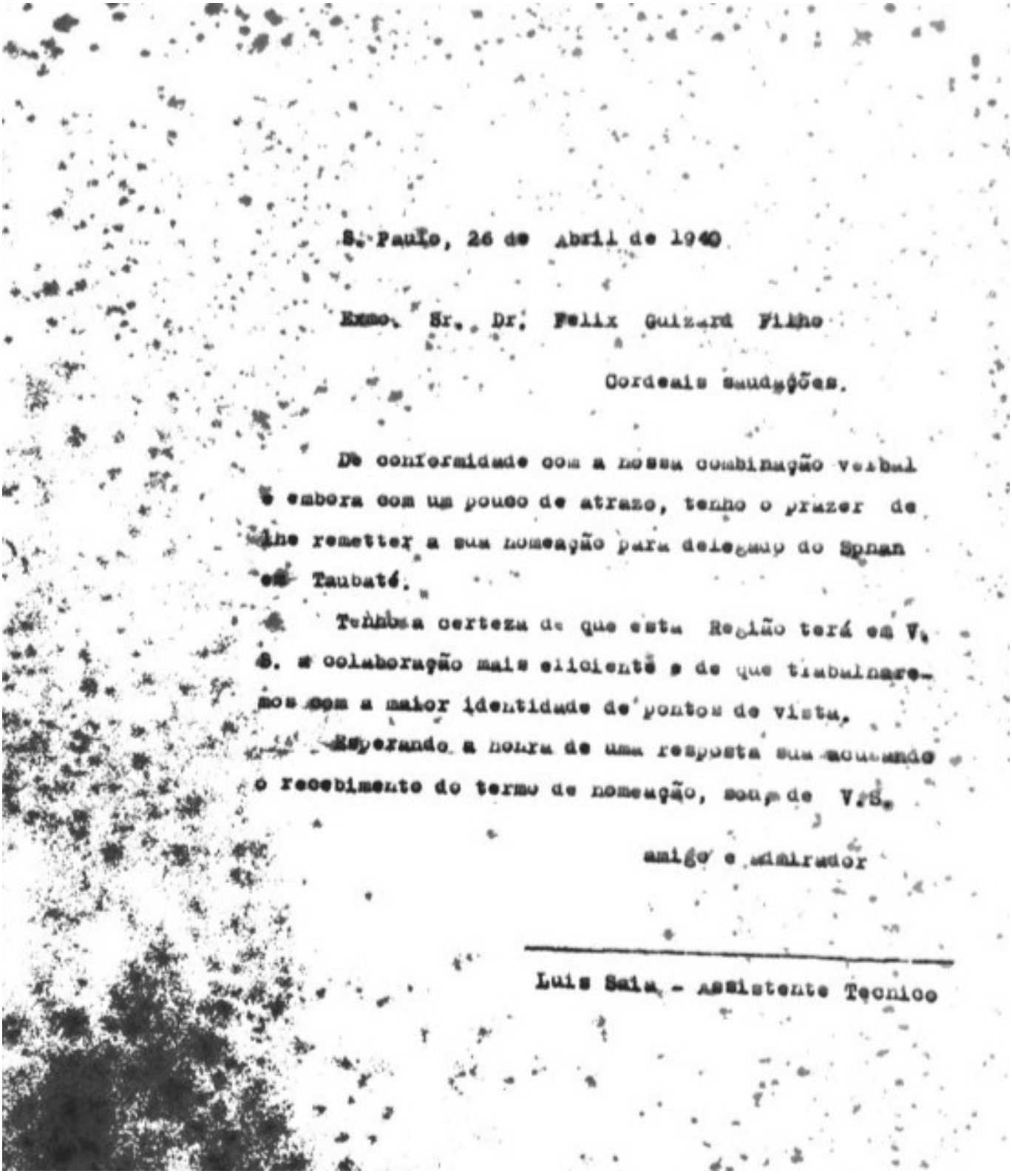
Quanto á sua nomeação,espero traze-la do Rio em breve,pois,conforme lhe disse pelo telefone,devo ir para lá de 15 a 20 deste.

Se as circunstancias o permitirem,talvez possa -e disso lhe avisarei - me encontrar comsigo em Taubaté.

Aguardando as suas ordens,queira aceitar os cumprimentos de seu amigo e admirador,

Luís Saia

Documento 5 - Carta a Félix Guisard Filho de Luís Saia, de 08/11/1939. Fonte: IPHAN /SP.



S. Paulo, 26 de Abril de 1940

Exmo. Sr. Dr. Felix Guizard Filho

Cordeais saudações.

De conformidade com a nossa combinação verbal e embora com um pouco de atrazo, tenho o prazer de lhe remetter a sua nomeação para delegacia do Spnan em Taubaté.

Tenhbsa certeza de que esta Região terá em V. S. a colaboração mais eficiente e de que trabalharemos com a maior identidade de pontos de vista.

Esperando a honra de uma resposta sua acusando o recebimento do termo de nomeação, sou de V.S.

amigo e admirador

Luis Saia - Assistente Tecnico

Documento 6 - Carta a Félix Guisard Filho de Luís Saia, de 26/04/1940. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

C.26/46 S.Paulo,8 de março de 1946

Meu caro Dr.Rodrigo.

Estive em Taubaté e arredores nestes dias de carnaval.Arredores vai noutra carta.O assunto desta é o caso do professor Gentil de Camargo,a respeito do qual recebi carta sua e tivemos um entendimento telefonico.

Estive com ele e conversamos longamente.Me pareceu inteligente e atencioso.Um desses defehsores apaixonados das coisas de tradição.As vezes com algumas ideias meio aereas sobre o assunto, como num artigo que mostrou sobre um altar da cidade onde viu,ou melhor,conseguiu ver,em elementos decorativos correntes,jugres,arte indigena,e outras coisas do mesmo teor.Ainda assim,a impressão que me causou foi bem melhor do que esperava.Me pareceu trabalhador e discreto.Acredito que possa ser util como colaborador do Distrito.Quanto ao que eu suspeitava de ser pessoa metida em trama politica local,confesso que tenho atualmente a impressão que errei.

Em conversa propuz a ele que seria interessante proceder a um levantamento geral das habitações urbanas de Taubaté do seculo passado.A cidade possue uma farta documentação datada sobretudo da segunda metade do seculo passado,sendo que varias exemplares existem da primeira metade e um até,segundo me pareceu,do fim do seculo XVIII.O mesmo se deveria fazer em relação ás residencias rurais dos arredores onde existe boa documentação sobre fazendas do segundo imperio.Ele topou a ideia e me prometeu ajudar neste serviço.Acredito que inicialmente eu poderia escrever uma carta a ele autorizando-o,em nome do Distrito,a fotar e croquizar algumas residencias,Se realmente o trabalho for util então se poderia,na minha opinião,autoriza-lo de um modo mais largo.Não esqueço nunca neste negocio de delegar autorização a pessoas estranhas [illegible] á Diretoria,o fracasso do Falcão e do Guizard.No caso de Taubaté acredito que se deva pensar num modo de"cantar" á Guizard.Ele possue uma quantidade consideravel de manuscritos.livros de assento,documentos,etc.que acredito não se deva perder de vista.

Ainda em relação a Taubaté,pergunto como a Diretoria receberia a incumbencia de tomar conta do Museu de Taubaté.É da prefeitura,tem coisas boas e muita bugiganga,tem predio proprio,tem futuro.A prefeitura disporia dele,pra Diretoria.

Caso V. ache adequada a minha sugestão,escreverei ao Gentil de Camargo;caso não,peço que me asive.

Com um abraço amigo

Documento 7 - Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade de Luís Saia? de 08/03/1946. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E
SAÚDE PÚBLICA

Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
6.ª Região
S. Paulo e Mato Grosso

São Paulo, 4 de novembro de 1939

Exmo. e Rvdmo. Sr. Bispo de Taubaté.

Em 11 de setembro p.p. tive ocasião de dirigir a V. Excia. uma carta, na qual lhe solicitava os elementos necessarios para o encaminhamento da ficha para propôsta de tombamento da capela do Pilar.

Como se trata de um monumento de importancia não só regional, mas de interesse nacional, tomo a liberdade de me dirigir novamente a V. Excia. solicitando de vossa bondade, tais dados e elementos bibliograficos necessarios.

Certo de que V. Excia. compreenderá perfeitamente os altos objetivos do Serviço do Patrimônio Historico e Artísticos Nacional, sirvo-me da oportunidade para apresentar a V. Excia. Rvdma. os meus protestos de estima e consideração.

Luís Saia
Assistente-Técnico
6a Região

Documento 8 - Carta ao Bispo de Taubaté de Luís Saia, de 04/11/1939. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, D. F.

S.Paulo,6 de outubro de 1941

Rev.Mons.Ramon Ortiz

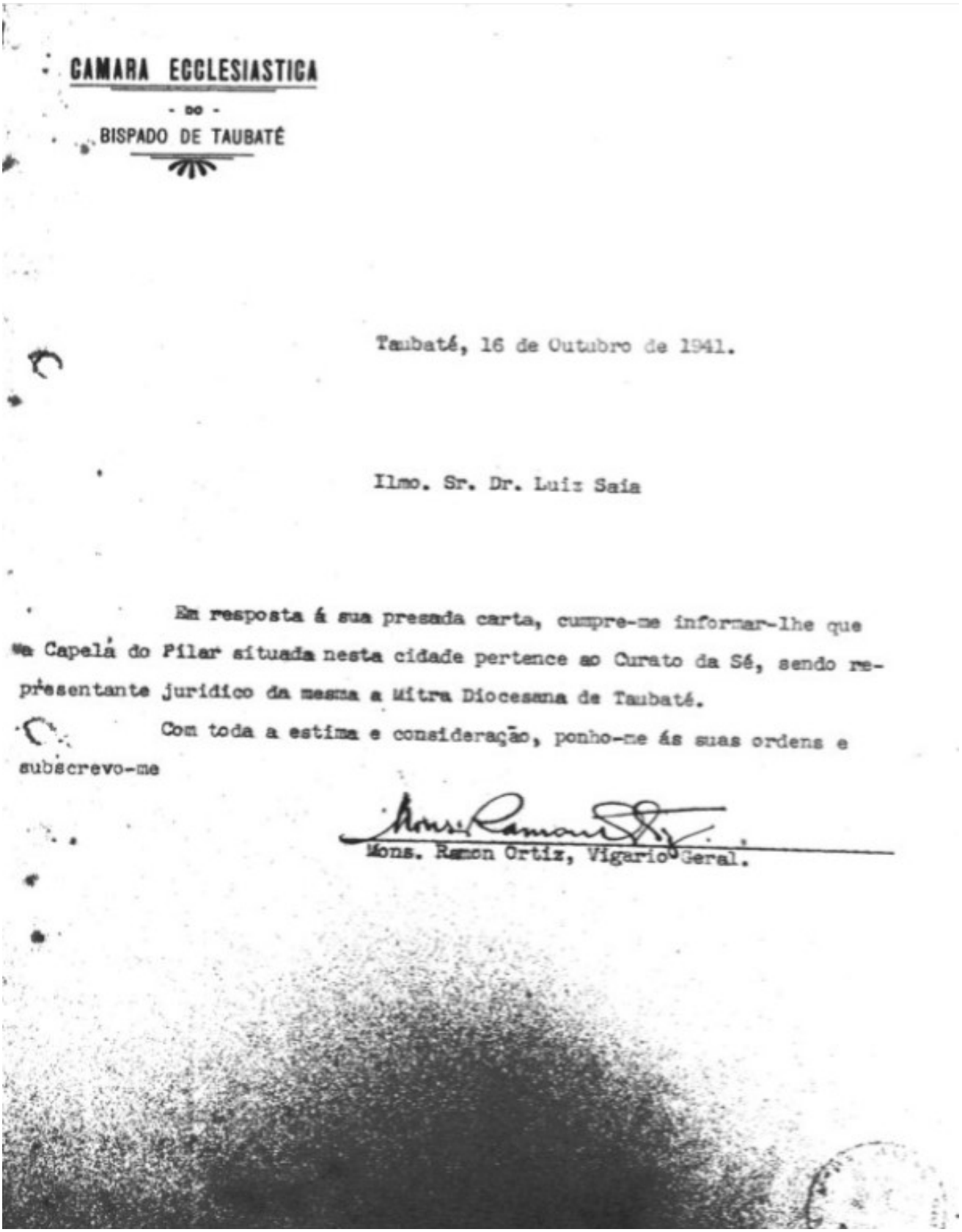
M.D.Vigario Geral da Diocese de Taubaté

Tendo este Serviço necessidade de obter uma informação de V.Rvdma.,qual seja a de se saber a quem pertence a Capela do Pilar,situada nessa cidade de Taubaté,e qual o representante jurídico dela,venho solicitar-lhe tal informe.

Sirvo-me da oportunidade para testemunhar a V.Rvdma. os meus sentimentos de simpatia e consideração.

Luís Saia
Assistente-Técnico
6ª Região

Documento 9 - Carta a Mons. Ramon Ortiz de Luís Saia, de 06/10/1941. Fonte: IPHAN /SP.



CAMARA ECCLESIASTICA

- oo -

BISPADO DE TAUBATÉ

Taubaté, 16 de Outubro de 1941.

Ilmo. Sr. Dr. Luiz Saia

Em resposta á sua presada carta, cumpre-me informar-lhe que a Capelá do Pilar situada nesta cidade pertence ao Curato da Sé, sendo representante juridico da mesma a Mitra Diocesana de Taubaté.

Com toda a estima e consideração, ponho-me ás suas ordens e subscrevo-me

Mons. Ramon Ortiz, Vigario Geral.

Documento 10 - Carta a Luís Saia de Mons. Ramon Ortiz, de 16/10/1941. Fonte: IPHAN

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Of. nº 25

RIO DE JANEIRO, D. F.

em 7 de janeiro de 1943.

Snr. Dr. Luis Saia:

Encaminhando-vos em anexo cópia de uma representação da "Sociedade dos Amigos de Taubaté" referente à capela do Pilar daquela cidade e, bem assim, da informação da Secção Técnica dêste Serviço sobre o mesmo assunto, solicito com vivo empenho realizeis uma vistoria no aludido templo com a possivel brevidade, afim de informardes a êste Serviço o que vos ocorrer a respeito.

Atenciosas saudações.

Rodrigo M. F. de Andrade

- Diretor -

Ao Senhor
Dr. Luis Saia
6ª Região - São Paulo

Documento 11 - Ofício n.º25 a Luís Saia de Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 07/01/1943. Fonte: IPHAN /SP.

M. E. S. — SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

C O P I A

Taubaté, 6 de dezembro de 1943.

Exmº Snr.
Dr. RODRIGO DE ANDRADE
D.D.Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico.
R I O

Exmº Snr.

Apraz-me fazer chegar às suas mãos, por intermédio do nosso consócio Dr. JOÃO ORTIZ MONTEIRO, as fotografias e o orçamento da reforma da Capéla do Pilar desta cidade, que V. Excia. se dignou solicitar.

A Sociedade "Amigos da Cidade" de Taubaté, por meu intermédio vem de agradecer a V. Excia. o interesse que demonstrou pela restauração daquele nosso tradicional templo.

Com os mais elevados protestos de estima e consideração, subscrevo-me atenciosamente.

De. V. Excia.
O amº e Admdor.
(a) Ortiz Monteiro Patto
Presidente

Documento 12 - Carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade de Ortiz M. Patto, de 06/12/1943. Fonte: IPHAN

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE EXPEDIÇÃO

ESTAÇÃO

Recebido

De

às horas

por

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS E ENDEREÇO

DR I III 7 SAIA = RUA MARCONI
87 (7º ANDAR = SALA 410 =
) = SAO PAULO SP = =

1272

PREÂMBULO = 74 DE TAUBATE SP = 1198 39 20 12 =

O preâmbulo contem as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da apresentação

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TEXTO E ASSINATURA

: SATISFACAO COMUNICAR CAPELA PILAR ESTA DESEMBARACADA PT TAUBATE ANCIOSA AGUARDA OBRAS RESTAURACAO DEVIDO MAIOR INSEGURANCA EDIFICIO = PT CORDIAIS SAUDACOES = VG =
ORTIZ MONTEIRO PATTO = PRESIDENTE SOCIEDADE AMIGOS CIDADE TAUBATE = =

CT 87 7º 410 = = =

Pilar.

Empresa Nacional 14.914

Documento 13 - Telegrama a Luís Saia de Ortiz Monteiro Patto, de 1943. Fonte: IPHAN /SP.

Vence a tradição!

LELLIS VIEIRA

(DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO ARQUIVO DO ESTADO)

Nós, os que convivemos ombro a ombro com o Caruncho, o Papirografo, a Traça, o Bolor, a Teia de Aranha, o Infolio, o Calhamaço e outros aparelhos taxados pelo "snobismo" oco, de retrogradancia emperrada, ficamos satisfeitos quando vemos o culto pelo passado e o amor às éras préscas, tão cheias de ensinamentos, positivados, exemplos, lições, modelos e paradigmas.

Em que pese o transporte fulminante pelo avião, a corrida do radio pelas ondas curtas, chatas, compridas, oblongas e pontesgudas, velocidade maior que a luz, igual ao som, instantaneamente captada, nem por isso se deve esquecer o bangué, a lhama, a sége, o carro de boi, o treli, a aranha e o cavalo trotão como a besta andadeira.

Somos todo ouvidos quando assistimos Grace Moore nos sustosos cinemas Ipiranga cantar através de mecanicas complicadas, "Mme. Buterfly", "Carmen", "Giribi-giribá", etc., no filme "Uma noite de amor"; mas isto não quer dizer que o velho pistão do Verissimo ou o trombone otogenario do Antão, fiquem p'ra aí abandonados! Não senhor. Acompanhemos o progresso, sigamos o sr. Prestes Maia vestindo a Paulicéia pelas ultimas figurinos, toilettes riquissimas, avenidas iluminadas, praças verdejantes e ruas asfaltadas, sem entretanto deixar no velho bau' do esquecimento, os solares antigos onde se ritmaram gerações e gerações ilustres, figuras integras de apuro moral e personagens brilhantes que hoje se veem... falsificadas por aí, exercendo profissionalmente a deslealdade e praticando com toda a tecnica experimental, o fingimento, a hipocrisia e a alma de Jano...

Progridamos, com a breca! Desenvolvamo-nos, com os seiscentos diabos, mas conservemos as taipas socadas da dignidade, os muros da decencia e os alicerces da higiene, pelo menos, espiritual... Enquanto tivermos o "passado" bem "presente", não haverá perigo de um "futuro" sujo, escardido, trapejante e desarvorado. Ah! o Passado! A "Revista do Serviço Publico" do Rio, orgão do Dasp, publica no seu ultimo numero uma longa reportagem do sr. Adalberto Mario Ribeiro, descrevendo as preciosidades antigas do Museu Historico Nacional. Ha um trecho em que o jornalista, examinando a "Sala Duque de Caxias", conta o episodio de um velhinho veterano da guerra do Paraguai, que todas as tardes ia postar-se diante do pavilhão da patria ali conservado. E dizia a um outro visitante: "Faz favor! Olhe bem para esta bandeira! Ela já foi o meu Brasil distante, lá no Paraguai. Mas que dia bonito aquele! O meu batalhão entrou na capital a 5 de janeiro de 1869 e com meus soldados fui direito ao palacio de Solano Lopes, que invadimos em tropel, com vontade mesmo de ver a toca do homem. Já tinhamos ganho a guerra, isso não havia duvida, mas a entrada em Assunção e a tomada do palacio de Solano Lopes eram a melhor confirmação da nossa vitoria! E que alegria! Pois bem, moço, quando entrei no gabinete em que o ditador paraguaio trabalhava, vi debaixo de sua mesa, servindo-lhe de tapete e toda pisada e suja de terra, a nossa bandeira, a bandeira do Brasil, esta bandeira que aí está! Num salto, apanhei-a do chão, e, levando-a contra o peito, meti-a debaixo da farda, para sentí-la mais de perto; para sentir o meu Brasil distante palpitar dentro de mim."

E o professor Menezes de Oliva, ao terminar esta narrativa ao jornalista, partilhava dos estos civicos daquele brasileiro veterano!

São as emoções das coisas idas, são as estilhas de ouro de epocas que se foram, as quais, embora sem as maravilhas hodiernas, nem por isso deixaram de transmitir aos posteros, outras maravilhas: a do caráter, a da sobranceria, a da altivez, a da inquebrantabilidade, a da firmeza nas idéias e a da formosa concepção de honra, gravada no alabastro eterno dos seculos. Agora mesmo, acabamos de ler no "O Momento", de Taubaté, uma noticia de que o Serviço do Patrimonio Historico Nacional, sob a direção em S. Paulo do ilustre dr. Luis Saia, vai restaurar a capela do Pilar, da cidade de Jaques Felix. Ha tempos, nestas mesmas colunas, houve um esboço de polemica sobre o valor historico daquela igrejinha. Insistiamos em afirmar, que o velho templo dos Toledos de Taubaté era uma joia arquitetonica do seculo XVII e dali, muitos bandeirantes partiram na missão povoadora do Brasil.

Estilo oitavado, de 1721, se não nos enganamos, foi uma construção do padre Timoteo Correia de Toledo, homem notavel, que viveu 29 anos solteiro, 30 anos casado e, enviuvando, ordenou-se como sacerdote, vivendo mais 30 anos. Seus filhos, tambem padres, um foi o fundador de Caçapava, outro tomou parte com Tiradentes, na Inconfidencia Mineira e o bispo Rodovalho, da diocese paulopolitana, pregou na legendaria capela do Pilar.

O Serviço do Patrimonio Historico Nacional rende mais esse culto ao passado, como já fez em inumeras obras de restauração, lembrando aqui, rapidamente, de memoria, o convento e igreja de M. Boy, dos jesuitas; a igreja de S. Miguel; a capela de Santo Antonio em S. Roque; a fortaleza da Bertioga, etc., etc.

Tenham paciencia os "modernistas" de todos os tipos, naipes e feitios, não se assustemos com estas sabatinas dos tempos priscos, porque a época é de se olhar o que fomos, para saber o que somos e para dizer o que seremos. Nunca o tradicionalismo patricio foi tão necessario como neste instante babelico de idéias, principios, normas, novidades e neurastenias criadoras.

Temos de recordar o episodio da bandeira do Brasil narrado pela "Revista" do Dasp e dar parabens a Taubaté por ver a capela do Pilar devidamente cultuada como simbolo de historia, virtude, heroismo, abnegação e desprendimento. O passado é sempre mestre, é sempre experiencia, é sempre sabio, é sempre o anjo tutelar dos povos que o dignificam e o honram.

Documento 14 - Relato do jornalista Lellis Vieira, do Correio Paulistano, de 22/02/1944. Fonte: IPHAN /SP

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
SECRETARIA DA CULTURA
SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

CERTIDÃO

Em cumprimento ao despacho exarado pelo Senhor Subsecretário do / Patrimônio Histórico e Artístico Nacional da Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, no ofício número trezentos e vinte e nove barra oitenta e quatro, do Diretor da Divisão Regional desta Subsecretaria, em que solicita certidão do tombamento da Capela de Nossa Senhora do Pilar, em // Taubaté, Estado de São Paulo, C E R T I F I C O, que revendo o Livro do Tombo Histórico da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, instituído pelo Decreto-lei número vinte e cinco, de trinta de novembro de mil novecentos e trinta e sete, dele consta o seguinte a folhas quarenta: "Número de Inscrição: duzentos e trinta e oito; Obra: Capela de Nossa Senhora do Pilar; Natureza da Obra: Arruitetura Religiosa; Situação: Taubaté, Estado de São Paulo; Proprietária: Diocese de Taubaté; Processo Número: trezentos e quarenta e três traço T traço quarenta e quatro; Caráter do Tombamento: Anuência; Data da Inscrição: vinte e seis de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro." C E R T I F I C O, ainda, que revendo o Livro do Tombo das Belas Artes da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, igualmente instituído pelo Decreto-lei número vinte e cinco, de trinta de novembro de mil novecentos e trinta e sete, dele consta o seguinte a folhas // sessenta e quatro: "Número de Inscrição: trezentos e cinco; // Obra: Capela de Nossa Senhora do Pilar; Natureza da Obra: Arquitetura Religiosa; Situação: Taubaté, Estado de São Paulo; // Proprietária: Diocese de Taubaté; Processo Número: trezentos // e quarenta e três traço T traço quarenta e quatro; Caráter do Tombamento: Anuência; Data da Inscrição: vinte e seis de outubro de mil novecentos e quarenta e quatro." E por ser verdade, Eu, Edson de Britto Maia, Chefe do Arquivo da Divisão de // Registro e Documentação, lavrei a presente certidão que vai datada e assinada por mim e visada pelo doutor José Laurenio de Melo, Diretor da Divisão de Registro e Documentação e pelo /// doutor Irapoan Cavalcanti de Lyra, Subsecretário do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 13 de // agosto de 1984.//

Edson de Britto Maia
Chefe do Arquivo DAD/SEAR

José Laurenio de Melo
Diretor DIRDOC/PHAN

Irapoan Cavalcanti de Lyra

Documento 15 - Certidão de Tombamento da Capela Nossa Senhora do Pilar. Fonte: IPHAN /SP.

C O P I A

M. E. S. – SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

ESTIMATIVA PARA A REFORMA NECESSÁRIA DA IGREJA DO "PILAR"

A - PISOS

a - Renovação e limpesa dos pisos existentes	600,00
b - Ladrilhamento - 193,20 m2 a Cr.$40,00...	7.728,00
c - Piso do Presbitário em ladrilhos de mármore, incl.degráus - 36.86 m2 a Cr.$ 200, (Todos os pisos acima serão feitos s/ uma lage de concreto comum 1:4:8 c/ 6 cm.de espessura)	7.372,00
d -Vigamento de peroba e soalho de peroba - s/ a sacristia, 2 corredores e choro 87,40 m2 a Cr$ 65,00.....	5.681,00

B - FORROS

Em taboas de peroba lisas de 0,1x0,20 - incl. o entarugamento necessário 269,63 m2 a Cr.$ 32,00.....	8.628,20

C - REFORMA DAS ESCADAS

Verba	1.000,00

D - REFORMA DAS ESQUADRIAS

Idem.....	1.500,00

E - PINTURA EM GERAL

Int. e externa.....	5.000,00
Douração dos ornamentos.....	1.500,00
Soma.....	39.009,20
15% de eventuais	5.851,40
12% de administração	5.383,30
1,40% Imp. vendas e consignações.....	703,40
Soma.....	50.947,30
Barras de azulejos pintadas - Coloniais..	10.500,00
Total.....Cr.$	61.447,30

Taubaté, 3 de dezembro de 1943.

Documento 16 - Estimativa para reforma necessária a Capela do Pilar. Fonte: IPHAN /SP.

M. E. S. – SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

INFORMAÇÃO DA SEÇÃO TÉCNICA

Copia

Inf. 4

Taubaté- São Paulo

A respeito da estimativa para a reforma da igreja do Pilar ocorre informar o seguinte:

o preço apresentado é razoavel, porém, resta saber se todos os trabalhos mencionados devem ser executados nas condições previstas.

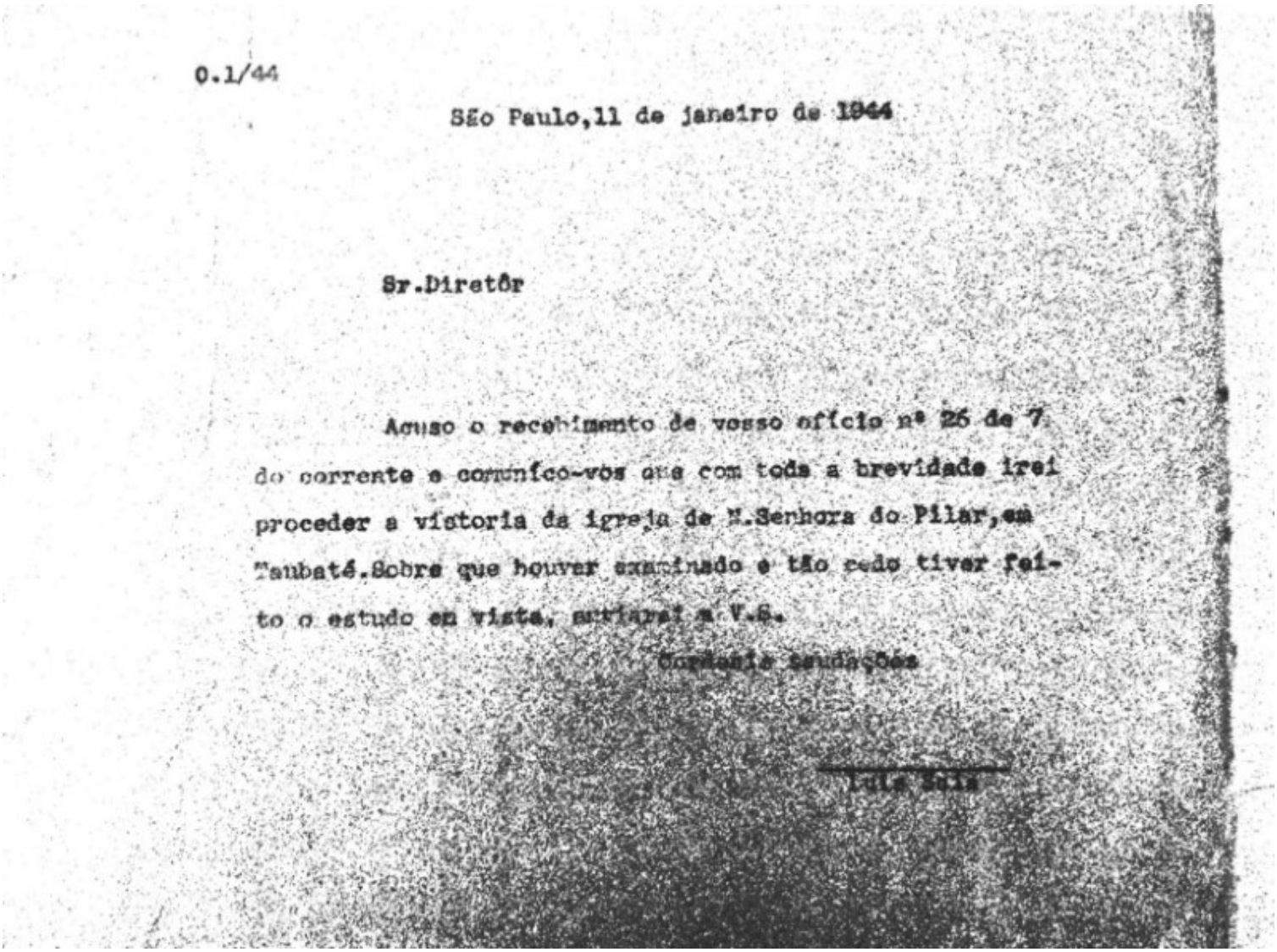
As fotografias que nos enviaram não deixam ver nenhum azulejo ou ladrilho. Caso eles existam, só devem ser substituidos onde estiverem estragados.

Quanto à douração dos ornatos achamos inoportuno, pois é quasi impossivel atualmente, obter-se ouro de bôa qualidade, além do que uma douração nova é sempre chocante em construções antigas.

Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1944

a) A.R. Miranda

Documento 17 - Informativo nº4, de 07/01/1944 - Informação da Seção Técnica. Fonte: IPHAN /SP.



0.1/44

São Paulo,11 de janeiro de 1944

Sr.Diretôr

Acuso o recebimento de vosso ofício nº 26 de 7 do corrente e comunico-vos que com toda a brevidade irei proceder a vistoria da igreja de N.Senhora do Pilar,em Taubaté.Sobre que houver examinado e tão cedo tiver feito o estudo em vista, enviarei a V.S.

Cordeais saudações

Luís Saia

Documento 18 - Carta ao Diretor do SPHAN de Luís Saia, de 11/01/1944. Fonte: IPHAN /SP.

COMPANHIA PREDIAL DE TAUBATÉ

RUA CARNEIRO DE SOUZA, 99 — TELEPHONE, 410

PREÇOS UNITÁRIOS

Pintura a têmpera	m^2	3,00
cal	"	0,90
oleo.....	"	9,00
Fôrro saia e camisa	"	50,00
Telhado.....	"	70,00
Revestimento de taipa.....	"	15,00
Concreto armado c/ ferros.....	m^3	1100,00
Concreto magro para piso.....	"	148,00
Carpinteiro	hora	2,60
Pedreiro	"	2,50
Servente.....	"	1,80

16 a 17

16 - Março 44

Lf.

Documento 19 - Descritivo de Serviços referentes à Capela do Pilar, de 16/03/1944. Fonte: IPHAN /SP.

S.Paulo,31 de julho de 1944

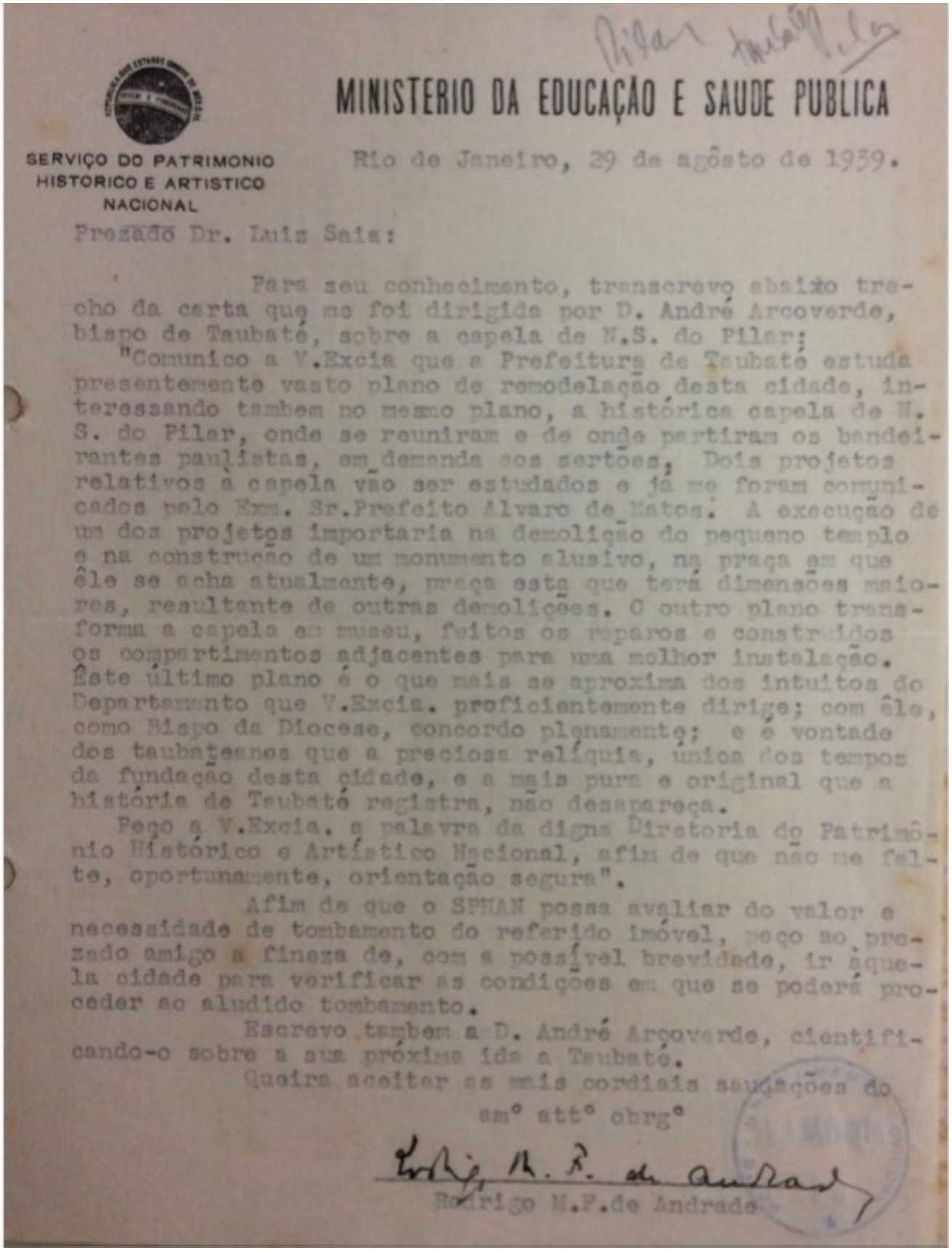
Meu caro Dr.Rodrigo.

So hoje consegui acabar o orçamento da capela de N.S.do Pilar de Taubaté.A causa do atraso todo é que estive em S.Roque e depois tive que refazer todos os calculos.As folhas de calculos de preço das unidades deixar de ser enviadas porque foi adotado,no calculo feito,o preço local de Taubaté.Acredito que algumas partes,sobretudo o telhado(armadura) e revestimento podem ser diminuidos pelo aproveitamento,quer da madeira ainda boa,quer de uma parte de madeira que foi cedida ha tempos para as obras em questão pela prefeitura de Taubaté(madeira da demolição de antigo predio da prefeitura, do fim do seculo passado).Ainda existe na fachada o problema dos janelões e dos guarda-corpos desses janelões.Parece que esses guarda-coppos,de ferro, são mais recentes e com a retirada deles a gente poderá verificar,nos batentes a marca dos antigos.Os tres janelões,que atualmente existem com vidraças tambem são recentes com toda a segurança.Seria preciso estudar o problema criado com isso.No mais,como tive ocasião de mostrar pessoalmente ao Dr.Alcides quando lá estive com ele,os trabalhos não apresentam dificuldade pois se trata apenas de consolidar a estrutura e executar os trabalhos de acabamento(assoalho,revestimento,forro,pintura,etc.).

Aguardando suas ordens a respeito,subscrevo-me atenciosamente

Luis Saia

Documento 20 - Carta a Rodrigo M. F. de Andrade de Luís Saia, de 31/07/1944. Fonte: IPHAN /SP.



MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Rio de Janeiro, 29 de agôsto de 1939.

Prezado Dr. Luiz Saia:

Para seu conhecimento, transcrevo abaixo trecho da carta que me foi dirigida por D. André Arcoverde, bispo de Taubaté, sobre a capela de N.S. do Pilar:

"Comunico a V.Excia que a Prefeitura de Taubaté estuda presentemente vasto plano de remodelação desta cidade, interessando tambem no mesmo plano, a histórica capela de N. S. do Pilar, onde se reuniram e de onde partiram os bandeirantes paulistas, em demanda aos sertões. Dois projetos relativos à capela vão ser estudados e já me foram comunicados pelo Exm. Sr.Prefeito Alvaro de Matos. A execução de um dos projetos importaria na demolição do pequeno templo e na construção de um monumento alusivo, na praça em que êle se acha atualmente, praça esta que terá dimensões maiores, resultante de outras demolições. O outro plano transforma a capela em museu, feitos os reparos e construidos os compartimentos adjacentes para uma melhor instalação. Êste último plano é o que mais se aproxima dos intuitos do Departamento que V.Excia. proficientemente dirige; com êle, como Bispo da Diocese, concordo plenamente; e é vontade dos taubateanos que a preciosa relíquia, única dos tempos da fundação desta cidade, e a mais pura e original que a história de Taubaté registra, não desapareça.

Peço a V.Excia. a palavra da digna Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, afim de que não me falte, oportunamente, orientação segura".

Afim de que o SPHAN possa avaliar do valor e necessidade de tombamento do referido imóvel, peço ao prezado amigo a fineza de, com a possível brevidade, ir àquela cidade para verificar as condições em que se poderá proceder ao aludido tombamento.

Escrevo tambem a D. André Arçoverde, cientificando-o sobre a sua próxima ida a Taubaté.

Queira aceitar as mais cordiais saudações do

am° att° obrg°

Rodrigo M.F.de Andrade

Rodrigo M.F.de Andrade

Documento 21 - Carta a Luís Saia de Rodrigo M. F. de Andrade, de 29/08/1939. Fonte: IPHAN /SP.

Dante Cicchi

LICENCIADO CONSTRUTOR
REGISTRO N. 3200

CONSTRUÇÕES EM GERAL

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÕES

TELEFONE, 104 — CAIXA POSTAL N. 19

RUA 15 DE NOVEMBRO NS. 724-732-729 — TAUBATÉ — E. DE S. PAULO

Taubaté, 13 de Novembro de 1945

Ilmo(s) Snr(s)

Dr Luis Saia .
Serviço do Patrimonio Historico e Artistico Nacional
Rua Marconi 87-4º
S. Paulo

Prezado Sr.

Comunico a V.S. que os serviços referente ao Museu Historico estão em franco andamento devendo começar o pregamento do soalho ainda esta semana.
C I M E N T O :- Para que não sofra interupção é necesario V.S. dar as devidas providencias para que me seja remetido com a maxima urgencia 100 saccos de cimento para o enchemento das vigas e colunas .
A R A M E F A R P A D O :- F favor tambem remeter com a urgencia posivel pois tenho necesidade para fazer as sapatas que estão todas abertas e não convem ficar muito tempo espostas devido a termos uma das taipas fóra de plumo.
Sendo que de momento me se oferece subscreve

Atenciosamente .

Dante Cicchi

Documento 22 - Carta a Luís Saia de Dante Cicchi, de 13/11/1945. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

C.95/45 S.Paulo-26-12-45.

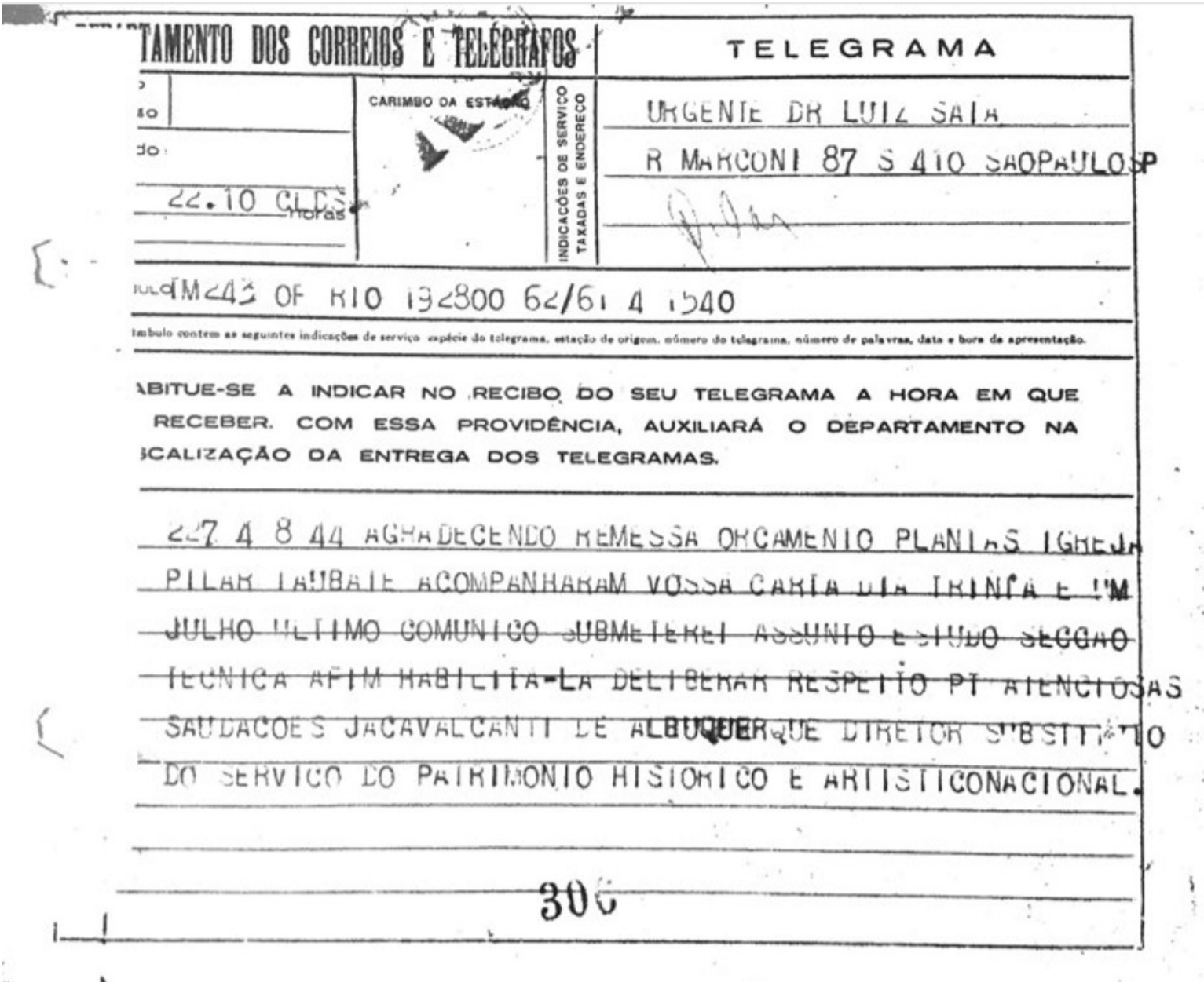
Meu caro Dante Cicchi.

O Faria volta a Taubaté para acompanhar a execução do concreto da estrutura assim como para industriar o mestre de obra sobre a maneira de executar o revestimento. Encareço novamente a necessidade de se prestar a maior atenção possivel em certos detalhes de execução essenciais para a estabilidade de uma bôa aparencia das obras. O Faria está aparelhado por uma larga experiencia de trabalhos desta natureza e as indicações dele são como si fossem minhas.

Abraço do Saia.

N.estou providenciando a remessa das notas para o Rio e creio que ainda neste ano o pagamento será executado aí em Taubaté atravez do Banco do Brasil.

Documento 23 - Carta a Dante Cicchi de Luís Saia, de 26/12/1945. Fonte: IPHAN /SP.



TAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

CARIMBO DA ESTAÇÃO

INDICAÇÕES DE SERVIÇO TAXADAS E ENDEREÇO

URGENTE DR LUIZ SAIA

R MARCONI 87 S 410 SAOPAULOSP

22.10 GLDS horas

9M43 OF RIO 192800 62/61 4 1540

Imbulo contem as seguintes indicações de serviço espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora de apresentação.

ABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA CALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

27 4 8 44 AGRADECENDO REMESSA ORCAMENTO PLANTAS IGREJA PILAR TAUBATE ACOMPANHARAM VOSSA CARTA DIA TRINTA E UM JULHO ULTIMO COMUNICO SUBMETEREI ASSUNTO ESTUDO SECCAO TECNICA AFIM HABILITA-LA DELIBERAR RESPEITO PT ATENCIOSAS SAUDACOES JCAVALCANTI DE ALBUQUERQUE DIRETOR SUBSTITUTO DO SERVICO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICONACIONAL.

306

Documento 24 - Telegrama a Luís Saia de J. C. Cavalcanti de Albuquerque, de 04/08/1944. Fonte: IPHAN /SP.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

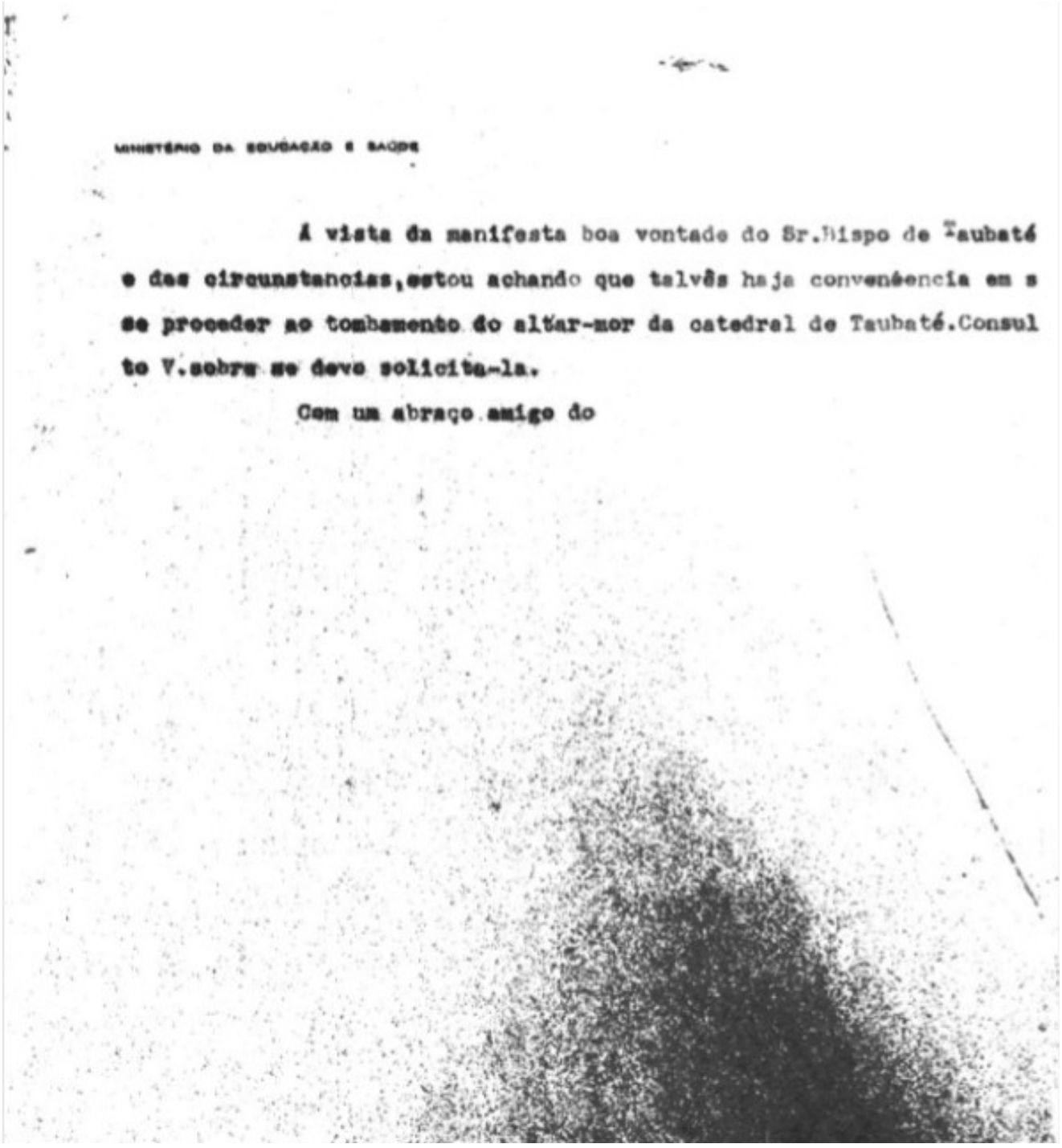
C.4o/46 S.Paulo-22-III-46

Meu caro Dr.Rodrigo.

Na minha ultima vistoria em Taubaté estive com. o Sr.Bispo da Diocese [redacted] da catedral.Antes disso apa-receu no escritorio uma pessoa interessada na fabricação de uma mesa de altar de pedra ou marmore,mesa essa que deveria possivelmente ser combinada com o retabulo.Informei verbalmente a essa pessoa que,uma vez que o referido altar não estivesse ainda tombado,não poderia se-não a titulo informativo,dizer qual era a opinião da Diretoria sobre tal combinação de partes novas e partes antigas.Pessoalmente desde lo-go podia dizer que achava a iniciativa inteiramente desacertada.Me in-formou então a referida pessoa que o sr.Bispo lhe dissera nada apro-var em relação ao altar mor da catedral de Taubaté que não estivesse tambem e preliminarmente aprovado pela Diretoria."Sem a assinatura do Serviço(sic)não começe trabalho nenhum que não será aceito",teria si-do a frase do Sr.Bispo de Taubaté.Pessoalmente a mesma autoridade e-clesiastica confirmou a referida afirmação,assim como me reafirmou o desejo de pelo menos preservar o altar-mor e a mesa de comunhão,me so-licitando ajuda da Diretoria para orientar os trabalhos que fossem ne-cessarios.

Achei que seria de boa politica,desde de que a Direto-ria tem interesse na conservação do Altar-mor,atender o Sr.Bispo no que se referisse a assistencia de um carpinteiro e um pintor,lhe dizen do que achava entretanto dificil que a Diretoria pudesse dispor de uma verba para executar qualquer trbalho nessa peça,pois em Taubaté mesmo a Diretoria estava dispendendo razoavel importancia em beneficio da capela de N.S.do Pilar.Me disse então o Sr.Bispo que a unica coisa que ele pedia era orientação e direção dos trabalhos,sendo estes feitos a expensas da Diocese.Nestas circunstacias achei que não seria desacer-tado mandar que o Righetá desse um pulo até essa cidade e lá estudar o que será preciso fazer em relação a pintura do referido altar.Quando torne possivel,acredito que o mesmo se deva fazer com o Sr.Amaros para ver a parte de carpintaria.

Documento 25 - Carta nº40/46 a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia? (folha 01/02), de 22/03/1946. Fonte: IPHAN /SP.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

À vista da manifesta boa vontade do Sr.Bispo de Taubaté e das circunstancias,estou achando que talvês haja convenéencia em s se proceder ao tombamento do altar-mor da catedral de Taubaté.Consul to V.sobre se deve solicita-la.

Com um abraço amigo do

Documento 26 - Carta nº40/46 a Rodrigo M. F. Andrade de Luís Saia? (folha 02/02), de 22/03/1946. Fonte: IPHAN / SP.

Dante Cicchi
LICENCIADO CONSTRUCTOR
REGISTRO N. 3200

CONSTRUCÇÕES EM GERAL
MATERIAES PARA CONSTRUCÇÕES
TELEPHONE N. 104 -:- CAIXA POSTAL N. 19
RUA 15 DE NOVEMBRO Ns. 724-732-729 - TAUBATÉ - E. DE S. PAULO

Exmo Sr

Dr Luis Saia

S. Paulo

Prezado Sr

Junto remeto a fatura correspondente a serviços de assoalhos feitos na Capela do Pilar . O serviço de revestimento esta em via de conclusão na parte esterna , os ferros dos beirais estão sendo feitos assim os internos ;todos os serviços em franco andamento .
Passei telegrama com referencia aos caxilhos que mandou reservar no antigo Externato S. Jose assim telefonei;esperei sua vinda para resolver diversas cousas entre as quais as dos ferros para saber se na junta das duas tabeas que são de 23 centietres em geral devia ser pregado umaripa para desaparecer a fenda ou umatabea mais largas mas como não apareceo ate esta data o Sr Miguel está aplicando a sobra das taboas que é de 5 centimetros na Sacristia .
Desejava que me ligase o telefone ou me telegrafase alguma cousa sobre este serviço de ferro porqué assim seria mais favil para nós e evitaria coreçoẽs quesempre desagradam.
Esperando-o brevemente subscreve

Atenciosamente .

Dante Cicchi

Taubaté 18 de Fevereiro de 1946

Documento 27 – Carta a Luis Saia de Dante Cicchi, de 18/02/1946. Fonte: IPHAN/SP.